

**TAYSE BORGHEZAN NICOLADELLI**

**TURISMO EM BOM JARDIM DA SERRA: UMA “TÁBUA DE SALVAÇÃO”?**

Florianópolis/SC, junho de 2018

**TAYSE BORGHEZAN NICOLADELLI**

**TURISMO EM BOM JARDIM DA SERRA: UMA “TÁBUA DE SALVAÇÃO”?**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental – PPGPLAN do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED – e Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre de Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental.

Professora orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Susana Tornquist.

Florianópolis/SC, junho de 2018

N634t Nicoladelli, Tayse Borghezan

Turismo em Bom Jardim da Serra: uma “tábua de salvação”? / Tayse Borghezan Nicoladelli. – 2018.

204 p. : il. ; 29 cm

Orientadora: Carmen Susana Tornquist Bibliografia: p. 160-167

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2018.

1. Turismo. 2. Planejamento do espaço (Urbanismo). I. Tornquist, Carmen Susana. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental. III. Título.

CDD: 338.4791 - 20.ed.

## TAYSE BORGHEZAN NICOLADELLI

### TURISMO EM BOM JARDIM DA SERRA: UMA TÁBUA DA SALVAÇÃO?

Dissertação julgada adequada para obtenção do Título de Mestre/a em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental junto ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental – PPGPLAN-Profissional do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

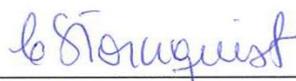
Florianópolis, 27 de novembro de 2017.



Profª Drª Isa de Oliveira Rocha  
Coordenadora do Programa

#### Banca Examinadora:

Orientador/a:



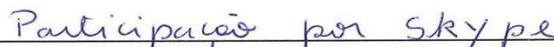
Profª Drª Carmen Susana Tornquist  
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:



Profª Drª Isa de Oliveira Rocha  
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:



Prof. Dr. Wendel Henrique Baumgartem  
Universidade Federal da Bahia

Membro:



Profª Drª Vera Lúcia Nehls Dias  
Universidade Federal de Santa Catarina

## AGRADECIMENTOS

Analisando minha trajetória de vida, a cada ciclo iniciado e finalizado, sonhei e desejei muitas coisas. O mestrado, um passo além da graduação, nunca foi sonho fácil de se alcançar. No entanto, quando precisava dar novos rumos à minha vida, eis que uma oportunidade na Universidade do Estado de Santa Catarina se torna realidade.

E hoje, diante de tantos quilômetros percorridos e dos lugares visitados ou até descobertos, finalizo aquele sonho que achei que era difícil. Por isso, neste momento, quero somente agradecer, agradecer a todos que me deram suporte e incentivo para a conclusão desta pesquisa. Sendo em especial:

Deus, porto seguro, minha paz e minha vida;

Aos professores da vida, Rose Adami e Maurício Pamplona, pelas contribuições e os incentivos sempre que precisei;

Aos professores do mestrado e amigos, pelos ensinamentos em cada disciplina, e pelas conversas e os conselhos nesses longos dois anos de estudo;

À minha orientadora Carmen Susana Tornquist por me orientar, incentivar e mostrar sempre as possibilidades para conclusão desta pesquisa;

Aos meus amigos e colegas de trabalho, e principalmente às minhas amigas da vida, pelo incentivo e o apoio sempre. Kathu pelas tardes com café e conversa. Thai pelo jeito leve de levar a vida, sinalizando sempre que vai dar tudo certo. Nati pelas palavras de apoio durante a caminhada. Lu pelo presente e por mostrar naquele dia que pratica do “segredo” é a chave da conquista. Eloise (amiga e irmã) pelo auxílio sempre, por mostrar alternativas para seguir adiante, mesmo nos momentos em que me senti incapaz. Em especial à minha amiga Madi pelo pouso, conforto, conselhos durante toda a pesquisa;

Quero agradecer em especial à minha amiga Denise Velho, por sempre me incentivar e colaborar sempre que precisei ausentar-me do ambiente escolar.

Aos meus familiares, pelo importante incentivo e o amparo que possibilitaram meu crescimento enquanto pessoa e pesquisadora.

Muito obrigada!

Para Michael Löwy (LÖWY, 2006, p. 29), “[...] é na medida em que lutamos para transformar a realidade que a entendemos e é na medida em que melhor a entendemos que mais lutamos para transformá-la”.

## RESUMO

O presente estudo visa analisar as transformações no município de Bom Jardim da Serra, decorrentes das atividades turísticas inseridas nas últimas décadas no espaço geográfico do município e da região. Este estudo consiste em compreender as percepções e representações dos moradores de Bom Jardim da Serra em relação aos projetos turísticos implementados em determinados locais no município, principalmente nas margens da Rodovia SC-390, próximo à Serra do Rio do Rastro. Buscou-se, assim, verificar quais as percepções de moradores do município, entendendo como estes compreendem as novas ações empreendedoras no seu espaço vivido e de sobrevivência. As metodologias utilizadas foram qualitativas, em especial observação participante, entrevistas semidiretivas e análise de materiais publicitários e jornalísticos coletados. A noção de formação socioespacial orienta o estudo, bem como autores que recorrem à noção de ideologia para compreender o fenômeno do turismo. O trabalho traz como conclusão que o turismo na região de Bom Jardim da Serra não tem se objetivado como uma alternativa econômica efetiva para a maioria da população, restringindo-se a favorecer apenas alguns atores sociais. Também se destaca que os investimentos do setor público em obras de infraestrutura, necessárias aos moradores, não contemplam uma parcela da população, contrastando desta forma com a ideologia propagada na qual acentua o potencial turístico da região.

.

**Palavras-chave:** Turismo. Moradores locais. Ideologia. Formação socioespacial.

## **ABSTRACT**

The present study aims to analyze the transformations in the municipality of Bom Jardim da Serra, resulting from the tourist activities inserted in the last decades in the geographic space of the municipality and region. This study consists of understanding the perceptions and representations of the residents of Bom Jardim da Serra in relation to the tourist projects implemented in certain places in the municipality, mainly on the margins of route SC-390, near Rio do Rastro mountain range. This work sought, therefore, to verify the perceptions of residents of the municipality, understanding how they view the new entrepreneurial actions in the space they lived and survive. The methodologies used were qualitative, especially participant observation, semi-structured interviews and analysis of publicity and journalistic material collected. The notion of socio-spatial formation guides the study, as well as authors who resort to the notion of ideology to understand the phenomenon of tourism. The paper concludes that tourism in the region of Bom Jardim da Serra has not been objectified as an effective economic alternative for the majority of the population, restricting itself to favoring only a few social actors. It is also emphasized that the public sector investments in infrastructure works, necessary for the residents, do not contemplate a portion of the population, contrasting, in this way, with the propagated ideology in which it accentuates the tourist potential of the region.

Keywords: Tourism. Local residents. Ideology. Socio-spatial formation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Rotas tropeiras .....	42
<b>Figura 2</b> – Estrada da Serra do Rio do Rastro durante o ciclo da madeira.....	52
<b>Figura 3</b> – Serra do Rio do Rastro recebendo pavimentação asfáltica em 1984.....	54
<b>Figura 4</b> – Localização de Bom Jardim da Serra/SC.....	57
<b>Figura 5</b> – Escarpa da Serra Geral próximo à Estrada da Serra do Rio do Rastro.....	59
<b>Figura 6</b> – Estrutura construída para ser a “Casa do Turista” .....	62
<b>Figura 7</b> – Loteamento e condomínio residencial sendo construídos próximo à mancha urbana da cidade.....	64
<b>Figura 8</b> – COHAB próxima à Rodovia SC-390.....	65
<b>Figura 9</b> – Propaganda vinculada por uma empresa idealizadora do projeto.....	67
<b>Figura 10</b> – Anúncio de empreendimento no município de Bom Jardim da Serra.....	68
<b>Figura 11</b> – Recorte de um livro didático da disciplina de Geografia.....	69
<b>Figura 12</b> – Capa de Revista ADJORI – Edição 2016.....	74
<b>Figura 13</b> – Elemento publicitário divulgado pelo Estado.....	76
<b>Figura 14</b> – Caracterização das categorias a partir das variáveis.....	78
<b>Figura 15</b> – Estacionamento do mirante.....	107
<b>Figura 16</b> – Empreendimento recente no mirante .....	108
<b>Figura 17</b> – Calçada sendo construída perto de um dos quiosques mais antigos do mirante.....	108
<b>Figura 18</b> – Entrada do banheiro no mirante, indicando o valor para uso.....	110
<b>Figura 19</b> – Vista do mirante da Serra do Rio do Rastro.....	116
<b>Figura 20</b> – Condições climáticas em Bom Jardim da Serra .....	117
<b>Figura 21</b> – Indignações e alertas presentes nas redes sociais.....	119

<b>Figura 22</b> – Postes com iluminação adaptada pelos moradores de Bom Jardim da Serra.....	143
<b>Figura 23</b> – Moradora utiliza como iluminação uma vela adaptada sobre uma lata de alumínio.....	153

## **LISTA DE SIGLAS**

**ABA** – Associação Bonjardinense de Artesãs

**ABT** – Associação Bonjardinense de Turismo

**ABTER** – Associação Bonjardinense de Turismo no Espaço Rural

**EPAGRI** – Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina

**FIESC** – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**MTE** – Ministério do Trabalho e Emprego

**OMT** – Organização Mundial de Turismo

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**SINTRAF** – Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>I CAPÍTULO – TURISMO E A TRANSFORMAÇÃO SOCIOESPACIAL.....</b>	<b>27</b>
1.1 Aspectos conceituais – Turismo.....	27
1.2 Ideologia.....	35
1.3 Formação socioespacial da Serra Catarinense.....	38
1.4 Bom Jardim da Serra.....	56
<b>II CAPÍTULO – VIVER E SOBREVIVER EM BOM JARDIM DA SERRA/SC.....</b>	<b>71</b>
2.1 Trabalho e emprego.....	72
2.2 Economia e oportunidades de renda em Bom Jardim da Serra.....	80
2.3 Estado e o turismo (projetos, obras de infraestrutura): a ação do Estado e práticas econômicas fixadas nos espaços.....	96
<b>III CAPÍTULO – BOM JARDIM DA SERRA E O TURISMO ATUANTE.....</b>	<b>127</b>
3.1 Percepções dos moradores sobre as atividades econômicas atuais.....	127
3.2 Associações e sindicatos atuantes.....	137
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>153</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXOS</b>	
Anexo I – Tabela de entrevistados.....	168
Anexo II – Roteiro de entrevistas .....	169
Anexo III – Tabela do material coletado .....	172

## INTRODUÇÃO

Enfrentar a Serra do Rio do Rastro, em Santa Catarina, em outras épocas de minha vida, chegar ao topo e vagar pelos povoados ali inseridos, sempre foi frequente e extraordinário. Das paisagens que me acompanhavam nos idos de 1990, lembro-me de que sempre sobressaíam no meu campo de visão os cenários singulares e diferentes daqueles encontrados no litoral. Para além das paisagens dos campos e das matas de araucárias capturadas, outras paisagens meu olhar capturava. Nada paisagístico, sem gente e sem movimento. Lembro-me de que meu olhar abarcava os cenários que continham movimento, alma e vida.

Por todos os lugares, avistavam-se moradas quase sempre com chaminés a todo vapor, fazendas com algumas atividades agropastoris em ação e acostamentos com alguns quiosques em atividade. O trânsito pesado de caminhões e ônibus destacava-se também. O fato é que meu olhar, naquela época, procurava confiscar existência e vivência.

O que percebo, quando me permito comparar o passado com o presente, é que poucas coisas se modificaram, inclusive meu olhar. Encaro a estrada, vago por entre os mesmos lugares e alguns elementos construtivos ainda continuam ali, sem restauro e sem mudanças. São moradas e quiosques nos mesmos lugares, com as mesmas formas e atividades desenvolvidas. O que se altera, talvez, seja a proliferação de novos espaços e serviços ofertados, com estruturas e empreendimentos sofisticados para atender determinados públicos que transitam pelos locais.

Quando observo tudo isso, imediatamente procuro construir justificativas que me levem para os campos de cima da Serra. Para isso, tento criar uma análise dos novos significados que cada lugar adquire com o passar dos tempos em virtude do fluxo maior de visitantes. Reflito sobre os quiosques que no passado eram alternativas destinadas a “matar a fome” dos viajantes e hoje são estruturas voltadas ao consumo e à visita dos turistas. Já o mirante, que antes era parada para veículos e repouso para motoristas cansados, hoje é local de visita e passagem rápida dos visitantes.

Diante desses olhares e das transformações diagnosticadas é que justifico minha atenção dada ao espaço geográfico<sup>1</sup> de Bom Jardim da Serra e sua população local. Coloco sobre minhas inquietações atuais elementos e ações observadas nos últimos anos no que se refere às atividades econômicas e suas influências sobre o modo de vida local. Também relato ações ligadas à minha vida profissional, as quais colaboraram, de certa forma, para a construção deste estudo.

Inicialmente, sinto necessidade de pontuar fatos do passado e condições da minha infância que me auxiliaram a observar Bom Jardim da Serra sobre outros ângulos. Dessa forma, pude voltar no tempo, resgatando fatos da minha infância que amparam e colaboram com este estudo. Recordo-me de algumas situações vividas no Planalto Serrano, em meados de 1990, que possibilitaram registrar e preservar em minha memória: paisagens, cheiros, gostos, sentimentos e percepções sobre aquele espaço.

Anexo ainda a realidade vivida na atualidade, a partir das formas e funções que os espaços adquiriram com o tempo pelas práticas econômicas encontradas na paisagem atual, cujo meu olhar se aproxima do que diz Milton Santos (1977, p. 87): “[...] as diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares”. O passado e o presente mudaram porque as novas relações econômicas impostas permitiram tal fato. Assim, pontuo que esta dissertação visa analisar as mudanças, observar os propósitos, inserindo os moradores locais nesse cenário, pois, às vezes, se encontram tão deslocados e camuflados na paisagem constituída de relevos tabulares.

No entanto, antes de discorrer sobre a realidade observada durante minhas inserções no campo de estudo, sinto necessidade de associar este estudo a um fato ligado à minha vida profissional. Certo dia, vagando pelas redes sociais e por *sítes* de notícias, encontrei alguns comentários sobre um tema de redação da Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular), que era sobre a “camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia.

---

<sup>1</sup> Compreende-se espaço geográfico como sendo “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, p. 39).

Na ocasião, pesquisei e encontrei, num primeiro momento, uma reportagem que destacava a relação entre os lugares e as ações segregacionistas atuantes no Brasil. Recordo-me de que o título havia despertado meu interesse por se tratar de conceito nunca antes visto. Com o título “O fenômeno da ‘camarotização’<sup>2</sup> – Neologismo criado para definir segregação entre pobres e ricos se populariza no Brasil e vira tema de vestibular”, do jornal *O Globo*, despertei-me para a temática. Querendo mais, encontro outra reportagem no *site* El País, com o título, “Camarotização: por que o brasileiro gosta tanto de segregar o espaço?”<sup>3</sup>. O assunto direcionava-se para um debate das mudanças do modo de vida de uma comunidade pesqueira com a chegada das atividades turísticas na região. Diante de todos esses fatos, fui me conectando aos poucos com esta questão.

Por obra do destino ou por rastreo desprezioso dos meus pensamentos, associei as duas reportagens lidas com um fato ouvido numa roda de conversa entre amigos, em fevereiro de 2015. Entre conversas, eis que chegamos num assunto similar ao lido nas reportagens. O assunto da roda mencionava alguns acontecimentos no final de 2014, no município de Bom Jardim da Serra, que acalorou os debates em torno de interesses distintos sobre a região do atual mirante da Serra do Rio do Rastro. Na ocasião conversamos sobre uma ação do Estado, após criar um projeto de lei e garantir sua aprovação no mesmo ano, em dezembro de 2014. A Lei<sup>4</sup> de nº 16.531, de 23 de dezembro de 2014 destina parte da propriedade do Estado, perto do atual mirante, para uma empresa interessada na instalação de equipamentos turísticos. Lembro-me de que uma reportagem vinculada em nível regional na época mostrava os caminhos percorridos e o estágio atual do projeto que objetivava a construção de uma plataforma de contemplação e uma tirolesa nos cânions da Serra Geral.

---

<sup>2</sup> Dandara Tinoco. **O Globo**. 18 jan. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/o-fenomeno-da-camarotizacao-15085003>>. Acesso em: 9 out. 2017.

<sup>3</sup> Marina Rossi. El País. Camarotização: por que o brasileiro gosta tanto de segregar o espaço? El País. São Paulo, 18 jan. 2015. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/17/politica/1421520137\\_687513.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/17/politica/1421520137_687513.html)>. Acesso em: 9 out. 2017.

<sup>4</sup> Linete Martins. Assembleia aprova projeto que autoriza concessões de área em Bom Jardim da Serra para turismo. **São Joaquim Online**. São Joaquim, 24 dez. 2014. Disponível em: <<http://saojoaquimonline.com.br/2014/12/24/assembleia-aprova-projeto-que-autoriza-concessoes-de-area-em-bom-jardim-da-serra-para-turismo/>>. Acesso em: 17 out. 2017.

Diante disso, unindo as ideias associadas e juntando com um conceito familiar, “segregação socioespacial”, meus pensamentos direcionaram para um futuro projeto de pesquisa. Unindo as questões pertinentes descobertas e associando com as reportagens pesquisadas, monto uma série de questionamentos e começo a escrever sobre Bom Jardim da Serra. Inscrevo-me e disputo uma vaga no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental. Finalizo as etapas do processo (projeto, prova escrita e entrevista), conquisto uma vaga e começo então minha pesquisa.

Das relações antigas com os campos de cima da Serra, pelas questões garimpadas, bem como pelo diário de campo e a observação participante finalizados, os quais sinalizaram para uma realidade latente de Bom Jardim da Serra. Sinto-me obrigada, diante de tudo isso, a levantar situações e fatos vividos, transcrever histórias, construir questionamentos, mostrando um lado oculto e não visto, sentido em outras épocas. Pois a complexidade e a conjuntura das situações que moldam os espaços refletem quase sempre no modo e nas condições de vida na região. Estudar Bom Jardim da Serra é penetrar em um mundo baseado no medo do isolamento, na defesa de sua identidade, na necessidade de conexão e ligação, na defesa em função da vida que se leva e única que se tem. Diante disso, ponho todas essas questões na mesa e tento discorrer sobre todas, a partir de uma reflexão inicial sobre o que senti, vivi e observei quando transitei pelos espaços disponíveis.

Adianto que o exercício do distanciamento partiu inicialmente da desconstrução das situações já conhecidas e vividas. Comecei a olhar meu objeto de estudo com uma nova lente. Todas as vezes em que visitei Bom Jardim da Serra tentei estranhar aquilo que era comum para mim, rotineiro e visto como normal. Entendi nesse momento que precisava observar pelas lentes dos moradores, pelas rotinas diárias impostas. Dessa forma, quando visitava a região ao entorno da Serra do Rio do Rastro, e pelos locais densamente povoados de Bom Jardim da Serra, procurava fazer o exercício de olhar para os lugares e situações, associando as redes de significados e os enlaces que surgiam diante dos depoimentos garimpados.

A partir desse exercício, senti necessidade, desde o início, de começar a dialogar por aquilo que se revela como necessário, fundamental para a sobrevivência desse povo, a Serra do Rio do Rastro. A estrada cravada entre os cânions da Serra Geral dá suporte para os moradores de Bom Jardim da Serra. Ela ampara, permite,

conecta e alimenta o município. Em cada discurso, cada depoimento ou desabafo captado, quase sempre sua estrutura e sua função são mencionadas. Um episódio que revelou a importância da estrada para o povo serrano deu-se durante um depoimento garimpado dentro da loja de artesanato no mirante. Na ocasião, conversando com a artesã<sup>5</sup> presidente da ABA (Associação Bonjardinense de Artesãs), esta revelou:

[...] a Serra do Rio Rastro é muito importante para nós, se ela ficar bloqueada não somos ninguém e até pode riscar a gente do mapa. Ela sempre tem que ficar iluminada, há pouco tempo atrás caiu uma barreira e tem uma parte agora que está sem luz ainda. (Moradora e artesã em Bom Jardim da Serra – Diário de campo no dia 27 maio de 2016)

Na situação descrita e das reveladas no corpo do texto, permito-me comparar a Serra do Rio do Rastro como um caminho misterioso que se necessita obrigatoriamente desafiar.

Vencer obstáculos e percorrer caminhos desconhecidos, seja numa trilha de mata fechada ou atividade de escalada, parece audacioso e desafiador para qualquer indivíduo. Toda ação geralmente é movida por ideal de superação dos próprios medos, bem como por questões ligadas à luta pela sobrevivência. Os caminhos dotados por obstáculos e mistérios parecem possíveis de serem superados quando os desafios são guiados por interesses próprios ou por necessidades. No entanto, quando os caminhos se configuram como única alternativa de deslocamento, os medos e as aflições, antes tomados por opções, tornam-se obrigatórios e cotidianos a serem superados.

Berto<sup>6</sup>, morador de Lauro Muller, convive bem com os obstáculos e com as condições adversas que lhe são impostas quando desafia a estrada. Ele trabalha e possui seu quiosque no mirante da Serra do Rio do Rastro e, durante uma conversa no seu próprio estabelecimento, diante da neve caindo lá fora, das rajadas de vento assobiando, que sobe e desce a Serra todos os dias. Afirma inclusive que já subiu diversas vezes com camadas de gelo sobre a pista e sem iluminação alguma. A

---

<sup>5</sup> Lívia, presidente em exercício no dia do diário de campo, dia 27 maio de 2016, nas dependências do estabelecimento anexo ao mirante da Serra do Rio do Rastro.

<sup>6</sup> Berto, proprietário de um quiosque e morador de Lauro Muller. Diário de campo, 9 jun. 2017.

tranquilidade na fala de Berto revela uma rotina baseada em perda do medo, situação familiar, bem como caminho necessário.

Assim, diante das declarações de Berto, naquele espaço típico serrano, com salames e queijos expostos, frutas e mel sobre as prateleiras, fogão a lenha aceso, cafés e bebidas quentes, pessoas vagando e circulando em bandos, é que tento aprofundar minha análise sobre a rotina de Berto, comparando-a com a trilha de mata fechada ou como uma atividade de escalada. Dessa forma, é possível averiguar que transitar pelos mesmos lugares todos os dias, submeter-se às mais variadas circunstâncias, de fato só adquire familiaridade com o tempo e com a prática.

Olhando por essa ideia e diante do que compreendi até o momento, por meio dos relatos, mover-se de cima para baixo, de baixo para cima, para uma parcela dependente desse caminho único, soa como natural quando se conhece a realidade dos moradores do Planalto Serrano, mais precisamente da população residente no município de Bom Jardim da Serra, universo desta dissertação. A obrigatoriedade de passagem pela Serra Geral se faz presente, quando uma parcela da população se desloca do Planalto para o litoral e vice-versa, através do trecho conhecido como Serra do Rio do Rastro.

Essa Serra<sup>7</sup> cravada sobre as encostas da Serra Geral é dotada de significados e lendas por muitos que habitam e conhecem bem a região. A mesma é tachada como assombrosa, perigosa, incrível, espetáculo da natureza e portal do planalto quando referenciada sua importância e sua funcionalidade. Contudo, para quem deseja sair de Bom Jardim da Serra e chegar ao litoral catarinense no extremo sul, ela é a única opção. As necessidades que pulsam tais deslocamentos se revelam na busca por serviços especializados ou por produtos ligados à sobrevivência, não encontrados no planalto, motivando-os à exploração de tal rota.

Existem, também, deslocamentos temporários em virtude das condicionantes ligadas à sobrevivência. Essa situação pode ser compreendida quando me deparei com o relato do aluno Marcos<sup>8</sup>, da rede estadual de ensino, que revelou estudar e

---

<sup>7</sup> Rodovia Estadual SC-390 liga o Sul Catarinense, Serra até o Oeste Catarinense.

<sup>8</sup> Marcos tem quinze anos, frequenta o sétimo ano do ensino fundamental junto com alunos de faixa etária menor, entre doze e treze anos de idade em sua maioria. O aluno trabalha no período da manhã numa serraria em Orleans/SC após trabalhar na colheita da maçã na Serra em épocas de raleio e colheita. Citou na oportunidade que tem emprego garantido de fevereiro até março, recebendo, em média, R\$ 70,00 reais por dia ou R\$ 35,00 por meio período (Diário de campo – Junho de 2017).

trabalhar ao mesmo tempo quando reside em Bom Jardim da Serra nas épocas de colheita e raleio<sup>9</sup> nos pomares de maçã. Assim, quando escutei esse relato, logo senti necessidade de aprofundar meu estudo, compreendendo também as relações no campo do trabalho, remuneração e condição de vida da classe trabalhadora. Pois vejo que essas relações se traduzem como quebra-cabeça em que faltam peças, ou como baralho sem algumas cartas. A realidade vivida por uma parcela da população é totalmente desarticulada com a outra, existem espécies de submundos que não se conectam. A luta pela sobrevivência de Marcos não é vista e não se cruza com a do Antônio<sup>10</sup>, que afirma que “já foi pior” a luta por emprego e sobrevivência em Bom Jardim da Serra.

No entanto, independentemente do mundo ao qual pertencem esses moradores, ambos precisam e necessitam da Serra do Rio do Rastro para suas práticas econômicas e de sobrevivência. Nela fixa-se parte da história da formação socioespacial de Bom Jardim da Serra e é por ela que discorro as linhas abaixo, como resultado de muitas caminhadas, observações, relatos e transcrições.

Moro em Orleans e convivo diariamente com as escarpas da Serra Geral e com Bom Jardim da Serra. Talvez o elo mais forte com Bom Jardim da Serra seja por conviver diariamente com seus limites naturais e por transitar pelo município desde minha infância. Acordo e pego estrada diariamente, circulo pelas cidades vizinhas e ela sempre está presente. Seja aparecendo desde cedo ou demorando um pouco em função da neblina, mas ela sempre está lá. Não é à toa que à luz do dia e com o “céu limpo” seu traçado e sua presença são sentidos nos diversos lugares por onde transito.

A cidade em que habito, localizada no sul de Santa Catarina, mais precisamente na mesorregião do Sul Catarinense, conecta-se com Bom Jardim da Serra de algumas formas, seja pela rodovia que corta seus territórios ou pela população que circula e necessita vagar por entre elas, as duas possuem relações e trocas intensas. O rio Tubarão, cravado sobre mancha urbana da cidade de Orleans,

---

<sup>9</sup> O raleio, é a “retirada ou eliminação do excesso de frutas produzidas pela planta, bem como daquelas defeituosas ou não desejáveis”, cita Mondin (2011).

<sup>10</sup> Antônio, proprietário de uma pousada e servidor público na Prefeitura Municipal de Bom Jardim da Serra.

nasce próximo ao território bom-jardinense. Por entre as fábricas, lojas e locais, nos quais círculo quase sempre, é possível cruzar com moradores ou ex-moradores de Bom Jardim da Serra. De Orleans até Bom Jardim da Serra, leva-se cerca de uma hora de trânsito, dependendo do dia e da hora. Destaca-se, nesse trajeto, a obrigatoriedade de passar pelo município de Lauro Muller, mais conhecido por ter em seu território a Serra do Rio do Rastro.

Para quem vem de todos os lugares do Brasil, contornando o litoral brasileiro, é possível chegar até Bom Jardim da Serra pela Rodovia Federal BR-101 e pela Rodovia Estadual SC-390. Quem opta por esse trajeto à luz do dia e com visibilidade boa, percorre-se margeando o rio Tubarão. A Serra Geral é paisagem presente por todo o trajeto, e, sendo elemento marcante para os municípios da região, ela abraça os municípios e delimita as divisões territoriais numa harmonia dentre os diversos vales e cânions que a compõem.

É oportuno pontuar que tais elementos físicos citados anteriormente são figuras presentes por todas as paisagens na região. Alguns aspectos físicos encontram-se preservados, principalmente próximos às Encostas da Serra Geral. No entanto, salienta-se que algumas regiões, principalmente nas proximidades dos núcleos urbanos, registram marcos históricos de exploração dos recursos naturais, ao longo dos anos. São minas de carvão em atividade ou desativadas, rios poluídos e encostas com vegetações remanescentes ou tomadas por reflorestamentos.

Não é raro se deparar com esses problemas ambientais, e tem-se ainda os riscos de trafegabilidade por todo o trajeto. De Tubarão até Bom Jardim da Serra são diversos os locais com rachaduras e desníveis, buracos na pista e falta de sinalização e iluminação, assim como encostas com deslizamentos frequentes. A estrada que atrai, dependendo do dia e da época, fluxo intenso de pessoas e veículos, para muitos já é considerada como “trecho da morte”<sup>11</sup>.

Falo isso e, não distante da realidade que presenciei durante esta pesquisa, senti diversas vezes medos e aflições, como numa trilha de mata fechada ou numa

---

<sup>11</sup> SC-390, entre Orleans e Lauro Müller: O trecho da morte. **Portal de Notícias Sul in Foco**. 16 out. 2017. Disponível em: <<http://www.sulinfoco.com.br/sc-390-entre-orleans-e-lauro-muller-o-trecho-da-morte/>>. Acesso em: 17 out. 2017

atividade de escalada. Superar cada curva da Serra do Rio Rastro, manobrar cada obstáculo encontrado, cada dia com neblina forte e sem iluminação alguma, é obrigatório para quem decide trafegar e chegar até Bom Jardim da Serra. No entanto, permito-me salientar que a variedade de cenários captados durante o percurso do trajeto compensam, às vezes, o medo e a aflição. É nítido ao longo do trajeto questionar sua engenhosidade. Seus penhascos e recuos são disputados por pessoas e veículos de todos os portes. Outro fato observado é que a ideia do desconhecido a cada subida adquire-se como verdade, pois, cada nova subida e descida, situações momentâneas acontecem. Não é raro deparar-se com diversidades climáticas variantes, como também turistas desafiando os muros para uma foto perfeita; motoristas trafegando e manobrando caminhões e ônibus numa agilidade invejável; esportistas buscando seus limites ou mesmo pagadores de promessas cumprindo seus acordos.

Os empreendimentos turísticos (hotéis, restaurantes e lojas) no espaço geográfico pelo segmento do turismo encontram-se localizados pelo município em áreas rurais e também na parte urbana. Os hotéis com características campeiras, no segmento de pousadas e hotéis-fazenda, encontram-se nas localidades afastadas da mancha urbana ou próximo da rodovia SC-390, principal rodovia de ligação entre o litoral catarinense e o planalto. Nos espaços situados na mancha urbana, sobre as principais ruas da cidade, identificam-se hotéis e casas de moradores ofertando hospedagem alternativa.

Além disso, existem empresas no ramo do entretenimento fornecendo serviços ligados ao turismo de aventura com práticas de caminhada, visita guiada aos cânions e cachoeiras da região, por exemplo. Também se observam ofertas de atividades ligadas às práticas agrícolas, como o serviço de colhe e pague nos pomares de maçã, nos quais os visitantes visitam os pomares, colhem suas maçãs e pagam ao final da visita.

Diante disso tudo, sentido e vivido pelos caminhos percorridos, é que esta pesquisa pretende contribuir com a análise dos processos atualmente em curso na região de Bom Jardim da Serra, buscando responder fundamentalmente a seguinte questão: Como a população de Bom Jardim da Serra/SC percebe a inserção das práticas turísticas nos últimos tempos?

Além disso, o objetivo central da pesquisa consiste em analisar as percepções e representações dos moradores de Bom Jardim da Serra acerca das atividades turísticas da região em relação aos novos projetos turísticos efetivados nas últimas décadas.

Tendo como alicerce de pesquisa os seguintes objetivos específicos: (1) caracterizar as atuais atividades socioeconômicas desenvolvidas na região e seus atores sociais; (2) analisar as atividades turísticas desenvolvidas desde 1980 até os dias atuais pelo Poder Público e pelo setor privado na região de Bom Jardim da Serra; (3) verificar as atuais condições de trabalho e de sobrevivência dos trabalhadores envolvidos nas atividades ligadas ao turismo em Bom Jardim da Serra atualmente; (04) analisar e identificar os projetos concluídos e previstos para o município de Bom Jardim da Serra, bem como os atores sociais envolvidos de 1980 até os dias atuais; e, por fim, (5) analisar percepções e representações dos moradores acerca do turismo.

Para isso considero como recorte temporal o período compreendido de 1980 até os dias atuais. Acredita-se que o turismo foi moldado no município a partir dos investimentos originados na época supracitada, com práticas responsáveis por envolver a construção do mirante existente no local, pavimentação da Serra do Rio do Rastro, instalações de quiosques e lanchonetes. Também se destaca nesse período a inauguração dos empreendimentos voltados à hospedagem em locais estratégicos, contribuindo para as primeiras grandes ampliações de deslocamento na região.

Para realizar a investigação, a metodologia qualitativa colaborou para análise dos significados possíveis de serem investigados, em que a linguagem comum ou a “fala” de cada sujeito pesquisado tornou-se matéria-prima dessa abordagem, sendo fonte de análise ao ser contrastada com a prática dos sujeitos sociais (MINAYO, 1992).

Dos instrumentos que permitiram obter dados e informações, inicialmente foi por meio de observação participante (1) iniciadas no ano de 2015. Foram sete viagens até Bom Jardim da Serra, concretizadas nos períodos matutino e vespertino. A média de duração de cada observação era de sete horas observando e conversando, numa média de 50 horas de observação participante dedicadas a este trabalho. Registrei essas saídas com diário de campo (2), que serão analisadas oportunamente no texto. Durante a observação participante em sintonia com o diário de campo executados,

realizei entrevistas (3) que previamente foram agendadas, seguindo um roteiro semiestruturado (Anexo II).

Também utilizei informações de jornais, página social da internet, canais de vídeos, dentre eles: Sul In Foco, SerraSC, Engeplus, RBS/TV, *Jornal Hoje*, *Diário Catarinense*, *Clica Tribuna*, São Joaquim Online, *Folha de S.Paulo* e *Correio Lageano*. As informações encontram-se nos formatos impressos e virtuais (4), numa média de 60 matérias compreendidas entre o período de 2010-2017. Esses materiais foram organizados em tabelas e estão disponíveis ao final desta dissertação em anexo. Essas fontes de informações assumiram ao longo da pesquisa uma relevância maior, pois percebi que as publicações e reportagens sobre a região e sobre o objetivo de pesquisa, bem como o impacto causado por elas, eram maiores do que eu pensava originalmente.

A pesquisa também teve base documental (5) em caráter complementar, em especial documentos de origem oficial, servindo de suporte para as análises percorridas ao longo do texto, sendo eles: Projetos de Lei, Relatórios Econômicos, Leis, Atas de Audiências Públicas e Constituição Federal Brasileira.

Os dez entrevistados foram definidos a partir dos seguintes critérios. Buscou-se aplicar as entrevistas com moradores e atuantes no município de Bom Jardim da Serra, distribuindo-os em três categorias. I – Autoridades governamentais, II – Lideranças comunitárias e sindicais e III – Proprietários e empreendedores. O agendamento e a conclusão das entrevistas gerou um resultado, abrangendo os atores sociais indicados na tabela em Anexo I.

Convém salientar que durante o andamento da pesquisa cogitou-se aplicar a metodologia de grupo focal com alguns sujeitos do município, no entanto houve dificuldades de formulação e agendamento. Houve tentativas previamente agendadas de entrevistas com a presidente da Associação Bonjardinense de Artesãs (ABA), sendo desmarcadas no próprio dia. Houve contato com proprietário de hotel sem retorno. Houve desencontros e dificuldades de agendamento que impossibilitaram seguir com o objetivo inicial do grupo focal.

É importante destacar que, além dessas entrevistas mais formais, conversei informalmente com cerca de cinco pessoas ao longo do período de coleta de dados. Cabendo citar que, tendo em vista os objetivos desta pesquisa, não entrevistamos visitantes, restringindo nossa análise aos moradores da região.

Gostaria de destacar, ainda, no que tange a esses dados qualitativos, que: A) As entrevistas foram realizadas em locais de trabalho ou na própria residência dos entrevistados. Nessa rotina de entrevistas ao longo dos dois anos, fui presenteada com situações vividas nos diversos locais circulados, que me permitiram observar como é a luta pela sobrevivência e o dia a dia dos moradores com dupla função, jornadas de trabalho extensas, local de moradia sendo transformado em local de trabalho<sup>12</sup>, comerciante<sup>13</sup> pagando aluguel por ter sua propriedade interditada pela Defesa Civil; B) Muitas vezes outras pessoas da família foram entrevistadas, participando e lembrando alguns fatos durante a conversa.

No que se refere a aspectos éticos da pesquisa, é preciso destacar o seguinte: A) Os nomes originais das pessoas entrevistadas e referenciadas nos diários de campo foram substituídos por nomes fictícios; B) Os nomes de pessoas, empresas e instituições referenciadas nas reportagens e postagens que não são de domínio público foram suprimidos, tendo mantido apenas características sociais relevantes.

Com relação à escrita da dissertação, gostaria de enfatizar que procurei respeitar a fala oral dos entrevistados nas transcrições, utilizando as aspas para destacar expressões coloquiais comuns da região. Porém, tomei liberdade de ajustar as falas às linguagens escritas, corrigindo possíveis dificuldades de compreensão (repetições, palavras inconclusas, problemas de dicção, conjugação etc.).

Vale mencionar que optei por utilizar a palavra “visitantes” em vez de “turistas”, pois percebi que muitas pessoas a uma primeira vista poderiam ser consideradas assim, estavam na cidade de passagem, sem o destino direcionado ao local. Esses

---

<sup>12</sup> Numa das entrevistas agendadas, marquei o encontro com a pessoa a ser entrevistada em seu local de trabalho (escritório de agronomia). Na ocasião me deparei com estabelecimento com atividades extras sendo concretizadas. Em épocas festivas, numa sala anexa ao lado, vendem-se chocolates e presentes (períodos de Páscoa e Natal). Também no mesmo local existe comercialização de roupas íntimas e sex-shop adaptado. Salienta-se que ao fundo da casa alugada existe local de moradia do proprietário do escritório. (Diário de campo – 13/4/2017).

<sup>13</sup> Uma das primeiras entrevistas agendadas para esta pesquisa ocorreu no próprio estabelecimento de Paulo. Um quiosque na beira da rodovia alugado pelo entrevistado que inicialmente possuía um quiosque na cidade. Em sua fala, ele cita: “Aqui nem nosso não é, aqui é alugado. [...] Nós toquemos aquele quiosque lá no CTG, café colonial. E nós temos a chave hoje, nós mostremos a chave hoje pra vocês se for preciso, hoje tá lá. E eles não deixam abrir, eles não deixam abrir por causa que eles foram lá e denunciaram o quiosque pra Defesa Civil. [...] Nós íamos tocar só lá, daí não ia pagar aluguel, né?!”. (Paulo entrevistado – 12/5/2017)

materiais de caráter qualitativo foram sistematizados e analisados a partir da análise de conteúdo registrado no diário de campo, em entrevistas e observação participante.

Seguindo assim, o primeiro capítulo, intitulado como “Turismo e a transformação socioespacial”, introduz inicialmente os conceitos, envolvendo o turismo e a ideologia debatidos por autores e pesquisadores. Em seguida, na terceira sessão, “Formação socioespacial da Serra Catarinense”, apresenta-se um resgate histórico, objetivando tratar as transformações no espaço geográfico da região serrana, através da atuação de três grandes ciclos econômicos concretizados no território. Primeiro o Ciclo dos Tropeiros, desbravando e ampliando as trocas comerciais entre os campos do sul com os espaços povoados na parte central do Brasil, entre os séculos XVII e XX. Em seguida, ressalta-se o papel do Ciclo da Madeira, em que florestas de araucárias foram base do enriquecimento de famílias que migraram de várias partes do Brasil para explorar os recursos naturais dos campos de cima da Serra. Por fim, trabalha-se com o ciclo atual, consistindo nos cultivos e práticas agrícolas, com predomínio de cultivos de base familiar, produção de maçã com foco na exportação. Salienta-se ao final desse capítulo, juntamente com a apresentação do município e suas características territoriais, econômicas e sociais, as práticas turísticas que ocorrem no território bom-jardinense.

O segundo capítulo, “Viver e sobreviver em Bom Jardim da Serra”, está dividido em sessões, trabalhando alguns pontos colhidos através das entrevistas, análises de reportagens, vídeos, diário de campo e postagens publicadas nas redes sociais. Nele as experiências adquiridas e vividas nesses dois anos de pesquisa aparecem. A primeira sessão, “Trabalho e emprego”, ressalta os pontos que amparam e possibilitam trabalho no município, indicando os comportamentos e as rotinas dos moradores que possuem e adquirem funções e cargos na região. Na segunda sessão, intitulada como “Economia e oportunidades de renda em Bom Jardim da Serra”, trabalham-se as práticas que ocorrem no território bom-jardinense e que sustentam e amparam uma parcela da população bom-jardinense. Evidencia-se nesta parte a ação do Estado frente a esses mecanismos fomentadores de renda que são base e sustento de muitas famílias. Com o título, “Estado e o turismo (projetos, obras infraestrutura): a ação do Estado e práticas econômicas fixadas nos espaços”, trabalham-se os projetos, obras e infraestrutura que amparam as práticas turísticas

identificadas no espaço geográfico do município por parte do Estado e de suas parcerias público-privadas.

No que se refere ao terceiro capítulo, este destina-se ao estudo das atuações no campo do privado que regem alguns segmentos econômicos identificados no espaço geográfico de Bom Jardim da Serra. Com o título “Percepções dos moradores sobre as atividades econômicas atuais”, a primeira sessão do capítulo trabalha a ação dos agentes sociais transformadores inseridos no meio, compreendendo o papel do Estado e seus propósitos diante das oportunidades que surgem. E a segunda e última sessão do capítulo direciona-se para a atuação de sindicatos e associações presentes no município. Nessa sessão procura-se ligar as atividades econômicas com as ações conjuntas vistas no território por parte de grupos organizados que visam fortalecimento de seus segmentos.

Por fim, as “Considerações finais” analisa os mecanismos que dialogaram e permitiram a construção desta pesquisa. Pontuam-se nesta parte as declarações e as entrevistas captadas pela pesquisa, que indicam, respondem ou mesmo deixam questionamentos com relação ao território de Bom Jardim da Serra e às vidas que sobrevivem nela. Além disso, identificam-se os espaços firmados pelas práticas turísticas e como eles interferem no lugar de vivência e sobrevivência daquela população.

# **I CAPÍTULO – TURISMO E A TRANSFORMAÇÃO SOCIOESPACIAL**

## **1.1 Aspectos conceituais – Turismo**

A ideia do turismo como possibilidade de desenvolvimento econômico em Santa Catarina é colocada, por meio de estudos, como uma das fontes rentáveis mais prósperas das últimas décadas. Dados recentes da Fiesc (Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina) divulgam o turismo em Santa Catarina abarcando uma participação de 12,5% no Produto Interno Bruto (PIB) em 2016, ao mesmo tempo em que o divulga como setor econômico que oferta emprego e renda à população catarinense. O turismo também é idealizado como setor capaz de reduzir as desigualdades sociais, pelo potencial de absorção de profissionais no mercado de trabalho.

O surgimento do turismo no cotidiano das pessoas e como atividade econômica aparece nas paisagens interligado pelos fatores naturais e construtivos encontrados nos locais. Estudos indicam que a prática turística surge a partir dos deslocamentos e avanços nos meios de locomoção. Autores como Mill e Morrison (1992 apud PANAZZOLO, 2005), ao fazerem uma história das atividades turísticas, afirmam que seus primórdios estariam nos Jogos Olímpicos da Grécia, no século VIII a.C., para onde as pessoas se deslocavam para assisti-los.

Já Krippendorf (2000) considera que o turismo surge a partir da Revolução Industrial, com a conquista de tempo livre por parte dos trabalhadores, já que estes passaram a buscar as práticas de lazer nos momentos em que não estavam ocupados com seus compromissos de trabalho. Dessa forma, o turismo, em ambas as perspectivas, estaria ligado ao tempo livre dos cidadãos e relacionado a deslocamentos temporários.

Ouriques (2005) ressalta que a atividade turística ganhou maior espaço a partir do final da Segunda Guerra Mundial, uma vez que a popularização das viagens foi facilitada pelos avanços dos sistemas de comunicação e transporte. O autor argumenta que o turismo foi incentivado pela busca dos lugares que promovem o relaxamento, bem como o descanso, sendo possível “recarregar” as “baterias” perdidas em um ano de trabalho.

Ruschmann (1997, p. 13) também cita a procedência do conceito, a partir dos estudos de Forastrié (1979).

A palavra “turismo” surgiu no século XIX, porém, a atividade estende suas raízes pela história. Certas formas de turismo existem desde as mais antigas civilizações, mas foi a partir do século XX, e mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, que evoluiu como consequência dos aspectos relacionados à produtividade empresarial, ao poder de compra das pessoas e ao bem-estar resultante da restauração da paz no mundo.

Beni (2001, p. 37 apud Cooper, 2011, p. 13) cita o conceito de turismo, enfatizando:

[...] é um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo influem inúmeros fatores de realização pessoal e social da natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam escolhas dos destinos, a permanência, os meios de transportes e o alojamento, bem como o objetivo em si para a fruição tanto material com subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento histórico-humanístico, profissional e de expansão dos negócios.

O turismo que se faz presente nos lugares faz-se por turistas que consomem os espaços, gastam seu tempo livre e consomem os lugares como uma mercadoria. O turismo abarca pessoas identificadas como: turista, visitante e excursionista. Para a ONU e a OMT (1995), elas possuem as seguintes definições:

Turista: é todo visitante temporário que permanece no local visitado mais de 24 horas.

Visitante: é toda pessoa que se desloca temporariamente para fora da sua residência habitual, quer seja no seu próprio país ou no estrangeiro, por uma razão que não seja a de aí exercer uma atividade remunerada.

Excursionista: é todo visitante temporário que permanece fora da sua residência habitual menos de 24 horas.

Portanto, o turismo torna-se uma atividade rentável aos investidores e é compreendido como atividade econômica a partir das facilidades de deslocamento, viabilizadas pelos novos meios de transporte e pelas vias de transporte, bem como de acessos aos instrumentos ofertados por serviços de hotelaria e entretenimento para pessoas interessadas por conhecer lugares e paisagens.

Dessa forma, torna-se compreensível a aceitação da ideia de que o turismo transforma as diversas paisagens em produto, promove os espaços para o consumo e ocupação e acelera as disputas por lugares, pois existe uma tendência de mercado em tornar o solo mercadoria e renda. Os diversos espaços urbanos e rurais são transformados pelos segmentos econômicos e pelos atores sociais envolvidos por ritmos movidos pelo capital, em busca da ampliação de mercados de consumo, envolvendo, também, o mundo do trabalho.

O turismo também é idealizado como setor capaz de reduzir as desigualdades sociais, através de seu potencial de absorção de profissionais no mercado de trabalho. Sotratti (2014, p. 44) cita que “o turismo é colocado pelos discursos oficiais do poder público e dos investidores como um importante aliado da modernização e do desenvolvimento da cidade [...]”. Para Ruschmann (1997, p. 13), “[...] o turismo já não é mais prerrogativa de alguns cidadãos privilegiados; sua existência é aceita e constitui parte integrante do estilo de vida para um número crescente de pessoas em todo o mundo”.

A prática econômica evidenciada como parte integrante das sociedades modernas, fruto das evoluções tecnológicas nos ramos dos transportes e das comunicações, recebe por parte dos estudos científicos diferentes conceitos. Para Ruschmann (1997, p. 13), o turismo está condicionado por meio de diferentes formas:

Uma viagem pode estender-se por de alguns quilômetros até milhares deles, incluindo um ou vários tipos de transportes e estadas de alguns dias, semanas, meses nos mais variados tipos de alojamentos, em uma ou mais localidades. A experiência da viagem envolve recreação ativa ou passiva, conferências e reuniões, passeios ou negócios, nos quais o turista utiliza uma variedade de equipamentos e serviços criados para seu uso e para satisfação de suas necessidades.

Porém, é preciso ultrapassar a visão que predomina no senso comum de que o turismo seria “bom para todos”, que beneficiaria regiões inteiras, como se fosse, como dizem na região na qual este estudo foi feito, “uma tábua de salvação” para problemas sociais e econômicos anteriores. A transformação no espaço geográfico que decorre do mesmo, no mundo contemporâneo, “[...] está diretamente associada aos estímulos visuais, à “comercialização” das paisagens”, cita Ouriques (1998, p. 10).

A comercialização concretiza-se quando, para além dos instrumentos naturais, tem-se os elementos construtivos fazendo parte dessas práticas econômicas. O

incentivo do Estado, associado aos desejos e parcerias com o capital privado, provoca sobre esses lugares “uma aceleração do processo de transformações de hábitos e costumes e também introdução de novas práticas como o aluguel de casas [...]”, cita Lins (1991, p. 193 apud Ouriques, 1998, p. 12). O resultado de todo esse processo de transformação nem sempre contempla e beneficia todos os moradores dos locais.

Um fato explicado por Ouriques (1998, p. 14) ressalta bem as consequências dessas ações para uma parcela da população pertencente ao espaço explorado:

A “venda” das paisagens naturais pelo marketing turístico reverte-se de um caráter fantasmagórico, semelhante ao da mercadoria-terra, mas com particularidades mais fetichizadas. Pode-se pagar um preço por seus atributos subjetivos, mas não existe aí uma produção do valor. Na verdade, o marketing turístico, ao destacar as características específicas e especiais dos lugares, escamoteia sua verdadeira base de sustentação: a exploração da força de trabalho.

O turismo, portanto, torna-se um mecanismo ativador das desigualdades, quando se observa sobre os espaços, a especulação imobiliária e a segregação socioespacial<sup>14</sup> presentes. Bouhdiba (1981, p. 4, apud Ouriques, 1998, p. 12) cita que:

[...] especulação imobiliária permite o surgimento de uma classe de proprietários, mas apesar dos esforços do governo para preservar o lugar e manter equilíbrio socioeconômico, a população local não se tem beneficiado das vantagens que certos empresários [...] tem sabido aproveitar.

As diferenças salariais dos trabalhadores, a precarização do trabalho, além do custo de vida elevado nos lugares em que o turismo se faz presente, também entram nos debates em torno dos benefícios do turismo presente nos lugares.

As atividades turísticas, no campo dos estudos científicos, são lançadas como atividades econômicas para além dos aspectos positivos e recebem um teor crítico quando relacionadas aos mecanismos que moldam determinadas relações de dependência e exclusão.

Um dos autores pioneiros neste tipo de reflexão é Krippendorf (2000), que analisa as atividades turísticas de forma a contrapor-se às teorias desenvolvimentistas

---

<sup>14</sup> Entende-se como Segregação Socioespacial “um processo segundo o qual, diferentes classes e camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais [...]”, afirma Villaça (2001, p. 142).

e economicistas. Para ele o turismo é um agente que contribui para ações segregativas, não beneficiando os moradores autóctones.

O autor revela que o referido produz problemas de ordem social nos lugares em que se faz presente. O uso capitalista do solo, assim como o acirramento da concorrência por parte dos empresários e governantes que promovem o turismo, potencializam e fragilizam as relações sociais, pois geralmente os trabalhadores e as comunidades autóctones não são incluídos nos projetos e ações que visem melhorias na qualidade de vida. Sotratti (2014, p. 41) também revela seu ponto de vista, quando menciona:

Situações mais drásticas da realidade turística resultam, muitas vezes, na criação de espaços completamente desprovidos e desconexos das práticas socioespaciais locais, sejam elas urbanas ou rurais. Esses locais revelam fortes intencionalidades dos grupos sociais envolvidos em seu planejamento, gestão e controle e demonstram processos ideológicos que se sobrepõem aos interesses e dinâmicas socioespaciais locais.

Krippendorf (2000) defende a ideia de que o turismo é sempre composto por uma troca desigual de vantagens e que os custos sociais construídos são divididos de forma injusta. Assim, há sempre lucros e vantagens para aquele que possui solo valorizado e bem posicionado em virtude das ofertas no ramo do turismo.

O solo valorizado pelas práticas turísticas entende-se como aquele próximo aos equipamentos turísticos (praia, hotéis, parques) ofertados, em que acontece maior circulação de pessoas. Por este fato, muitas vezes, aquilo que se projeta e idealiza como vantagem aos trabalhadores e comunidades autóctones – melhores rendimentos, melhoria nos salários e empregos – não é real.

Helton Ouriques (2005), em *A produção do turismo: fetichismo e dependência*, também faz críticas às atividades turísticas, pois considera que estas são apresentadas como a mais nova via para o desenvolvimento por parte dos defensores dessa prática. Os atuantes nas práticas, normalmente, recebem apoio de algumas parcelas da população, principalmente as de melhor renda.

O autor coloca que o turismo ofertado é disseminado como forma de desenvolvimento econômico e social das cidades, povos e comunidades, com a associação da ideia de que haveria “vocações turísticas” determinantes.

Muitos dos seus defensores partem da premissa, em seus discursos, de que o turismo seria uma “indústria sem chaminés”, enquadrando-se nos moldes dos

investimentos desejados nos espaços geográficos atuais. A ideia parte da mercantilização da paisagem e dos lugares, nos quais as ideias de que não haveria agressão a aspectos do meio ambiente e que haveria inúmeros benefícios nos campos econômico e social sempre se sobressaem:

Ouriques (2005, p. 17) cita:

O discurso em defesa do turismo, nesses termos, adquire um grande poder de persuasão e seduz os poderes públicos e as comunidades locais, já que a ideologia dos grupos pró-crescimento “vende” as promessas de desenvolvimento, geração de emprego e respeito ao meio ambiente de forma tão poderosa que as opiniões contrárias acabam rotuladas de “inimigas do progresso”, “dos que querem manter o atraso”.

A classe trabalhadora se insere nesse contexto quando vende sua força de trabalho aos diversos segmentos econômicos, à medida que fornece uma ferramenta importante: o trabalho. Helton Ouriques, a partir da perspectiva marxista, argumenta que o modo de produção capitalista por meio da extração da mais-valia transforma todos os aspectos da vida social e a natureza em mercadoria. No turismo, o fato ocorre por transformar tudo em mercadoria e espetáculo, como, por exemplo: a paisagem, o modo e as condições de vida dos moradores, tudo isso passa a ser atrativo para os turistas. Assim, para Ouriques (2005, p. 53), o turismo se “constitui como uma forma de espetáculo e que só pode, aliás, desenvolver-se enquanto espetáculo”.

Dessa forma, quando os lugares se tornam mercadorias e ocorre a promoção destes, conseqüentemente o aumento do fluxo de visitantes e novas apropriações dos espaços se fazem presentes. Nesses espaços, as transformações são promovidas por atores sociais de diferentes classes, que ditam seus interesses conforme seu local e seu modo de sobrevivência. Uns promovem a mercantilização de tudo, outros somente desejam locais para sua subsistência. Milton Santos (2006 p. 14) menciona que:

[...] assim que os lugares se criam, e se recriam e renovam a cada movimento da sociedade. O motor desse movimento é a divisão do trabalho, encarregada a cada cisão da totalidade de transportar aos lugares um novo conteúdo, mil novos significados e um novo sentido.

Assim, em todos os lugares, os novos significados começam a promover transformações nas paisagens, conforme os modos de vida se fazem presentes. Santos ainda escreve (2006) que o espaço, por meio de seu uso, torna-se conjunto de mercadoria e adquire novos valores assim que a sociedade atribui funções a cada

lugar e fração dessa paisagem. Nesta via, um outro autor, Martins (2010, p. 5), enfatiza:

Os diferentes setores capitalistas que necessitam da terra para o desenvolvimento de suas atividades e que valorizam seus capitais pela utilização e transformação do solo são os principais agentes responsáveis pela formação dos preços fundiários e também pela configuração socioespacial da cidade.

Os detentores de capitais buscam nos segmentos econômicos sistematizados e nas vantagens encontradas no espaço (estradas, energia elétrica, telecomunicação, saneamento básico) concretizar seus empreendimentos e investimentos, de modo que tais benefícios colaborem nas ações segregativas e excludentes por controlar o preço da terra e promover as especulações imobiliárias ativas no meio (CORREA, 1995).

As atividades econômicas ligadas ao turismo na região de Bom Jardim da Serra e nos municípios limítrofes são efetivadas pelos empreendedores em função de uma série de elementos naturais (clima, relevo, fauna e flora), bem como pelos aspectos históricos culturais (danças, culinárias), que são potencializados a partir de uma ampla propaganda, seja através de reportagens nitidamente voltadas a promover o consumo (como veremos no segundo capítulo), seja a partir de estudos feitos sob encomenda por agências do Estado, ou ainda pela promoção de aspectos culturais regionais, de tipo folclórico, que busca caracterizar cada região ou localidade a partir de especificidades culturais.

Esses pontos contribuem para o crescimento de pessoas interessadas em consumir produtos e atividades turísticas, viabilizadas pelas possibilidades de deslocamento e por um conjunto de atrativos naturais, como, por exemplo, no caso aqui considerado, a existência de frio intenso (incomum na maior parte do território nacional) e paisagens típicas das regiões do Planalto Catarinense. Este incremento está condicionado ao frio intenso, em determinadas épocas do ano, em condições climáticas particulares. Isso torna Bom Jardim da Serra destino e passagem de pessoas interessadas por consumir paisagens e atividades diferenciadas.

Elementos naturais ditam alguns fluxos de visitantes e vinculam os elementos naturais como atrativos turísticos. O clima da região dos campos de cima da Serra promove e atrai visitantes, principalmente quando ocorre previsão de neve. Nos dias em que as previsões apontam para a possibilidade do fenômeno, estradas no entorno

ficam movimentadas e hotéis tem lotação. O fato foi percebido quando se efetuou um diário de campo, na semana de previsão de neve. Perceberam-se no local estudado estradas com fluxo maior de veículos e circulação maior de pessoas em lojas, restaurantes e hotéis.

O frio que ocorre na região é devido a condicionantes relativas à altitude e à localização do município, bastante diferentes da maioria do território brasileiro, que se localiza em sua maior parte na zona climática intertropical. Segundo o Atlas Geográfico de Santa Catarina (MONTEIRO; SILVA, 2014, p. 78), “[...] a temperatura declina com a altitude em média 0,65°C para cada 100 metros de altitude. [...] Assim, municípios serranos são os mais frios do Estado e favoráveis à ocorrência de geada, e ocasionalmente neve”. Há poucas regiões no País que apresentam características similares, como a região da chamada Serra Gaúcha, situada no Rio Grande do Sul.

No trimestre que abrange os meses de junho, julho e agosto em Santa Catarina, as temperaturas possuem:

[...] médias mínimas que chegam a surpreendentes 3°C variando até 11°C, evidenciando o caráter subtropical do estado. A neve tem ocorrência máxima neste trimestre, e em casos excepcionais, pode ser vista nas áreas mais altas do Oeste e nas Serras do Leste. (MONTEIRO; SILVA, 2014, p. 83)

Elementos naturais e construtivos que impulsionam e atraem visitantes em busca de algo diferente do seu lugar de vivência, com base num ideal de vida e momento, motivam e induzem deslocamentos e visitas aos lugares desejados e programados, e torna-se importante revelar os elementos ideológicos que a mídia cria, remetendo a prática do turismo como ligação direta aos desejos e sentimentos que destacam: lazer, conforto, satisfação e férias, por exemplo. Pois, como Menezes e Guedes (2011, p. 95) reforçam:

[...] ideologia do turismo se organiza por meio da mídia que é o instrumento que permite da melhor forma possível que imagens e discursos sejam construídos e disseminados persuadindo pessoas ou grupos de pessoas e, nesse sentido, o discurso ideológico do turismo na mídia ganha cada dia mais espaço, especialmente no setor governamental, lançando novos destinos e reproduzindo a ideologia das classes dominantes, manipulando os fetiches e imaginários das classes dominadas e influenciando em suas escolhas relativas ao que consumirão em seu tempo livre, seus desejos e necessidades.

## 1.2 Ideologia

Cada ideia que motiva e acelera as ações humanas no mundo atual parte geralmente dos interesses e visões do mundo que se tem e se deseja. O sujeito e seu lugar são formados por processos históricos e por transformações a partir de uma verdade e classe dominante (LÖWY, 2008).

A ideologia de que é possível viver e enriquecer através das atividades turísticas se dissemina nas cidades como ferramenta de fácil concretização, pois o entendimento é de que os recursos naturais e os fatores locacionais são meios e acessos a tais práticas, o que acaba acelerando as transformações na paisagem e nos modos de vida das populações locais.

No entanto, para relacionar práticas econômicas sobre uma base ideológica, torna-se importante compreender o conceito de ideologia. Zizek (1996, p. 7) indica:

[...] pode designar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para a ação; desde o meio essencial em que os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social até as ideias falsas que legitimam um poder político dominante. Ela parece surgir exatamente quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existisse.

A ideologia é um reflexo das relações sociais existentes na sociedade, e, dessa forma, tem-se que o sistema capitalista difundido em nossa sociedade influencia nas funções sociais que os indivíduos desempenham. Os comportamentos nos seus espaços de vivência e sobrevivência acabam sendo ditados pelos padrões de consumo, posição social em que estão inseridos (MENEZES; GUEDES, 2011).

No mundo atual, tudo o que está disposto na natureza, assim como a produção da natureza, é comercializado. Os objetos associados ao sistema capitalista e à natureza criam intencionalidades e significações a partir das tendências de mercado (HENRIQUE, 2009, p. 166).

Associado ao fato acima, tem-se que, muitas vezes, a função social do indivíduo, sua posição e relações de poder sustentam e amparam suas práticas ideológicas. Thompson (2007, p. 16) envolve o conceito de ideologia interligando com as formas de poder, quando cita:

[...] ideologia pode ser usado para se referir às maneiras como sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas, que eu

chamarei de “relações de dominação”. Ideologia, falando de uma maneira mais ampla, é sentido a serviço do poder.

Dessa forma, torna-se necessário, quando se fala das práticas turísticas, analisar os contextos sociais e os símbolos dos quais os indivíduos se apropriam quando defendem ou criticam essa atividade econômica. Pois, geralmente, as relações imaginárias acabam se sobressaindo sobre as relações reais de existência, distanciando os interesses coletivos de uma sociedade (ALTHUSSER, 2001).

No turismo, na pós-modernidade, as sociedades ditam os mecanismos de acesso e consumo por meio de tendências, *status*, marketing e publicidade. A ênfase dada pelos mecanismos publicitários aos lugares envolvidos com o turismo transparecem por meio das ações dos indivíduos que identificam seus desejos, interligando o turismo com os fatores relacionados a sentimentos, satisfações, bem-estar, felicidade etc.

Quando esses fenômenos acontecem, os indivíduos praticantes do turismo criam uma ideologia que, segundo Lefebvre (1969, p. 62), revela-se em:

[...] cada “objeto”, cada “bem” se desdobra numa realidade e numa imagem, fazendo, esta, parte essencial do consumo. Consomem-se tantos signos quanto objetos: signos da felicidade, da satisfação, do poder, da riqueza, da ciência, da técnica etc. A produção desses signos se integra na produção global e desempenha um papel integrador fundamental em relação às outras atividades sociais produtivas ou organizadoras. O signo é comprado e vendido; a linguagem torna-se valor de troca.

Nessa perspectiva, Chauí (2000, p. 92) conceitua ideologia, relacionando o conceito com as atividades econômicas que colaboram para o distanciamento das classes sociais existentes:

[...] resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade, e vimos que essa representação é sempre necessariamente invertida. O que ocorre, porém, é o seguinte processo: as diferentes classes sociais representam para si mesmos o seu modo de existência tal como é vivido diretamente por elas, de sorte que as representações das ideias (todas elas invertidas) diferem segundo as classes e segundo as experiências nas relações de produção.

Nesse ponto, as propostas de desenvolvimento pelo turismo em projetos e planos nas diversas escalas regionais e locais tornam-se mecanismos necessários de serem avaliados e estudados, entendendo que existe uma forte ideologia do turismo em expansão.

As práticas turísticas apoiam-se nos mecanismos ideológicos para cada vez mais convencer as pessoas a consumirem seus produtos, aliando estes a uma série imaginações e ideais que não condizem com a realidade dos lugares. Esse fato pode ser compreendido quando Henrique (2009, p. 24) exemplifica uma situação em que as ferramentas publicitárias são incorporadas na venda e na divulgação dos produtos:

[...] propagandas dos empreendimentos imobiliários “apagam” a cidade real, criando uma imagem do local do empreendimento repleta de áreas verdes, de árvores, de espaço, mas que se apresenta apenas como um cenário irreal, pois estes empreendimentos se encontram em áreas altamente adensadas, onde espaço livre e área verde não são mais disponíveis.

Quando se incorpora o turismo como mecanismo de acumulação de capital e renda, ou seja, a prática dessas atividades como parte do modo de produção capitalista, a classe dominante acredita somente nos aspectos benéficos de retorno aos investidores e ao Estado. A ideia de que tais práticas turísticas possam não contemplar o desenvolvimento econômico almejado e se tornarem benéficas para a população pobre e periférica soa, no campo da crítica, como ação indevida e desnecessária de ser estudada.

O turismo, algumas vezes, torna-se prática segregativa e agressiva, e vai ao encontro dos ideais das classes dominantes, pois, conforme a apresentação de Chauí, “[...] as ideias dominantes em uma sociedade numa época determinada não são todas as ideias existentes nessa sociedade, mas serão apenas as ideias da classe dominante dessa sociedade nessa época” (CHAUÍ, 2000, p. 92).

O convencimento das práticas turísticas pelos moradores locais, a aceitação do enriquecimento através do turismo, gera nos lugares uma “ideologia vivida da sociedade capitalista”, cita Baudrillard (1981, p. 92, apud Ouriques, 2005). Portanto, faz parte dessa sociedade observar e captar sobre os locais somente lucros e atividades rentáveis. O Estado e o capital privado, com seus instrumentos publicitários, acabam vendendo a natureza e suas variadas paisagens, anexando aos seus empreendimentos (hotéis, parques, resorts) essas ideias.

Henrique (2009, p. 14) trabalha bem essa ideia, quando cita em sua obra que alguns lugares se apropriam da produção da natureza, conectando seus produtos e convencendo seus consumidores na “ideia de natureza sempre verde e tranquila”, por exemplo. Pois, como Ouriques (2005, p. 52) revela:

A multiplicação de necessidades e a criação de desejos de posse de objetos, produzidas pela proliferação das mercadorias, dotou-se de uma espécie de dinâmica própria subordinando os homens ao produzi-los e reproduzi-los como consumidores, seja como desejosos de possuírem mercadorias.

Cada vez mais necessita-se, por essa perspectiva, consumir mais, tanto lugares quanto objetos. Guy Debord mostra, através da obra de Ouriques (2005, p. 52), que “a dominação da economia sobre a vida social ultrapassa a fase do (ter) e desemboca no *parecer*”. O fetichismo sobre os lugares cresce ao ponto de os espaços estarem cada vez mais vinculados ao espetáculo do que à própria realidade (GUY DEBORD, 1997, p. 18, apud OURIQUES, 2005, p. 53).

O espetáculo, nesse caso, associa-se ao significado que Jappe (1999, p. 25, apud Ouriques, 2005, p. 53) cria:

[...] é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social, representando a vitória total da economia: não só o trabalho, mas também as atividades as outras atividades humanas, o que se chama de “tempo livre”, são organizados de modo a justificar e a perpetuar o modo de produção vigente.

Assim, tem-se que os espaços criados pela prática do turismo são frutos de ações que partem de uma ideologia que pauta a vida dos sujeitos e auxiliam na formação e na transformação socioespacial dos lugares.

### **1.3 Formação socioespacial da Serra Catarinense**

As transformações no espaço geográfico ocupado e vivido por uma sociedade apresentam-se por meio de diferentes formas de uso das paisagens, as quais estão ligadas aos aspectos econômicos ditados pela procura e oferta de bens produzidos e extraídos do meio. Peluso Junior (1991, p. 70) revela: “[...] a paisagem geográfica será, antes de tudo, a visão de conjunto obtida pelas inúmeras perspectivas do ambiente físico, vistas através dos interesses humanos”. Os interesses humanos, por sua vez, ditam as práticas que proporcionam acumulação de capital, ao mesmo tempo em que colaboram para as constantes transformações dos espaços em mercadorias.

As variáveis que condicionam as transformações nas paisagens geográficas estão correlacionadas aos modos como a sociedade gerencia seus recursos. O fato é que, na história da formação social dos lugares, sempre existe uma superposição de

formas criadas pela sucessão de modos de produção sobre um “território espacial” (SANTOS, 1977).

Buscamos, assim, como ponto de partida, compreender o processo de formação do município pesquisado, a partir da perspectiva de Milton Santos e de seu conceito de formação socioespacial. A análise deve estar fundada na sociedade, composta “sempre sob um invólucro histórico determinado”, como diz Milton Santos (1978, p. 84). Dessa forma, analisamos o município e suas transformações atuais de acordo com aquilo que foi fixado e fundido historicamente.

Portanto, para entender os processos que condicionam as transformações no município de Bom Jardim da Serra e que alteram seu espaço geográfico, torna-se significativo compreender as relações entre os atores sociais do município, sendo necessário resgatar as etapas dos ciclos econômicos do Planalto Catarinense. Pois, como Santos (1978, p. 84) salienta, “cada sociedade veste a roupa de seu tempo”, e transforma-o de acordo com seu modo de vida ideal, sua maneira de produção e reprodução dos espaços.

Inicialmente, pensando no território brasileiro, numa escala de abrangência maior, toda a sua ocupação e mudança espacial foram ditadas desde o início por mecanismos cumulativos de capital. Todas as transações foram sistematizadas pela obtenção de riqueza através das extrações e das transformações das coisas e dos lugares em lucro. Esses mecanismos sempre proporcionaram alterações nas paisagens, influenciando na atual configuração do território.

O território brasileiro, desde seu descobrimento e colonização, tornou-se especulativo para os detentores das rotas comerciais movidos pelas explorações das variedades de gêneros aproveitáveis economicamente no século XV (PRADO JÚNIOR, 1988). Todo o processo colonial no Brasil, segundo Furtado (1980), continha o objetivo central de garantir a posse das terras até então habitadas por nativos. O Brasil, naquela época “[...] se constituiu como parte integrante da economia reprodutiva europeia, cuja técnica e capitais aplicados permitiram fluxo de bens destinados ao mercado europeu” (FURTADO, 1980, p. 8).

A incansável necessidade de novos produtos para novos mercados na Europa potencializou para avanços territoriais do litoral para o interior à medida que novos produtos e novas técnicas de produção eram capitaneados, principalmente pelas necessidades da Coroa Portuguesa. Os diversos cultivos através das propriedades

de monocultura amparavam-se na mão de obra escrava e se direcionavam para produtividade voltada à exportação (FURTADO, 1980).

Os espaços correspondentes ao território brasileiro foram ocupados e explorados sob diferentes formas. Mais ao sul do Brasil, sob os territórios do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, o processo de conquista se estabeleceu por um complexo sistema de combinações. Pereira (2011, p. 22) coloca:

Ao lado da configuração do relevo e da rede hidrográfica, a cobertura vegetal foi igualmente relevante no processo de ocupação das vastas extensões do Sul do Brasil, visto que o próprio avanço dos fluxos de povoamento se fará através das manchas de campos que a partir de São Paulo vão servir de ponto de parada para descanso e alimentação do gado dos tropeiros, quando a preação dos índios for substituída pelo aproveitamento comercial do numeroso rebanho disponível nas pradarias do Prata, estimulado pela mineração.

O atual território do estado de Santa Catarina, em todo seu processo de ocupação e exploração, começou inicialmente pelas partes litorâneas e pelo planalto. As etapas de produção do espaço, segundo Mamigonian (1966, p. 35), foram configuradas por um sistema de ocupação no qual “[...] no litoral apressaram os índios e se instalaram em explorações agrícolas primitivas, quase de subsistência. No planalto, estabeleceram-se nos campos naturais, com a criação extensiva de bovinos”.

Brüggemann (2008, p. 19) destaca ainda em relação ao território de Santa Catarina:

[...] O povoamento por vicentistas, no século XVII, e por portugueses, no século seguinte, ocupara apenas as planícies litorâneas. Até o início do século XIX, o território correspondente aos municípios de Bom Retiro, Urubici, Lages, Campos Novos, Curitiba e todo o oeste de Santa Catarina pertencia à capitania de São Paulo. O interior paranaense fazia parte dessa capitania. (BRÜGGEMANN, 2008, p. 27)

O atual Planalto Catarinense e o Oeste do Estado não foram os primeiros locais a serem ocupados e povoados no período posterior à conquista (Brüggemann, 2008). A região dos Campos de Lages teve sua ocupação, já a partir do século XVII, destinada a ser “rota de ligação” entre São Paulo e as campanhas gaúchas, em função dos campos propícios para a pecuária.

Mais tarde, quando ocorre a formação das grandes propriedades atrelada à criação extensiva de gado no planalto, tal fato assegura o povoamento efetivo da

região, condicionando para mais tarde auxiliar na exploração e ocupação de outras atividades econômicas (PEREIRA, 2011).

Peluso Junior (1991, p. 163) ainda acentua, quando identifica os motivos dos primeiros povoamentos do planalto, os fatos que ativaram tais migrações:

O povoamento do planalto catarinense teve início no século XVIII após a abertura da ligação entre os campos do Rio Grande do Sul e São Paulo. Pouco a pouco as fazendas de criação de gado bovino foram dominando o planalto, entregando-se a população à pecuária em grandes latifúndios. Os colonizadores paulistas, entretanto, não tomaram posse da terra sem trazer consigo agregados e escravos, fundidos estes em uma única massa após a libertação dos últimos. A classe dominante adquiria, assim, hábitos especializados na criação de gado, enquanto os elementos subordinados oscilavam entre os trabalhos pastoris e a agricultura para consumo da fazenda.

Ehlke (1973, p. 33) reforça as diferenças dos lugares na época, quando cita a existência de locais inabitados em Santa Catarina na região do planalto.

Enquanto o litoral já havia recebido apreciável concurso povoador, o planalto catarinense, antigo “Certão de Coritiba”, até 1766 – ano de fundação de Lages – haveria de permanecer oficialmente despovoado, muito embora penetrações já ali viessem sucedendo há mais de um século.

Vicenzi (2012, p. 58) revela a importância das rotas entre São Paulo e Rio Grande do Sul como condicionantes para a formação da atual região do Planalto Catarinense quando menciona que “[...] Estrada dos Conventos ou Caminho de Souza Farias seguindo em direção a Sorocaba foi responsável pela inserção dos Campos de Lages”. Essa estrada torna-se eixo norteador de ocupação e de trânsito de animais e homens, favorecendo a criação da Vila de Lages no século XVIII.



preponderantes para o ciclo econômico da época. A região, ao entorno de Vila de Lages, diferente do Litoral, “[...] não se computando a agricultura para consumo local, dominou, até a mesma época, em caráter exclusivo, a pecuária”, cita Peluso Junior (1991, p. 77).

No entanto, essa mesma região com o desenvolvimento econômico em expansão, com frentes pecuaristas e atividades constantes por parte dos tropeiros, também foi marcada por rastros de conflitos e desordem. O autor Ehlke (1973, p. 35) cita que:

Os botocudos<sup>15</sup>, hostis e sanguinários, vezes sem conta, atacaram tropeiros e povoadores, mormente nas regiões de Lages, Curitibaanos, Campos Novos e ao sul do Rio Negro, de um modo geral, isto é até 1910 ou 1920, pelo menos. Foram eles, de conseguinte, o terror dos caminhoneiros da “Estrada da Mata” ou Caminho de Viamão- Sorocaba, estrada que, no passado, ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo. Eis a razão pela qual o sábio e naturalista Saint-Hillaire – que nos visitou –, após haver em 1820 percorrido São Paulo e Paraná, ao demandar Santa Catarina evitou transitar através da estrada referida, preferindo o caminho do litoral, indo até Curitiba a São Francisco do Sul.

Os campos com pastagens propícias para a criação de gado, assim como com oferta de mão de obra escrava e indígena, tornam-se elementos propícios fundamentais para a atividade econômica pastoril expansiva. A utilização de mão de obra proveniente da escravidão africana e indígena, que habitava toda a região, representou elemento de dominação dos territórios, bem como de alicerce para a exploração dos elementos naturais rentáveis (madeira, frutos, minérios), refletindo assim em espaços dominados pelos detentores do poder e da exploração desde os primeiros núcleos de ocupação e povoamento da região (CARVALHO, 2008).

Os meios para dar prosseguimento às atividades pastoris estiveram certamente vinculados à disponibilidade de mão de obra, para a qual contribuíram, em condições de exploração e opressão, a mão de obra negra de origem africana e a indígena, tornando-se estas essenciais para as frentes pecuaristas. Vicenzi (2012, p. 60) cita que “a presença escrava no planalto catarinense foi parte do processo de povoamento e exploração realizado pelos paulistas em direção ao Sul”, e também:

---

<sup>15</sup> Expressão corriqueira até recentemente, no estado, de cunho etnocêntrico, utilizada preconceituosamente para referir-se aos indígenas da região, particularmente, os Xokleng.

Evidencia-se que o desenvolvimento econômico e demográfico dos campos de Lages, nos séculos XVIII e XIX, esteve relacionado diretamente à atividade pastoril e ao comércio do gado, no caminho das tropas, interligando a região com outras províncias e utilizando escravos nestas atividades. (VICENZI, 2012, p. 59)

A formação e a ocupação do planalto catarinense fundamentaram-se pela busca dos comerciantes de encurtar caminhos e de permitir vantagens lucrativas a tais práticas econômicas da época. A própria “[...] Vila de Lages foi fundada com intuito de dar apoio aos tropeiros que utilizavam do caminho de Sorocaba/SP-Viamão e de marcar o domínio paulista na região sul da colônia”, cita Brüggemann (2008, p. 27).

A indiferença quanto à região da “Vila de Lages” por parte da Capitania de Santa Catarina era indicada quando:

[...] entre a ilha de Santa Catarina e essa vila não havia nenhum indicativo de pertencimento ou continuidade entre a capitania de Santa Catarina e vila de Lages. Havia entre elas um território desconhecido pela administração catarinense, que até então mostrava-se intransponível. (BRÜGGEMANN, 2008, p. 27)

As diferenças e os distanciamentos entre o planalto e o litoral, além de serem caracterizados pelas práticas econômicas, evidenciavam-se também, pelos obstáculos de ordem natural, conforme cita Ehlke (1973, p. 34):

[...] Havia os obstáculos naturais, de difícil, senão quase impossível transposição. As escarpas, os cumes desafiadores das Serras do Mar e Geral, as febres e outras doenças tropicais que por algumas gerações castigaram os habitantes litorâneos, muito contribuindo para que não tivesse ânimo necessário, nem a ambição, para voltarem suas visitas e seus interesses aos cumes das Serras e, conseqüentemente, ao planalto.

As instalações dos primeiros núcleos de povoamento ao entorno da Vila de Lages partiram de uma necessidade de defesa do governo, na garantia de domínio da única via de comunicação com São Paulo. Nesse sentido, foi estratégico para o governo criar povoações ao longo dessa estrada, para que os espanhóis não ocupassem aquela região (PELUSO JUNIOR, 1991).

Todavia, tal situação proporcionará ao entorno da Vila de Lages, posteriormente, uma grande centralização do capital e de vida regional, inexistindo capitais sub-regionais (MAMIGONIAN, 1966). As atividades econômicas no século XVIII foram firmadas através das fazendas pastoris nas áreas de campo, bem como pelas expansões constantes em função da pecuária de corte, ocasionada pela

qualidade da pastagem e pelas vantagens de possuir caminhos já firmados e conectados com os grandes centros da região Centro-Oeste e Sudeste do território brasileiro.

As formações socioeconômicas da região dos Campos de Lages firmam-se, ao longo dos anos, através dos ciclos econômicos que ali foram condicionados e firmados. As atividades vinculadas às fazendas e a expansão das atividades exercidas pelos tropeiros caracterizaram-se como sendo o primeiro ciclo econômico do Planalto Catarinense (PELUSO JUNIOR, 1991).

Bastos (2011) afirma que o “[...] primeiro ciclo econômico foi condicionado pelas extensas manchas de Campos, relevo homogêneo e uma estrutura fundiária formada por grandes fazendas”. Peluso Junior (1991, p. 71) também cita, que “os homens que habitaram a povoação de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages se localizaram em meio favorável à pecuária”. Um dos fatos das condicionantes inviáveis para a prática agrícola era o solo pobre em nutrientes, restando apenas a pequena lavoura para consumo próprio (PELUSO JUNIOR, 1991).

O segundo ciclo econômico da região, posterior ao Ciclo do Tropeiro, será o Ciclo da Madeira, no século XX. O ciclo também se materializa na região, quando se identifica na espacialidade regional uma quantidade expressiva das atividades extrativistas e de Serrarias. Ehlke (1973, p. 187) reforça:

Desaparecido o tropeirismo, comerciantes, fazendeiros e tropeiros passariam a dedicar-se a outras atividades, pois o desânimo, apoderando-se de uns e outros, fez com que os campos, paulatinamente, principiassem a ficar despovoados. O homem, entretanto, em sua capacidade extraordinária de levar à frente outras empreitadas, voltou então as suas vistas para a riqueza extrativa, em madeiras e erva-mate, nos estados sulinos, e a essa riqueza ficaram-se devendo outras etapas de progresso dos três estados do sul.

Os fatores condicionantes para essa nova etapa e empreitada revelam-se por meio das disponibilidades das matas de araucárias na região e de riquezas extrativistas. Por exemplo:

Em Lages, o corte da araucária seguiu um ritmo altamente predador, sem menor preocupação com o esgotamento das reservas. O ethos desse ritmo predador está associado ao espírito aventureiro dos madeireiros e dos grandes fazendeiros que vendiam as árvores para serem derrubadas. As condições físico-espaciais hostis e a grande propriedade contribuíram para a formação de um espírito aventureiro, numa região colonizada e desbravada pelos tropeiros e bandeirantes paulistas. (GOULARTI FILHO, 2007, p. 239)

De fato, as expansões extrativistas surgiram “[...] devido a alguns limites com manchas de campos. Algumas regiões do planalto não foram conquistadas em função de campos e gado, mas pela presença da mata de araucária”, relata Vieira (2011). Os elementos que impulsionaram tal ciclo na década de 1930 e 1940 deram-se, segundo Mamigonian (2011, p. 110), pela “acelerada modernização das ligações rodoviárias das áreas com o Rio Grande de Sul e São Paulo e pela acelerada penetração dos madeireiros italianos e alemães do Rio Grande do Sul”.

No entanto, a crise do segundo ciclo econômico na região dos Campos de Lages acontece, resultando novamente numa nova organização do espaço e de uma nova frente econômica para a região serrana. Cazella e Búrigo (2008, p. 10) citam, que o segundo ciclo perde força, quando:

A crise da indústria madeireira de base extrativista e de seus derivados nas décadas de 1970 e 1980 forjou o surgimento dos ramos de papel e de celulose, que se constituem num dos segmentos industriais mais competitivos do estado. Essas duas atividades são responsáveis pela maior parte da renda industrial da região. Verifica-se também que os programas de reflorestamento com pinus, implementados pelas principais empresas nas últimas décadas, ampliaram consideravelmente a oferta de matéria-prima. O incremento não atendeu somente as demandas das indústrias de papel e celulose, mas cobriu também as necessidades do ramo moveleiro, que se expande na região e no planalto norte do estado. (CAZELLA; BÚRIGO, 2008, p. 10)

As atividades ligadas ao setor madeireiro, segundo Leão (2001), tiveram suas vantagens comparativas em relação às outras regiões, em função de conter forte concentração da oferta estadual na microrregião dos Campos de Lages. No entanto, com o passar dos anos, auxiliados pelos incentivos do governo para implantação das novas práticas de cultivos ligados à silvicultura, novas culturas foram implantadas na região. Os cultivos das espécies exóticas (pinus e eucalipto), principalmente para indústria de celulose, auxiliaram para indícios de mudança no campo econômico deste segmento.

Após dois grandes ciclos de ganhos econômicos, tanto do ciclo do tropeiro como do ciclo da madeira, outras atividades surgiram aliadas ainda aos vestígios das demais práticas anteriores. Goularti Filho (2007, p. 239) explica:

Os novos migrantes que chegaram pós-1940 assentaram-se sobre uma base sociocultural formada há quase duzentos anos e pouco alteraram as relações sociais já constituídas. A indústria madeireira não acabou com o mandonismo e com a longa distância que separa os fazendeiros dos caboclos.

Vale ressaltar que as transformações sistematizadas pelas dinâmicas capitalistas mencionadas nas obras de Peluso Junior (1991) e Vieira (2011), citadas anteriormente, revelam uma formação socioespacial ditada por ciclos econômicos que sufocaram momentos da história local, ignorando as diversas tribos indígenas que habitavam o Planalto Catarinense e as Encostas da Serra Geral. Tomé (1995 apud VIEIRA, p. 40, 2011) exemplifica:

Os Xoklengs dominaram a Floresta de Araucária até o contato mais direto com o homem-branco. (...) No tempo da virada do século [XIX/XX] foram caçados como animais por bandos armados de “bugreiros”, a soldo de empresas colonizadoras, que invadiam a mata para liquidá-los.

Nessa região, de acordo com os ciclos econômicos, existe um recorte histórico que o tempo não foi possível extinguir ou até mesmo destruir. As populações que exercem suas atividades de sobrevivência na atualidade em toda a região do Planalto Catarinense carregam consigo traços e heranças que merecem ser citadas e retratadas como latentes ainda. O autor Borges (2005, p. 23) salienta que, “apesar de ter estado presente desde o início do processo de povoamento do Planalto Serrano, é notável a ausência do trabalhador negro nos livros que buscam remontar a história da região”.

Souza (2008), por meio do trecho da Carta Régia de 9 de setembro de 1808, revela que o domínio dos Campos de Lages pelos paulistas era visto como “Territórios que heroicos filhos de São Paulo descobriram e conquistaram”. Esses paulistas que vagavam sobre esses lugares eram conhecidos, porque chegavam mandando fazer guerra aos bugres que infestam os campos de Lages, Guarapuava e Curitiba. Nota-se a partir desses registros que muito dos espaços transformados e condicionados por práticas econômicas lucrativas e de monopólio foram tomados e ocupados de forma irracional sobre os nativos com ideais de domínio forçado. Peluso Junior (1991, p. 52) menciona que “[...] cenas de sangue e heroísmo registraram-se nos campos de Lages e no território abaixo do altiplano percorrido pelo caminho que em 1787 o unia à vila do Desterro (Florianópolis)”.

A formação territorial atual do município de Bom Jardim da Serra, inserido no Planalto Catarinense, relaciona-se diretamente como formação inicial dos territórios

que pertenciam à Vila de Lages, que posteriormente originou os diversos municípios do Planalto Catarinense. Peluso Junior (1991, p. 40) escreve:

Lages foi cidade criada. Levantou seus alicerces Antônio Correia Pinto de Macedo, a quem D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão Morgado de Mateus, Governador da Capitania de São Paulo, concedera a patente de Capitão-mor-regente do Sertão de Curitiba. Chefiando uma bandeira colonizadora, Correia Pinto chegou em 22 de novembro de 1766 aos campos de Lages, com ordem de fundar uma vila [...], deficiências de materiais de construção obrigaram-no a retroceder sobre a margem do rio Canoas, onde grande enchente lhe destruiu o trabalho de sete meses. Vagou pelo campo em procura de melhor local, encontrando-o na vertente norte da Ilha do rio Caraá. Ali fundou um povoado, logo elevado a vila e quase um século depois a cidade. Nasceria a vila de Nossa Senhora dos Prazeres das Lages.

Toda a ocupação da vila e seus arredores constitui-se sob uma afluência bastante rápida. Segundo Peluso Junior (1991, p. 43), “em 1771 havia mais de 400 habitantes, contando, além de escravos, mestiços e foragidos da Justiça, elementos de famílias tradicionais que em Lages se tornaram fazendeiros”.

Diante disso, com a criação da cidade de Lages, que desde cedo tornou-se centro da região, novos territórios e vilas foram surgindo, cita Peluso Junior (1991). Os diversos elementos formadores da cidade de Lages proporcionaram o surgimento dos primeiros pequenos núcleos de povoamento ao seu entorno, evidenciando, de certa forma, uma dependência de produtos e serviços prestados pelo local para a sobrevivência de moradores e fazendeiros. No entanto, com o passar dos tempos, algumas vilas e comunidades ao redor adquiriram autonomia e buscaram sua emancipação à medida que suas atividades econômicas se tornavam elementos importantes no cenário regional e estadual.

O município de Bom Jardim da Serra, antes de sua emancipação em 1967, pertencia ao município de São Joaquim. São Joaquim, no final do século XVIII, tinha sua ocupação em função das buscas por novos territórios, por ofertar novas pastagens e por estar em posição privilegiada de ligação (NUNES, 2001). Tal fato, está revelado na obra de Bianchini (1986, p. 21), que cita: “A cidade de São Joaquim acha-se situada no local onde outrora se cruzavam estradas, uma que vinha de Lages e ia até Laguna, e outra que, vindo do Rio Grande do Sul, seguia em direção à cidade de Desterro e a outras localidades da então Província de Santa Catarina”.

Os registros que fazem referência ao povoado de São Joaquim são de 1868 e 1869, “[...] por esta época já era Lages uma localidade regularmente desenvolvida e

o seu município abrangia as terras circunvizinhas, compreendendo as áreas que formam atualmente os municípios de São Joaquim, Urubici e Bom Jardim” (BIANCHINI, 1986, p. 20). Os primeiros moradores desses municípios, são identificados na história, através dos fluxos migratórios do Rio Grande do Sul e do litoral catarinense. Bianchini (1986, p. 15) escreve:

Segundo notas do historiador Walter Dachs e do reverendíssimo Pe. João Batista Vieceli, fornecidas ao ilustrado senhor Enedino Batista Ribeiro, chegou-se à conclusão de que as primeiras explorações, nos territórios que são hoje São Joaquim e Bom Jardim da Serra, foram efetivadas por gente vinda do Rio Grande do Sul.

A região do atual município de Bom Jardim da Serra é datada como povoada em meados de 1870, por Manoel Pinto Ribeiro, que se fixou no local denominado Fazenda Pelotas. Bianchini (1986, p. 16) cita que “[...] chegou a Fazenda de Pelotas, vindo de Santo Antônio da Patrulha, o senhor Manoel da Silva Ribeiro com dois filhos menores, Inácio e Pedro da Silva Ribeiro”. Já o autor do livro *Epopéia na Serra*, de 1989, João Corrêa de Bittencourt, revela que Manoel da Silva Ribeiro, era conhecido “[...] por gozar de grande prestígio, junto ao poder imperial ou então, junto a Capitania de São Paulo e Rio de Janeiro. Foi portador de um requerimento que doava e limitava a concessão da grande e rica sesmaria da fazenda Pelotas/SC”.

Os moradores advindos do litoral catarinense também contribuíram significativamente para a formação socioespacial do município. Sendo eles os responsáveis por abrir as primeiras picadas na Serra Geral, denominada de Serra do Doze, atualmente conhecida como Serra do Rio do Rastro. Esses moradores, por meio das tropas de cavalos e mulas, efetuavam trocas de mercadorias entre o litoral e o planalto, movimentando as localidades ao longo dos trajetos. Desciam para o litoral através das picadas abertas na Serra Geral. Todo o território do município em estudo, Bom Jardim da Serra, surgiu a partir de elementos condicionantes de acesso do litoral para o planalto e vice-versa. A região passa a receber moradores, principalmente por ser um local de caminho das tropas (JUSTI, 2007).

Assim, a região de Bom Jardim da Serra começa sua ocupação e o povoamento a partir do século XVIII. Nessa época, o território se caracterizou como um local de passagem de pessoas que viajavam do Sul do Brasil para a região de São Paulo, motivados pela busca de mercadorias inexistentes em seus locais de

origem. Os produtos que faziam parte desses roteiros compreendiam desde mantimentos até utensílios domésticos e de defesa, tais como: charque, arroz, açúcar, farinha de mandioca, sal, tecidos, munições, armas e querosene (CARVALHO; GAMBA FILHO, 1992).

O fato de as viagens entre São Paulo e o Sul do Brasil serem longas, nos séculos XVIII e XIX, contribuiu para que toda a região que compreendia o município estudado se tornasse local de repouso e descanso para as tropas que seguiam com destino a Piracicaba e Sorocaba. O município, por estar situado no topo da Serra do Rio Rastro, oferecia descanso e pausa para os tropeiros devido à descida que era extremamente penosa e perigosa (CARVALHO; GAMBA FILHO, 1992).

Torna-se importante respaldar que uma parcela dos moradores da Região Serrana foi responsável pela abertura das primeiras clareiras em meio à mata fechada na Serra Geral, alargando-se as vias e iniciando os processos de uso e ocupação das terras. Diversas famílias advindas do Rio Grande do Sul e do Estado de São Paulo também começaram a chegar, juntando-se aos primeiros habitantes, ou seja, os proprietários das fazendas. Carvalho e Gamba Filho (1992, p. 19), registram: “Em 1905 fundaram um povoado e construíram uma Capela sob a proteção de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cujo nome servia de denominação para o povoado”.

Mais tarde, em 1910, uma escola e um clube foram fundados, e a movimentação dos moradores para a elevação do povoado de “Nossa Senhora do Perpétuo Socorro” para vila ganha força. Em 1921, o povoado torna-se vila e passa a se chamar Vila de Bom Jardim, ficando com esta denominação até o ano de 1933 (CARVALHO; GAMBA FILHO, 1992).

A vila tornou-se distrito em 1934, em função da sua força econômica e política junto ao município de São Joaquim da Costa da Serra. Em 1945 o distrito de Bom Jardim sofre alteração e passa a ser conhecido como “Distrito de Cambajuva”, perdurando até 1949. Por fim, o atual nome é registrado no mesmo ano, como distrito de Bom Jardim da Serra, em função da existência de quantidade exuberante de pinheiros de araucária que predominava na região (CARVALHO; GAMBA FILHO, 1992).

Bom Jardim da Serra se tornou somente município no ano de 1967, por meio da Lei n. 1.052 de 26 de janeiro de 1967, publicada do *Diário da Assembleia* n. 1.012-

124 de 30 de janeiro de 1967. As transformações no campo econômico do município, antes da sua emancipação, eram de domínio das atividades pecuaristas pelos tropeiros, bem como das atividades extrativistas. O município acompanhou os ciclos econômicos já citados anteriormente no Planalto Catarinense (CARVALHO; GAMBIA FILHO, 1992).

O segundo ciclo econômico do município, o “Ciclo da Madeira”, atraiu madeireiras e serrarias advindas principalmente do Rio Grande do Sul, atraídas pelas vantagens sistematizadas na concentração de araucárias a partir de 1949 (CARVALHO; GAMBIA FILHO, 1992). As madeireiras eram de pequeno a grande porte, cabendo destacar o papel da “Madeireira Gaúcha”, que se tornou responsável por aberturas das diversas estradas de ligação no Planalto Catarinense, motivadas pela extração da madeira. Tal fato colaborou para uma necessidade de novos meios de escoamento de mercadorias, não sendo suficiente somente estradas. Em necessidade disso, houve então a instalação do Cabo Aéreo da Madeireira Gaúcha (CARVALHO; GAMBIA FILHO, 1992).

Segundo Carvalho e Gamba Filho (1992, p. 20):

A Gaúcha Madeireira S.A resolveu construir o famoso e eficiente Cabo Aéreo [...], constituído de cabo de aço de uma polegada e um cabo de 6mm, roldanas, balancim e três freios. Era tracionado pelo próprio peso da madeira, utilizando assim a força da gravidade. O projeto foi idealizado, construído e supervisionado pelo engenheiro Edmund Vanch, de Chapecó.

O trabalho do “moderno” equipamento encerrou suas atividades no ano de 1963, quando a Serra do Rio do Rastro começou a permitir o escoamento por meio dos caminhões.

Tal fato pode ser percebido diante da Figura 2<sup>16</sup> abaixo, na qual caminhões aparecem na paisagem, sobre uma estrada alargada e sem pavimentação asfáltica.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://alfafnm.com/fotos1/>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

Figura 2 – Estrada da Serra do Rio do Rastro durante o ciclo da madeira.



Fonte: Caminhões transitando pela Serra do Rio do Rastro, muito comum na década de 1950 e 1960. Disponível em: <<https://alfafnm.com/fotos1/>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

Outro fato também é compreendido quando se entende que:

A história de Bom Jardim da Serra, em termos de desenvolvimento socioeconômico, caminha junto à história da Serra do Rio do Rastro, que teve sua implantação entre 1950 e 1955, no governo de Irineu Bornhausen, que iniciou a abertura para o tráfego de veículos de pequeno porte, utilizando as mesmas linhas traçadas pelos tropeiros. Na época recebeu o nome de Rodovia Irineu Bornhausen. (CARVALHO; GAMBA FILHO, 1992, p. 22)

Após o ciclo da madeira, que aconteceu até meados da década de 1980, entrando em extinção em função da escassez de madeira, houve, associado a isso, falências e fechamentos de serrarias e madeireiras em grande número. No entanto, nessa fase, houve também o enriquecimento e o desenvolvimento econômico de uma grande parcela de madeireiros, que no auge do ciclo da madeira obtiveram lucros e trouxeram consequências no que tange ao desenvolvimento econômico e social do município. Esse cenário está documentado na obra de Carvalho e Gamba Filho (1992, p. 74), quando citam que “[...] os madeireiros pouco investiam na região,

deixando para trás um rastro de destruição da natureza, gerando desemprego em massa e causando graves problemas para o município”.

A agricultura e a pecuária, em substituição ao Ciclo da Madeira, surgem no município com dificuldades de implantação e ação, devido aos aspectos ligados às características físicas. Os cultivos de grãos e frutos aparecem no cenário de Bom Jardim da Serra como oportunidades de segmento econômico nas últimas décadas. Os cultivos de batata, cebola, feijão, maçã e milho tornam-se atividades rentáveis para as pequenas e médias propriedades. A pecuária, presente desde os tempos dos tropeiros, permanece como atividade econômica do município até os dias atuais (CARVALHO; GAMBA FILHO, 1992).

Para se ter uma ideia, após o ciclo da madeira, segundo Gomes e Neto (2016, p. 3):

[...] Estação Experimental de São Joaquim, vinculada à Secretaria Estadual da Agricultura, impulsionou os trabalhos na cultura da macieira, tendo a colaboração do governo japonês. A partir de 1973, o Estado de Santa Catarina, através da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina (Empasc) e da sua sucessora, Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), ampliou as pesquisas deste cultivo e estabeleceu um programa de melhoramento genético, o que tornou a região a maior produtora de maçã do País.

O turismo também é posicionado como atividade lucrativa a partir das ações concretizadas pelo Estado e por investimentos privados no terceiro e atual ciclo econômico do município, sendo colocado em prática a partir dos anos 1990. As atividades turísticas surgem pelo fluxo de pessoas à região, em virtude da reforma e da ampliação do principal trajeto que liga o Planalto Catarinense com o litoral, na região sul de Santa Catarina. A finalização da pavimentação da Serra do Rio do Rastro em 1984, nesse sentido, colaborou para o fluxo de pessoas na região.

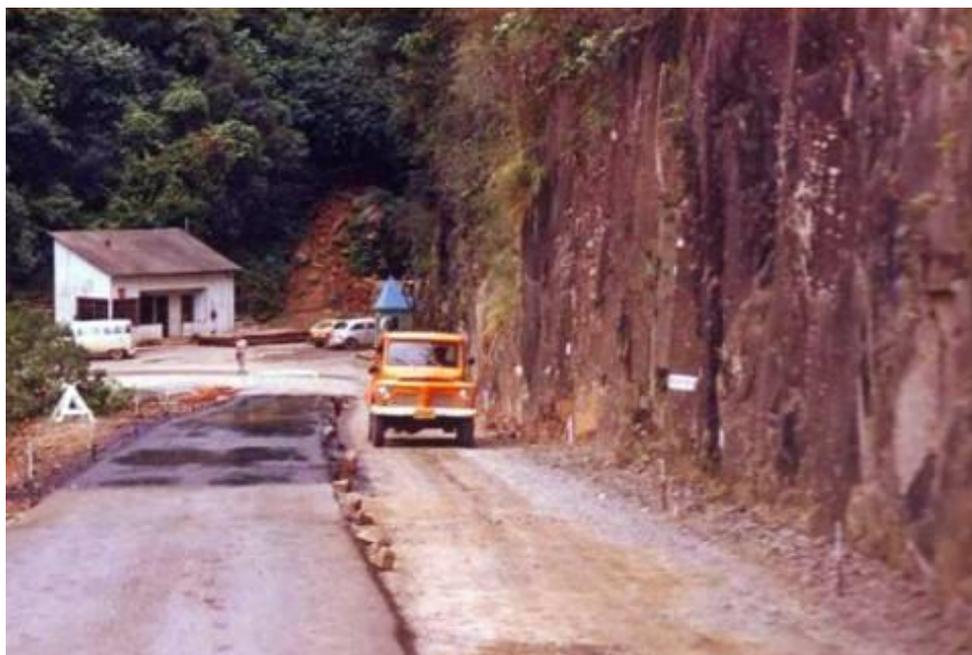
A Figura 3<sup>17</sup>, datada no ano de 1984, é identificada como o período de início das obras de pavimentação da Estrada da Serra do Rio do Rastro. Percebe-se, diante da imagem abaixo, veículos já transitando pela estrada. Os elementos que incentivaram e incentivam o turismo no município atrelam-se aos mecanismos de ordem natural diagnosticados na paisagem. Os atrativos turísticos ofertados no local,

---

<sup>17</sup> Foto: Coleção Varlei Marriot. 4 set. 2015. Página Social Fotos Antigas de Santa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSantaCatarina/photos/pcb.1044939358851875/1044939085518569/?type=3&theater>>. Acesso em: 9 nov de 2017.

através dos comerciantes e empreendedores, baseiam-se nos aspectos climáticos (frio e possibilidade de neve) e também, dos diferenciais de vegetação, com extensas propriedades de campos, pinheiros e pomares de maçã.

Figura 3 – Serra do Rio do Rastro recebendo pavimentação asfáltica em 1984.



Fonte: Coleção de Fotos de Varlei Marriot. 4 set. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSantaCatarina/photos/pcb.1044939358851875/1044939085518569/?type=3&theater>>. Acesso em: 9 nov. de 2017.

Com relação aos elementos construídos para as práticas turísticas, ditados por empresários e empreendedores, tem-se a Serra do Rio do Rastro, com seus caminhos sinuosos junto ao vale, seus locais com altitudes elevadas e cânions variados, como fomentadores para a criação e a execução de *resorts*, hotéis, restaurantes, condomínios fechados, dentre outros.

Fica compreendido, diante das características econômicas ao longo das décadas, que o Planalto Catarinense e o município de Bom Jardim da Serra foram moldados e transformados de acordo com os ciclos econômicos ditados. Goularti Filho (2007, p. 204) reforça a ideia de que “[...] em resumo, na região serrana o capital mercantil não se metamorfoseou para o industrial, pois sua metamorfose implicaria romper com as arcaicas relações de mandonismo, típicas de uma região onde a base fundiária é a grande propriedade, portanto implicaria perdas para o poder oligárquico”. O poder de transformação que certas atividades econômicas tinham e

ainda têm sobre as cidades podem ser justificadas sob a ideia explanada por Goularti Filho (2007), o qual evidencia as relações por mandonismo, típicas da base fundiária da região serrana.

Associado à história de emancipação de Bom Jardim da Serra e dos ciclos econômicos fixados no espaço, existem sistemas de dependências no município, ligados aos municípios circunvizinhos. A localização do município sob uma ideia de privilégios, de estar localizado entre planalto e litoral, ser portal de entrada do planalto, revela-se, em determinados momentos, ser apenas um local de transição, de passagem de pessoas. A ideia de que é necessário passar por Bom Jardim da Serra para seguir adiante evidencia-se em determinados momentos, com situações e sinais de desinteresse.

Na atualidade, a realidade que se prescreve é de dependência relacionada à disponibilidade de bens e serviços à população bom-jardinense, onde a oferta se encontra nos municípios vizinhos do planalto e do litoral. Pode-se citar, através das informações obtidas nos relatos dos diários de campo, que a busca por capacitação e formação educacional se encontra nos municípios litorâneos ou em cidades próximas, como Lages. No propósito de encontrar profissionais habilitados nos determinados setores da saúde (UTI, Maternidade) e materiais utilizados na produção local, pelas artesãs (botões, fitas, tintas), deve-se recorrer às cidades de Lages ou Criciúma, quando necessário.

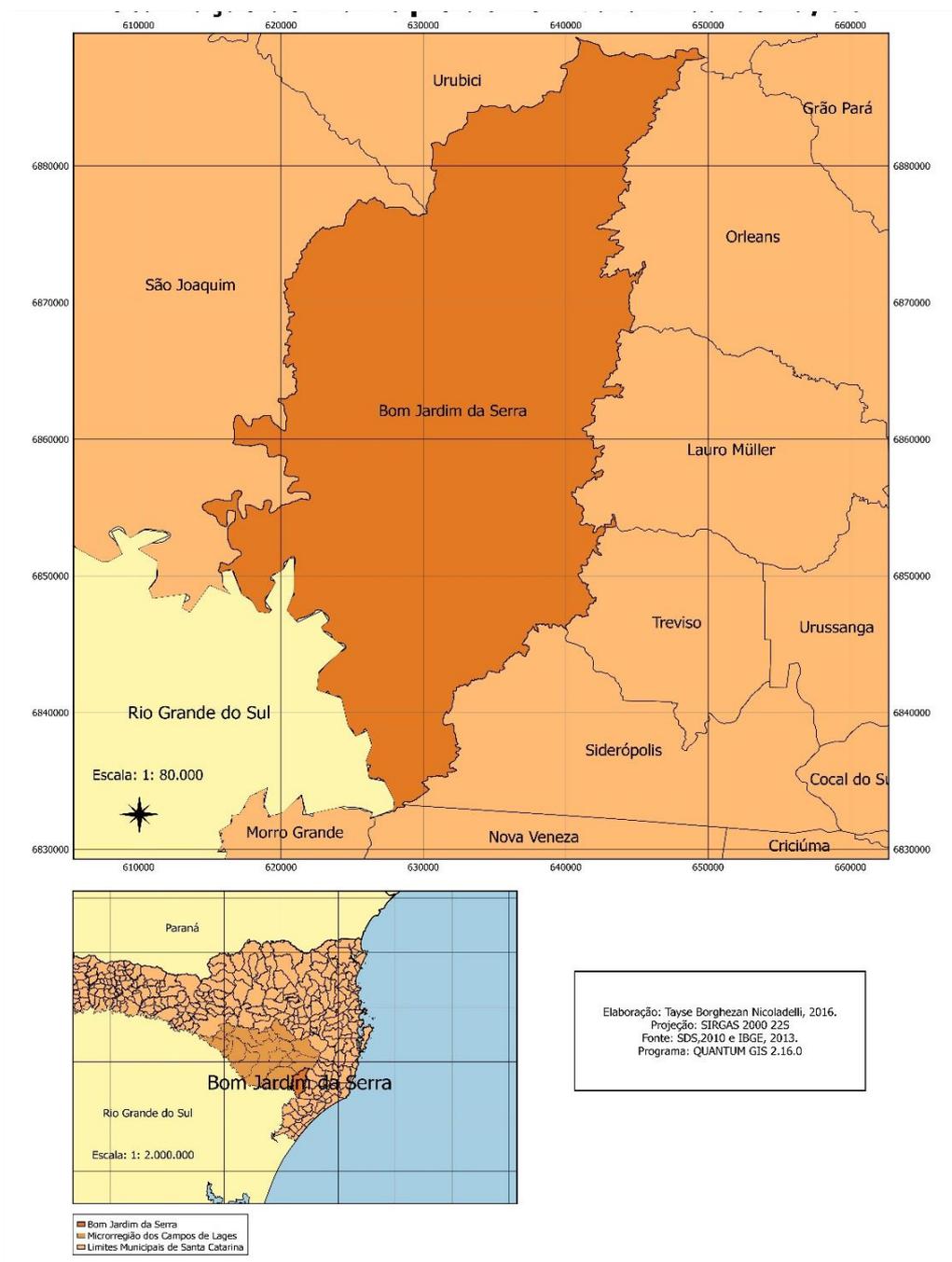
A realidade atual do município firma-se na dependência de materiais e produtos provenientes de um comércio vizinho, os quais serviram de base para sua emancipação. A necessidade de serviços e produtos, encontrados somente em São Joaquim ou em cidades do litoral, reforça a imagem de que, em determinados momentos, o município é apenas local de passagem ou, mesmo, destino de visitantes, com foco somente no produto fixado no território bom-jardinense (hotéis, *resorts*). Ligando-se com os fatos do passado, quando o local ainda pertencia ao município de Lages, destinado na época a ponto e local de trocas de mercadorias, bem como enriquecimento de muitas famílias, observam-se os interesses sobre os territórios moldados com o tempo. Pois, como Santos (1977 p. 84) salienta, “cada sociedade veste a roupa de seu tempo”, e transforma-o de acordo com seu modo de vida ideal, sua maneira de produção e reprodução dos espaços.

Pode-se assim entender, que no Ciclo do Tropeiro, o local em questão fora seguramente um ambiente para descanso e comércio de gado. Já o Ciclo da Madeira serviu como base propícia para as frentes extrativistas. E hoje, diante das ações visadas pelos segmentos das atividades turísticas, seria o turismo a “tábua de salvação” para Bom Jardim da Serra? Vejamos a partir do próximo item as características do espaço geográfico atual do município em questão.

#### **1.4 Bom Jardim da Serra**

O município de Bom Jardim da Serra, universo desta pesquisa, localiza-se numa região particularmente estratégica do ponto de vista da mobilidade, por estar situado entre o litoral e o Planalto Catarinense. O município que pertence à Microrregião Geográfica de Campos de Lages possui uma extensão territorial vasta, o qual faz divisa com municípios do planalto e do litoral catarinense, entre os quais, tem-se: Lauro Muller na posição leste do território, São Joaquim a oeste, Urubici ao norte, Orleans a nordeste, Treviso e Siderópolis a sudeste, e fazendo divisa com o estado do Rio Grande do Sul a noroeste. Abaixo no Figura 4, verifica-se a localização do município estudado:

Figura 4 – Localização de Bom Jardim da Serra/SC.



Fonte: elaborado pela autora, 2016.

Bom Jardim da Serra faz parte da região serrana de Santa Catarina, situada na região de clima subtropical, no qual ocupa parte significativa dos estados do sul do Brasil, marcados por estações do ano bem definidas e por climas úmidos e de altitude. Esta caracterização corresponde à classificação dos domínios da natureza existentes no Brasil, segundo a designação de Aziz Ab'Saber, que destaca a

presença da araucária: “embora não seja uma espécie dominante, a *araucária angustifolia* é o elemento que mais se destaca na fitofisionomia do Sul” (AB’SABER, 2012, p. 100).

A hidrografia local é composta por rios que deságuam na vertente do atlântico, região hidrográfica chamada de Extremo Sul Catarinense<sup>18</sup>, e rios que deságuam na vertente do interior, na região hidrográfica conhecida como Planalto de Lages<sup>19</sup>. Os rios da vertente do interior compõem a bacia do rio Uruguai, “essa bacia possui afluentes importantes como o rio Pelotas, que é uma linha fronteira ao sul, e o rio Canoas (ambos de domínio da União e formadores do rio Uruguai)” (ANTUNES; CONSTANTE, 2014, p. 123).

O rio Pelotas, que nasce no Parque Nacional de São Joaquim e percorre o território de Bom Jardim da Serra, deságua sobre um relevo com predominância de forte ondulado e ondulado, possui precipitação anual total de 1.800mm. No território em que o rio Pelotas se encontra, na bacia hidrográfica do mesmo, tem-se como característica básica: longo percurso e com ocorrências de inúmeras quedas d’água. “A partir da união dos rios Canoas com o rio Pelotas forma-se o rio Uruguai, que segue em direção oeste, delimitando os territórios estaduais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul” (ANTUNES; CONSTANTE, 2014, p. 131).

Dos aspectos geológicos (ver Figura 5) encontrados no município, há extensas áreas preenchidas por rochas magmáticas, fruto de ações vulcânicas durante milhões de anos, que recobriram grande parte do Planalto Catarinense. Entre os limites dos campos de cima, planalto com a planície litorânea, segundo o Atlas Geográfico de Santa Catarina (Luiz, 2014, p. 103), “tem-se a escarpa do planalto modelado nos derrames de rochas efusivas e nas camadas de rochas sedimentares da Bacia Sedimentar do Paraná.

Na parte leste, nordeste e sudeste do território, nos limites entre Bom Jardim da Serra e Lauro Muller, segundo o Atlas Geográfico de Santa Catarina (Luiz, 2014, p. 103):

---

<sup>18</sup> A RH10 é composta pelo Complexo Lagunar das lagoas do Imaruí e Mirim, e as duas principais bacias que compõem este sistema são as dos rios Tubarão (4.685km<sup>2</sup>) e D’ Una (491km<sup>2</sup>). A área total desta região é de 5.725km<sup>2</sup> (ANTUNES; CONSTANTE, 2014, p. 134).

<sup>19</sup> A RH4 é a maior bacia hidrográfica em extensão de Santa Catarina (22.776km<sup>2</sup>), integrando duas bacias hoje consideradas de domínio da União: do rio Canoas, que corresponde à área de 14.908 km<sup>2</sup>, e a do rio Pelotas, com área de 7.277km<sup>2</sup> em território catarinense (ANTUNES; CONSTANTE, 2014, p. 130).

[...] a escarpa adquire desníveis de mais 1.000 metros desde a sua base até o topo. Isso ocorre porque ao sul ela é desenvolvida a partir do empilhamento de várias camadas de rochas sedimentares de diferentes formações geológicas, mais os derrames de efusivas no topo, como é o caso do segmento da escarpa presente em Lauro Muller (Serra do Rio do Rastro); ou constituído por apenas uma ou duas formações geológicas sedimentares, mais uma sucessão de vários derrames, como ocorre no município de Praia Grande, no Extremo Sul Catarinense.

Figura 5 – Escarpa da Serra Geral próximo à Estrada da Serra do Rio do Rastro.



Fonte: elaborado pela autora, 30 set. 2014.

Na parte do planalto dos Campos Gerais, a paisagem é composta por relevo suave, ondulado, solos rasos e pobres em nutrientes. Nesses locais ocorre predomínio de florestas de pinheiros, com três estratos, herbáceos, arbustivo e arbóreo. Essa vegetação proporcionou o desenvolvimento dos ciclos econômicos, com a manufatura da erva-mate e a exploração da madeira, principalmente das matas de araucárias. Além disso, nos locais com campos abertos, criadores de gado e praticantes de monocultura aproveitaram o espaço para prática de cultivo (SANTA CATARINA, 2014).

Com relação às características gerais do território, sua extensão territorial, de acordo com o IBGE (Censo 2010) é de 935km<sup>2</sup>, abarcando uma população total de

4.395 habitantes, dos quais 54,5% vivem no perímetro urbano e 45,5% na área rural. Quanto a distribuição por gênero, tem-se 51,26% do gênero masculino e 48,74% do gênero feminino, conforme os dados do IBGE (2010). Dessa forma, tem-se 4,7 hab/km<sup>2</sup>, configurando-se como município com baixa densidade demográfica. Sua estrutura etária é formada predominantemente por jovens e adultos entre 10 a 14 anos, 15 a 19 anos e 40 a 49 anos (IBGE, 2010).

Com relação às vias de acesso, tem-se a Rodovia SC-390 percorrendo o seu território, além da recente pavimentada BJ-050. A rodovia com nomenclatura SC-390 começa no litoral, mais precisamente no município de Tubarão, percorrendo todo o litoral em direção ao Planalto Catarinense, com término no município de Lages. Já a BJ-050 começa no referido município e segue em direção ao estado do Rio Grande de Sul, na cidade de São José dos Ausentes.

De Florianópolis, capital do Estado, para o município, conta-se aproximadamente 216 quilômetros de estrada pela BR 101. Uma das vias de acesso (SC-390) se faz pela Estrada da Serra do Rio do Rastro, conhecida por suas curvas sinuosas e pelo visual paisagístico, bastante divulgado nas mídias por meio de publicidades e reportagens, como veremos mais adiante. Esta, em seu traçado, localização e estrutura, acaba sendo explorada como mercadoria junto às práticas turísticas ofertadas na região (hotéis, restaurantes, *resorts*).

Em relação aos mecanismos econômicos que sustentam o município, o setor primário representa um total de 34% na participação econômica municipal. O clima frio proporciona o desenvolvimento de atividades agrícolas e pecuárias voltadas para as produções maçã, milho, batata e rebanhos de bovinos, ovinos, produção de lã, aquicultura (carpa), segundo os dados elaborados pelo Sebrae (2013). Na produção de maçã, o município destaca-se, pois junto com as demais cidades da Serra Catarinense, obtém metade de sua economia por meio do cultivo de maçã (Epagri, 2016).

Na produção de maçã Fuji<sup>20</sup>, destaca-se entre os maiores produtores do Estado, segundo os dados do órgão vinculado ao Estado, Empresa de Pesquisa

---

<sup>20</sup> Maçã Fuji – Originária do cruzamento de “Ralls Janet” x “Delicious”, realizado em 1939 no Japão. Possui o formato do fruto arredondado, com coloração vermelho-opaca, estriada e lisa. Polpa aromática, firme, crocante e muito suculenta, de sabor doce e agradável (Fonte: <<http://www.grupofischer.com.br/fischer/fischer/sites/fischer/fraiburgo/pomares/fuji.html>>. Acesso em: 9/11/2017).

Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), “representando 84,1% do total produzido, os cinco maiores municípios produtores são: São Joaquim (62,7%), Bom Jardim da Serra (7,7%), Fraiburgo (6,7%), Urupema (3,9%), Lebon Régis (3,2%). Segundo essa empresa, que publica um relatório intitulado de Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2015-2016, com relação à maçã:

Os principais estados brasileiros produtores da fruta são: Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e juntos representam 94,9% da produção nacional e 94,4% da área em produção. As principais mesorregiões que concentram a produção brasileira são: a Serrana (37,1%), o Oeste Catarinense (11,1%) e o Nordeste Rio-Grandense (47%). Em Santa Catarina as microrregiões de Campos de Lages, na mesorregião Serrana, e a microrregião de Joaçaba, no Oeste Catarinense, são as principais produtoras com maior participação dos municípios de São Joaquim e Fraiburgo. (SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA EM SANTA CATARINA, 2016, p. 56)

Os produtos de extração vegetal, como lenha e madeira de beneficiamento, anteriormente citados como importantes para formação socioespacial, ainda fazem parte da economia. Na área urbana, o setor terciário se configura pelo fornecimento de produtos e serviços com lojas de materiais de construção, lojas de vestuários, supermercados, agropecuárias, escritórios de contabilidades e advocacia, entre outros.

Em função das altitudes elevadas, o clima apresenta-se frio, com temperatura média no verão chegando a 22°C, e no inverno com temperaturas abaixo de 0°C, o que proporciona o desenvolvimento do turismo de frio, influenciado pelas possibilidades de ocorrência de neve e geada na região (COMUNELLO, 2014)

O município disponibiliza de infraestrutura básica para o turismo, pautada em ações pontuais sobre o território ao longo dos anos. São estruturas instaladas na cidade e na região ao entorno da Serra do Rio do Rastro, no qual concentram maior fluxo de visitantes. Na parte central da cidade ou próximo dela, existem dois pontos de atendimento ao turista. O primeiro localizado às margens da rodovia SC-390, na esquina de acesso ao centro da cidade. Já o local construído próximo ao Portal de Entrada de Bom Jardim da Serra, este, encontra-se abandonado. Conforme a Figura 6, observa-se a localização deste último, fechado e abandonado.

Figura 6 – Estrutura construída para ser a “Casa do Turista”.



Fonte: elaborado pela autora, 26 jan. 2016.

A presidente em exercício da ABT (Associação Bonjardinense de Turismo), durante a entrevista concedida, sinalizou que a estrutura estava sendo estudada para ser sede da Associação Bonjardinense de Turismo. Maria evidencia que houve interesse por parte da antiga gestão municipal de colocar em funcionamento o local, entregando a responsabilidade para a associação, já que no local há índice de consumo e formação de “centro de drogas e de tudo que tu imagina de marginalidade”. No entanto, tal ação não foi possibilitada, pois na época dos trâmites o município estava passando pelo período eleitoral, tendo empecilhos jurídicos que não possibilitaram passar os cuidados para a associação, cita Maria.

Na parte do mirante existem estruturas construídas a partir dos anos 1990 – estacionamentos, bancos e banheiros – que atendem os visitantes que chegam até o local. Nesse mesmo espaço, lojas, quiosques, lanchonetes e restaurantes ofertam serviços e produtos fixados por meio de concessão e administrados por comerciantes.

Dos empreendimentos turísticos (hotéis, restaurantes, lojas e *resorts*) no espaço geográfico pelo segmento do turismo já atuante nos últimos anos, estes se encontram localizados em áreas rurais e também na parte urbana. Os hotéis, com características campeiras no segmento de pousada e hotéis fazendas, encontram-se em localidades afastadas da mancha urbana ou próximo da Rodovia SC-390, principal rodovia de ligação entre o litoral catarinense e o planalto.

Nos espaços situados na mancha urbana, sobre as principais ruas da cidade, identificam-se hotéis e casas de moradores ofertando hospedagem alternativa. Quanto à estrutura compartilhada por entre os moradores e os visitantes, assim como os espaços dotados de especulação imobiliária em função das práticas turísticas e pelos elementos ideológicos ligados a paisagem e natureza, estes estão espalhados por todo o território. Nota-se que existem espaços cuja vida dos moradores locais está alocada e distante de algumas atividades fixadas no território. Esse fato foi notado após constantes diários de campo e visitas, em que se perceberam distanciamentos e desconexões entre as diversas áreas da cidade.

A vida que se leva em alguns lugares específicos é carente e dotada de precariedades no quesito infraestrutura (estradas, energia elétrica, posto de saúde, coleta de lixo). São áreas rurais e urbanas sem rede elétrica instalada, e se instaladas encontram-se sem a devida manutenção. São bairros sem estradas com pavimentações ou mesmo danificadas devido às obras inconclusas da gestão municipal.

Em alguns lugares, perto ou longe dessa realidade descrita acima, identificam-se estabelecimentos de cunho privado e lucrativo em execução. Na Figura 7 abaixo verifica-se, por exemplo, a construção de condomínio fechado ao lado da COHAB (Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina), cujos problemas relacionados a carência de infraestrutura são observáveis.

Figura 7 – Loteamento e condomínio residencial sendo construídos próximo à mancha urbana da cidade.



Fonte: elaborado pela autora, 21 jan. 2016.

Verifica-se ao lado do loteamento e condomínio em construção que os equipamentos urbanos serão construídos conforme indicado na placa, variando desde áreas de lazer, portal de entrada, projetos paisagísticos. Ao lado, tem-se ainda, conjunto de casas (COHAB – Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina) com carência aparente de infraestrutura local (estradas, coleta de lixo e iluminação). A Figura 8, indica a configuração das casas na COHAB com ausência, por exemplo, de iluminação pública e pavimentação asfáltica.

Figura 8 – COHAB próxima à Rodovia SC-390.



Fonte: elaborado pela autora, 26 out. 2016.

Assim, existem alguns empreendimentos destinados a uma classe com alto poder aquisitivo e de consumo, e na contramão existe uma população com níveis de pobreza e poucas oportunidades. Os índices de miséria e pobreza divulgados pelos dados estatísticos, como por exemplo IDH e Índice de Gini, revelam uma realidade questionável. Segundo dados divulgados pelo IBGE (2010), o município apresenta um Índice de Gini<sup>21</sup> de 0,58. Tal dado revela uma renda concentrada em relação ao índice de Santa Catarina, que é de 0,49, perdendo apenas para o índice correspondente ao do Brasil, com o coeficiente de 0,60 no mesmo ano. Também com relação ao IDH<sup>22</sup> (Índice de Desenvolvimento Humano), o do município é 0,696,

---

<sup>21</sup> Segundo o Ipea, o Índice de Gini é um instrumento para medir o grau de concentração de renda, apontando a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de zero a um, no qual o valor zero representa a situação de igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda, restando o valor um no extremo oposto, ou, seja uma só pessoa detém toda a riqueza.

<sup>22</sup> Segundo o Programa da Nações Unidas do Brasil: O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o

sendo inferior à média de Santa Catarina (0,77) e à do Brasil (0,69), conforme os dados revelados pelo IBGE (2010). Conforme esses dados, tem-se o valor 10,1% menor que o índice de Santa Catarina e 4,3% menor que o índice brasileiro no mesmo ano, cita Sebrae (2013). Já com relação à renda das famílias bom-jardinenses, 51,8% possuíam, em 2010, renda mensal de até meio salário mínimo, segundo os dados divulgados pelo Sebrae/SC (2013), no relatório identificado como *Panorama para novas oportunidades de negócio: Bom Jardim da Serra*.

Outro ponto que reflete as diferenças de espaços, bem como de estrutura, são os empreendimentos localizados em locais com fluxo maior de visitantes em função das atividades turísticas ali instaladas, como: o mirante, os hotéis e *resorts* de alto padrão, bem como a Estrada da Serra do Rio do Rastro, por exemplo.

Na Figura 9 verifica-se a oferta de terrenos nos campos de cima da Serra, bem próximos ao mirante, os quais fazem parte do produto final ofertado, terrenos em condomínio fechado, os quais oferecem infraestrutura ampla e completa. Na contramão da imagem citada acima, na qual casas na cidade não possuem iluminação pública e pavimentação asfáltica, os condomínios privados ofertam isso e algo a mais. Percebe-se no anúncio oferta de terrenos com diferenciais, como: adega coletiva, heliponto e uma fazenda modelo. Além disso, ressaltam-se também elementos paisagísticos incorporados ao produto final. Nota-se, nesse caso, que elementos da natureza se tornam mercadoria e possíveis de serem consumidas.

Figura 9 – Propaganda vinculada por uma empresa idealizadora do projeto.



**Altos da Serra**

Para quem **ama o inverno**.  
E para quem acha que não.

*O Condomínio Altos da Serra é surpreendente durante o ano inteiro. Mas quando chega o inverno, algo especial acontece. A luz do sol brilha de maneira diferente e os encantos da serra mostram a sua verdadeira beleza. Enquanto a temperatura desce não faltam bons motivos para apreciar esta estação, que traduz a serra na sua perfeição. Viva o inverno na sua plenitude em um empreendimento de luxo, com infraestrutura ampla e completa. E descubra a sua nova estação preferida.*

Assista ao vídeo:



Para saber mais, consulte a imobiliária de sua preferência.



- RIOS, CÔRREGOS E TRILHAS
- QUADRA POLIESPORTIVA
- CAMPO DE FUTEBOL
- CANCHA DE BOCHA
- ACADEMIA
- FAZENDA MODELO
- 6 AMBIENTES PARA FESTAS
- BRINQUEDOTECA
- ADEGA COLETIVA
- LOJA DE CONVENIÊNCIA
- PÓRTICO DE ENTRADA
- HELIPONTO

Fonte: elemento publicitário postado dia 16 agosto de 2016, na página social da empresa idealizadora.

As ofertas são disseminadas em canais de informação, como jornais e redes sociais, que indicam o nível do empreendimento como luxuoso, dotado de infraestrutura completa. A ideia de alto padrão, de produto único, soa no campo da ideologia como símbolos que podem ser comprados e consumidos. Pois, como Marcondes Filho (1997, p. 25) menciona, a “ideologia vive fundamentalmente de símbolos, ela trabalha com símbolos e formada por estereótipos”. Para ele:

[...] Os estereótipos são ideias, imagens e concepções a respeito das pessoas, objetos e fatos, os quais as pessoas criam, aprendem ou simplesmente repetem sem avaliar se são ou não verdadeiros – são vícios de raciocínio. (MARCONDES, p. 25)

Outro anúncio, feito por meio da rede social (Facebook), indica os elementos da natureza sendo anexados como mercadoria. A Figura 10, do dia 9 de abril de 2016, com 73 curtidas e 7 compartilhamentos, foi publicada por uma empresa

imobiliária<sup>23</sup>. No anúncio em questão, ocorrem destaques que revelam, junto ao empreendimento, elementos da natureza como parte da oferta (frio e ar puro), por exemplo. O anúncio também coloca como diferencial sua localização estratégica, próximo à Estrada da Serra do Rio do Rastro. Essa estrada é tida por muitos que circulam e conhecem a região como cartão-postal de Santa Catarina, ganhando sempre destaque nos anúncios publicitários que envolvem a região como produto.

Figura 10 – Anúncio de empreendimento no município de Bom Jardim da Serra.



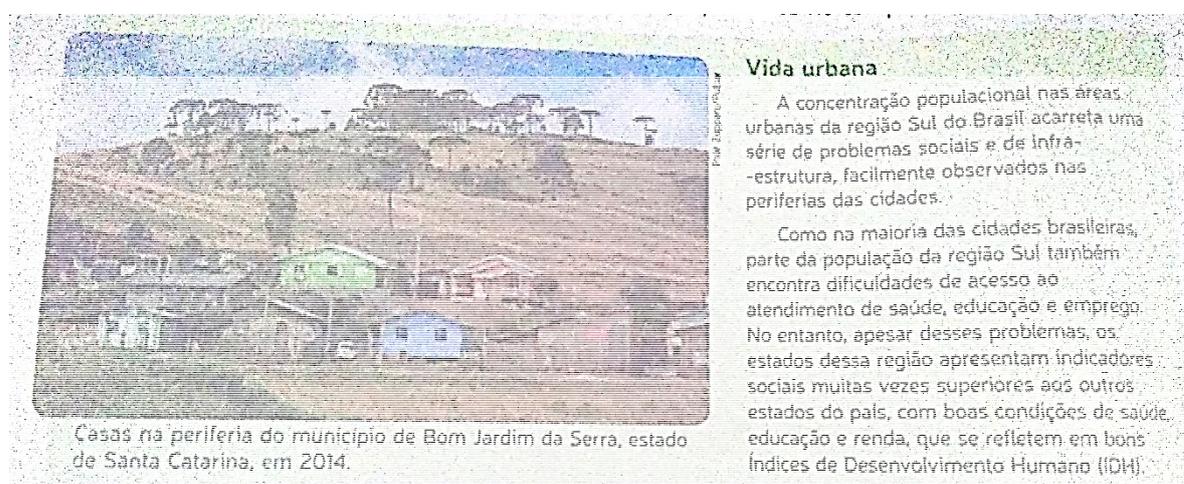
Fonte: página social (Facebook) de uma empresa imobiliária na Região Sul de Santa Catarina (Fonte: postagem no dia 9 abr. 2016)

Torna-se importante evidenciar que ambas as reportagens anexadas acima buscam ressaltar aspectos que direcionam para a importância que o lugar tem com relação aos demais. Observa-se, nessa questão, que ambos os anúncios não indicam a localização exata do empreendimento, ou seja, o município e a região onde está instalado, indicando somente a região da Serra Catarinense.

<sup>23</sup> Empresa imobiliária localizada na cidade de Criciúma/SC, com 3.905 pessoas seguindo sua página social no Facebook.

Para mencionar tais contrastes observados no município, o texto encontrado no material didático<sup>24</sup> vinculado na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, no período atual (2017), no município de Orleans/SC, no distrito de Pindotiba, refletem a realidade distante dos anúncios anteriores. A Figura 11 abaixo mostra o conteúdo relacionado à economia e ao modo de vida das populações que residem na região sul do Brasil. No livro, Bom Jardim da Serra vira exemplo, quando são mencionadas as precariedades no sistema de infraestrutura no meio urbano existentes na região.

Figura 11 – Recorte de um livro didático da disciplina de Geografia usado na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina.



Fonte: acesso em 10 out. 2017. TORREZANI, Neiva Camargo. **Vontade de saber geografia**. 7º ano/Neiva Camargo Torrezani. 2. ed. São Paulo, 2015.

Outro fato que se torna importante respaldar, contrastando com os espaços ofertados em locais estratégicos no município, é a situação das casas construídas para famílias de baixa renda, as quais foram entregues sem o mínimo de infraestrutura (água, energia e esgoto tratado). A precariedade pode ser observada quando se analisa a reportagem<sup>25</sup> vinculada pelo *site* de notícias G1 através da filiada RBS/TV no dia 12 janeiro de 2017, como o seguinte título: “Loteamento da prefeitura de Bom Jardim da Serra é entregue sem luz e sem água a moradores”.

<sup>24</sup> TORREZANI, Neiva Camargo. **Vontade de saber geografia**. 7º ano/Neiva Camargo Torrezani. 2. ed. São Paulo, 2015)

<sup>25</sup> **G1**, 12 jan. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2017/01/ha-mais-de-1-ano-familias-vivem-sem-agua-e-luz-em-loteamento-de-sc.html>>. Acesso em: 12 nov.2017.

A reportagem mostra que a obra administrada pela Prefeitura Municipal era para garantir moradia digna a famílias carentes. No decorrer no vídeo nota-se, por exemplo, famílias improvisando na hora do banho, usando velas para iluminar a casa, ou mesmo utilizando geladeira como armário, já que sua real função se encontra limitada pelo fator: energia elétrica. Com relação aos comentários gerados em função da reportagem publicada, chama atenção o comentário de um leitor que cita: “vem pra Serra você também ver a neve, passar frio e já vais ter que ir atrás de água para purificar, e luz de vela para curtir a noite fria. A cidade turística nossos líderes políticos brincam conosco, somos meras marionetes”. Em tom de ironia, o leitor convida as pessoas a sentirem o frio, a neve e a Serra por outros olhares. Ou seja, para além do turismo que atrai esses visitantes, em outras situações tais elementos podem trazer transtorno e desconforto quando não se tem abrigo, água quente e iluminação, por exemplo.

Diante disso, não somente por fatos aqui divulgados por meio de reportagens lidas, mas também por índices oficiais divulgados, é que se verificam no município contrastes de espaços. Relaciona-se que alguns empreendimentos estão pautados na ideologia do consumo e do desejo, marcado por símbolos e estereótipos, como cita Marcondes Filho (1997). E outros tornam-se elementos tomados como exemplo do que não deveria ser ideal e bom para uma cidade, em que bairros da cidade de Bom Jardim da Serra são exemplificados com carência de infraestrutura e tomados por problemas sociais.

Os dados revelados até aqui, demonstram um município com índices abaixo da média nacional e estadual, no qual é visível uma desigualdade aparente real que recai sobre a falta de oportunidades e renda em Bom Jardim da Serra, que serão mais bem problematizadas no próximo capítulo.

## II CAPÍTULO – VIVER E SOBREVIVER EM BOM JARDIM DA SERRA/SC

Objetivando aprofundar mais sobre a realidade percebida nos caminhos percorridos, introduzimos neste capítulo as questões que norteiam a vida e a sobrevivência do povo serrano, mais precisamente dos moradores de Bom Jardim da Serra.

Buscamos, por meio dos relatos obtidos, entrevistas aplicadas e dos materiais garimpados, discorrer a respeito das experiências vividas, dos fatos computados e dos projetos arquitetados para o município. A utilização dos recursos divulgados em jornais e revistas se faz presente nesta pesquisa, assim como materiais compartilhados e postados em perfis e páginas nas redes sociais. Esses materiais colaboraram para a análise dos fatos ocorridos e das situações firmadas no território bom-jardinense, pois cada comentário gerado, compartilhamento manifestado nas redes sociais, entende-se como opinião e ação por de trás de cada agente social conectado com o mundo vivido em Bom Jardim da Serra.

Das informações registradas, notam-se: depoimentos, desabaços, indignações, vontades e desejos que foram filtrados na tentativa de expor as variadas formas reais e maneiras de sobrevivência no município. Ressalta-se aqui, como prioridade do segundo capítulo e do terceiro, lançar olhares para além daquilo escrito, divulgado ou comentado. Vale lembrar que os registros do passado e do presente também se tornam elementos centrais dessa análise, como forma de abranger todos os atores sociais que revelam, pontuam ou desejam algo para o espaço estudado.

Para isso destacaremos as questões que envolvem o trabalho, turismo, atividades econômicas, bem como organizações atuantes na região. Dessa forma, apresentamos inicialmente alguns dados sobre as relações no mundo do trabalho e dos vínculos empregatícios mais comuns em Bom Jardim da Serra. Em seguida revelamos algumas políticas estatais e práticas turísticas efetivas na região, assim como projetos executados e idealizados pelo setor turístico. Depois destacaremos as manifestações e os desejos que guiam certas ações por parte do Estado que direcionam e moldam os espaços rurais e urbanos no município.

Por fim, salientaremos a participação das associações e dos sindicatos que se fazem presentes no município, relacionando suas atuações, conquistas e ligação com algumas práticas econômicas, como turismo, fruticultura e pecuária.

## 2.1 Trabalho e emprego

Nas últimas décadas, estudos e relatórios no campo da economia, desenvolvimento, trabalho e turismo vinculam e defendem as práticas turísticas como fonte geradora de renda e trabalho. Os estudos partem geralmente da ideia de vocação turística do lugar, promoção e oferta dos lugares tanto pelo Estado como pelo setor privado. Tais ações acabam sendo justificadas como caminho para amenização da pobreza, aumento dos vínculos empregatícios, ou mesmo elevação da qualidade de vida da população autóctone.

Os autores Jenkins e Henry (2000 apud FARIA, 2000, p. 18) direcionam para essa ideia, quando:

[...] apostam na relevância do turismo no desenvolvimento (econômico) dos países subdesenvolvidos e incentivam a intervenção do governo para alcançá-lo. Para eles, quanto maior é a participação do turismo nas economias em desenvolvimento, maior o papel desempenhado pelo Estado.

Sharpley (2009, p. 2), em seu livro *Turismo, desenvolvimento e o ambiente: além da sustentabilidade?*, menciona que o “[...] turismo é fonte de emprego, representando 231 milhões de empregos, ou 8,3% do emprego global”. O autor pontua que o turismo pode ser visto como fonte de renda e emprego. Cita inclusive que pode ser usado com ferramenta eficaz para alcançar desenvolvimento socioeconômico regional ou nacional.

Além desses, existem os trabalhos desenvolvidos por parte do Poder Público, que também reforçam tais ideias. Um exemplo desse tipo de trabalho foi realizado em 2009, tendo o próprio governo do Estado de Santa Catarina como autor. Trata-se de uma pesquisa feita com a World Travel e Tourism Council (WTTC), a Embratur e o Ministério do Turismo do Brasil, que expõe dados e projeções acerca do setor turístico em Santa Catarina.

A mensagem deste relatório é clara: o setor de Viagens & Turismo é muito importante para Santa Catarina, estimando-se que, em 2009, gera 12,5% do PIB do estado, ou R\$14,8 bilhões (US\$ 6,4 bilhões) e quase 510.000 empregos (11,9% do número total de postos de trabalho) em toda a economia do turismo. Além disso, entre este ano e 2019, prevê-se que sua contribuição se torne até mais significativa – crescendo 4,5% ao ano em termos de PIB e 3,2% em número de empregos, atingindo R\$ 33,8 bilhões (US\$ 12,8 bilhões) no setor econômico de Viagens & Turismo e empregando 696.000 pessoas. (WTTC, p. 1, 2009)

Ressaltam-se, aqui, as relações positivas entre o turismo e a economia presentes no contexto atual, quando se observa nos discursos do próprio Estado e dos seus aliados somente vantagens desta prática: “O World Travel & Tourism Council (WTTC) é o fórum mundial líder no setor de viagens e turismo, e trabalha com os governos na conscientização a respeito da importância de um dos maiores responsáveis mundiais pela geração de renda e empregos.

Para conhecimento, o relatório com levantamento do impacto econômico e de geração de empregos do turismo catarinense mencionado acima foi apresentado no 9º Congresso Mundial de Turismo ocorrido em 2009 em Santa Catarina. Na ocasião o Estado sediou o evento e divulgou estudos e projetos. O relatório foi pago por patrocinadores com um custo avaliado em US\$ 200 mil segundo a reportagem do *site* ClicRBS<sup>26</sup>, do dia 15 de maio de 2009. Para obter resultados, houve a aplicação de um método de contabilidade desenvolvido pelo World Travel & Tourism Council, conhecido como Conta Satélite de Turismo.

Um dos pontos dos objetivos do fórum, é buscar parcerias públicas e privadas para promoção e desenvolvimento do turismo em regiões e comunidades locais que necessitem de apoio e organização. Os relatórios e estudos são fundamentados por meio de parcerias entre governo, empresas privadas e organizações não governamentais.

Aprofundando mais no documento compartilhado, no que diz respeito ao turismo praticado em Santa Catarina, nota-se que a ideia do turismo efetivado em todas as regiões de Estado está presente no corpo do texto. Por entre as 68 páginas

---

<sup>26</sup> Laura Coutinho. **WTTC – Viagens e Turismo**. 11 maio 2009. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/wttc/19,0,2506943,Santa-Catarina-apresenta-projetos-para-investidores-estrangeiros.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

que compõem a referida publicação, destacam-se: imagens, textos, índices econômicos e projeções. Das imagens publicadas, observam-se elementos paisagísticos naturais predominando (praias, montanhas e florestas), assim como imagens que vinculam os traços herdados das colônias europeias que colonizaram o Sul do Brasil (italianos, alemães, poloneses, entre outros). Bom Jardim da Serra não é mencionada no relatório, no entanto logo nas primeiras páginas a Serra do Rio do Rastro ganha destaque.

Dos índices revelados logo nas primeiras páginas, pontuam-se tendências positivas para os próximos anos no quesito Santa Catarina e Turismo. São demonstrativos de incremento do PIB, emprego, crescimento e exportação. Além disso, no corpo do texto, ressaltam-se elementos que justifiquem o incremento e o desenvolvimento do turismo por ser um dos estados brasileiros com economia mais avançada, assim como por conter elevados indicadores sociais e baixa criminalidade (WTTC, 2009).

Outro documento representativo sobre a temática é a revista<sup>27</sup> da Associação dos Jornais do Interior de Santa Catarina (ADJORI), cuja capa da edição de 2016 abarca a seguinte temática: Turismo e Negócios em Santa Catarina.

---

<sup>27</sup> **Revista ADJORI.** Turismo & Negócios em Santa Catarina. Associação dos Jornais do Interior de Santa Catarina. Disponível em: <[http://admin.adjorisc.com.br/data/arquivos/37/revista\\_adjori\\_-\\_turismo\\_e\\_negocios\\_2016.pdf](http://admin.adjorisc.com.br/data/arquivos/37/revista_adjori_-_turismo_e_negocios_2016.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017. Edição 2016.

Figura 12 – Capa de Revista ADJORI – Edição 2016.



Fonte: Edição 2016, ADJORI.

A revista, de abrangência estadual com 108 páginas e 5 mil exemplares distribuídos, é composta por edições anuais com temas variados em cada edição. O acesso à revista se dá por meio de: prefeitos e governo do Estado, deputados estaduais, senadores e deputados federais, associações de municípios, fundações, organizações não governamentais, universidades, bibliotecas públicas e jornais conveniados.

A revista, logo nas primeiras páginas, sinaliza seus objetivos quando indica, através da fala do presidente, seus propósitos: “[...] colocar em cena a mais audaciosa e estruturada iniciativa para promover uma verdadeira revolução na maneira de fazer e divulgar o turismo em Santa Catarina (ADJORI, 2016 p. 3)”.

Indo para além das primeiras páginas, entre os mais variados textos publicados sobre o Turismo em Santa Catarina, o texto com o título “A hora e a vez do turismo” enfatiza:

Eleito como um dos setores portadores de futuro para a indústria catarinense, o segmento de Turismo se destaca pelas amplas oportunidades que pode trazer à economia de Santa Catarina. Não só pela participação no Produto Interno Bruto (PIB) estadual – da ordem de 12,5% –, mas pelo impacto que gera em diferentes atividades empresariais. Fora isso, o setor é visto,

também, como capaz de reduzir as desigualdades sociais, pela capacidade de absorção de profissionais no mercado de trabalho. Só a indústria gastronômica, por exemplo, é responsável por 1,5 milhão de empregos no País. (ADJORI, 2016, p. 8)

A roupagem que o turismo adquire como amenizador das desigualdades sociais e capaz de promover rentabilidade são apostas que acabam sendo incorporadas como reais, sem perdas e impactos negativos. A ideia da vocação turística também é transmitida quando membros do governo incorporam em seus discursos essa ideia. Valdir Rubens Walendowsky, presidente da Santur em exercício, cita: “As belezas naturais, diversidade do mosaico étnico e a vocação para o turismo de qualidade tornam Santa Catarina o cenário perfeito para congressos, seminários, convenções, espetáculos culturais, competições esportivas, além de férias inesquecíveis” (ADJORI, 2016, p. 22).

Também se tem publicações do próprio Estado de Santa Catarina enaltecendo suas conquistas e divulgando dados positivos. Por exemplo, a publicação<sup>28</sup> da Santur, que destaca a classificação conquistada por Santa Catarina, com o título de “Melhor Estado” novamente em 2017, nomeado pela revista *Viagem e Turismo* da Editora Abril. Na Figura 13, inclusive, menciona-se a quantidade de vezes em que o Estado se tornou campeã da votação promovida pela revista.

---

<sup>28</sup> Governo do Estado de Santa Catarina. **Santur**. 6 julho de 2017. Disponível em: <<http://turismo.sc.gov.br/institucional/index.php/pt-br/noticias/398-santa-catarina-recebe-pela-10-vez-titulo-de-melhor-estado-do-brasil-para-viajar>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

Figura 13 – Elemento publicitário divulgado pelo Estado.



Fonte: site Santur, 2017.

Inclusive, na reportagem publicada, o atual secretário de Turismo, Leonel Pavan, enfatiza que o título conquistado é fruto da ação do Estado, que busca ressaltar as riquezas que o Estado possui e que inclui “diversidade cultural e étnica, belezas naturais e variada gastronomia”. Tais divulgações resultam que o “[...] número de visitantes cresce cada vez mais e, conseqüentemente, o turismo se consolida como uma importante força econômica do Estado”.

A Fiesc (Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina) em parceria com o Estado, também colabora expondo, por meio do relatório *Rotas estratégicas setoriais para a indústria catarinense 2022: Turismo*, saldo positivos da prática:

O turismo se consolidou como setor vital para o desenvolvimento de Santa Catarina, representando hoje 10% da geração da riqueza do estado. O potencial de crescimento que surge desse ramo é capaz de produzir um ciclo virtuoso na economia, assegurando a geração de postos de trabalho e aquecendo a cadeia da indústria, comércio e serviço. (SANTA CATARINA, FIESC, p. 6, 2016)

Diante das publicações, títulos e prêmios envolvendo Santa Catarina pontuados acima, salientamos o papel do turismo no quesito geração de renda e

emprego em Bom Jardim da Serra, primeiramente pela posição determinada pelo Ministério do Turismo, através do Projeto de Categorização<sup>29</sup>.

O projeto criado através do Ministério do Turismo em 2015 possui caráter piloto. O projeto categoriza os municípios do Brasil a partir dos seus desempenhos econômicos. Ele procura identificar em cada município seu desempenho da economia, visando direcionar os investimentos, tomar decisões e implementar políticas de acordo com as peculiaridades dos municípios (Mtur, 2015).

A categorização ocorreu por meio de uma análise quantitativa dos dados secundários disponíveis pelo Ministério do Turismo. Os dados analisados estão incorporados dentro de quatro variáveis: número de estabelecimentos formais cuja atividade principal é hospedagem, número de empregos formais no setor de hospedagem, estimativa de turistas a partir do Estudo de Demanda Doméstica e estimativa de turistas a partir do Estudo de Demanda Internacional. A partir dos dados secundários inseridos dentro das variáveis, elencou-se cinco categorias (A, B, C, D ou E).

Sendo assim, de acordo com Mtur (2015, p. 18), os municípios de um mesmo agrupamento possuem características semelhantes em termos de desempenho da economia, se enquadrando na tabela abaixo numa das categorias.

---

<sup>29</sup> Disponível em:

<[http://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/downloads/pdf/categorizacao/Perguntas\\_e\\_respostas\\_Categorizacao\\_2016.pdf](http://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/downloads/pdf/categorizacao/Perguntas_e_respostas_Categorizacao_2016.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017

Figura 14 – Caracterização das categorias a partir das variáveis.

Categoria	Nº de municípios	% de municípios do mapa	Valor Médio (não padronizado)			
			Qtd. empregos formais de hospedagem	Qtd. estabelecimento formais de hospedagem	Estimativa de turistas internacionais	Estimativa de turistas domésticos
A	51	1,52%	2.401	190	140.474	1.775.071
B	167	4,99%	458	36	7.535	235.855
C	504	15,1%	98	11	587	58.851
D	1.841	55,04%	11	2	0	9.041
E	782	23,38%	0	0	0	0

Fonte: Mtur, 2015.

Bom Jardim da Serra, junto com os municípios limítrofes São Joaquim, Urubici e Urupema, intitulados como região turística<sup>30</sup> “Serra Catarinense”, recebem desta classificação categorizações C e D. Essa categorização considera que alguns municípios podem conter entraves e carências em determinados aspectos que envolvam turismo e crescimento deste setor. Se tomarmos como parâmetro essa categorização, observamos que a grande maioria dos municípios do Brasil não ocupa as posições mais positivas, e nesse sentido a classificação de Bom Jardim da Serra e também de São Joaquim não destoam de uma tendência observada. Ao contrário das demais peças publicitárias ou reportagens que enaltecem a região como sendo uma região de alto destaque no mundo do turismo, o órgão federal divulga dados que correspondem muito mais à realidade que observamos *in loco* e em dados socioeconômicos.

Para se ter uma ideia, a publicação<sup>31</sup> do site G1/Globo, do dia 12 de julho de 2016, revela a posição de alguns municípios de Santa Catarina após essa

<sup>30</sup> Mapa do Turismo Brasileiro 2016 foi publicado pela Portaria n. 172 de 11 de julho de 2016. Em Santa Catarina, o mapa passou de 10 para 12 Regiões Turísticas: Caminho dos Canyons, Caminho dos Príncipes, Caminhos da Fronteira, Costa Verde & Mar, Encantos do Sul, Grande Florianópolis, Grande Oeste, Serra Catarinense, Vale do Contestado, Vale Europeu, e as novas: Caminhos do Alto Vale e Vale das Águas. A participação dos municípios também aumentou de 132 para 184.

<sup>31</sup> G1. 12 julho de 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/07/sc-tem-184-cidades-com-potencial-turistico-segundo-lista-de-ministerio.html>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

categorização. A reportagem sinaliza que Santa Catarina possui 184 cidades com potencialidades turísticas, segundo o Ministério do Turismo. Portanto, compreendendo a posição de Bom Jardim da Serra nesta categorização, em que se apresenta um turismo ainda de forma tímida, partimos dos dados coletados expondo inicialmente como o turismo está presente na vida dos moradores de Bom Jardim da Serra, observando sua função como fonte geradora de renda e emprego.

## **2.2 Economia e oportunidades de renda em Bom Jardim da Serra**

Observando o comportamento da economia local por meio das informações oficiais que divulgam possibilidades no campo do emprego e da renda no município, vemos que os dados atuais demonstram uma realidade não conectada e presente com os discursos revelados acima.

Bom Jardim da Serra, município pertencente ao destino turístico conhecido como “Serra Catarinense”, possui 4.395 habitantes e 1.224 pessoas consideradas PEA (População Economicamente Ativa), segundo os dados do (IBGE, 2010). No campo do trabalho e da renda, alguns membros da população encontram-se distribuídos sobre os 302 estabelecimentos nos quais geram 436 vínculos empregatícios, segundo os dados do Ministério do Trabalho (MTE, 2016). Dessa forma, a realidade que se prescreve é de 3,56% apenas da população assegurada em termos de rendimentos com carteira assinada.

Dos setores da economia que permitem oportunidade de trabalho, observa-se limitação e pouca oportunidade. Os primeiros setores em geração de emprego são o comércio e serviços. Estes contemplam 192 estabelecimentos com 184 vínculos empregatícios no total. A população amparada pelo comércio e serviços encontram-se distribuída nos seguintes segmentos: lojas varejistas e atacadistas, instituições de crédito e seguros, administradoras, serviços médicos e ensino.

Interessante ressaltar que, do campo das atividades turísticas, os serviços que envolvem o turismo já estão inseridos no ramo supracitado. Das práticas que amparam o segmento da hospedagem e do setor alimentício, existem 85

estabelecimentos no município, abarcando 91 vínculos empregatícios formais. Portanto, observa-se que no campo da empregabilidade e obtenção de renda fixa não se tem uma realidade visível e predominante no município.

Um dos ramos que possibilitam renda e empregos formais origina-se das atividades agropecuárias: agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. As práticas contemplam 124 vínculos empregatícios formais distribuídos em 79 empresas, segundo o Ministério do Trabalho (2016).

Diante dos dados acima, abre-se espaço quando se fala em turismo e emprego. Os vínculos empregatícios e garantias no município são algo delicado e limitado, haja vista que seu território possui limitações no campo da empregabilidade em outros setores, como o da indústria. Não há praticamente indústrias no município, existe uma limitação nesse ramo que pode ser observada quando se computam 16 estabelecimentos e somente 23 vínculos empregatícios no ramo da indústria de transformação.

Dessa forma, os dados pontuados acima refletem uma situação delicada com relação à sobrevivência no município. Esses dados acabam revelando uma população muito pequena com vínculos empregatícios. Outro ponto considerável divulgado pelo IBGE no ano de 2010, considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, Bom Jardim da Serra possuía, em 2010, 34% da população nessas condições, vivendo com valores mensais abaixo na média nacional. Dessa forma, tem-se aproximadamente 1.633 pessoas na cidade em situação de pobreza, segundo os dados do IBGE de 2010.

O fato é que algumas práticas de cultivos agrícolas, serviços e comércios acabam possibilitando renda fixa somente para uma parcela limitada da população. Das práticas econômicas no município, o cultivo de maçã torna-se caminho e alternativa para obtenção de renda. Segundo Gasperin (2010, p. 12):

A produção brasileira se baseia nos cultivares Gala e seus clones de melhor coloração e Fuji, os quais apresentam um alto grau de adaptabilidade nas condições da Região Sul brasileira. Estas duas cultivares são muito conhecidas hoje e são as mais procuradas tanto em nível nacional quanto internacional.

Também os dados oficiais da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), vinculados por meio do *blog*<sup>32</sup> da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), no dia 21/2/2017, com 971 visualizações:

[...] a cultura da maçã é responsável por 70% da economia dos municípios de Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Rio Rufino, São Joaquim, Urubici e Urupema, que compõem a região de altitude da Serra Catarinense e somam 11,4 mil hectares, 368 mil toneladas e 2,2 mil fruticultores.

Este fato conecta-se com as falas dos entrevistados quando mencionam as práticas econômicas no município que garantem renda. José<sup>33</sup>, quando fala da inserção dos pomares no município, cita que, “[...] no idos de 1985, 1988 nos relata a história que começaram os primeiros pomares de maçã, e a fruticultura passou a ser o que é hoje, só cresceu, até hoje só cresceu”. Também o mesmo revela quando questionado seu título de principal atividade agrícola município, ele responde, “sem dúvida, ela é o motor da cidade”.

Dos cultivos agrícolas em Bom Jardim da Serra, os pomares de maçã e a própria fruta sempre se destacam perante as diversas paisagens captadas durante as idas ao Planalto Serrano. São maçãs sendo ofertadas nos quiosques, geleias e sucos nas prateleiras, pomares e mais pomares dispostos por todos os lados. Também, existem práticas alternativas aliando maçã e turismo, sendo ofertadas na região. Em meio a este cenário, observa-se um sistema de “colha e pague” sendo ofertado na região, consistindo na oportunidade de os visitantes conhecerem os pomares, colherem os frutos e pagarem ao final do passeio.

Dessas ofertas disponibilizadas e das paisagens contempladas quando se visita a região, aparentemente tudo parece confortável, contagiante, divertido e saudável. No entanto, nem sempre isso é prática geral. A reportagem<sup>34</sup> do *site* Diário

---

<sup>32</sup> JV Ascom. Santa Catarina terá uma das melhores safras de maçã da história. Blog da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc). 24 fev. 2017. Disponível em: <<http://www.cidasc.sc.gov.br/blog/2017/02/24/santa-catarina-tera-uma-das-melhores-safras-de-macada-historia/>>. Acesso em: 27 out. 2017.

<sup>33</sup> José, 36 anos, professor e vereador no município. Trabalha e mora em Bom Jardim da Serra.

<sup>34</sup> Edson Rosa, Florianópolis. 19 abril de 2014. MP, Funai, e PF investigam trabalho escravo em pomares de maçã em Santa Catarina. **Notícias do Dia**. Disponível em:

do Dia, do dia 19/4/2014, vinculado em formato *on-line*, revela um lado obscuro que permeia a vida nos pomares, com o título “MP, Funai, e PF investigam trabalho escravo em pomares de maçã em Santa Catarina”, que deixa transparecer a realidade oculta e camuflada nos pomares da Serra Catarinense. Na reportagem, a realidade é revelada pela seguinte característica: salários abaixo da média e trabalho precário. Inclusive, segundo a reportagem, “a preferência no recrutamento é por jovens e solteiros, mas entre os trabalhadores há sexagenários”.

Vale lembrar que, para além dos jovens, solteiros, adultos, os trabalhos nos pomares atraem pessoas de todos os lugares em busca da sobrevivência:

[...] também são trazidos para os trabalhos sazonais na Serra catarinense homens e adolescentes de Lages e outras regiões de Santa Catarina. Na busca por braços fortes, atravessadores percorrem ainda cidades paranaenses, como São Roque, Guarapuava, Prudentópolis, interior do Rio Grande do Sul e São Paulo, e sobem Nordeste e Alagoas. (*Diário de Notícias*, 19/4/2014)

Geralmente, o que resta nesses espaços são rotinas árduas, trabalho pesado, acumulação de dívidas e um cansaço interminável ao final do dia. Como menciona a reportagem, “Meta é encher 50 sacolas de 70 quilos entre R\$ 35,00 a R\$ 38,00 por dia, dos quais ainda são descontadas as despesas ditas pessoais”.

Durante as entrevistas aplicadas e as conversas possibilitadas pelos caminhos percorridos, deparei-me com depoimentos que justificam essa luta pela sobrevivência e relação habitual que se tem com o trabalho. Sobre essa questão, resalto a fala de um de nossos entrevistados<sup>35</sup> que revela o seguinte: “todo mundo aqui, termina o ensino médio, mão de obra comum e que todo mundo sabe fazer é colher maçã, ralar maçã, trabalhar no pomar”. Dessa fala evidencia-se que para alguns membros da população, entre as alternativas que surgem para obtenção de renda, os pomares de maçã são o que prevalece. Não necessitando os jovens, em determinados momentos, finalizar o ensino médio para adentrar no campo do trabalho, cita a professora entrevistada<sup>36</sup>.

---

<<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/ministerio-publico-funai-e-policia-federal-investigam-trabalho-escravo-em-pomares-de-maca>>. Acesso em: 27 out. 2017.

35 José, 36 anos, professor e vereador no município. Trabalha e mora em Bom Jardim da Serra.

36 Sofia, professora e moradora. Trabalha na única escola estadual de Bom Jardim da Serra.

A maioria dos meus jovens, hoje, eles trabalham nos pomares meio período. Para ganhar o seu dinheiro, para ajudar em casa e comprar as coisinhas para eles. Isso eu vejo, principalmente os jovens. Tem alunos do Ensino Médio e também do Fundamental. Eles ganham por dia, e é claro que daí é trinta reais meio período que eu vejo. Eles acham vantagem porque eles não têm outra, é o dinheirinho que eles têm.

Inclusive, a professora revela que alguns alunos são filhos dos detentores dos pomares, que junto de suas famílias vivem da prática. Esses também acabam ofertando empregos aos seus amigos e companheiros de sala de aula. Segundo o presidente do Sitraf (Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar) do município, atualmente Bom Jardim da Serra possui 400 propriedades familiares, e nessas propriedades, segundo Ivo<sup>37</sup>, os jovens só ficam nas propriedades rurais onde tem perspectiva de crescimento: “[...] quem conseguiu comprar o seu trator, onde o jovem conseguiu ter sua luz, onde conseguiu sua casa”. Essas propriedades, por sua vez, destinam sua produção quase sempre para exportação:

Os produtos produzidos aqui, é tudo exportado. A maçã boa mesmo que agricultor familiar que produz, tudo exportado, as empresas que exploram o agricultor é daqui e de fora. Tem várias empresas. Resumindo, boa parte é apenas colhedor de maçã da empresa. (Ivo, presidente do Sitraf)

A situação da classe trabalhadora no segmento agrícola em determinados espaços rurais do município é de pobreza. Os residentes do Planalto Serrano enfatizam tal situação quando expõem que:

Tem agricultor nosso que não tem sete reais pra comprar um bloco de notas, a realidade é diferente. Tu vai visitar a realidade no interior, tem família que tem oitenta, cem reais de renda por mês pra dividir. Agora tu imagina!? É porque muitos vêm aqui e visitam três pomares grandes de maçã e acham que tudo é daquele jeito, vai no fundo lá no interior pra ver. (Ivo – Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar)

Das diferentes formas de sobrevivência e das tentativas frustradas de não conseguir vínculos empregatícios no município, alguns entrevistados revelam o problema da migração durante suas falas. O engenheiro agrônomo<sup>38</sup> morador do município revela que:

---

<sup>37</sup> Ivo, 43 anos, agricultor familiar e presidente do Sintraf.

<sup>38</sup> Istevão, 33 anos, engenheiro agrônomo e morador de Bom Jardim da Serra.

Em vez de crescer a população vem diminuindo. Na verdade tá ficando aqueles que tem como se virar e gostam daqui, porque se não, não fica. Eu saí, estudei e fiquei oito anos fora mesmo e depois de formado, porque eu gostava e voltei ganhando menos. É porque a gente quer ver a coisa crescendo daqui, né? Porque se não? Eu, na verdade, eu tive que conquistar o meu espaço. Eu cheguei e tive concorrência com gente daqui. (Istevão – Engenheiro agrônomo)

A migração acontece em grande parte por tentativas frustradas de não conseguir emprego e estabilidade. O entrevistado Sr. Paulo<sup>39</sup> revela que é comum moradores buscarem oportunidades no litoral ou em outras cidades do planalto:

Até esses dias teve uma amiga nossa, uma guria que gente sente, né?! A gente não quer que vá, mas igual ela disse, nós somos obrigado. Porque se não, nós vamos fazer o quê? O que ela disse – Não tem serviço, não tem! Não tem!! Foi embora pra Criciúma. Foi uns quantos embora. A gente sente, mas, né?! É assim, [...] Olha eu trabalhei de empregado 15 anos, daí nessa parte eu até eu lhe digo pra senhora.

O entrevistado ainda expressa na entrevista que a condição de vida na cidade parte de uma luta diária de sobrevivência, tanto para quem é trabalhador assalariado como para quem tem o seu próprio negócio.

Às vezes a gente não tem cinquenta agora, mas de tarde a gente tem, né? Às vezes falta um arroz hoje cedo. A gente diz: ah não tem?! Um café que seja, mais a tarde já temos. E eles coitado que trabalham braçal, a senhora me diga? Como? O que eles vão dizer para as crianças?

Há também moradores que enxergam a realidade sob um viés otimista em relação a disponibilidade de emprego e diminuição dessa evasão. José<sup>40</sup> e Antônio<sup>41</sup> citam que a evasão já foi pior, e que hoje ela é pequena se comparada aos anos anteriores. José expõe que:

Ela é muito pequena, mas eu percebo também pela relação que gente tem com as famílias e conhece as pessoas, eu percebo retorno muito grande de jovens que vão e se formam e fazem cursos, e que não alcançam oportunidade no mercado de trabalho. Muitos voltam para trabalhar com seus pais, muitos até têm oportunidades no mercado de trabalho, mas voltam a trabalhar com seus pais, porque veem a possibilidade de ajudar e empreender, eu conheço alguns jovens. [...] Hoje eu vejo bastante jovem trabalhando no nosso comércio, no setor público, vejo trabalhando na área rural com as profissões inerentes na área rural, na engenharia agrônoma, veterinária e áreas afins do setor rural.

---

<sup>39</sup> Paulo, proprietário de um quiosque na cidade.

<sup>40</sup> José, 36 anos, professor e vereador no município. Trabalha e mora em Bom Jardim da Serra.

<sup>41</sup> Antônio, proprietário de uma pousada e servidor público na Prefeitura Municipal de Bom Jardim da Serra.

A visão de que a cidade está passando por mudanças e que a economia local se apresenta em progresso contínuo é comum nos discursos do empresariado e dos membros da sociedade vinculados à gestão municipal. O progresso aliado aos novos investimentos que surgem, as novas empresas que entram, em parceria com os agricultores, para alguns entrevistados dão todo suporte e incentivo à permanência ou ao retorno dos jovens ao município. Quem possui propriedade ou bens acaba retornando para administrar os patrimônios familiares, esses enxergam oportunidades no município.

Já o entrevistado Antônio<sup>42</sup>, funcionário público em Bom Jardim da Serra, cita que a fruticultura e o turismo no município estão remunerando bem. Chega a afirmar que os moradores da cidade que trabalham no ramo da fruticultura possuem equipamentos eletrônicos, carros e casas com boa infraestrutura.

[...] tem uma família ali de o pai e a mãe, mais dois, três filhos. Cada filho que trabalha na fruticultura ganha cem reais por dia, então nessa família ganha 500 reais por dia, se trabalharem os cinco, ou quatro, 400 por dia. Trabalham em média vinte dias, três vezes quatro, oito. Se tu for ali, vai ter umas casinhas lá no meio mauzinhas. O serrano é meio desleixado, mas todos eles têm SKY, todos eles têm celular de mais de mil. Tu vai ver lá. Quase todos têm carros bons, carros populares, mesmo lá no bairro, mesmo lá no bairro. Tu entra dentro das casas deles, por fora a casinha é feinha, mas tu entra tem geladeira, tem televisão (de LED), tem micro-ondas e um bom banheiro. Eu trabalhei com isso aí, uma das coisas que se procura ver quando tu entra na propriedade pra fazer, quanto tu quer, tu vê pelo banheiro. Se o banheiro foi um banheiro bom, é sinal que a família tem um grau cultural mais elevado.

A realidade descrita por parte de alguns moradores é de uma cidade com relações de trabalho atreladas a práticas agrícolas e ao turismo, e que o turismo está em processo de crescimento. A esse respeito, Istevão menciona que, “[...] se não for da agricultura, é do turismo. Como falei, 25% do pessoal aqui vive do turismo. O turismo pode com certeza ser fonte de renda, não é à toa que o pessoal tá querendo isso, está mudando”.

A ideia de que o turismo está abarcando cada vez mais mão de obra e oportunidades revela-se quando alguns moradores acreditam que 25% da população liga-se de alguma forma com o turismo. A ideia é difundida muitas vezes, pela visão

---

<sup>42</sup> Antônio, proprietário de uma pousada e servidor público na Prefeitura Municipal de Bom Jardim da Serra.

que se tem, de que todas as atividades econômicas no município são promovidas e se conectam de alguma forma com os visitantes. A teoria de que o funcionário do mercado tem emprego graças ao visitante que circula é difundida. A ideia de que os trabalhadores nos pomares e nas épocas de colheita de pinhão são assegurados pelos visitantes que consomem tais produtos torna-se verdade no meio.

No entanto, quando se observam os dados divulgados pelos órgãos parceiros do governo, quando divulgam resultados das pesquisas, a realidade mostra outras configurações. Segundo o estudo promovido pelo Sebrae (2012), intitulado “Levantamentos de oportunidades no município”, tem-se com maior significância oportunidades de emprego nas atividades vinculadas a administração pública, defesa e seguridade social, com 37,89%. Em segundo, abarcando 27,17% da população com relações de emprego, aparecem as atividades agropecuárias (agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura). Se observamos as atividades ligadas ao ramo do turismo, estas somam apenas 11,09%, com empregos ofertados no ramo de hospedagem e alimentação.

Outra ideia similar, de que o turismo é atualmente um dos setores que mais emprega e possibilita renda, é citado por Maria:

Pessoal tá vendo como fonte de renda e, querendo ou não, nós viemos fazer isso. [...] Então! Eu vejo isso, que primeiro eu acho muito que gente daqui está investindo no turismo. Foi preciso vir os de fora, fazer isso primeiro para depois eles perceberem. [...] Mais pessoas estão investindo, depois que viram que o negócio pode dar certo, mais pessoas, direta ou indiretamente, tão atuando no turismo.

Os empreendimentos instalados nos últimos anos, as ofertas oriundas de outras regiões sobre o território bom-jardinense, são colocados como incentivadores para investimentos de base local no ramo do turismo. A possibilidade de ganhar dinheiro, percebendo enriquecimento por parte de alguns idealizadores, toma conta dos pensamentos de uma parcela da população.

Durante a entrevista com dois irmãos<sup>43</sup> residentes no município, e que prestam serviços na área de agronomia atualmente, Istevão cita a vontade de trabalhar com o turismo no futuro, “[...] gente tem vontade. Até estávamos pensando em fazer uns chalés. Mas é cinco mil reais cada um. Tem esses projetos, 30 mil reais pronto. E mais

---

<sup>43</sup> Anita e Istevão, irmãos e moradores de Bom Jardim da Serra.

a mobília? Tudo fica em 50 mil o investimento. Além dos custos para adentrar no ramo do turismo, alguns moradores revelam a falta de incentivo do Estado. Ivo<sup>44</sup> afirma que muitos agricultores podem obter renda através do turismo. No entanto, segundo Ivo, muitos agricultores não investem no turismo, pois acreditam na ideia de que, “tem que vim o salvador da pátria para Bom Jardim, para desenvolver o turismo”. Para o entrevistado, a inserção do agricultor no ramo do turismo deve partir do Estado, promovendo capacitação ao agricultor familiar, para que o agricultor possa ganhar dinheiro.

Na contramão de Ivo, José, vereador e professor no município, afirma que “a vinda de novos empreendimentos, sem dúvida, é importante para geração emprego e renda, é sempre uma alegria receber as pessoas aqui”. O morador acredita que Bom Jardim da Serra possui características determinantes que direcionam e favorecem a inserção do turismo como prática geradora de renda. Ele complementa suas ideias, com base no argumento de que:

O nosso povo por si só, ele é hospitaleiro. Não há uma percepção geral da importância de atender bem, não há uma percepção técnica, estudada, ensinada. O que há é espontâneo, porque ele é intrínseco das pessoas. É das pessoas daqui tratar bem os outros [...]. Há um tratamento muito, muito cordial, é claro, de uns tempos cá, por conta dos empreendimentos turísticos e da qualificação dos trabalhadores.

A ideia de vocação para práticas turísticas nos depoimentos e argumentos em defesa do turismo parte das ideias e das construções ideológicas que se tem do povo serrano, bem como das manifestações em defesa dos moradores, baseadas no discurso de população cordial, hospitaleira e receptiva. Essa ideia se repete por entre as entrevistas aplicadas. Istevão também defende essa ideia, quando menciona:

O povo serrano em si, é muito acolhedor, né?! [...] O pessoal fala, ah! o serrano é brabo. Mas não, não é verdade. É assim. Tu chega aqui, chega um turista, quantas vezes o pessoal vai passando devagarinho, às vezes, e a gente pergunta: O senhor precisava de alguma coisa? Precisava de uma informação, de alguma coisa? O serrano é acolhedor!

Outro entrevistado também pontua as características locais que contribuem para a execução de práticas turísticas por conter tais comportamentos:

---

<sup>44</sup> Ivo, 43 anos, agricultor familiar e presidente do Sitraf.

[...] embora o pessoal tenha uma visão que o serrano é violento e tal. [...] Mas nós somos um povo extremamente pacífico, e como nós somos uma região que somos unidos pelo tropeirismo, nós somos extremamente acolhedores, né? Tem muitos clientes nossos que vão para o Rio Grande do Sul, para São José dos Ausentes, e eles vão por aqui. São 120 quilômetros de estrada de chão, e eu sempre digo pra eles o seguinte. Se acontecer algum problema no carro, a primeira casa que vocês chegarem, você para e diz assim: Olha! Eu estou com problema e tal. Eles vão te abrigar. O que o senhor quer e tal – Estou com fome, eles vão botar o que tem na mesa para o senhor comer. Então isso aí, que faz parte dessa hospitalidade, herança desse ciclo do tropeirismo. (Antônio, morador e empresário)

A defesa de que as heranças deixadas pelas práticas econômicas do passado auxiliaram na formação do povo é fixada nos discursos dos moradores. As práticas dos tropeiros, bem como a circulação deles, forneceu ao longo dos tempos elementos que colaboram para práticas turísticas atuais, que abarcam hospitalidade, acolhimento e cordialidade.

Diante disso, José<sup>45</sup> também se posiciona pela ideia dos benefícios para todos os moradores do município, quando os visitantes optam por circular e visitar Bom Jardim da Serra.

[...] o turismo faz parte da renda de muitos moradores, faz parte, porque os da área rural produzem maçã, é um dos produtos mais procurados para compra aqui. O pessoal da área rural, alguns hoje em dia trabalham com passeios, com passeios em suas propriedades. A propriedade tem uma cachoeira bonita, tem cânions, alguns já exploram isso, já exploram isso. O turista gasta no comércio, o comércio pode empregar. O fruticultor gasta no comércio. Tudo isso vem ao encontro. Alguns têm medo ainda, porque não veem ali uma atividade lucrativa, mas, já foi mais, já foi pior.

A ideia de que já foi pior a relação entre a prática econômica do turismo e os moradores é compreendida pelo morador, pelo fato de que houve uma evolução das práticas, em função dos novos empreendimentos de base local, vistos e fundados nos últimos anos pelos moradores bom-jardinenses. No passado, os distanciamentos entre as comunidades rurais e a parte urbana, as dificuldades de acesso às propriedades e a informação impediam que as práticas se instalassem. O que o vereador enxerga é que o turismo já está incutido na vida e nas atividades lucrativas de uma parcela significativa da população.

O morador Antônio também acredita que já foi pior, quando cita que “acho que 95% dos empreendimentos aqui, com exceção do Islon aqui, que não é daqui, e o

---

<sup>45</sup> José, 36 anos, professor e vereador no município. Trabalha e mora em Bom Jardim da Serra.

sócio do Hotel Rota dos Cânions, acho que são tudo pessoas daqui”, afirmando que o turismo de base local é uma realidade atualmente no município.

No entanto, pelo lado oferta de emprego, o empresário Islon<sup>46</sup> revela ser a parte mais complicada. Para ele, existe um certo descompromisso por parte dos moradores no município:

Nós desenvolvemos um programa de meritocracia que tem trinta tipos de prêmios. Nós temos 32 funcionários, é todo mundo registrado, é tudo certinho. Nós ainda demos uma premiação para os funcionários com mais um ano de casa, eles ganham mais por mês, tem dois anos, ganham mais do primeiro ano. Eu tenho 32 funcionários, mais já passou mais de 300 em 18 anos aqui. A saída é motivada porque é um pessoal meio descompromissado, assim. Por causa de 200 reais a mais já estão saindo. Então a gente está procurando criar uma cultura dentro da empresa, trazendo psicóloga contratada, assim para ver se conseguimos trabalhar isso. Procurar olhar o lado de cada um, os problemas de cada um, procurando resolver. E se não se enquadrar dentro do nosso sistema tem que ser expurgado logo, né?!

Para o empreendedor acima, as insatisfações por parte dos funcionários devido aos salários pagos causam transtornos aos serviços ofertados no município. As saídas constantes dos funcionários insatisfeitos geram prejuízos, e isso é um dos entraves quando se busca desenvolver a economia de Bom Jardim da Serra pelo turismo. Por isso, em virtude desses entraves, criou-se dentro do empreendimento dele um lema para reforçar a importância do funcionário ao estabelecimento: “Nos ajude a ter sucesso, a tratar bem o hóspede, para assim obter melhores salários”.

Em virtude das dificuldades já citadas por alguns moradores no segundo subtítulo deste capítulo, com relação aos entraves na obtenção de vínculos empregatícios, assim como as relações explanadas acima, em que ocorrem insatisfações quanto ao salário pago, observa-se que tais ações ocasionam dificuldades para se alcançar estabilidade financeira e melhorias na qualidade de vida da classe trabalhadora. E, diante disso, são forçados a buscar empregos em outras cidades ou regiões de Santa Catarina.

Este fato deve-se em partes aos aspectos ligados à sazonalidade pelas poucas práticas econômicas disponibilizadas na região. Como visto anteriormente, existem somente cerca de 436 vínculos empregatícios, segundo os dados do Ministério do Trabalho (MTE, 2016). Diante disso, tem-se duas questões que merecem destaque,

---

<sup>46</sup> Islon, engenheiro civil e proprietário de um empreendimento de hospedagem e lazer no município.

começando pela cultura da maçã como cultivo temporário e pela ideia do turismo de frio que se faz presente na região, devido às temperaturas negativas com ocorrência de neve em determinadas épocas do ano.

Alguns moradores revelam o quão pesada é a luta dos trabalhadores quando a empregabilidade acontece de modo temporário e na informalidade. Paulo<sup>47</sup> pontua:

Nessa época aqui (janeiro), se a senhora sair aqui, fizer uma pesquisa, está todo mundo desempregado. Está todo mundo desempregado. Aqui na nossa região, só maçã, só maçã. Então ela tem dois meses de raleio, o pessoal trabalha aqueles dois meses. Depois o pessoal tem que esperar até fevereiro pra colher a maçã. Trabalha mais três meses colhendo a maçã, e daí é seis meses parado de novo.

O raleio é a “retirada ou eliminação do excesso de frutas produzidas pela planta, bem como daquelas defeituosas ou não desejáveis”, cita Mondin (2011). Nessa época, que dura aproximadamente dois meses, segundo Paulo, é época dos empregos temporários, obtendo-se, dessa forma, ganhos rentáveis para sobreviver até a colheita. A época do raleio é de outubro até dezembro, e após isso ocorrem contratações temporárias de fevereiro até maio, destinadas somente à colheita.

Segundo Petri (2008, p. 6), o raleio é feito visando uma qualidade das frutas produzidas, e essa prática necessita de muita mão de obra:

O raleio manual, principalmente em grandes áreas, além de ser uma prática que exige grande mão de obra, tem um alto custo e é concluído muito tarde, com o que se perdem as vantagens do raleio no aumento dos frutos e na floração do ano seguinte.

Assim, observa-se que, quando surgem oportunidades na prática do raleio em grandes propriedades no município, logo acabam empregando um número alto de desempregados, injetando assim um pouco de renda naquele período da vida das famílias necessitadas.

Paulo<sup>48</sup> ainda afirma que a situação é complicada, e não entende como alguns moradores conseguem sobreviver quando dependem das atividades nos pomares. Cita, inclusive, que, “se vocês chegarem ali, muitas vezes tem uma criança que não tem um café para tomar, isso digo porque eu ando nas casas, não tem! Não tem! E não porque seja vadio, [é porque] não tem serviço”.

---

<sup>47</sup> Paulo, proprietário de um quiosque na cidade.

<sup>48</sup> Paulo, proprietário de um quiosque na cidade.

O morador menciona, inclusive, que a mesma dificuldade que um trabalhador nos pomares passa, ele mesmo também passa. Cita que, para sobreviver vendendo produtos no quiosque, depende do fluxo dos visitantes dia após dia. Paulo, em tom de desabafo e indignação da vida que alguns levam, cita:

[...] essa parte dessas vendas nos quiosques assim. Às vezes a gente não tem cinquenta reais agora, mas à tarde, a gente tem, né?! É assim. Às vezes falta arroz, e a gente diz: ah não tem?! Um café que seja. Mas à tarde já temos. E eles? E eles coitados que trabalham no braçal. A senhora me diga? Como? O que eles vão dizer para as crianças?

A solução muitas vezes encontrada é seguir para cidades vizinhas, praticando uma espécie de migração sazonal, pois o desejo de permanecer no local de origem torna-se limitado, e quando não resta outros meios de renda, os moradores sem carteira assinada e trabalho fixo são forçados a procurar emprego em outras regiões. O próprio morador Paulo diz:

[...] muitos aqui descem, descem Serra abaixo. Chegam lá, eles trabalham dois, três meses, e vêm embora, porque não aguentam o calor, não são acostumados no calor. Então é assim, daí eles acabam voltando e acabam vivendo do jeito que é. Se um dia eles têm café pra tomar, eles tomam. Se um dia não têm, se têm um almoço, uma carne, um arroz e feijão, eles comem, se não têm, eles não comem, e é assim.

As dificuldades de obtenção de renda fixa refletem no ritmo de consumo no município. A grande maioria da população não possui renda fixa e condições dignas de trabalho. Sendo assim, poucos possuem acesso e consumo de mercadorias no município. Esse fato pode ser presenciado pela fala de Istevão:

[...] básico tu encontra. Mas, se tu precisa de alguma coisa mais específica, você tem que sair. [...] Se você precisar comprar hoje um pneu, você não acha. E se tiver, é pouca opção. Então, com certeza o preço que você irá pagar lá fora, já compensa a viagem [...] Nosso canal aqui é comprar em São Joaquim ou Orleans. Tanto é que, que a gente sai pra fazer o rancho lá, né?

A pouca variedade de produtos e marcas, as aquisições limitadas refletem na baixa oferta de consumo no mercado local. Pois, devido às características marcantes de sazonalidade e do trabalho informal, muitos não conseguem créditos para aumentar seu poder de consumo e nem sempre conseguem desfrutar de novos e diversos tipos de produtos. Uma das justificativas apontadas pela entrevistada é que

os donos do comércio limitam as variedades dos produtos em seus comércios devido à baixa procura. A entrevistada Maria<sup>49</sup> coloca seu ponto de vista quando menciona:

[...] gente sabe que boa parte da população de Bom Jardim não tem um poder aquisitivo muito alto. Então, não adianta você trazer uma coisa, que você sabe que não cabe no bolso dessa faixa da população, porque você sabe que não vai ter retorno. Então, ninguém investe muito nisso. Meu pensamento, pelo menos, não faz lógica, eu não abriria por exemplo uma loja com produtos que sejam um pouco acima da média. Porque eu sei que não iria ter muita demanda. Se você vende uma coisa que não é muito, muito cara, mas daí você ia ter que trabalhar com parcelamento, com crediário. E aí o nível de inadimplência, provavelmente, é bem alto.

Dessa forma, a soma das migrações em busca de emprego e renda, mais a falta de relações de trabalho fixo, já pontuadas, refletem sobre o modo de vida que se leva na região. A vida carregada de indecisões, com ganhos e perdas, traz consigo instabilidades e declínios que se perpetuam sobre seu local de sobrevivência. Essa ideia pode ser compreendida quando se entende que a consequência da migração será percebida para cada cidadão ou família, quando, a cada novo ano, um novo cálculo de vantagens de permanecer ou migrar será avaliado por eles (WOORTMANN, 1990).

No entanto, para este fato surgem pontos de vista que contrariam a realidade percebida por alguns anteriormente. O morador Islon<sup>50</sup> compreende que essa realidade na atualidade é outra. Ou seja, nas atividades turísticas, por exemplo, existem clientes praticamente o ano inteiro.

Nós temos menos sazonalidade que o litoral. Os dois meses do litoral, janeiro e fevereiro, são os meses fortes. Nós é junho e julho. Os nossos meses fracos não são tão fracos como o do litoral. Então, por exemplo, nossos meses mais fracos é novembro até o 23, até 25 de dezembro. Réveillon já acontece 100% e daí, depois dia 1 baixa um pouco e vai de uma crescente até final de agosto. Você tem que ter criatividade, criar eventos para essas épocas de baixa.

Para o empreendedor, a realidade vista por alguns com limitações no campo do trabalho devidas à sazonalidade empregatícia não é percebida por ele. Ele sinaliza, em sua fala, que, diferentemente do litoral, toda circulação de visitantes na região ocorre com maior frequência de que no litoral. E que para ocorrer estadia todos os

---

<sup>49</sup> Maria, moradora e proprietária de uma empresa de passeios turísticos na cidade de Bom jardim da Serra/SC. Presidente da ABT (Associação Bonjardinense de Turismo) no ano de 2016.

<sup>50</sup> Islon, engenheiro civil e proprietário de um empreendimento de hospedagem e lazer no município.

meses, cada empreendedor tem que criar e recriar atrações em períodos em que ocorre baixa demanda. Ele ainda sinaliza que, no seu empreendimento, os funcionários são fixos o ano inteiro, inclusive, ele pontua, “eu não demito um funcionário”.

Além das questões envolvendo baixa demanda de oferta de empregos, já pontuadas, também podemos respaldar neste capítulo a luta pelo espaço urbano e rural, composta por entraves de acesso aos lugares e distanciamentos das camadas sociais que convivem no mesmo espaço.

Das relações que envolvem disputa por espaços, por exemplo existe o caso revelado pelo entrevistado Paulo<sup>51</sup>. O entrevistado revela um fato do passado que ocasionou a perda do local de trabalho no mirante da Serra do Rio Rastro. O fato lembrando por ele é baseado no discurso de que “só os fortes que ficaram lá”.

Paulo, ainda indignado, conta que antigamente, na década de 1990, só ele trabalhava no mirante da Serra do Rio do Rastro. Também afirma que foi ele que começou com a venda de alimentos e lanches naquela região.

Há vinte anos atrás era só eu que trabalhava. Eu trabalhava no mirante, na descida da Serra e depois consegui no mirante. Era só eu. Daí fiquei trabalhando no mirante e depois o DER (Departamento de Estradas e Rodagens) foi lá e me tirou do mirante e botou outro. [...] Eu não saí na verdade, eu não quis sair. Mas veio o oficial de justiça e trouxe a intimação, veio ele mesmo. Daí eu peguei e fiquei mais um pouco, dali se ajeitou um negócio. Eu vendi para um senhor [...] Vendi meu quiosque e hoje ele está lá e eu estou aqui.

A ideia que se transmite por Paulo é de que há disputas por espaços estratégicos no município, no qual os locais com fluxo maior de visitantes foram perpetuando-se ao longo dos tempos, ocasionando manobras e perda de espaços. Assim, para Paulo, conforme as facilidades de acesso foram sendo concluídas, novos empreendedores buscaram conquistar os espaços já firmados por outras pessoas. Tal fato só foi possível porque, segundo o entrevistado, algumas pessoas tinham posições superiores e informações privilegiadas.

As lutas por espaços, as alternativas que se encontram para vender algo e lucrar, em determinadas épocas no município é constante. Enquanto uns disputam

---

<sup>51</sup> Paulo, proprietário de um quiosque na cidade.

um único emprego, outros acabam exercendo mais de uma função. Fato verificável após a conclusão e a análise das entrevistas. Alguns entrevistados acabam exercendo dupla função. Um dos entrevistados era funcionário público e dono de hotel, já o outro, vereador e professor, por exemplo.

O mundo do trabalho no município configura-se assim, com interesses distintos, sendo que os sujeitos envolvidos com as atividades têm ambições variadas. Uns querem somente emprego e renda fixa, outros desejam acumular dinheiro e investir no setor com base nos empreendimentos formulados por eles, a partir de ideias lançadas e materializadas no espaço.

Este fato pode ser compreendido quando se verifica a história envolvendo os caminhos percorridos por um casal, que conquistou permissão para construção de um estabelecimento no mirante da Serra do Rio do Rastro. A reportagem<sup>52</sup> vinculada no dia 14/11/2010, no *site* SerraSC, com o título “Mensageiro da Montanha: café e informação turística no mirante da Serra do Rio do Rastro”, mostra os caminhos percorridos por um casal de aposentados que criou um projeto e o materializou no mirante:

Moradora de Bom Jardim da Serra, Sandra conta que sempre pensou na “pós-aposentadoria”. Queria achar um jeito bom e saudável para continuar a vida. Numa conversa com diretores da Secretaria de Desenvolvimento Regional de São Joaquim, surgiu a ideia de construir um estabelecimento de requinte, qualidade e boa recepção. Daí para frente, o jeito era elaborar um projeto bem feito, bem coordenado e deu no que deu. Hoje o Mensageiro da Montanha Café é uma referência tanto para quem sobe ou para quem desce a Serra. Serve-se lá um café expresso, um *cappuccino* de dar inveja. Sandra brinca dizendo que, “além do café, praticamos um verdadeiro serviço de utilidade pública”, se referindo às centenas de informações sobre os caminhos da região. Antes mesmo da aposentadoria, Sandra e Janor até pensaram em ir embora. Porém, o apego com as coisas da terra os amarrou. E muito bem amarrados. Antes, é bom ressaltar que o dia a dia de Sandra não era muito fácil. Trabalhava em São Joaquim de segunda a sexta-feira. E nos fins de semana passeava com o marido, ia até o mirante e imaginava: “O que fazer para ficar por aqui mesmo?”. Foi percebendo o desleixo com o mirante que apareceu uma conversa com Luiz Sprícigo, da SDR. Como a área pertence ao Estado e com um projeto na cabeça, tudo se encaminhou. Hoje o Mensageiro da Montanha recebe visitantes e turistas de todo o mundo. Basta dar uma olhadinha no livro de visitas. Tem gente da Alemanha, dos Estados Unidos, do Japão, da Itália... Enfim, foram três anos de espera, passando desde a Assembleia Legislativa até a licitação pública.

---

<sup>52</sup> Mensageiro da Montanha: Café e informação turística no mirante da Serra do Rio do Rastro. SerraSC. 14 de junho de 2010. Disponível em: <[http://www.serrasc.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=550:mensageiro-da-montanha-referencia-ao-desbravador-da-serra-do-rio-do-rastro&catid=407:noticias](http://www.serrasc.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=550:mensageiro-da-montanha-referencia-ao-desbravador-da-serra-do-rio-do-rastro&catid=407:noticias)>. Acesso em: 5 nov. 2017.

Assim, verifica-se a partir da história acima, ou as demais relatadas, que cada sujeito bom-jardinense adquire seus espaços, objetivados pelo fator trabalho e renda. Uns decidem pela ocupação indevida, outros buscam os meios burocráticos e dentro da lei para idealizar seus projetos.

Outro fato identificável é que cada morador expõe sua visão e o seu ponto de vista de acordo com seu local de vivência e circulação. Essas maneiras e situações vivenciadas fortalecem ideias de crescimento econômico pautado no seu estilo de vida e condição particular de cada sujeito.

### **2.3 Estado e o turismo (projetos, obras de infraestrutura): a ação do Estado e práticas econômicas fixadas nos espaços**

Como vimos antes, foi pelos caminhos desbravados pelos tropeiros que Bom Jardim da Serra desmembra-se do município de São Joaquim, e, em virtude dos primeiros trechos pavimentados da Serra do Rio do Rastro, que veículos começam a circular pela região. Também, pelos cultivos agrícolas adaptáveis ao tipo climático encontrado no Planalto Serrano, uma parcela da população consegue obter renda pela terra. No entanto, essa terra, para além das atividades agrícolas, tem o turismo utilizando-se dessa base.

Das diversas atividades reconhecidas no território, esta última, na visão dos moradores, surge timidamente após um sucesso de ações por parte dos empresariados, bem como pela posição estratégica do município em relação ao planalto e o litoral.

A ligação entre o planalto e o litoral sempre foi necessária para as práticas econômicas do Planalto Serrano. Das necessidades das tropas de gado para chegar ao seu destino final, o porto de Laguna, e dos objetivos para se encurtar caminhos, eis que a abertura e a pavimentação da Serra do Rio do Rastro é realizada. O entrevistado Sr. Antônio<sup>53</sup> cita que “o tropeirismo foi fator fundamental para fixação do homem na região, pois as tropas que seguiam para o litoral desciam a Serra, e as grandes tropas de muares acabavam passando pelo atual território de Bom Jardim da Serra”.

---

<sup>53</sup> Funcionário público e proprietário de uma pousada na cidade de Bom Jardim da Serra/SC.

Alguns escritores também fazem a relação da abertura da Serra do Rio do Rastro com a região, quando afirmam que trouxe grandes melhoramentos para a região serrana e para a região do litoral sul (BITTENCOURT, 1990). Esses melhoramentos citados abrangem fixação dos primeiros núcleos de povoamento na região do Planalto Serrano e trocas comerciais entre o planalto e o litoral. As atividades econômicas atuais e instaladas no atual limite entre Lauro Muller e Bom Jardim da Serra, próximo aos peraus da Serra do Rio do Rastro, também foram influenciadas pela movimentação intensa dos cargueiros que subiam e desciam por esse acesso.

Outro fato é que a construção das estradas por toda a região potencializou para que novas práticas agrícolas e serviços se instalassem. Segundo estudos que citam a Serra do Rio do Rastro, por exemplo, revela-se que inicialmente ela foi aberta por moradores locais para facilitar o contato com os centros de distribuição no litoral. Com o passar do tempo, a pequena trilha até então aberta tornou-se realmente estrada durante o período do governo de Vidal José de Oliveira Ramos, em 1902, que ampliou o acesso e facilitou os escoamentos dos cultivos produzidos na região. No entanto, após décadas sem mudanças nesse sentido, somente em 1954, no governo de Irineu Bornhausen<sup>54</sup>, é que transformações maiores em seu traçado foram concretizadas. Segundo Souza (2002, p. 81, apud JUSTI, 2007, p. 23):

A estrada entre Novo Horizonte e Bom Jardim da Serra recebeu um incentivo substancial do governador Sr. Irineu Bornhausen, eleito na década de 50, pela coligação UDN/PTB, que autorizou a abertura do trecho entre o Km 10 até a saída em cima da Serra. Para a abertura os empregados trabalhavam amarrados pela cintura, para a perfuração e detonação de pedras; havia outros que executavam tarefas menos importantes, inclusive alguns perderam suas vidas em virtude do grande perigo enfrentado. A carbonífera Barro Branco auxiliou na construção emprestando compressores e outros materiais necessários. Porém, o maior incentivador da estrada foi o Sr. João Corrêa de Bittencourt, que, sendo comerciante e fazendeiro, com terrenos no município vizinho, não mediu esforços para concretização da obra, a fim de

---

<sup>54</sup> Segundo Goularti Filho (2005, p. 632), foi no governo de Irineu Bornhausen que a primeira experiência de planejamento em Santa Catarina foi executada, através do POE. [...] A sustentação financeira seria dada pelo aumento de 20% no Imposto Sobre Vendas e Consignações (IVC), e os recursos deveriam ser destinados aos seguintes programas: estrada de rodagem, 45%; energia elétrica, 35%; agricultura, 10%; e saúde e educação, 10% (Bornhausen, 1955). No entanto, Goularti Filho cita que na gestão de Irineu Bornhausen houve: elaboração do POE; construção de 572 unidades escolares, com o número de alunos matriculados na rede estadual com 32,9% de aumento das gestões anteriores, construção de 63% de unidades sanitárias a mais do que no governo anterior, e somente 12km de estradas pavimentadas.

viajar de Lauro Muller a Bom Jardim da Serra em automóvel e não em lombo de animais, condução usada até a década de 50.

Nessa época, a estrada teve alguns trechos modificados e veículos de pequeno e médio portes foram possibilitados de transitar. O entrevistado Sr. Ivo conta que seu pai:

[...] sempre contava quando ele passava a cavalo com as tropas de mulas. Meu pai acompanhou muito, ele e meu vô puxavam, vamos dizer, vendiam charque e maçã. Pra tu ter uma ideia, a maçã eles embrulhavam dentro de uma bruaca pra não bater as maçãs. Meu pai fazia muito disso, descia a pé.

A passagem necessária pela Serra<sup>55</sup>, para ligar a produção do planalto com o litoral, era sempre acompanhada dos obstáculos nos diversos percursos e pelas superações a cada viagem. As condições climáticas adversas (frio, chuva, neve, ventos), assim como as precariedades das estradas, só eram capazes de serem vencidas porque as práticas acumuladas com o tempo colaboraram com isso.

Durante toda essa época, entre os anos de 1902 até 1967, ano em que Bom Jardim da Serra se emancipa de São Joaquim, todos os campos de cima da Serra mantinham ligação com o litoral por meio dessa estrada. O mesmo acontece nos dias de hoje, em que as relações ainda são intensas entre essas regiões e a estrada continua sendo o eixo principal dos deslocamentos de pessoas e mercadorias produzidas em ambos os espaços.

O fator de dependência com relação à Serra é ressaltado por meio dos relatos ou mesmo por reportagens divulgadas nos canais de comunicação.

A notícia<sup>56</sup> divulgada pelo *Diário Catarinense*, do dia 31 de agosto de 2017, expõe um certo desabafo em função das constantes interdições que acontecem na Serra do Rio do Rastro e suas consequências. Com 172 curtidas na página social do Facebook do jornal *Diário Catarinense* e 32 compartilhamentos de matéria. Na ocasião, o morador e usuário da estrada envia o seguinte texto ao colunista do jornal:

---

<sup>55</sup> Lina (moradora e viúva de um tropeiro) presenciou bem essa época, de subida e descida das carnes produzidas nos campos de cima da Serra. Numa conversa em sua casa, relata que seu marido buscava semanalmente o charque para ser vendido em Orleans. Lina cita que praticamente a refeição de todo dia era à base de carne. Comia-se carne no café da manhã, no almoço e na janta. Hoje ela fala que não pode nem ver carne em sua frente, pois era só isso que se comia (Lina, conversa realizada no dia 7/2/2016).

<sup>56</sup> Cacau Menezes. Leitor alerta para interdições na Serra do Rio do Rastro. 31 de agosto de 2017. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/colunistas/cacau-menezes/noticia/2017/08/leitor-alerta-para-interdicoes-na-serra-do-rio-do-rastro-9884163.html>>. Acesso em: 27 set. 2017.

O Mizuno UphillMarathon, que fechará totalmente a Serra das 7h às 20h, o que vem causando transtorno enorme para as regiões Serras e Litoral Sul do nosso Estado, pois como sabemos é a única via que temos para fazer a ligação entre as duas regiões. Não é contra eventos na cinematográfica estrada, um dos pontos turísticos do Brasil, mas chama a atenção das autoridades que poderiam estudar maneiras de não atrapalhar o direito de ir e vir do cidadão, oferecendo alternativa, como liberação em alguns horários predefinidos, ou talvez fazer estas competições em horários noturnos, onde o fluxo de veículos é menor.

Diante da postagem na rede social, os comentários em virtude de tal reportagem geram revoltas, opiniões adversas e críticas quanto ao bloqueio citado. João no campo de comentários da página, faz o seguinte comentário, no dia 3 de setembro de 2017, às 15h36min: “Parabéns para quem inventou um evento desses, fecham uma rodovia aonde os turistas de fora vêm de muito longe para passear. É complicado, a gente trabalha a semana toda e programa um passeio em família, aí trancam tudo”. Já outro leitor, Irajá, menciona, no dia 31 de agosto de 2017: “Acho um absurdo fechar uma rodovia como esta para prática de eventos, onde 100 pessoas são agraciadas em detrimento de outras que têm seu direito de ir e vir cerceado”.

Além das pessoas que circulam pela estrada, escoando suas mercadorias, visitando a região, ou mesmo praticando campeonatos, o Sr. José menciona o grau de importância da estrada para os moradores de Bom Jardim da Serra. Cita que diariamente jovens e adultos partem para o município de Orleans, no litoral, para concluir seus estudos no ensino superior.

Antes era comum terminar o ensino médio e os filhos dos fazendeiros, ainda que ao custo de muitas cabeças de gado, irem estudar fora. Fazer cursinho, fazer vestibular e fazer faculdade. De uns anos pra cá não passou a ser uma prerrogativa só deles assim. Os nossos jovens ousaram bastante e hoje nós descemos com um ônibus pra estudar no Unibave com 40 alunos diariamente, e ônibus vai para Lages atendendo as universidades a distância. Não são todos os jovens que vão nos mesmos dias da semana para Lages, mas também é algo em torno de 30/40 jovens.

A formação de nível superior é vista no município como impulsionadora e prática que visa mudança. O campo da empregabilidade na administração pública contempla 37,89% dos empregos gerados, e este fato acaba desencadeando nos moradores alternativas e possibilidades de renda fixa a partir dos diferenciais adquiridos nos centros de formação no entorno do município.

Outra utilidade dessa via pavimentada citada pelos moradores é sua utilidade quanto aos deslocamentos movidos pela busca e a oportunidade de renda fora da cidade. Muitos trabalhadores locais usam dessa via para trabalhar em outras regiões. Muitos deslocam-se diariamente<sup>57</sup>, buscando mantimentos em cidades maiores, com centros comerciais variados.

A professora Sofia revela que, devido ao custo alto do valor da gasolina na cidade, sempre que desce a Serra ou vai para São Joaquim procura abastecer seu carro. Ela cita também as limitações no campo das ofertas de gêneros alimentícios: “[...] que mercado tem dois, mas nem tudo que você quer ou usufrui tem aqui. Então, às vezes, a gente traz de fora ou encontra aqui com um preço mais alto, né? [...]”. Já outra entrevistada revela que no município apenas o básico é ofertado.

[...] é óbvio que, às vezes, tu quer uma coisa diferente e tal e acaba que daí não tem, né? Tipo os produtos mais requintados ou marca mais específica, alguma coisa assim. Não adianta, aqui não tem! [...] Agora, roupas, calçados, essas coisas é tudo fora, tudo fora. [...] Mas porque aqui tem pouquíssimas lojas, né? De roupas eu consigo pensar, agora, uma, duas, três talvez, e são sempre roupas mais simples, assim, é o básico e acho que não fazem meu estilo. E acaba que o preço às vezes não compensa muito. Porque, é caro, né? Vem de onde? A pessoa compra de onde? Chega aqui, ela tem que ganhar, obviamente, né? Isso foi uma coisa que eu não consegui me adaptar, eu vou há em São Joaquim ou quando vou a Floripa eu acabo comprando lá. Mas eu não compro roupa aqui, não compro.

A situação tratada acima sinaliza para a relação envolvendo poder de compra *versus* dificuldades impostas no município pela falta de emprego fixo. Devido à baixa procura por produtos de um certo valor e requinte, muito pouco é ofertado no município. Por esse fato, muitos moradores com um poder aquisitivo mais elevado, dotados de renda fixa e também facilidades de deslocamentos, buscam os grandes centros urbanos ao entorno do município, para assim efetuarem compras daquilo que não se encontra no município.

Dentre todas as dependências citadas com a relação a essa via de acesso, evidencia-se a estreita e delicada relação no campo da oferta de trabalho no município. Pois a cidade, em sua realidade, configura-se por uma limitação aparente

---

<sup>57</sup> Proprietário de um quiosque no mirante da Serra do Rio do Rastro cita que sobe e desce todo dia a Serra do Rio do Rastro de madrugada para abrir seu quiosque. Na conversa, cita que já viu muitas coisas, que já subiu sem visibilidade alguma, como também já subiu com camadas de gelo sobre a pista, sem iluminação alguma (Diário de campo – 9/6/2017).

no ramo industrial. O número de empresas instaladas no município é baixo, restando apenas oportunidades nos cultivos agrícolas e nas atividades comerciais e de prestação de serviços. O fato é que a economia do município se ampara pelas práticas dos setores primário e terciário, e o primário, infelizmente, limita seus vínculos empregatícios por possuir sazonalidades em seus cultivos. Fala-se isso porque o município destaca-se por produzir alguns cultivos que geram contratações temporárias, como é o caso do cultivo de maçã.

Os dados fornecidos pela Epagri por meio do caderno “Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2013-2014” deixam claro como funcionam as etapas do cultivo.

Nos pomares catarinenses predomina a exploração dos cultivares Gala e Fuji. O cultivar Gala, colhido entre fevereiro e abril, é responsável por 54% da produção. A colheita do cultivar Fuji vai de meados de maio e representa 43% da produção. Os demais cultivares representam 3% da produção e são colhidos entre os meses de janeiro e maio.

Desse modo, restam alguns poucos meses do ano destinados ao cultivo e ao raleio, restando alguns meses sem afazeres nesse segmento. Muitos dos trabalhadores nesse setor são contratados temporariamente, sem vínculo empregatício, chegando a ficar seis meses desempregados, conforme relatos dos moradores. Muitos acabam encontrando outras alternativas no litoral, praticando o deslocamento temporário<sup>58</sup> por meio da Serra do Rio do Rastro.

Em relação à sazonalidade típica do cultivo de maçã, a reportagem<sup>59</sup> vinculada no *Diário Catarinense* do dia 20 de abril de 2017 deixa registrada tal situação quando cita:

O fim da temporada de verão no litoral e da colheita da maçã na Serra e Meio Oeste, mais a continuidade da crise, derrubaram a oferta de emprego em Santa Catarina em março. O Estado, após saldo positivo de 26.398 nos primeiros dois meses do ano, fechou 4.638 vagas mês passado. O agronegócio liderou a retração, com -3.587, seguido pelos serviços, com -1.521 vagas, e o comércio, com -1.314. Fraiburgo, maior produtor de maçã do Estado, fechou 1.315 vagas em março. Florianópolis (-2.265), Balneário Camboriú (-549) e Itapema (-346) encerraram postos de trabalho na área de

---

<sup>58</sup> Durante os diários de campo para este estudo, mantivemos contato com pessoas que se deslocam anualmente para o litoral nos meses de junho até novembro. Buscam empregos nas cidades litorâneas em atividades agrícolas, como o cultivo de fumo, assim como em atividades no ramo de serrarias (corte de madeiras) e serviços gerais (pedreiro, por exemplo).

<sup>59</sup> Estela Benetti. Sazonalidade e crise fazem SC fechar março com retração no emprego formal. 24 de abril de 2017. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2017/04/sazonalidade-e-crise-fazem-sc-fechar-marco-com-retracao-no-emprego-formal-9776685.html?pagina=17>>. Acesso em: 12 de nov. 2017.

serviços de hotéis, gastronomia e outros. A indústria de transformação teve saldo positivo de 1.352 empregos no mês e de mais 18.201 vagas no primeiro trimestre. Contudo, essa expansão não foi suficiente para anular os resultados negativos dos demais setores.

Bom Jardim da Serra configura-se por possuir espaços destinados somente a visitação e práticas ligadas ao campo do lazer e do entretenimento. Possui determinados períodos do ano com fluxo de visitantes em maior grau, ou seja, o turismo no município é marcado pela sazonalidade também. A prática turística é guiada por elementos ofertados principalmente no inverno. Temperaturas negativas, ocorrências de neve, comidas e atrativos culturais típicos na região somam-se como indicadores para que a prática do turismo se desenvolva. O próprio governo do Estado de Santa Catarina, quando divulga e mostra as regiões catarinenses no âmbito das oportunidades de negócios, evidencia o turismo em atuação na Serra Catarinense:

Serra: o frio e o turismo rural são grandes atrativos dessa região, que tem como atividades econômicas a pecuária e a indústria florestal. Por conta das paisagens bucólicas e da neve que se precipita em algumas cidades, a Serra recebe milhares de visitantes no inverno. Os principais municípios são Lages, São Joaquim, Urubici e Bom Jardim da Serra. (Santa Catarina, Brasil: Oportunidades e negócios, 2011, p. 41)

Quanto ao histórico da prática, o turismo para alguns é presente nos espaços do município somente nos últimos cinco anos. Já outros compreendem que a circulação de visitantes no município e na região é praticada desde 1990. Um dos entrevistados que colaborou para a pesquisa, para muitos moradores é visto como um dos pioneiros no ramo de hotelaria no município.

Islon revela que adquiriu o terreno para construção do seu hotel na década de 1990, mais precisamente em 1993, finalizando a estrutura somente no ano de 2004. Ele pontua que somente começou a ter resultado depois de quinze anos funcionando. Ele conta que “[...] abrimos em 99 com oito chalés, em 2004 fizemos uma sociedade com empresário de São Paulo que comprou a metade, e daí houve uma injeção, que daí nós conseguimos terminar”. Ele revela, quanto à escolha do local para o investimento, que comprou porque gostava da região.

[...] Visitava aqui em cima e achava espetacular esse cenário. E na hora que vi esse terreno... Pow! Esse aqui é um lugar legal pra fazer um empreendimento. [...] Nós compramos isso aqui de um dos herdeiros da família Bernardino, inclusive foram pra Orleans. Antônio Bernardino da Luz,

ele tinha nove filhos, ele dividiu em nove partes e nós compramos duas dessas partes, de dois filhos deles.

A ideia de instalar e investir na região serrana, para o empresário, parte de uma afinidade com o local, decorrente dos aspectos paisagísticos típicos do lugar. Além da oportunidade encontrada em virtude da venda, fruto de uma herança familiar. Durante a entrevista também cita que, em virtude do medo de perder o emprego como engenheiro civil em Florianópolis, frente aos avanços das novas tecnologias, isso colaborou para a troca de profissão. O empresário diz:

[...] fui estudar em Florianópolis aos catorze anos. Fiz engenharia e trabalhei trinta anos por lá como engenheiro. Até que eu fui construir um hotel, [...] e achei fascinante aquele serviço, achei um passeio aquele serviço de hotelaria, só que eu não conhecia, né?! Nessa época estavam surgindo os computadores, na década de 1990. Eu disse: “Os japoneses tão evoluindo. Os japoneses colocam uma empresa aqui do meu lado e vão me tirar o mercado e tal”. [...] Uma coisa que me pesou muito.

Ele também pontua que no passado, quando se instalou na região, a parte do mirante “[...] não tinha nada, no mirante era uma coisinha, tinha duas barraquinhas de salame, de coisas...”. As primeiras movimentações de caminhões e carros na região, bem como a chegada de visitantes motivados pelas ofertas de hospedagens e atrativos no campo do lazer começam a partir da década de 1990. O próprio morador José salienta:

O mirante desde sempre foi um espaço de passeio, uma referência de passeio das pessoas, nos finais de semana depois de almoçar e descansar. Ir lá no mirante e olhar para baixo, olhar a Serra e passear. [...] Depois ofertaram os comércios ali e alguns eventos que periodicamente vêm acontecendo. Ele também passou a ser para as pessoas irem lá prestigiar. Mas não deixou de ser um ponto de referência da cidade. Quando a gente vai falar de Bom Jardim da Serra, a gente sempre fala da cidade que fica em cima da Serra. Fala-se a primeira cidade que fica depois da Serra, as pessoas que terminam de subir a Serra em sua ampla maioria chegam ao mirante da Serra do Rio Rastro.

José, morador, sinaliza para as opções no campo de lazer disponíveis ao povo bom-jardinense, que reside e sobrevive em Bom Jardim da Serra. O fato de circular pelo mirante, passar domingo à tarde, fazer refeições em restaurantes e lanchonetes, são práticas rotineiras dos moradores locais. O entrevistado cita que frequentemente ocorrem campeonatos, corridas, encontros no espaço do mirante. O local é usado como ponto de largada e chegada dos eventos, bem como para entrega de

premiações. Além disso, José cita que é tradicional para algumas famílias bom-jardinenses passar a virada de ano no local, bem como desfrutar dos serviços de alimentação e dos banheiros instalados. Tal iniciativa de visitação e circulação pelo local é uma oportunidade, segundo o morador, pelo fato de ser um local seguro de devido ao posto policial estar em anexo ao mirante. José também coloca que as movimentações são mais frequentes nos dias atuais, fruto das facilidades de locomoção. “Antigamente, por não ter automóveis, acredito que as famílias não iam. Hoje em dia, se quiser ir dar uma descansada, respirar um ar puro, e ver gente diferente sem sair da cidade, é uma alternativa”.

A ideia de uma população isolada, distante dos grandes centros urbanos, limitada por fatores naturais e pelas condições de renda impostas sobre o território, pode ser compreendida pela fala do morador. Um simples passeio no mirante, a circulação de pessoas de outros locais e sua conexão com o restante do mundo motiva-os a transitarem pelos locais com maior fluxo de pessoas originárias de outras regiões do Brasil e do mundo.

No entanto, a estrutura construída no mirante atualmente passou por mudanças ao longo das décadas. O Sr. Paulo afirma que nesse local, na década de 1990, “*há vinte anos atrás, ali não tinha nada*”, e que sua função era cuidar do banheiro e da roçada. Paulo também afirma que geralmente as paradas eram motivadas por descansos dos motoristas, revisão e ajustes dos veículos, assim como pausa em virtude das longas viagens.

Paulo diz que sua contratação foi pelo DER (Departamento de Estrada e Rodagens) e que ali só havia campo. Ele descreve a paisagem do local com os seguintes elementos: “Não tinha estacionamento, nada ali, só terra e o banheirinho, chão de terra e uns meio-fio assim. Tinha só uma taipinha baixinha no lugar da grade agora”.

Dos locais possíveis para parada após a subida da Serra do Rio Rastro, ou descida, o topo era a única alternativa. Das transformações naquele espaço, o mesmo foi sendo reformado conforme havia demanda e fluxo de pessoas e veículos. Os entrevistados evidenciam que inicialmente sua função era dar apoio e suporte aos caminhões e carros que circulavam pela região. Paulo conta que trabalhava “[...] no mirante, na descida da Serra e depois conseguiu ficar no mirante, voltar pro mirante

pra trabalhar”. Ele fala que ao longo desse tempo que trabalhou, acabava socorrendo as pessoas e auxiliando os motoristas com carros quebrados e pneus furados.

[...] acontecia direto, apoiava alguma gente, assim que precisava, na medida que a gente podia, né? – Ah! vocês querem ficar aí? Às vezes quebrava o carro e não tinha posto, não tinha hotel, não tinha nada. Tinha bastante, bastante caminhoneiro e visitantes que paravam para descansar.

O gesto de ajuda, auxiliando os visitantes de passagem pelo local, foi percebido pelo morador como alternativa de renda. Nesse instinto de fornecer apoio e hospedagem às pessoas que necessitavam naquele momento de ajuda, deu impulso para as primeiras comercializações de produtos alimentícios. Paulo revela que “[...] no segmento do gênero alimentício, o que tinha mais demanda se ofertava. Vendia o mesmo que se vende nas barraquinhas hoje, hoje, talvez, um pouco mais de variedades, mais lanches”. Na época ele diz que vendia *espetinho*<sup>60</sup> e tinha necessidade de café. Para o entrevistado, o café era o produto que mais tinha saída, junto com mel, queijo e salame. O entrevistado, inclusive, destaca que “[...] quem na verdade começou com esse salame e queijo aqui, vender na região, foi eu. Não era costume”.

Das obras arquitetadas no ramo de hospedagem e restaurantes, alguns entrevistados revelam que a década de 1990 foi o marco inicial, citando inclusive que antes não tinha nada, nem café. Além das barraquinhas relatadas pelos entrevistados acima, alguns afirmam frequentar no passado, no atual espaço do mirante da Serra do Rio do Rastro, um restaurante.

[...] tinha homem, um senhor e ele já morreu. Ele era major da Polícia, ele era daqui mas era comandante de um quartel lá em Curitiba. Quando ele veio pra cá ele era tenente, depois ele foi promovido a major. Quando deu baixa do comando dele lá, ele botou um pequeno restaurante lá, mas bem no penhasco. [...] Mas tu pensa, era bem no perau. Da janela tu olhava era uma construção meio rudimentar, tinha um certo risco. (Sr. Antônio – entrevistado)

Pelo improvisado quanto à estrutura do restaurante, bem como o local estratégico em que foi fixado, não resta dúvida, de que, naquela época, a contemplação das paisagens vistas de cima da Serra era atrativo aos visitantes no passado. A

---

<sup>60</sup> Tira-gosto constituído de pequenos cubos de linguiça, queijo, salsicha, azeitona etc., enfiados num palito. (Fonte: <http://www.aulete.com.br/espetinho>)

oportunidade de fixar o empreendimento, e de obter-se renda após a aposentadoria, é vista como alternativa após migrar e retornar a sua cidade natal. Destaca-se aqui que o ramo alimentício sempre foi o carro-chefe dos serviços disponibilizados no mirante desde as primeiras ocupações.

Outro entrevistado que presenciou e visitou esse estabelecimento afirma, também, que visitou em virtude de uma festa de casamento no local:

[...] bem em cima do perau da Serra tinha um restaurante, era bem na boca, bem na bordinha do perau. Eu lembro que casou uma vez uma sobrinha da mãe e nós fomos lá. Daí eu olhava aquele perau e ficava só olhando. O local era um deserto e só tinha esse restaurante. E depois deu um vento, acho, e derrubou esse restaurante. Aí, depois, o pessoal começou a fazer barraquinhas ali e começou a comercializar os produtos, né? (Sr. Ivo)

A atenção quanto ao local do estabelecimento e as proximidades com as Encostas da Serra Geral, também são citadas por este entrevistado. O fato de ser construído muito próximo aos peraus, e por ser feito com uma estrutura precária, colabora para análise do improvisado quanto a ocupação e os riscos que tal empreendimento ofertava aos visitantes.

Dos registros que computam a presença desse restaurante e das primeiras movimentações no espaço do atual mirante, há relatos que mencionam que as barraquinhas de produtos foram fixadas naquele local depois desse restaurante. O entrevistado Antônio menciona que, após o restaurante:

[...] o senhor vivo até hoje, o Sadi, começou [...] Montou um *trailer* e começou a levar o *trailer* pra lá, né?! Vender uma coisinha e outra, para as pessoas consumirem. Daí as pessoas entravam lá e olhavam, né? Mas não tinha estrutura. Isso não era asfaltado ainda, era estrada de chão.

A demanda de sempre se ofertar algo, após o restaurante finalizar sua atuação, novos comerciantes começam a desempenhar funções no local. A partir do momento em que os visitantes começam a consumir algo no local, circular e visitar, a rotina da contemplação da paisagem começa a ser inserida no espaço do mirante.

Das ofertas de serviços do passado, da década de 1990, para as hoje, dos tempos atuais, houve mudanças. Uma parte, ou seja, a base do local, partiu das ações do Estado, virtude das obras finais de pavimentação da Serra do Rio do Rastro. Antônio menciona que as primeiras obras no local do mirante se deram em virtude da finalização asfáltica da Serra do Rio do Rastro em 1984. Naquela época, segundo o

entrevistado, “[...] Em 84 já tinha uma “estruturinha” lá. Que daí a empresa que fez o asfalto, que foi uma empresa de Curitiba, [...] fez aquela entradinha lá e tal. Um negócio bem rudimentar e tal”.

Foram executados naquele local ao longo dos tempos: pavimentações, banheiros, iluminação, grade de proteção, calçadas e lixeiras. Mais tarde, nos últimos anos, houve pequenas reformas, novos banheiros, estacionamentos, iluminação, novas grades e calçadas. A Figura 15 a seguir retrata a atual paisagem do mirante da Serra do Rio do Rastro, o qual é disponibilizado para estacionamento de veículos.

Figura 15 – Estacionamento do mirante.



Fonte: elaborado pela autora, 26 jan. 2017.

Nota-se também, que, nos últimos anos, os serviços ofertados passaram por mudanças. Nas figuras 16 e 17 logo abaixo, observam-se reformas e ampliações de estabelecimentos. Além disso, foram registrados durante o diário de campo do dia 26 de janeiro de 2016 novas construções, ampliação dos gêneros ofertados e reforma dos estabelecimentos já fixados no mirante.

Figura 16 – Empreendimento recente no mirante.



Fonte: elaborado pela autora, 26 jan. 2016.

Figura 17 – Calçada sendo construída perto de um dos quiosques mais antigos do mirante.



Fonte: elaborado pela autora, 26 de jan. 2017.

A proprietária do estabelecimento mais recente instalado no mirante, em depoimento na *Revista Gol* (Linhas aéreas inteligentes), de junho de 2016, em que destaca uma matéria exclusiva sobre a Serra Catarinense, conta que, “a boca da Serra era algo tenebroso, um obstáculo. Não era algo bom, como hoje em dia”. Para ela, no passado, a região era dotada de obstáculos, em que superar a estrada da Serra do Rio do Rastro, chegar até o topo, nem sempre era fácil. Era algo que transmitia medo e dependia de habilidade. Esse fato revela que houve mudanças, as quais permitiram maior circulação de pessoas e demanda quanto a ofertas de serviços prestados ao longo dos tempos. Por exemplo, a proprietária do café instalado no mirante conta na reportagem<sup>61</sup> que oferta em seu estabelecimento mais de “25 tipos de cafés, desde o clássico expresso ao extravagante café com geleia de maçã, ou com menta e leite condensado”.

Percebe-se, por meio dos relatos, que tudo era construído sem estudo prévio, sem editais e audiências públicas. Tudo o que se tem lá fez parte de uma série de ações motivadas por outras. Nada objetivado e destinado àquele local.

Os espaços lá estão dispostos numa pequena parte do terreno. Existem, além de restaurantes e lanchonetes, um local com venda de artesanatos. Destacam-se os produtos confeccionados no próprio município e evidencia-se neste local a estrutura conquistada pelas artesãs. Laura<sup>62</sup> e Silvana<sup>63</sup>, entrevistadas no dia 27 de maio de 2016, citam que a ABA (Associação Bonjardinense de Turismo) só foi registrada no ano de 2000, mas que anteriormente elas já vendiam seus produtos no mirante, na rua mesmo.

Sobre o espaço atual conquistado<sup>64</sup>, elas ganharam o espaço por meio de concessão do Estado, pois, além de vender os produtos, elas também atuavam e atuam como informantes dos visitantes que passam por ali. Segundo a presidente, a associação possui regras e acordos. Registra-se também pela fala dela que não é qualquer um que pode entrar, existe todo um acordo entre ambas na decisão de aceitação de novos membros, assim como existe custo para entrar, chamado “joia”.

---

<sup>61</sup> **Revista Gol**. Linhas aéreas inteligentes. N. 123. Rota: Serra Catarinense, p. 6.

<sup>62</sup> Presidente da ABA (Associação Bonjardinense de Artesãs) na gestão 2016.

<sup>63</sup> Vice-presidente da ABA (Associação Bonjardinense de Artesãs) na gestão 2016.

<sup>64</sup> Conquistado, pois segundo uma das artesãs, em conversa com ela, no dia 26/1/2016, “[...] o Estado (governo estadual) deu o início das atividades cedendo o espaço para elas, e posteriormente partiu delas a reforma do local.

Uma das condições para ser membro e permanecer na associação é não produzir artesanatos que possam prejudicar as demais, causando concorrência. Sobre a relação com a gestão municipal, a presidente salienta que não existe apoio algum e que elas também não fazem questão de depender do governo municipal. Já em relação ao governo estadual, dá ênfase para o pioneirismo ao afirmar que “o governo tem que valorizar, pois quando isso era chão batido ninguém queria. Nós fomos pioneiros aqui”.

Sobre o governo estadual ainda, a artesã entrevistada no dia 26 jan. 2017, durante um diário de campo, comenta que toda a manutenção do mirante fica a cargo dos comerciantes. Segundo ela, inicialmente, para manutenção do gramado, das árvores e flores, do recolhimento dos lixos, entre outros serviços, havia uma colaboração de todos os comerciantes para o pagamento do funcionário destinado aos serviços acima. No entanto, em decisão conjunta, cobrando dos visitantes, quanto ao uso do banheiro no valor de R\$ 0,50 centavos para cada pessoa, esse valor acaba cobrindo as despesas direcionadas ao funcionário contratado. A Figura 18 abaixo mostra e indica o local onde acontece a cobrança pelo uso do banheiro.

Figura 18 – Entrada do banheiro no mirante, indicando o valor para uso.



Fonte: elaborado pela autora, 26/1/2016.

Diante das construções fixadas no espaço do mirante, dos empreendimentos reformados e inaugurados, destaca-se novamente o papel da pavimentação asfáltica na Serra do Rio do Rastro. O entrevistado Ivo revela sua primeira vez na região: “[...] a primeira vez eu descii de ônibus, eu muito curioso pra ver, eu já descii de Nevatur. Os ônibus tinham que parar nas curvas, dar uma ré pra depois seguir. Eu passei em estrada de chão”. Já o entrevistado José menciona que, “Quando eu descii pela primeira vez, ela já era pavimentada. Quando eu viajei, viajei de ônibus pela primeira vez, ela já era pavimentada. Fomos visitar uns parentes lá em Criciúma”.

Dos relatos dos primeiros contatos com a Serra ficam evidentes as limitações no campo dos deslocamentos, tanto dentro quanto fora da cidade. As linhas de ônibus, que no passado eram a principal alternativa de transporte, atualmente já não se fazem tão presentes. A dificuldade de deslocamento, nesse contexto, também é referenciada por vários entrevistados.

Maria, que trabalha diretamente com turistas, menciona que transporte público na cidade não existe. Afirma que não tem nenhuma linha de ônibus ou van. Menciona apenas o serviço de táxi, confessando que “[...] já precisei chamar para clientes, e, né?, chama e não atende, às vezes até conseguia. Mas como não é um serviço recorrente, acaba que o taxista deixa aquilo meio de lado, por que não tem corrida todo dia, por exemplo. Então, dentro da cidade, não tem!”. Já no contexto de deslocamento para outras cidades, a entrevistada complementa:

[...] o único transporte que a gente tem são os transportes da Nevatur. Que isso piorou! Porque antigamente a gente tinha pelo menos, eu acho, que quando eu fazia estágio tinha ônibus todo dia pra Florianópolis, não tenho certeza. Mas eu sei que agora mais recentemente tem ônibus: segunda, quarta, sexta e domingo. Tinha ônibus para Florianópolis, saindo daqui, e agora, pouco tempo, não tem mais.

A entrevistada sinaliza para as dificuldades com que os visitantes e os moradores lidam quando desejam circular através das linhas de ônibus. Praticamente existe uma única agência que oferta esse tipo de serviço, e conecta o Planalto Catarinense com o litoral sul de Santa Catarina. A baixa de demanda de uso e a falta de usuários com o passar dos tempos ocasionou limitação de horários disponíveis. Averiguando o *site* da empresa de viação, os horários que partem de Bom Jardim da Serra para Florianópolis não constam mais. Somente existem horários diários de Bom Jardim para Criciúma, passando por algumas cidades no caminho.

Maria revela ainda que atualmente não existem mais linhas de ônibus que liguem a Capital do Estado a Bom Jardim da Serra. Cita inclusive que a única alternativa é ir até as cidades maiores, São Joaquim e Criciúma, e depois seguir com outras empresas de viação até Bom Jardim da Serra.

Sobre as limitações de acessos e de deslocamentos para outras cidades, a Serra do Rio do Rastro sempre é citada. No entanto, torna-se importante salientar que ela não foi construída e finalizada de modo contínuo. Ela passou por processos de alargamentos, mudanças no seu trajeto, pavimentação, iluminação e sinalização em diferentes estágios.

A estrada recebeu investimentos em termos de estrutura somente em 1954, por parte do governo estadual, que alargou as vias permitindo passagem de carros e caminhões.

Inclusive, existem alguns registros referentes à região que demonstram a mobilização da época em nível regional por parte das lideranças políticas. De Bom Jardim da Serra, o fazendeiro João Correa Bittencourt, de Lauro Muller, o médico José Lerner Rodrigues, e de Orleans, Luiz Mazzon, prefeito municipal, Dante de Patta, entre outros tantos orleanenses.

Começou aí, como diz o caboclo, o pega-pega. Pega-pega é um inço, uma praga, que, no campo, pega na roupa da gente e não larga. Em Lauro Muller, no comício pré-candidatura a favor de Irineu Bornhausen a governador, após um brilhante discurso de abertura, proferido pelo Dr. Dante de Patta, e em meio a umas cinco mil pessoas na praça Henrique Lage, eu tive a coragem de apartear o futuro governador, perguntando-lhe se, porventura fosse eleito, ele ligaria o Planalto, e, no fim, respondeu-me que, se fosse eleito, abriria a Serra, porém no local mais viável, e tudo isso aconteceu. (Revista *História Catarina*, 2016, p. 49)

A movimentação por parte de alguns membros da sociedade era motivada por necessidades, em função das trocas comerciais efetivadas na época entre o planalto e o litoral. Muitos dos que lutaram para ampliação do acesso possuíam fazendas e criações no planalto, necessitando dessa via para escoamento das mercadorias, como é o caso do fazendeiro João Correa Bittencourt.

A via foi pavimentada<sup>65</sup> somente trinta anos depois, no governo de Esperidião Amin<sup>66</sup>. O entrevistado Ilson também menciona que, de todas as obras concretizadas pelo Poder Público na região, duas merecem ser citadas.

Nós tivemos em 1970, eu acredito que era por essa época aí, um governador que teve uma visão espetacular, a primeiro foi o Irineu Bornhausen que abriu, e depois em 1970, quando estavam implantando essa rodovia aqui, teve o Antônio Carlos Konder Reis, que desapropriou uma área de 750 mil metros quadrados por ter a visão que ali seria um local estratégico para o turismo.

Antônio Carlos Konder Reis teve sua administração centrada em duas áreas básicas: econômica e social, segundo Goularti Filho (2005, p. 640).

A primeira concentrava esforços em telecomunicações, transportes, estabelecimento de uma política de estoques reguladores, extensão e assistência técnica rural, políticas regionais e distribuição de energia elétrica. A segunda centrava-se na ampliação da eletrificação rural, na criação de conselhos comunitários, na medicina preventiva, dentre outros.

Dentre os elementos pontuados acima, desde a pavimentação da Rodovia e a definitiva ocupação do mirante, muitas pessoas acreditam no potencial atrativo que ambas adquirem com o tempo. Elas, para alguns, são os elementos fundamentais e necessários quando se deseja visitar a região.

O depoimento<sup>67</sup> de um visitante encontrado no *site* TripAdvisor<sup>68</sup>, por exemplo, do dia 10 de abril de 2016, mostra a atenção dada à Serra e ao Parque Eólico. O visitante evidencia que, de todos os locais possíveis para se visitar na região, a parte mais interessante fica por conta da estrada. Inclusive revela, no depoimento com o

---

<sup>65</sup> Obra de pavimentação começou no ano de 1981. Sua conclusão foi no ano de 1984.

<sup>66</sup> Segundo Goularti Filho (2005, p. 641): “[...] em 1982, foram eleitos Esperidião Amin, pelo Partido Democrático Social (PDS) e, para vice-governador, Victor Fontana, ligado ao grupo Sadia, para o período 1983-87. O plano de governo de Amin estava pautado na Carta dos Catarinenses, que pretendia dar “prioridade aos pequenos, participação comunitária, integração estadual e qualidade de vida”. A Carta tinha uma clara tendência liberal e defendia a sociedade do ser em oposição à do ter. No entanto, visava reduzir cada vez mais a participação do Estado na economia. Segundo a Carta, “(...) é preciso que o Estado retome a sua posição de súdito do homem e não de seu soberano”, e a verdadeira origem do Estado é servir aos pequenos. Na verdade, a Carta foi uma “carta de boas intenções”, sem programa prévio de gastos, e estava dividida em três setores: administrativo, social e econômico e de infraestrutura.

<sup>67</sup> **TripAdvisor**. “A cereja do bolo, só que não”. 10 de abril de 2016. Disponível em: <[https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g2572734-d3929043-r363174969-Mirante\\_da\\_Serra\\_do\\_Rio\\_do\\_Rastro-Bom\\_Jardim\\_da\\_Serra\\_State\\_of\\_Santa\\_Catarina.html](https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g2572734-d3929043-r363174969-Mirante_da_Serra_do_Rio_do_Rastro-Bom_Jardim_da_Serra_State_of_Santa_Catarina.html)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

<sup>68</sup> **TripAdvisor.com** é um *site* de viagens que fornece informações e opiniões de conteúdos relacionados ao turismo. Ele também inclui fóruns de viagens interativos.

título “A cereja do bolo, só que não”, que o mirante não é a parte mais significativa da região.

Depois que você sobe a estrada magnífica, para em cada curva para tirar uma foto, visita o parque dos cataventos, o mirante fica insignificante. Mas somente por conta de todo o prazer anterior. Porém vale a pena parar e relaxar tomando um café e comendo maçã desidratada. Mas cuidado com os quatis, que podem pegar o salame que você comprou.

O *site*, que recebe milhares de comentários de visitantes que transitam por vários lugares do Brasil e do mundo, integra mais de 500 milhões de avaliações de viajantes. Sobre Bom Jardim da Serra e os locais possíveis de se visitar pela região no entorno no município, destacam-se os seguintes números armazenados: 21 fóruns abertos no *site*, 3.900 comentários na aba “O que fazer em Bom Jardim da Serra”, 891 avaliações com dicas de acomodações e 1,121 avaliações com indicações e comentários sobre os restaurantes, somando ao total 5.323 avaliações.

Ainda no mesmo *site*, outro visitante<sup>69</sup> revela alguns aspectos do seu ponto de vista. O visitante escreve no dia 25 de março de 2015 características positivas do local visitado, apontando e orientando os futuros visitantes quanto aos cuidados que se deve ter quando se transita pela estrada. Com o título “Ruta peligrosa, pero vale la pena”, evidencia:

El camino es muy peligroso, en las curvas no caben dos vehiculos, ni que hablar de un camión hay que ir con precaución. El esfuerzo vale la pena, aunque lamentablemente muchas veces el horizonte está cerrado por las nubes y no se llega a divisar tan lejos. En el mirante nos esperan los coaties, simpáticos al inicio luego pueden ser preocupantes, está prohibido darles comida pero todo el mundo lo hace, a veces se pueden dar algunas peleas entre familias y uno queda en el medio. Existen un par de locales de comida, la atención es buena asi como la calidad de los productos. Durante la subida se puede parar en algunos miradores para apreciar la vista y tomar algunas fotos.

Antônio, morador, coloca seu ponto de vista: “[...] dos 95% dos turistas que vêm visitar a Serra, ele sobe a Serra e ele vem pelo litoral, acho que 90% das pessoas vêm pelo litoral, só que eles vêm até no mirante e retornam. Eu acho que só uns 5% que vêm visitar a Serra. [...] 5% sobem e se arriscam a vir”. Dessa forma, evidenciam-se motivações de deslocamentos guiados pela estrada.

---

<sup>69</sup> **TripAdvisor**. “Ruta peligrosa, pero vale la pena”. 28 de março de 2015. Disponível em: <[https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g2572734-d3929043-r262362692-Mirante\\_da\\_Serra\\_do\\_Rio\\_do\\_Rastro\\_Bom\\_Jardim\\_da\\_Serra\\_State\\_of\\_Santa\\_Catarina.html#REVIEWS](https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g2572734-d3929043-r262362692-Mirante_da_Serra_do_Rio_do_Rastro_Bom_Jardim_da_Serra_State_of_Santa_Catarina.html#REVIEWS)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

Certo dia, presenciei visitantes oriundos da região oeste de Santa Catarina, admirando a estrada vista do mirante. No decorrer das conversas garimpadas, escutei a frustração deles, em virtude das condições de visibilidade da estrada. Os visitantes mencionavam a todo momento o desejo de voltar e ver a Serra sem neblina.

As motivações ou mesmo frustrações das pessoas que visitam os campos de cima da Serra são direcionadas apenas a determinados locais no município. O simples fato de não encontrar a atração turística, Serra do Rio do Rastro com boa visibilidade, faz com que muitas pessoas cheguem ao topo da Serra e logo partam, praticando a descida da mesma. O turismo de passagem é uma prática comum e rotineira, quando observadas situações e comportamentos no mirante.

Numa das viagens ao local de estudo, notei uma mudança brusca do tempo. Logo, bastou uma média de quinze minutos, para que a visibilidade da Serra mudasse completamente, tornando-a visível novamente. Nesse tempo, diversos visitantes chegavam, estacionavam seus veículos, e logo já partiam em função do estado do tempo naquele momento. Na figura 19 abaixo observa-se a mudança do tempo em poucos minutos

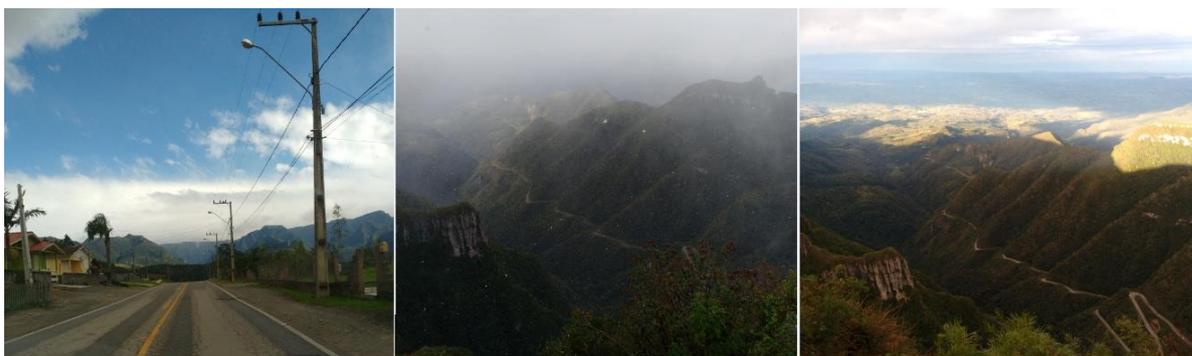
Figura 19 – Vista do mirante da Serra do Rio do Rastro.



Fonte: elaborado pela autora, 17 de jan. 2017.

Interessante citar o fato presenciado no dia 9 de junho de 2017, em que houve condições climáticas adversas em poucas horas. Num período de quatro horas, houve chuva, neve e tempo aberto<sup>70</sup> em um curto espaço de tempo. Diante da Figura 20, registra-se, a partir dos fatos pontuados, como a instabilidade do tempo na região acaba ditando o ritmo de permanência dos visitantes nos lugares.

Figura 20 – Condições climáticas em Bom Jardim da Serra  
(1ª imagem – meio-dia) (2ª imagem – 14 horas) (3ª imagem – 17 horas).



Fonte: elaborado pela autora, de 7 jun. 2017.

Portanto, pela instabilidade do tempo e pelas condições de trafegabilidade vivenciadas no período em que foi realizado o trabalho de campo, nota-se também aflições e medos que surgem por parte dos visitantes quanto à infraestrutura do local.

Analisando um grupo de visitantes próximo à grade de proteção, noto que a pauta da conversa gira em torno da situação da estrada. Muitos acabam citando suas aflições e preocupações em função dos buracos e da falta de sinalização no local. Sinalizam que tem que ter muita atenção e isso causa incômodo. No entanto, logo em seguida é notável que a paisagem é motivo de entretenimento para eles. Poses e autorretratos são feitos por eles. (Diário de campo – 26 jan. 2016)

Nesse mesmo dia, o abandono da estrada e os danos que os próprios visitantes causam nas estruturas da via, nas grades de proteções e nos muros são observáveis desde as primeiras curvas.

Prosseguindo a viagem, logo nas primeiras curvas da Serra, é possível perceber movimentação de caminhões e carros com placas de estados, como: Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, por exemplo. É visível também um fluxo de caminhões carregados de suínos, telhas e cimentos que sobem levando material, creio eu para o Planalto e Oeste Catarinense. Um ponto negativo visualizado logo de início é a quantidade de mato e galhos

---

<sup>70</sup> Tempo com boa visibilidade, sem neblina.

sobre as margens da estrada, o que acaba dificultando a visão nas curvas, deixando qualquer motorista apreensível. Outro fato possível de perceber, e que causa um certo incomodo, é o fato de conter nas muretas de concreto pichações e registros por parte dos visitantes. São registros de nomes, declarações de amor, até frases religiosas. No momento da subida, quase nas últimas curvas, me deparo com um casal danificando uma das muretas.

A falta de manutenção da via, de limpeza e de segurança destaca-se de outras formas. Notas e reportagens nos últimos anos denunciam precariedade da rodovia. Reportagens pontuam a falta de manutenção, roçada e iluminação em determinados pontos<sup>71</sup>.

Na rede social Facebook, uma empresa fornecedora de imagens em tempo real da estrada, com 50.821 pessoas seguindo sua página, revela o estado de abandono da rodovia no início do ano. No dia 12 de fevereiro de 2016, a postagem mostra o descaso e a falta de cuidado com a estrada. Por meio de registros fotográficos e um texto explicativo, menciona a falta de manutenção, a qual prejudica a visibilidade e a segurança dos veículos que ali transitam.

A postagem, com 640 curtidas e 60 comentários, incluindo nestes comentários: indignações, lamentações do estado em que encontra a rodovia e questionamentos quanto à ação do Estado surgem. Dentre os comentários, tem-se: “É a vegetação tomando conta da pista e encobrendo as placas de sinalização. Alô, Departamento de Estradas/SC”; “Triste ver um lugar lindo como este assim, ainda mais um lugar frequentemente visitado por turistas estrangeiros e brasileiros”; “Um lugar tão bonito como esse abandonado é uma vergonha, é o cartão-postal mais lindo de Santa Catarina”; “Dia 6/3 tem subida da Serra, serão mais de 1.200 ciclistas de todo o País, que vergonha”; “Sem falar que está com a iluminação desligada!”; “Pena”; “Triste”; “Lamentável”.

---

<sup>71</sup> No dia 30 de agosto de 2017, durante uma viagem para Oeste de Santa Catarina, transitei pela Rodovia Serra do Rio do Rastro de madrugada. Eram cerca de quatro horas da manhã quando iniciei a subida. Logo nas primeiras curvas a escuridão e falta de iluminação chamava atenção. Não existe poste nas primeiras curvas ao pé da Serra. Indo mais adiante, na parte mais íngreme da rodovia, com as curvas mais “fechadas”, agora com a presença de alguns postes, nota-se quando se observa a rodovia vista de baixo, falhas no sistema de iluminação. Há cada três postes ligados, um está desligado. Também é observável o fluxo intenso de caminhões neste horário. Muitos caminhões carregados, subindo e descendo. Inclusive caminhões apresentando falhas no motor (quebrado), formando filas. No entanto, um fato interessante é a colaboração de alguns motoristas, que desligam seus caminhões para ajudar a encontrar a possível falha no motor do caminhão à frente.

Figura 21 – Indignações e alertas presentes nas redes sociais.

 **Rio do Rastro Ao Vivo** adicionou 49 novas fotos ao álbum "Abandono total" — em  Lauro Müller.  
12 de fevereiro · 

Simplemente abandonada



 **Rio do Rastro Ao Vivo**  
12 de fevereiro · 

A Estrada mais espetacular do mundo encontra-se desse jeito um descaso total , a iluminação não funciona mais, o mato tomando conta da pista , as placas de sinalização a maioria encobertas pelo mato, eu concordo que temos que preservar a natureza mas não a esse ponto , ainda se fala em turismo como vamos agradar nossos turistas que vem para conhecer a nossa mais bela paisagem que é a nossa Serra do Rio do Rastro . Espero que isso sirva para que as autoridades façam sua parte preservando o bom estado das rodovias e a manutenção pois só assim podemos nos orgulhar e não lamentar como estou fazendo agora.  
Att: Paulo Damacena [riodorastroaovivo.com](http://riodorastroaovivo.com)

Fonte: postagem extraída da Rede Social Facebook do dia 12 fevereiro de 2016.

Outras reportagens também dão alertas aos motoristas para não trafegarem à noite pela região. A reportagem<sup>72</sup>, por exemplo, do jornal televisivo da RBS/TV, do dia 13 de outubro de 2016, evidencia o problema. O jornal televisivo em questão é de abrangência estadual e fazia parte do Grupo RBS, que gerenciava o setor de comunicação nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Recentemente o grupo negociou suas operações no Estado de Santa Catarina, vendendo suas ações para o grupo NC, de propriedade dos empresários Lírio Parisotto e Carlos Sanchez<sup>73</sup>. Entre as negociações, incluiu: emissoras de TV, estações de rádio e jornais.

Com o título “Rodovia da Serra do Rio do Rastro segue há dias sem iluminação”, a repórter desloca-se até o local e mostra como os motoristas e os visitantes estão lidando com o problema no período na noite, período este em que se necessita mais atenção. O ponto alto da reportagem é pelo fato de não ser a primeira vez que ocorre tal problema. Ao final da reportagem a repórter sinaliza para a falta de atenção por parte do Deinfra (Departamento Estadual de Infraestrutura), mencionando que os problemas ocorrem justo na época em que Serra do Rio do Rastro recebe um fluxo maior de visitantes.

Além dos riscos citados anteriormente tem-se também as quedas de barreiras com uma certa frequência. Em épocas de índices elevados de chuva, notas e reportagens anunciam acidentes e transtornos quase sempre.

A reportagem<sup>74</sup> do *Jornal Hoje*, jornal impresso e de abrangência regional no sul de Santa Catarina, vinculou, no dia 5 de agosto de 2016, alguns problemas envolvendo a estrada. Com o título “Um caminho de risco”, a reportagem indica as possibilidades de interdição da rodovia devido aos últimos acidentes envolvendo veículos e pessoas. Outro ponto citado no corpo da reportagem é que o Deinfra de Santa Catarina já possui um projeto<sup>75</sup> com telas de contenção para prevenção de acidentes.

---

<sup>72</sup> **G1**. Rodovia da Serra do Rio do Rastro segue há dias sem iluminação. 13 out. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/10/rodovia-da-serra-do-rio-do-rastro-segue-ha-dias-sem-iluminacao.html>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

<sup>73</sup> Link de acesso: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,empresarios-compram-negocios-do-grupo-rbs-em-santa-catarina,10000019985>>. Disponível em: 7/11/2017.

<sup>74</sup> **Redação JH**. Notícias JH. 5 agosto de 2016. Capa: Um caminho de risco. Reportagem: Serra do Rio do Rastro corre risco de interdições. Acesso em: 12 de nov. 2017.

<sup>75</sup> **G1**. Defesa Civil faz teste com produto para tentar conter deslizamentos na Serra do Rio do Rastro. 5 julho de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/defesa-civil-faz-teste->

Dos projetos que partem do Estado para amenizar as constantes quedas, testes com produtos desenvolvidos na região são anunciados. Na reportagem vinculada no dia 5 de julho de 2017, no jornal televisivo da RBS/TV, evidencia-se a aplicação de um produto para conter os deslizamentos. Na reportagem a empresa explica os materiais usados na formulação, possuindo base orgânica (cana-de-açúcar) e agindo na contenção.

Dos episódios cotidianos que causam a interdição da rodovia, tem-se desde eventos esportivos até quedas de barreiras. A própria população e investidores temem o pior. Muitos questionam a falta de atenção do Estado e mencionam suas aflições quanto a um possível bloqueio definitivo dessa via.

Um fato ocorrido em 2016, logo nos primeiros dias no ano, causou danos e prejuízos aos moradores dos campos de cima da Serra. A reportagem<sup>76</sup> analisada, do dia 2 de janeiro de 2016, menciona o ocorrido e evidencia o problema maior. Com o título “Serra do Rio do Rastro volta a ser interditada; previsão inicial de liberação é daqui 5 dias”, indica o local da queda de barreira, próxima à ocorrida anterior a ela. A reportagem associa o tempo de liberação da via com o tamanho dos estragos causados.

As pedras quebraram o muro de proteção, que é reforçado de aproximadamente 40 centímetros de concreto, e derrubaram postes da rede de iluminação no local. As pedras também atingiram a pista inferior, que fica a pelo menos 80 metros abaixo de onde ocorreu o desmoronamento.

A reportagem alerta para a quantidade considerável de pedras, terra e árvores que bloqueiam a passagem de pessoas e veículos. O mesmo episódio é relatado também pela moradora<sup>77</sup>, durante a entrevista aplicada em sua residência, sob o seguinte ponto de vista: “[...] os restaurantes fecharam, o mercado ficou sem abastecimento de algumas coisas. [...] Eu lembro que teve hóspedes, imagina, que teve que dar a volta do mundo”.

A entrevistada também relata que:

[...] é recorrente esse tipo de deslizamento. Teve esse muito grande, [...] no começo de 2016. Depois teve o episódio do carro, e depois disso, eu não

---

com-produto-para-tentar-conter-deslizamentos-na-serra-do-rio-do-rastro.ghml>. Acesso em: 12 de nov. 2017.

<sup>76</sup> Queda de barreira interrompe trânsito na Serra do Rio do Rastro. Sul in Foco Notícias. 1 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.sulinfoco.com.br/serra-do-rio-do-rastro-volta-a-ser-interditada-previsao-inicial-de-liberacao-e-daqui-5-dias/>>. Acesso em: 4 out. 2017.

<sup>77</sup> Maria, moradora e proprietária de uma empresa de passeios turísticos na cidade de Bom Jardim da Serra. Presidente da ABT (Associação Bonjardinense de Turismo) no ano de 2016.

lembro um que tenha ido pra mídia. Mas a gente que tá sempre subindo e descendo, deu uma chuvinha mais forte, um vento mais forte, e tu vê pedras na estrada, sempre. É recorrente. Por ter visto esse impacto e que gente tá correndo atrás do governo, porque se fechar a Serra? Como é que Bom Jardim vai sobreviver se essa estrada ficar fechada de um a dois anos?

A reportagem citada foi publicada no *site* de notícias Sul in Foco e também na página social do Facebook. Nas redes sociais, a empresa de comunicação possui 87.250 pessoas seguindo, e a reportagem analisada possui 110 curtidas, 168 compartilhamentos e 7 comentários.

Outro morador<sup>78</sup>, que também menciona os transtornos em virtude do bloqueio acima, salienta que, “[...] quando caiu foi um caos mesmo. Os restaurantes não tinham ninguém. Quando caiu ali, ficou uns cinco, seis dias, né? Foi um caos, a cidade era morta. Era só o pessoal e já tava faltando as coisas. Porque remédio vinha dali”.

Percebe-se, por meio dos relatos e entrevistas transcrito, que a estrada ainda é local e destino de muitos visitantes, por mais que as quedas de barreiras sejam frequentes. Também se salienta que a estrada para os moradores possui significados e grau de importância observados. A população é dependente, preocupada e necessita desse caminho para desempenho de suas atividades econômicas e de sobrevivência. Bom Jardim da Serra liga-se com Lauro Muller não apenas por limites territoriais, mas por caminhos interligados entre ambas.

Dentre os espaços disponíveis para circular e visitar em Bom Jardim da Serra e região, a estrada, o mirante da Serra do Rio do Rastro, os cânions e os terrenos em que se encontram as torres eólicas são espaços de atração. Percebe-se que nesses locais o movimento e a passagem de veículos e pessoas nos fins de semana ou feriados é frequente.

A moradora coloca seu ponto de vista com relação a isso, quando revela: “então o turista passa pela rodovia estadual e não aparece as coisas bonitas de Bom Jardim. Eles não querem entrar para ver como é aqui. Os atrativos parecem que só se limitam lá mesmo, no mirante, né? Pronto! O melhor café está lá no mirante”.

Outros espaços que atraem visitantes são os hotéis e restaurantes. Os hotéis configuram-se por um certo padrão de hospedagem. Ligam-se pelas práticas direcionadas ao turismo rural, ecoturismo, turismo de aventura, entre outros. Nos

---

78 Itevão, morador e engenheiro agrônomo no município de Bom Jardim da Serra.

restaurantes o padrão típico é churrascaria. Eles estão espacializados numa região única, entre a cidade e o mirante. Chama atenção que os hotéis com um padrão elitizado se concentram perto da região do mirante.

Por essa observação supõe-se uma centralidade de espaços no município. Terrenos e hotéis em determinados espaços possuem valores e preço diferenciados. Ou seja, quanto mais perto da Serra do Rio do Rastro, quanto mais perto do mirante, mais localizado e “privilegiado” você está. De fato, são esses os lugares com maior movimentação de veículos e visitantes. Os locais com estruturas que oferecem contemplação da paisagem e os empreendimentos turísticos construídos perto do mirante ou perto da Serra do Rio do Rastro recebem tratamento diferente por parte do governo. Verifica-se que nesses locais obras e projetos vêm se concretizando nos últimos anos.

Os investimentos abarcam revitalização da rodovia, construção de calçadas, acostamentos e meio-fio, fixação de lixeiras e postes de iluminação, sinalização, ajustes nas grades de proteção na área de contemplação no mirante, bem como fixação de placas com informações aos visitantes.

Quanto à reforma da estrada, segundo reportagem do *site* São Joaquim Online, do dia 19 de junho de 2016<sup>79</sup>, os investimentos provêm do governo do Estado através do Pacto por Santa Catarina. A reforma, avaliada em 25,5 milhões, encontra-se ainda em andamento e objetiva atrair oportunidades e investidores interessados na região. Indo além, a reportagem cita que a reforma serve para fomentar o setor turístico da região e o escoamento das mercadorias produzidas na região.

Com relação ao mirante e às reformas visíveis nos últimos anos, salientam-se diversos projetos mencionados pelos próprios moradores para o local e lançados por parte do governo estadual. Segundo Antônio, desde 1990 diversos projetos já foram lançados e nunca saíram do papel.

Em 1990, 90 e poucos aí. O Deinfra concedeu um projeto amplo. Mas um projeto lindo, que era o Portal da Serra. [...] era um negócio fantástico. Mas ele nunca saiu do papel. [...] Era um projeto urbanístico na região, era composto por *shopping*, era um portal mesmo com *shopping* e várias coisas.

---

<sup>79</sup> Fabiana Legnaghi. **São Joaquim Online**. 19 agosto de 2016. Disponível em: <<http://saojoaquimonline.com.br/2016/08/19/rodovia-entre-sao-joaquim-e-bom-jardim-da-serra-recebe-primeira-camada-asfaltica/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

Pedro, morador, também revela projetos oferecidos e que nunca foram concluídos.

Ali no mirante era assim, [...] ali era para ser box, ia ter uns 50 boxes. Box é sala, ia ter lanchonete, farmácia, cada um ia ter que vender um [...]. Cada um ia ter o seu, cada um ia ter que vender alguma coisa, e até eu tava nessa lista.

Trabalhando ainda nas ações idealizadas e não concluídas na década de 1990, novos projetos e ações foram lançados ao longo dos anos e tiveram êxito. Diferentemente dos relatados acima, o mais abrangente e presenciado foi lançado e concluído pelo governo do Estado de Santa Catarina, através da Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte em 2014. Na ocasião, revitalizaram-se os sanitários, as calçadas, o sistema de iluminação e lixeiras. O custo total da obra anunciado pela Amures (Associação dos Municípios da Região Serrana) foi em torno de R\$ 200 mil reais.

No mesmo ano da reforma do mirante, o governo do Estado de Santa Catarina, por meio do Projeto de Lei n. 0110.6/2014, concedeu por meio de concessões espaços no atual mirante. A Lei n. 16.531 visa conceder espaços pelo prazo de até 30 (trinta) anos, prorrogáveis por igual período, desde que se justifique interesse público na sua manutenção. Os interesses da iniciativa privada que rondam a região do mirante não são recentes e também não partiram somente após aprovação da lei. Desde os primeiros indícios de ocupação e movimentações na região, vinte anos atrás, pessoas já demonstravam interesses pelos espaços do mirante.

O morador e comerciante em Bom Jardim da Serra Paulo trabalhou no mirante com serviços gerais e iniciou timidamente seu comércio no ramo alimentício naquele espaço. No entanto, ele revela que no passado foi obrigado a sair daquele local por ordem judicial. Alega, inclusive, que houve manobras por parte de algumas pessoas para que saísse. Atualmente, o comerciante entrevistado ainda atua no ramo alimentício, trabalhando na cidade em um local alugado.

Averigua-se, a partir do relato acima e também por notícias vinculadas pelos canais de comunicação, interesses da iniciativa privada anteriores ao projeto de lei e

aprovação da lei. Prova disso é a reportagem<sup>80</sup> do *site* EconomiaSC, do dia 7 de agosto de 2010, com o título “Empresário quer investir em plataforma na Serra Catarinense”, complementando as ideias até aqui explanadas de a região ser foco de investimentos no passado.

A reportagem sinaliza os interesses que partem de um empresário atuante no ramo de entretenimento e lazer em Santa Catarina. Na reportagem, evidencia-se o projeto com a seguinte ideia:

Sócio do Parque Unipraias, em Balneário Camboriú, Moacir Bogo pretende investir entre R\$ 1,5 milhão e R\$ 2 milhões num empreendimento turístico na Serra Catarinense. Ele pretende construir uma plataforma de contemplação, similar a Skywalk (Caminho do Céu), que existe no Grand Canyon, no Arizona (EUA).

Os projetos idealizados para o mirante são temas frequentes nos noticiários em escala regional, em *sites* e redes sociais numa espécie de “cobertura em tempo real” das ações. As notas divulgadas envolvem títulos, tais como: “Visitas aos locais destinados aos investimentos por parte do empresariado interessado”; “Reuniões com autoridades locais e pessoas ligadas ao segmento turístico da região e do Estado”; “Plataforma de contemplação no mirante da Serra do Rio do Rastro volta à pauta”; “Serra do Rio do Rastro pode perder maior plataforma de vidro do mundo para o RS”; “Retomado projeto da plataforma no mirante da Serra do Rio do Rastro”; “Teleférico da Serra do Rio do Rastro deverá ser implantado até 2017”.

A notícia vinculada pelo governo de Santa Catarina – Regional São Joaquim, por exemplo, sinaliza as ações por parte do Estado. Pela reportagem, as intervenções vão desde a construção de novos sanitários à construção de um centro de atendimento ao turista e estacionamentos.

Já outras reportagens enfatizam ações que partem do capital privado. A reportagem do *site* SerraSC do dia 26 de julho de 2017, com o título “Retomado projeto da plataforma no mirante da Serra do Rio do Rastro”, registra a visita de representantes da Secretária do Estado de Turismo, Cultura e Esporte e empresários

---

<sup>80</sup> **EconomiaSC**. 17 agosto de 2010. Disponível em: <<http://economiasc.com.br/empresario-quer-investir-em-plataforma-na-serra-catarinense>>. Acesso em: 6 out. 2017.

interessados em investir na reestruturação do mirante. Inclusive, própria reportagem<sup>81</sup> do *site* SerraSC revela os propósitos da visita:

Eles sobrevoaram os cânions e já possuem o projeto de uma plataforma de vidro com lance de 25 metros de avanço sobre o precipício. Desde 2010 se arrastam as conversações sobre o projeto e agora Leonel Pavan está decidido a firmar a parceria público-privada do empreendimento.

Pela atenção dada aos espaços pontuais no município em que os visitantes circulam com mais frequência, ou pelos espaços que são objetivados e desejados por empresários para aplicação de seus investimentos, observamos os direcionamentos das transformações ocasionadas pelo turismo. A realidade, por exemplo, que se observa na cidade, é de espaços desiguais separados por uma única rua, com estradas inacabadas e sem rede de esgoto. Esse fato alerta para os investimentos pontuais, que são guiados por interesses do Estado e pelos detentores do capital. Eles são tomados por um ideal de desenvolvimento econômico no qual, às vezes, acabam ignorando os aspectos sociais e colaborando para práticas segregativas.

A moradora<sup>82</sup> da cidade percebe isso, quando comenta:

[...] aqui é tudo pertinho, pertinho da igreja, do mercado e do trabalho. Tudo que você precisa é ali. [...] Só que eu acho uma diferença muito grande. Aqui o centro é muito bem organizadinho. [...] aí, por exemplo, passa a rodovia estadual, do outro lado, falta estrutura (saneamento básico) [...] é uma realidade. São duas realidades tão próximas e que fazem parte do mesmo espaço, é uma rua que delimita totalmente, sabe?

A visão da moradora, o olhar que ela possui, revela lados opostos de uma mesma cidade. Cidade pequena, com índice de ocupação baixo e densidade demográfica pequena. No entanto, a mancha urbana em que existe uma concentração das atividades econômicas e uma circulação ainda tímida de visitantes recebe tratamento diferente dos demais lugares periféricos da cidade, nos quais não existem comércios e serviços, e muito menos visitantes circulando.

---

<sup>81</sup> Anselmo Nascimento. Retomado projeto da plataforma no mirante da Serra do Rio do Rastro. 26 julho de 2017. SerraSC. Disponível em: <[http://www.serrasc.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8054:retomado-o-projeto-de-plataforma-de-contemplacao-da-serra-do-rio-do-rastro&catid=407:noticias](http://www.serrasc.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8054:retomado-o-projeto-de-plataforma-de-contemplacao-da-serra-do-rio-do-rastro&catid=407:noticias)>. Acesso em: 6 de outubro de 2017.

<sup>82</sup> Sofia, moradora e professora em Bom Jardim da Serra. Entrevista realizada no dia 10 março de 2017.

A ideologia que se manifesta nos depoimentos, nas falas dos moradores, descrevem que o mundo em vivem, os espaços que frequentam e os ideais de futuro que desejam sobre aquele território são opostos e diferentes. O lugar confortável com perspectiva de crescimento visto pelo empresário e pelo funcionário público é oposto àquele vivido e conhecido pelo pequeno comerciante e pela professora. A idealização do município para atividades no ramo do turismo é guiada pelos espaços transformados, priorizados, os quais devem ou não ser revelados.

### III CAPÍTULO – BOM JARDIM DA SERRA E O TURISMO ATUANTE

#### 3.1 Percepções dos moradores sobre as atividades econômicas atuais

Bom Jardim da Serra, por meio dos dados socioeconômicos, configura-se como município dotado de práticas econômicas concentradas no ramo da agroindústria e de prestações de serviços. Juntos, os dois segmentos abarcam a maior parte da mão de obra assalariada.

Dos produtos cultivados no município que possibilitam geração de emprego e renda, a maçã, revelada anteriormente como motor da economia bom-jardinense por alguns moradores, é divulgada por meio de estudos como elemento indispensável para o desenvolvimento local da região serrana. Para Gomes e Neto (2015, p. 2) através da Associação Brasileira de Produtores de Maçã (ABPM), “o plantio desta fruta envolve quatro funcionários por hectare, de modo direto e indireto. Tal fato representa mais de 100 mil empregos na cadeia produtiva da maçã em âmbito nacional, tendo, portanto, relevância social”.

Essa relevância pontuada acima transfere-se para a realidade local por meio das ofertas no campo do emprego e renda aos moradores do Planalto Serrano. No entanto, essa relevância social citada, quando confrontada com a realidade vista durante os diários de campo e entrevistas, não é real. Não é à toa que, se cruzarmos o total de População Economicamente Ativa<sup>83</sup> (PEA) no município de Bom Jardim da Serra com os totais de empregos formais gerados em 2010, a conta não fecha.

Em 2010, por meio do Censo Demográfico, o IBGE divulgou 1.224 pessoas consideradas PEA (População Economicamente Ativa) em Bom Jardim da Serra, sendo que no mesmo ano os dados do Ministério do Trabalho indicavam somente 423 empregos formais gerados por todos os segmentos econômicos no território. Dessa forma, abrem-se duas possibilidades para a questão. Existe um número grande de

---

<sup>83</sup> Segundo os conceitos divulgados no *site* do IBGE (2010), População Economicamente Ativa compreende o potencial de mão de obra com que pode contar o setor produtivo, isto é, a população ocupada e a população desocupada, assim definidas: população ocupada – aquelas pessoas que, num determinado período de referência, trabalharam ou tinham trabalho mas não trabalharam (por exemplo, pessoas em férias). Fonte: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmemet2.shtm>>. Acesso em 28/10/2017.

trabalhadores informais no município, ou o campo da geração de emprego encontra-se com dificuldades de introduzir novas oportunidades devido à falta de capacitação e de pessoas aptas a trabalhar.

Das questões citadas no subitem “Economia e oportunidades de renda em Bom Jardim da Serra”, do segundo capítulo, é cabível mencionar que a migração sazonal é uma realidade percebida pelos moradores. A dificuldade de ser obter renda no seu lugar de vivência motiva os moradores a buscarem oportunidades em outros locais. Esse fato transparece não só por depoimentos, mas também pelos dados oficiais já revelados acima, que constata um número pouco expressivo de empregos formais<sup>84</sup> gerados em 2016 no município.

A maçã, cultivo destaque no município, tem como seu foco de comercialização o consumo nacional e a exportação. No que diz respeito às comercializações voltadas aos mercados externos, os pomares, na visão dos moradores, são definidos por diferentes olhares. Ivo, morador e agricultor, sinaliza:

Hoje tem parte da maçã que se comercializa para as empresas. As maçãs dessas são exportadas e algumas vendidas no mercado nacional. A maçã boa mesmo que agricultor familiar produz, tudo exportado. As empresas exploram os agricultores. [...] Daqui e de fora. [...] O sindicato tenta fazer o intermédio para não acontecer a exploração. A gente tenta organizar a venda, mas é um processo complicado. Se o agricultor tá devendo pra empresa, ele não consegue sair da empresa, porque a empresa adianta dinheiro para ele “tocar” sua safra. Resumindo: boa parte é apenas colhedor de maçã da empresa. Ele assume o risco de tudo, de banco, de dívida, de tudo.

Istevão também cita alguns entraves nessa prática nos últimos anos quanto ao preço do produto cultivado: “[...] ano passado deu a média de R\$ 1,75 o quilo, esse ano eu não sei se chega a R\$ 1,00 o quilo [...] isso pode levar à quebra de alguma gente”. No entanto, o agricultor salienta o ponto positivo da safra/2017: “produtividade esse ano está ótima. [...] tanto em termos de qualidade e quantidade. Esse ano muito bom!”.

E nessa relação de preço baixo, ao mesmo tempo em que a produção tem saldo positivo, é que o morador acaba mencionando os entraves nesse sistema. Ele cita que existem problemas envolvendo endividamentos, falência e prejuízos, por parte dos pequenos agricultores que entram nesse sistema produtivo. Com

---

84 Em 2016, segundo os dados do Ministério do Trabalho, foram computados no município 302 estabelecimentos nos quais geram 436 vínculos empregatícios (MTE, 2016).

experiência no ramo da agronomia e prestando serviços aos produtores da região serrana, revela o sistema produtivo típico, em que ocorrem parcerias entre agricultores locais e empresas agroindustriais:

[...] 95% é assim. [...] O que ela dá? Ela fornece seguro, defensivo, toda parte de agrotóxico, quatro adiantamentos para o produtor se manter e mais assistência técnica. [...] ela pega maçã depois. Se tu produz 100 toneladas, tu vai receber o defensivo só pra aquilo, o seguro só pra aquilo, os adiantamentos só para aquilo ali. [...] seguro na verdade é só contra granizo.

A produção ocorre por meio de pequenas e médias propriedades ao longo do território do município. Durante os diários de campo observaram-se pomares distribuídos de forma irregular. Algumas propriedades estão em localidades rurais distantes da cidade e outras fazendo contato com a rodovia SC-390, bem próximas da mancha urbana e do mirante da Serra do Rio do Rastro. Também foi possível perceber, por entre esses lugares, criações de animais alternando-se com os cultivos de maçã

Das iniciativas mobilizadoras no município destinadas ao fomento dessas práticas, tem-se algumas promovidas nos últimos anos cabíveis de pontuar. Bom Jardim da Serra possui alguns produtos que acabam se tornando referência quando se fala em Planalto Serrano: o mel, o pinhão, a batata, a ameixa e o queijo serrano são típicos produtos “da terra”.

Istevão, morador, acredita que o município possui 60% da sua produtividade em função dos cultivos nos pomares, no entanto também cita que a região destaca-se pela prática de pecuária, batata e ameixa. No que se refere à colheita de pinhão, a porcentagem de produtividade é baixa, enfatiza ele.

[...] geralmente quem tira pinhão é quem não tem pomar. Porque ele tira aquele tempo pra tirar pinhão, né? Porque bate junto a colheita da maçã com a do pinhão. [...] Eles tiram o pinhão, mas depois eles têm que trabalhar por dia. [...] Porque só do pinhão, porque o pinhão é só dois meses e depois tu vai ficar dez meses sem renda. [...] O preço dele tá bem atrativo, em torno e R\$ 4,00 o quilo.

Sobreviver do pinhão torna-se alternativa pouco expressiva no município, já que a prática é temporária e limitada. Nota-se também, pela fala do entrevistado, que

é inviável conciliar o cultivo de maçã com a retirada do pinhão na propriedade, pois ambas necessitam de mão de obra na mesma época.

As limitações dos cultivos por questões climáticas e por características do solo transparecem nas poucas alternativas de cultivos. Ivo, quando entrevistado, fala sobre os cultivos no campo:

Vamos dizer assim, hoje a agropecuária, hoje a pecuária é uma fonte de renda para as famílias. Pecuária de corte, o gado de leite, quem faz o queijo, pessoal que vende o carneiro, que vende a carneira. [...] Então, pecuária é uma fonte de renda, maçã é uma fonte de renda, batata é uma fonte e o pessoal planta muito. (Ivo, agricultor e morador)

As possibilidades de se obter renda no município são definidas pelas condições e característica do solo, bem como as questões climáticas típicas da região. O fato é que aquilo que se pode cultivar e comercializar na região acaba sendo praticado.

No entanto, para a população que convive e sobrevive na cidade, ter contato e saborear os “produtos da terra” nem sempre é fácil. A professora entrevistada que mora na parte central da cidade pontua tal questão, quando afirma não ter todos os produtos de que necessita ao seu alcance. Ela afirma que “os produtos de Bom Jardim, acho que ficam isolados nas barraquinhas”.

As limitações no campo do acesso aos produtos originários do município e a carência ou mesmo falta de alimentos com que alguns lidam no espaço rural e urbano do município levantam alguns debates em virtude da função social da terra. Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a terra, enquanto função social, deve ser usada de modo racional e adequado, preservando o meio ambiente e os recursos naturais necessários à sobrevivência da humanidade. Também, toda atividade agrícola deverá assegurar as relações de trabalho regulamentadas, assim como outras atividades econômicas. Assim, diante da fala da moradora, as limitações de acesso a determinados cultivos deve-se ao fato de que sua produtividade em determinados momentos é destinada ao consumo por parte dos visitantes que se limitam apenas em circular pela rodovia SC-390.

A partir das entrevistas formais e informais, verificam-se discordâncias acerca dessa perspectiva acerca da terra e da sua função social. Quando se convive com a realidade de Bom Jardim da Serra, verifica-se uma série de contradições, como: pobreza, fome, desemprego e carência de terras produtivas para uma parcela da

população, contradizendo com grandes extensões de terra e recursos naturais propícios para determinadas práticas econômicas.

Istevão<sup>85</sup> pontua que os produtos cultivados no município têm o seguinte destino: “Na verdade, assim, tudo que é produzido tem consumo, mas muito pouco. Maçã? Quantas mil toneladas a gente produz? Fica 1% na cidade. Gado, a mesma coisa, batata, então, a maioria do que a gente produz aqui vai pra fora”.

Aliado ao pouco consumo verificado no município, existem as dificuldades de obter renda fixa, vínculos empregatícios e garantias trabalhistas. Essas situações acabam refletindo na relação demanda *versus* consumo no município. Assim, quando se verificam os diários de campo e as observações transcritas, notam-se relatos de tranquilidade, calma, pouco movimento, baixa circulação de pessoas, comércio limitado e tímido na cidade.

Ainda, a produtividade destinada ao mercado externo e aos grandes centros urbano do Brasil atraem e motivam as empresas do ramo agroindustrial a se instalarem na região serrana. A facilidade de obtenção de mão de obra barata, parceria com os pequenos e médios agricultores, coloca Bom Jardim da Serra nesse cenário.

Diante disso, questiona-se a realidade em torno da pobreza aparente no território pelas lentes dos moradores entrevistados. Istevão, por exemplo, cita que “[...] pobreza tem, mas hoje em dia está melhor, né? Tem mais condições [...] Claro, se tu for olhar ali, existe lá uns 5% daquele que tira o pinhão, planta uma batatinha e vende ali na beira de casa. Vive daquilo ali. Mas hoje a porcentagem disso aí, hoje é baixa”. Já o agricultor familiar Ivo expõe seu ponto de vista de acordo com a realidade vivida por ele, em função de seu cargo no Sindicato dos Trabalhadores Rurais<sup>86</sup>. Ele menciona que as dificuldades encontradas nas propriedades interioranas são sentidas por famílias que não possuem recursos e convivem com baixa renda. A renda média, segundo ele, é de R\$ 80,00/R\$ 100,00 por mês. Ele cita que a maioria cultiva para subsistência, e o excedente cultivado acaba sendo vendido na cidade, nos quiosques espalhados pelo território.

---

85 Morador e engenheiro agrônomo em Bom Jardim da Serra.

86 Ivo, 43 anos, agricultor familiar e presidente do Sitraf.

O agricultor também responde que ele mesmo se inclui nesse sistema: “[...] numa escala pequena a gente vende no município mesmo”. Já com relação ao pinhão extraído no município, tem-se a maioria sendo comercializada para os visitantes. Inclusive, diz ele que os cultivos nos dias atuais estão sendo direcionados para a agroindústria.

[...] A gente tá fortalecendo para o pessoal fazer a agroindústria de pinhão. Em São Joaquim a gente possui uma agroindústria. O pessoal está embalando, fazendo paçoca. Em Urubici tem experiência, em Bom Retiro também da cerveja de pinhão, várias atividades para que seja valorizado o pinhão. Paçoca, cerca de 23 pratos que estão sendo feitos de pinhão.

A necessidade de reinventar, criar produtos para serem consumidos em todas as épocas do ano, em todos os lugares, incentiva os agricultores para o desenvolvimento das práticas citadas acima. A ideia de ligar o cultivo da região com uma marca, com um produto final, é percebida como elemento importante e que acaba contribuindo com as constantes visitas e consumo dos produtos típicos.

Outra prática no município que está se comportando de maneira diferenciada é a produção de queijo. Ivo afirma:

O queijo serrano é uma luta nossa e estamos conseguindo avançar. [...] Porque antes o agricultor familiar era impossibilitado de fazer uma agroindústria, a legislação não permitia. [...] Hoje as agroindústrias daqui já ganharam prêmios no Rio Grande do Sul. Nós temos associados do Sindicato que já ganharam prêmios, isso é muito importante para nossa categoria.

O queijo serrano é conhecido como prática há mais de dois séculos na Serra Catarinense e nos campos de cima da Serra do Rio Grande do Sul. Segundo a reportagem publicada na revista *Agropecuária Catarinense*, fornecida pela Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), no ano de 2015:

Ele viajou no lombo de mulas, alimentou tropeiros, foi moeda de troca e faz parte da tradição da alimentação e da renda das famílias, [...] há mais de dois séculos. O queijo artesanal serrano revela sua textura, no aroma e no sabor, que é muito mais do que um produto – é um pedaço da história que reúne características únicas, como “saber-fazer”, que cruzou o Atlântico com os portugueses, o clima frio dos campos de araucárias e o leite das vacas de corte alimentadas com pastagens nativas. (Epagri, 2005, p. 21)

A comercialização do produto é feita em propriedades rurais e no comércio da região. Segundo a Epagri, estima-se que existam, “[...] na Serra Catarinense, aproximadamente 2 mil produtores que comercializam 1,6 tonelada por ano, somando

um faturamento bruto de cerca de R\$ 21 milhões”. No entanto, a maioria desse faturamento é feito por meio de queijo produzido e comercializado na informalidade, devido às dificuldades estabelecidas quando se busca a liberação da vigilância sanitária.

A prática de produção de queijo é comum nas propriedades familiares de Bom Jardim da Serra. Anita<sup>87</sup> cita: “A minha mãe ainda faz queijo, a gente tem pomar, hoje ele está arrendado, mas a gente pretende voltar a cuidar. Nós estamos sempre fazendo queijo, sempre com essa cultura”. A cultura fixada no município é composta por diversas funcionalidades. A terra em que se pratica o cultivo de maçã, é a mesma onde se cria o gado, tira-se o leite, produz o queijo, e ainda se cultivam os alimentos para subsistência.

E diante das práticas relatadas e moldadas por agricultores e trabalhadores em Bom Jardim da Serra, ressalta-se aqui o papel do Estado. Este deveria atuar na assistência e na manutenção dos equipamentos de infraestrutura, permitindo escoamento das mercadorias, produção de alimentos e garantia de sustento dos mais necessitados, já que a limitação e a variação dos cultivos é uma realidade. No entanto, a falta de atenção por parte do Estado acaba refletindo nas precariedades das estradas rurais, na falha ou inexistência, por exemplo, do sistema de eletrificação em todo o território.

Segundo a fala do morador Istevão, na região serrana existem famílias que receberam energia elétrica em suas propriedades pela primeira vez em 2010, a partir de programa federal chamado “Luz Para Todos”, de acordo com a fala dele:

Em Bom Jardim muitas residências no interior não tinham luz. São Joaquim da mesma forma. Mas para contemplar, foi doze milhões de estabelecimentos rurais no Brasil que receberam luz. Aqui em Bom Jardim muita gente não tinha luz e não tem como tu levar, é um custo muito caro. No Programa Luz para Todos, que terminou em 2010 mas beneficiou famílias até 2013. [...] se tu pegar a lista de famílias que não tinham uma lâmpada em casa, as famílias carentes, ganharam até três lâmpadas dentro de casa, não tirou nem um real do bolso. Tu chegava em casa para descarregar o carro de boi, você não tinha luz, para tomar um banho, você não tinha luz. A mulher não tinha máquina de lavar roupa, ela não tinha forninho. Imagine hoje um rapaz casar com uma moça e levar ela pra um sítio, e chegar lá não ter luz? Quantos dias ela fica?

---

<sup>87</sup> Anita, moradora e engenheira agrônoma no município.

Diante das relações que se completam, dos cultivos consumidos e vendidos, das alternativas de sobrevivência e das dificuldades impostas, alguns moradores entrevistados idealizam e revelam seus desejos para o futuro no município.

O turismo é colocado como setor que pode alavancar a economia local e gerar renda para muitas famílias. O empresário<sup>88</sup> no ramo de hotelaria destaca bem essa relação quando pontua a falta de visão dos dirigentes municipais quanto ao turismo que contempla todos os setores:

[...] eles acham que o turismo tá em segundo plano. Eles querem fazer estradas e está certo. Tem que cuidar do gado e tem cuidar do produtor de maçã. Só que eles não têm uma visão do turismo, que o turismo é uma indústria que absorve o dinheiro de forma sustentável e distribui e fixa o dinheiro na comunidade. Então, vamos dar um exemplo bem prático: tu serve um pinhão, um suflê de pinhão, até o apanhador de pinhão que apanhou esse pinhão no interior de Bom Jardim da Serra ele faturou com o turismo. Porque nós trouxemos o turista pra cá pra comer o pinhão. Então! Tu fura o pneu? Quer combustível? Vai comprar um queijo? Então! Você distribui esse dinheiro para todos, desde os mais sofisticados até os mais simples, para todas as pousadas, e também para a comunidade, desde o menos favorecido até o mais favorecido.

Outro ponto que o mesmo entrevistado acima destaca é sobre demanda dos produtos “da terra”. Diante da procura e do consumo em seu hotel, “só o nosso hotel, ele reserva meia tonelada de pinhão na câmara fria, descascadinho para o ano inteiro. Entre 350 a 500 quilos”.

O consumo dos produtos típicos da região, seja dentro dos hotéis ou mesmo nas barraquinhas, o consumo das paisagens marcantes do planalto, a estadia nos hotéis ofertados, tudo é visto e já percebido. Já tem moradores “abrindo as portas” das suas propriedades para ofertar visitação em cachoeira, fazer trilha, conhecer os cânions, por exemplo. A visão que se tem   que tudo que se pode tornar mercadoria e possui mercado   ofertado. Na luta pela sobrevivência, a corrida e a disputa que se percebem por entre os municípios do Planalto Serrano na tentativa de “fisgar” turista já é uma realidade. E nesse jogo de disputa e ganhos por entre os que possuem mercadoria também entram os moradores que ofertavam sua mão de obra a todo custo.

---

88 Empresário no ramo de hotelaria em Bom Jardim da Serra. Entrevistado no dia 9/6/2017.

### **3.2 Associações e sindicatos atuantes**

Em Bom Jardim da Serra, para além das ações do Poder Público e as de cunho privado, existem articulações por parte de grupos sindicais e associações fixadas no município. Esses grupos estão objetivados, de alguma forma, em cuidar ou tratar das ações relativas às melhorias nas condições de vida e renda da população, bem como, na organização e na fiscalização das práticas econômicas no território. Também, algumas mobilizações buscam o fortalecimento das suas atividades lucrativas, propondo iniciativas em conjunto entre os membros, que veremos mais adiante.

Os grupos atuantes encontram-se vinculados tanto em associações como em sindicatos. São sindicatos mobilizados pelas causas ligadas aos proventos da terra, assim como associações relacionadas às práticas turísticas difundidas nos últimos anos.

Cabe lembrar que o contato e o conhecimento dos sujeitos sociais atuantes foram possíveis graças às constantes idas ao local estudado. No campo, no decorrer das entrevistas, foi possível perceber e até mesmo conhecer como funciona cada um desses grupos. Chama atenção desde o início que, das dez entrevistas concluídas, quatro dos dez entrevistados para pesquisa fazem parte em algum momento dos grupos atuantes. Das associações e sindicatos apresentados pelos entrevistados, conhecemos: Associação Bonjardinense de Turismo (ABT), Associação Bonjardinense de Artesãs (ABA), Associação Bonjardinense de Turismo no Espaço Rural (Abter), e o Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Sintraf).

Das associações e dos sindicatos presentes, identifica-se atuação recente de todos os grupos. Segundo alguns membros, as iniciativas surgiram nos últimos vinte anos sobre o território de Bom Jardim da Serra. A formação e a mobilização se deram a partir das transformações no campo das atividades econômicas inseridas no município. No primeiro contato com uma das integrantes da ABA (Associação Bonjardinense de Artesãs), Laila, a presidente do movimento, revela que o surgimento do movimento se deu em virtude das constantes movimentações no espaço do mirante a partir da década de 1990. De acordo com a artesã, o local fixo no mirante “era de chão batido, ninguém queria. Nós fomos pioneiras aqui”.

Dos produtos ofertados por elas, em visita ao local de atuação, no dia 12/1/2017, observam-se sobre as prateleiras: doces, licores, cachaças, relógios, ímãs, bem como artigos e vestimentas: gorros, cachecóis, luvas e ponchos. Chama atenção que alguns produtos carregam outro símbolo em sua embalagem, além do símbolo da associação. O símbolo que aparece em alguns doces é fruto de um outro movimento no município chamado de Miva (Movimento Independente de Valorização da Artesã). Esse movimento corresponde a uma marca criada por uma das artesãs da ABA (Associação Bonjardinense de Artesãs).

Indo além, segundo a presidente, durante uma conversa informal no dia 27/5/2016 no próprio estabelecimento, a associação é composta por 13 artesãs que criam e ofertam artesanatos no município. Segundo ela, a associação só foi registrada no ano de 2000, no entanto, anterior a essa data, elas já vendiam seus produtos na rua, sem espaço fixo no mirante. Laila menciona que conquistaram o espaço por meio de uma concessão do Estado. Na ocasião, um dos motivos que favoreceram a aquisição deu-se pelas contribuições e serviços prestados por elas. No passado e no presente elas atuam como uma espécie de informantes para os visitantes, que chegam “perdidos”, sem informação alguma. Para este fato, presenciei no mesmo dia da conversa alguns turistas adentrando no estabelecimento buscando informações sobre os atrativos da região. Na ocasião, registrei no diário de campo a seguinte anotação: “[...] Presenciei turistas entrando e saindo da loja das artesãs, perguntando sobre os caminhos para se chegar ao Cânion das Laranjeiras. Em resposta, uma das artesãs respondeu que só pode visitar com visita guiada” (Diário de campo – 27/5/2016).

Das regras para participar do grupo, a presidente é bem enfática: “não é qualquer um que pode entrar na associação, existe todo um acordo entre ambas na decisão de aceitação de novos membros, assim como, existe um custo para entrar, chamado de ‘joia’<sup>89</sup>. Para entrar e permanecer na associação, é proibido produzir artesanatos que possam prejudicar as demais, causando concorrência.

Dos instrumentos necessários para confecção dos produtos, a maioria dos materiais é proveniente das idas constantes ao litoral, ou mesmo deslocando-se até a cidade de Lages. Já com relação ao papel da gestão municipal no apoio e no incentivo,

---

<sup>89</sup> Joia refere-se a um valor em espécie (R\$).

sinalizam que “não existe apoio algum”, indicando em seguida que, “mexer com a política na cidade, é complicado”. Dessa forma, observa-se um distanciamento e uma crítica quanto à atuação e ao auxílio por parte da gestão municipal. Dos pontos sinalizados acima, a artesã pontua que a gestão municipal não participa e não colabora com as práticas da associação.

Com relação ao papel do governo estadual, a presidente menciona sobre os novos projetos que visam inserir equipamentos turísticos no mirante. Sobre a Lei n. 16.531, aprovada em 23 de dezembro de 2014, Laila sinaliza que existe “bastante esperança” quanto aos novos rumos que essa ação trará para o desenvolvimento de toda a região. Inclusive, revela que o Estado garantiu permanência dos espaços já cedidos: “eles garantiram que ninguém vai sair ou ter que sair do seu local”.

Um fato interessante captado durante as idas ao estabelecimento das artesãs foi a variedade de produtos que levam a fotografia da Serra do Rio do Rastro. Também, observei a comercialização de “bicho de pelúcia” em formato de quati. Os quatis são figuras marcantes no mirante. A presença dos animais é rotineira em quase todos os diários de campo.

Perto do mirante fica fácil perceber animais (quatis e cachorros do mato) circulando entre os visitantes. São alimentados com bolacha, “chips” e rosca de polvilho. Tudo que é consumido pelo visitante é ofertado ao animal. Os visitantes chegam perto e registram todos os momentos com fotografias, sabendo ou ignorando a placa indicativa para não alimentar e nem chegar perto deles. (Diário de campo – 27/5/2016)

Das constantes idas aos campos de cima da Serra, sempre notei e observei os animais circulando pelos locais. Acredito que houve uma única vez em que os animais não foram vistos.

Cheguei no mirante perto das 15h30 após retornar da cidade. O movimento dos visitantes era maior que no período da manhã. Havia no local muitos carros e motos, bem como pessoas circulando e tirando fotografias. Um fato curioso que nesse dia os quatis não estavam circulando pelo mirante, fato este que é frequente e quase sempre ocorre uma interação desses animais com os visitantes. (Diário de campo – 12/1/2017)

A maioria dos animais recebe alimentos dos visitantes, apesar de haver uma placa sinalizando e orientando para não alimentar os animais ou encostar neles.

Chegando no mirante o clima era ameno e o céu estava “limpo”, confirmado a previsão e a boa visibilidade vista no dia anterior. No mirante o estacionamento se encontrava vazio, e ao sair do carro, de início, avistei um

animal de espécie desconhecida. Ele foi chegando cada vez mais perto, acredito que estava procurando comida. Também avistei os quatis (cerca de uns dez) famintos cheirando o lixo exposto e vasculhando cada canto do local. Os animais circulavam por entre os poucos visitantes, sendo alimentados a todo momento por eles. Chips, pães, pipocas, chocolates são disponibilizados aos animais, que, alvoroçados, comem tudo que tiver ao alcance. (Diário de campo – 26/1/2016)

Também, dos diários de campo que continham parada obrigatória no mirante, presenciei certo dia um fato um pouco engraçado. Notei um animal entrando no estabelecimento e saindo imediatamente com uma “peça” de salame na boca. O fato, parece ser algo comum e rotineiro. O dono do quiosque não demonstrou nenhuma reação diante do fato.

Outra associação que se faz presente no município, sendo uma das mais recentes, é a ABT (Associação Bonjardinense de Turismo). Fundada em 10 de agosto de 2013, segundo a página social<sup>90</sup> da associação, ela visa:

[...] desenvolver, estruturar, organizar e divulgar o turismo na Serra Catarinense. Sem fins lucrativos, a entidade não possui qualquer cunho partidário, social ou religioso. Seu principal objetivo é a conscientização e a importância do turismo na nossa região.

Segundo a presidente em exercício, Maria<sup>91</sup>, o objetivo central é unir forças, sempre buscando ofertar um turismo de qualidade e sustentável. Para ela, o turismo no município está crescendo rápido demais, e isso a preocupa.

[...] a gente tem um olhar meio preocupado para isso. Porque, como te falei, tá crescendo rápido. Daí, quando cresce rápido a qualidade acaba, né? A qualidade acaba sendo um pouco prejudicada. Então, dentro da associação estamos tentando unir todo mundo pra que isso não aconteça.

Já para o entrevistado Islon, empresário e membro, a associação nasce após as mobilizações e atuações nas cidades vizinhas.

[...] em São Joaquim tem a Protur (Estação Pró-turismo de São Joaquim), e eles fundaram a Apolserra (Associação dos Pousadeiros e das Pousadas de São Joaquim). Então, nós fundamos aqui a ABT (Associação Bonjardinense de Turismo). Por quê? Porque cada associação dessa congrega um grupo, um *trade* turístico da cidade, né? E o convence então a se unirem, essas forças do turismo.

---

90 Link de acesso: <[https://www.facebook.com/pg/ABT-Associa%C3%A7%C3%A3o-Bonjardinense-De-Turismo-121189434718153/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/ABT-Associa%C3%A7%C3%A3o-Bonjardinense-De-Turismo-121189434718153/about/?ref=page_internal)>. Disponível em: 3 nov. 2017.

91 Maria, presidente da ABT e turismóloga no município de Bom Jardim da Serra.

A ideia que se lança a partir dos membros da associação é que o turismo está em constante crescimento e que as práticas e os serviços oferecidos na região são dotados de uma certa homogeneidade pelas ofertas encontradas. São empreendimentos e produtos nos segmentos do turismo rural, turismo de aventura, com hotéis e pousadas no estilo campeiro predominante. No entanto, para alguns moradores, como é caso de Islon, existem diferenças quanto ao turismo aplicado nos municípios vizinhos: “está mais adiantado é Urubici, Bom Jardim Serra e São Joaquim. São Joaquim está melhor, porque está vindo muitos viticultores. Muitos até sem pretensão financeira, os caras são industriais, muito bem-sucedidos, que têm o vinho como arte e divertimento [...]”. Outro morador e empresário evidencia seu ponto de vista a partir das vivências e situações observadas no seu lugar. Ivo relata que o turismo nos municípios no entorno de Bom Jardim da Serra se diferenciam pela qualidade do turista, “o nosso turista é de qualidade”. O mesmo também menciona que turista de Bom Jardim Serra é selecionado, com alto poder aquisitivo e diferente dos demais.

Salienta ainda que para o turismo se firmar ainda mais sobre o território é necessária informação ao turista. Ele acredita que falta informação e a estrutura ainda é carente:

Não adianta nós divulgar isso aqui pra um milhão de pessoas aqui e não ter onde se alimentar, onde se hospedar, né? Então! Tem que ser divulgado conforme os equipamentos forem acontecendo. Eu acho que está acontecendo isso aí, eu vejo que nós temos aí, com relação ao turismo, um grande fardo. Falta de informação para o turista, né? Porque, calculo aí, dos 95%, a maior incidência dos turistas que vêm visitar a Serra eles sobem a Serra. [...] Por que eles acham o seguinte. Que a Serra é só Serra e não tem mais nada. Eles não sabem que para cá, tem uma região.

A ideia do Ivo remete ao fato de que alguns elementos da natureza local recebem maior destaque e circulação dos visitantes. Assim, muitos destinam-se somente em visitar a Estrada da Serra do Rio do Rastro, o mirante, o parque eólico, bem como os hotéis próximos a esses locais, ficando em segundo plano os equipamentos construtivos firmados na cidade e nas regiões interioranas.

O próprio empresário Islon cita: “[...] aqui nós já temos o mirante da Serra, que é nossa sala de visita e todo mundo vem até aqui”. Também menciona que a prática

do turismo é dificultada quando existe a necessidade de convencimento de que vale a pena visitar outras partes do município.

Já outra questão pela qual a associação tanto luta é pela minimização dos riscos que se corre diante dos deslizamentos e quedas das barreiras na Rodovia Serra do Rio do Rastro. Diante disso, a estrada ganha pauta nos últimos anos dentro da associação. Para Maria, “é uma das maiores batalhas da associação”. Além dos problemas de sinalização e iluminação<sup>92</sup>.

[...] a iluminação sempre volta e meia está com problema. E dentro da ABT é uma das nossas lutas, vamos dizer assim. Porque é atração turística da cidade, as pessoas vêm pra cá, pra ver a Serra. Daí ela foi iluminada, teve toda uma divulgação em cima disso, fora a questão da segurança. Que não é só o turismo, é segurança mesmo também, né? E aí tem horas que tá apagada e arrumam rápido. Às vezes, arrumam rápido, as vezes demoram muito tempo. Eu lembro de períodos que ficou muito tempo sem iluminação. E o pavimento ali nitidamente está sofrendo assim, né?

Maria ainda enfatiza que a Serra é essencial para os constantes deslocamentos da população que habita a região. E lança sua preocupação quando sinaliza os constantes episódios presenciados.

[...] a gente que tá sempre subindo e descendo, deu uma chuvinha mais forte, um vento mais forte e tu vê pedras na estrada, sempre. E por ter visto esse impacto, é que gente está correndo atrás. Porque, se fechar a Serra? [...] Como é que Bom Jardim vai sobreviver se essa estrada ficar fechada de um a dois anos?

Para o Sr. Islon, alguns pontos turísticos no município não recebem atenção dos governantes, ficando somente nas promessas.

[...] o mirante nós estamos há vinte anos pedindo para todos os governos, passaram sem exceção de nenhum, não teve um, não teve quem teve peito e a vontade política de resolver a questão do mirante. [...] a vinte anos que nós estamos pedindo para eles urbanizarem o mirante, uma arquitetura à altura do que ele representa.

---

<sup>92</sup> A questão da falta de iluminação foi situação marcante durante as minhas andanças entre o litoral e planalto. Certo dia, a caminho do Oeste de Santa Catarina, de madrugada, me desloquei por meio da Rodovia Serra do Rio do Rastro. A falta em alguns trechos de iluminação chama atenção. Existem locais com postes apresentando defeitos e outros com luzes falhadas. Também é notável observar os constantes movimentos de caminhões pesados, subindo e descendo naquele horário. Naquele dia, havia um caminhão quebrado em uma das curvas, já causando filas em ambos os sentidos (Observação realizada no dia 30/8/2017).

O entrevistado adverte para a falta de atenção por parte dos políticos, mencionando, inclusive, que o mirante para ele é parte central de todo o processo de atração de novos visitantes. Ele revela ainda o descompromisso do Estado para com a manutenção da estrada, “[...] A gente tinha que ter essa Serra aqui, que era um brinco, né? Toda arrumadinha, varrida todo dia e tal, supersinalizada”. Além disso, ele refere a falta de manutenção dos equipamentos de infraestrutura já fixados.

Uma coisa que ficamos mendigando de pires na mão, toda semana pedindo para eles arrumarem, é a iluminação da Serra, que é um atrativo e uma questão da segurança. Quer dizer, isso aí é uma vergonha, quer dizer, falta de vontade política. [...] Eu sei que não tem um cara que assume esse negócio.

A indignação do empresário remete aos problemas que permeiam a vida de quem trabalha ou convive com o turismo. A promessa nunca cumprida de revitalização do mirante, o abandono e a falta de manutenção da Serra do Rio do Rastro ganham destaque. No entanto, as precariedades também fazem parte da área urbana da cidade. Segundo a reportagem<sup>93</sup> do dia 24/6/2016, do *site* de notícias de abrangência regional, São Joaquim Online, com o título “Sem iluminação moradores colocam velas nos postes em Bom Jardim da Serra”, indica a precariedade e a falta de atenção pelos gestores quanto à iluminação básica. De início a reportagem pontua:

A turística cidade de Bom Jardim da Serra está penando em todos os aspectos, desde segurança, economia, saúde e até mesmo a mais simples questão de infraestrutura está trazendo muitas dificuldades aos visitantes e moradores do município.

No corpo do texto evidencia-se que o problema na área urbana já perdura há mais de dois meses no município. O medo de possível apagão geral é exposto, e a forma como a população tenta reverter tal prejuízo é instalando velas e adaptando junto aos postes com garrafas pet. A Figura 22 assinala bem a questão indicada na reportagem.

---

<sup>93</sup> São Joaquim Online. 24 junho de 2016. Sem iluminação, moradores colocam velas nos postes em Bom Jardim da Serra. Disponível em: <<http://saojoaquimonline.com.br/2016/06/24/sem-iluminacao-moradoradores-colocam-velas-nos-postes-em-bom-jardim-da-serra/>>. Acesso em: 12 de nov. 2012.

Figura 22 – Postes com iluminação adaptada pelos moradores de Bom Jardim da Serra.



Fonte: Retirada da reportagem do dia 24 jun. 2016. Disponível em: <<http://saojoaquimonline.com.br/2016/06/24/sem-iluminacao-moradores-colocam-velas-nos-postes-em-bom-jardim-da-serra/>>. Acesso em: 12 de nov. 2017.

Além disso, o autor da matéria revela um questionamento ao final da reportagem, citando que a situação ocorre justo no local que possui um “imponente parque eólico. Dá para acreditar?”, expõe o autor da matéria. Assim, incluímos nos debates as questões que envolvem o Parque Eólico instalado no município em 2008, cujas ações e decisões quanto a sua instalação na época não foram incorporadas e apresentadas aos moradores. Pois, segundo o morador e vereador José, “nem o ponto de vista do meio ambiente, da oportunidade que energia renovável traz para a cidade, da preservação, ela não foi discutida e nem incutida na população”. Transparecendo nesta questão a falta de participação política e de decisão por parte dos reais moradores de Bom Jardim da Serra, este fato torna-se ainda mais verídico, quando se observa a falta de participação e informação posteriores a isso.

Em 2014, estava tramitando na Assembleia Legislativa de Santa Catarina (Alesc) o Projeto de Lei n. 110.6.2014, em que não eram do conhecimento da maioria da sociedade bom-jardinense suas intenções. O referido projeto tratava das questões referentes aos peraus da Serra do Rio do Rastro. Uma das iniciativas objetivava a concessão e a autorização de uso remunerado de imóvel no Município de Bom Jardim

da Serra para exploração pela iniciativa privada. Na época, o tal projeto não era do conhecimento da maioria da sociedade bom-jardinense. Para tanto, segundo alguns entrevistados, houve uma mobilização ativa de alguns membros da sociedade, para que se fizesse uma audiência pública.

José, assessor de uma deputada estadual na época, conta que:

[...] eu fiquei sabendo, porque na época que eu era assessor parlamentar da deputada Ana Paula Lima, o projeto entrou numa comissão que ela fazia parte, que era a Comissão de Direito e Justiça. Como tinha o nome, ela me perguntou. A deputada me ligou e perguntou: João, tu sabes que tem um projeto tramitando aqui, que vai conceder por 30 anos o mirante da Serra do Rio Rastro para um empreendimento turístico? Não! E ela: Então, contate a população, porque é interessante a população saber. Contatei o prefeito da época, os vereadores e eles não sabiam. Nós conseguimos provocar uma audiência pública e nós amenizamos. Em que o governo do Estado foi obrigado a vim se explicar, onde os agentes envolvidos tiveram que se explicar E ficou caracterizado que era um empreendimento importante para a cidade, um empreendimento, a exemplo da eólica, não discutido e não debatido.

Ressalta-se que a única Audiência Pública realizada para a discussão do Projeto de Lei n. 110.6.2014 foi feita um mês antes da aprovação da lei. Nos discursos registrados na Audiência Pública realizada no dia 27 de novembro de 2014, percebeu-se que o prefeito do município, alguns vereadores, os comerciantes e representantes dos sindicatos e das associações das cidades envolvidas não sabiam e nem tinham conhecimento do Projeto de Lei, ao ponto de confessarem total apreensão e deslocamento quanto aos novos projetos direcionados ao município.

As falas das manifestações oportunizadas na Audiência Pública<sup>94</sup> do dia 27/11/2014 deixam claro os diversos pontos de vistas dos moradores e representantes dos sindicatos e instituições presentes. Eles expressam manifestações sob a ótica de apreensões, questionamentos e dúvidas sobre o Projeto de Lei. No entanto, após discussões e questionamentos na única audiência pública quanto ao Projeto de Lei, eis que no final de 2014, no dia 26 de dezembro de 2014, a Lei Estadual de n. 16.531 entra em vigor. Nela, autoriza-se um empreendimento nos peraus (encostas) da Serra do Rio do Rastro no município de Bom Jardim da Serra.

Diante disso e de todos os entraves pontuados até aqui pelos membros da ABT (Associação Bonjardinense de Turismo), a presidente indica que algumas ações são

---

<sup>94</sup> Audiência Pública registrada através da Ementa Taquigráfica do dia 27 de novembro de 2014, cedida pela Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

promovidas no município ao longo dos anos, visando ação conjunta com os membros e com a própria sociedade bom-jardinense. As ações variam de mutirões de limpeza das vias, arborização e paisagismo dos canteiros e praças do município, assim como eventos com palestras e capacitações para a comunidade em geral envolvida com o turismo.

Para o entrevistado José, a associação tem papel fundamental quando se fala em crescimento e incentivo às práticas turísticas na região. Ele sinaliza que, além dela, existe no município outra associação com foco no turismo em áreas rurais.

A Associação Bonjardinense de Turismo (ABT) é mais pioneira na questão de reunir e de organizar os proprietários. A Associação Bonjardinense de Turismo no Espaço Rural (Abter), ela veio com essa nova ideia, de provocar novos proprietários que têm algo na área rural. E que tem que ter organização, pensar em conjunto comum, de tornar-se um equipamento turístico, sem perder as características da propriedade, valorizando o que tem e sem provocar o êxodo rural. Garantindo que as famílias fiquem lá [...].

Diante da conversa com José é que houve então o primeiro contato com a Associação Bonjardinense de Turismo no Espaço Rural (Abter). Segundo José, ele foi um dos fundadores: “quero registrar que alguns anos atrás nós fundamos a Abter (Associação Bonjardinense de Turismo no Espaço Rural), responsável por ajudar a organizar o turismo no espaço rural”.

A associação já captou recursos para dez proprietários, dez proprietários que vão melhorar suas propriedades para receber os turistas, do ponto de vista de continuar com a atividade agrícola, mas tendo o turismo como atividade complementar. Ou, às vezes também, ser atividade agrícola à complementar do turismo. Estamos desenvolvendo com dez famílias. (José, vereador e professor no município de Bom Jardim da Serra)

Outro ponto enfatizado pelo entrevistado é de que hoje se pensa em questões estruturais e reais sobre o território quando se identifica a função dessas associações.

Mas eu acredito que hoje se está pensando mais de forma estrutural, a qualificação e a capacitação. Quando em outras oportunidades se defendeu mais a divulgação, a mídia. Nunca foi só isso, né? Nós temos que no preocupar com as questões estruturais.

Evidenciam-se, por meio da fala de José, os impactos provenientes das ações midiáticas envolvendo o território dos campos de cima da Serra, que acabam vendendo e transparecendo somente seus ideais, que se confrontam com a realidade vivida no município. A ideia da natureza intocada, dos locais ideais e sem problemas,

da paz e da tranquilidade vendida com o pacote de hospedagem, é fato quando se observam vídeos e reportagens vinculados nos canais de comunicação, que difundem práticas com base na natureza intocada e nos seus atrativos perfeitos.

O vídeo<sup>95</sup> elaborado e postado por meio do programa “Caminhos da Serra” do dia 24/4/2013, com 67.212 visualizações no YouTube, foi produzido e executado pela empresa produtora Metamorfose Filmes, com sede no Rio Grande do Sul. O programa, em atividade desde 2007, no qual cria e divulga roteiros turísticos, feiras e eventos do sul do País, demonstra bem a ideia contemplada acima.

Com programas vinculados no canal televisivo pago (NET) e divulgação também nas redes sociais, como YouTube (com média de 3.843 inscritos) e Facebook (com média de 30.858 pessoas curtindo a página), o programa de número 200 procura ressaltar os atrativos turísticos de Bom Jardim da Serra, e nos chama a atenção.

No vídeo, assistido e analisado, o apresentador cita que há anos vem produzindo materiais com foco em visitar e indicar locais possíveis de se conhecerem. Dessa forma, torna-se visível, observando o vídeo sobre Bom Jardim da Serra, que os propósitos indicados pelo apresentador abarcam espaços com estruturas melhores e com equipamentos turísticos destinados a um grupo seletivo. Evidencia-se, nessa questão, o papel que os cenários da região próxima ao mirante da Serra do Rio do Rastro possui quando se pretende promover algo.

Na oportunidade, a ideia que o vídeo transmite quando apresenta Bom Jardim da Serra é de paisagem intocada e sensação de conforto e sofisticação fixadas nos lugares filmados. Calmaria e tranquilidade revelam-se como diferenciais, ao mesmo tempo em que poucos veículos e população aparecem vagando por entre as estradas e os estabelecimentos filmados.

Outro vídeo, remetendo à questão da paisagem intocada como parte do produto ofertado, é produzido para o canal de publicidade de uma construtora que oferta terrenos em condomínio fechado no município de Bom Jardim da Serra. Em seu canal no YouTube, com 2.355 visualizações, o vídeo procura enfatizar somente aspectos paisagísticos do município oportunizados pela natureza, que, segundo o vídeo, “[...] nos inspira, nos faz sentir vivos, e nos surpreende em cada curva do

---

<sup>95</sup> **Caminhos da Serra.** 24 abril de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=78ufXqsKpxM&t=1s>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

caminho”. É visível notar que a natureza é vista como peça central e elemento marcante na promoção do empreendimento.

A seleção das paisagens e o foco em alguns elementos construtivos já fixados sobre os espaços ganham dimensões relevantes no vídeo. Relações em harmonia, aspectos rurais em ênfase, com os pomares, animais, matas de araucárias, destacando-se entre os demais espaços que formam o município. No vídeo, evidenciam-se o Parque Eólico e a Serra do Rio do Rastro, ressaltando somente os ambientes construídos pela construtora já finalizados. A crítica que também se faz para esse tipo de publicidade é pelo fato de evidenciarem somente alguns aspectos locais, dando a entender que existam submundos que não podem ser somados ao empreendimento, como a cidade e a vida que se leva em Bom Jardim da Serra. Os distanciamentos entre os espaços se fazem por interesses distintos e por rejeição, talvez, de uma certa paisagem que não agregará valor ao produto ofertado.

Para tanto, continuando sobre os papéis que as associações desempenham no município, sabendo que a população bom-jardinense ainda sobrevive em grande parte dos produtos agrícolas cultivados, soma-se, para além das associações com foco no turismo, o papel do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (Sitraf).

Em conversa com o Sr. Ivo, presidente do sindicato, ele explica os propósitos e atuações do sindicato. Segundo ele, a ideia é garantir o desenvolvimento das práticas que têm como base o sustento familiar. Também, o sindicato visa fazer intermédio entre as empresas compradoras das safras produzidas por eles, evitando exploração.

[...] a gente tenta organizar a venda, mas é um processo complicado. Se o agricultor está devendo para a empresa, ele não consegue sair da empresa, porque a empresa adianta dinheiro para ele tocar sua safra. [...] Procuramos visitar as propriedades uma vez por ano. A gente procura fazer uma vez por ano. O que eles precisam, estamos aqui pra ajudar.

Para ele, o momento no Brasil é de retrocesso e falta de atenção por parte dos governantes, direcionando para prejuízos no meio rural. Já com relação às iniciativas da gestão municipal para fomento e incentivo ao trabalhador rural, ele sinaliza:

[...] no momento atual, nos últimos anos, eles tinham uma visão de ajudar o agricultor. Compraram o projeto da alimentação escolar e deram bastante estrada, coisa que os agricultores precisam. Eles precisam capacitar mais os agricultores, educação e política. (Ivo, agricultor e presidente do Sintraf)

Pois o incentivo à permanência dos jovens e das famílias nas áreas rurais vai depender das pessoas, cita Ivo. Assim, verifica:

As comunidades onde tem, os jovens ficaram mais. Onde o jovem conseguiu comprar o seu trator, onde o jovem conseguiu ter sua luz, onde conseguiu sua casa no programa de financiamento, pra financiar seu pomar e deixar de só oferecer sua mão de obra e de ser explorado.

A realidade, vista e compreendida anteriormente por dados socioeconômicos e relatos, que compreende todos os espaços, rural ou urbano no município, resultado, em parte, da escassez de vínculos empregatícios. Sobre o turismo, quando questionado como alternativa para os agricultores, Ivo cita:

Falta, assim, como é que vou te dizer, falta incentivo por parte do Estado e do município, para a visão de que agricultor familiar pode ser inserido na parte dessa renda do turismo. Porque o pessoal que administra tem essa visão, de ter que ser empresa grande, tem que vim o salvador da pátria para Bom Jardim da Serra para desenvolver o turismo. Eu penso que tem que ser ao contrário. Tem que capacitar o agricultor familiar, o trabalhador, para o trabalhador daqui ganhar dinheiro.

O agricultor acredita que se começou a falar em turismo na região nos últimos quinze anos. Ele revela que, na ocasião, com a introdução de empreendimentos:

[...] pessoal começou a ver que o turismo era uma fonte de renda para o município. A gente viu que as pessoas abriram para essa visão. Só que eu digo assim, o turismo, tem que ter alguma coisa: capacitação. E isso falta na nossa cidade, interesse, interesse para essa capacitação. Porque eu entendo assim, é um conjunto. As pessoas têm que disponibilizar capacitação para os funcionários. Onde tu chega na cidade pra pedir informação? É no posto de combustível. Então! Tu tem que capacitar os frentistas. [...] Tu tem que capacitar o pessoal da Secretaria de Turismo para dar informações, nos centros de informações. Tem que capacitar as partes dos garçons. [...] Uma vez, nós organizamos um curso do Pronatec e não conseguimos fechar turma, o pessoal não tinha interesse, e os donos dos restaurantes não disponibilizam seus funcionários pra fazer.

Assim, compreende-se diante da fala do agricultor que turismo, para ele, pode ser fonte de renda para os agricultores, no entanto, frisa-se pela carência de incentivo e planejamento para práticas turísticas nos espaços rurais. O que se observa é que as ações tomam proporções maiores nos locais condicionados por interesses privados, ou mesmo determinados por uma pequena parcela da população que firma

suas ações a partir dos segmentos econômicos lucrativos desejados. O entrevistado ainda cita:

[...] o município tem potencial muito grande, tem as belezas naturais, e isso é fantástico, [...] tem as águas aqui, como é conhecido o município, Capital das Águas. Tem a questão das matas. Então, são cachoeiras, passeios a cavalo, tem muitas belezas no município que são fantásticas e a gente não dá valor.

O entrevistado, quando fala das potencialidades que atraem visitantes, comenta sobre torres eólicas instaladas no município, indicando o papel delas: “[...] hoje tem algumas torres que não estão funcionando, mas muitos turistas vêm para visitar”. Dessa forma, observando a fala do entrevistado, torna-se necessário tratar das questões envolvendo o parque eólico instalado no município, buscando discorrer a respeito das mobilizações e expectativas quanto à instalação, das consequências e dos impactos causados pelo projeto na atualidade.

O Parque Eólico, criado em 2008, foi construído após a instalação da primeira usina eólica no Estado de Santa Catarina, instalada em Bom Jardim da Serra. Sobre a época, Justi (2007, p. 24) revela:

A primeira usina eólica instalada no estado possui potência de 0.6MW, permite o abastecimento do sistema de iluminação pública da Serra do Rio do Rastro e de metade da cidade de Bom Jardim da Serra. O gerador é operado pelo Parque Eólico de Santa Catarina, empresa criada em janeiro de 2002 pela Celesc e pela Wobben Windpower, subsidiária da alemã Enercon. Além de o gerador garantir energia, ele também se tornou um atrativo turístico na região, recebendo turistas que passam por ali e grupos de estudantes que a visitam para pesquisa de campo.

A usina citada, de origem alemã, encontra-se em funcionamento ainda. Muito próxima da rodovia, é paisagem frequente quando se transita entre o mirante e a cidade de Bom Jardim da Serra.

Para o empresário entrevistado, Islon, todo o processo que ocasionou a instalação do Parque Eólico começou em virtude dessa primeira usina: “[...] Isso tudo começou com a implantação de uma torre-piloto da Alemanha, a Wobben. Ela gera 600mil Watts e libera na rede. Possui uma torre de 40 metros de altura com 32 metros de pá. E ainda, segundo o empresário, “[...] aquela ali não para nunca, é igual a um Fusquinha”. Compreendendo-se, a partir da fala do entrevistado, que o motor é forte igual a um dos carros mais conhecidos no universo automobilístico, o automóvel Fusca.

Com relação ao parque eólico instalado no município em 2008, segundo o *site*<sup>96</sup> da empresa responsável, a IMPSA (Indústrias Metalúrgicas Pescarmona S.A.):

O projeto Santa Catarina, desenvolvido como parte do programa Proinfa (Programa de Incentivo às Fontes Alternativas), compõe-se de dez parques divididos em dois projetos principais: Bom Jardim e Água Doce. Todos os parques estão situados no estado de Santa Catarina, ao sul do Brasil, e foram equipados com máquinas IV-77 de 1,5 MW de potência unitária.

Ainda, segundo o *site* da empresa, durante a montagem obteve-se o recorde em montagem, um aerogerador por dia. Além disso, pontua-se que ambos os projetos instalados em Santa Catarina foram responsáveis por 1.500 empregos diretos e 7.000 indiretos.

No entanto, quando se fala do projeto com os moradores, há controvérsias quanto a sua eficácia e seu resultado. Para o morador José, o parque eólico, “não foi o conto de fadas que venderam”. Ele revela que, no primeiro momento, a “primeira impressão que se teve do parque era algo que resolveria todos os problemas da cidade, porque ele geraria dinheiro, dinheiro”. Além disso, não houve, segundo o morador, audiência pública ou mesmo debates em torno dos possíveis impactos ambientais e sociais a partir da instalação.

Ele cita o fato de que as expectativas quanto à implantação estavam voltadas às arrecadações que ela geraria ao município.

[...] a expectativa de geração de *royalties* que ela geraria pela energia eólica foi também um dos fatores das brigas políticas das eleições de 2012. As eleições de 2012, todas as promessas políticas foram baseadas na grande arrecadação que energia eólica iria trazer para a cidade. [...] Quem não queria ser prefeito com a promessa de que a arrecadação iria triplicar? Paralelo a tudo isso, a cidade foi tomada por caminhões, por pessoas de outras cidades, por estranhos que alugaram as casas. O aluguel das casas foi inflacionado.

As mudanças em função do Parque Eólico foram visíveis no espaço urbano da cidade. Segundo o morador entrevistado, quanto ao aluguel das casas por parte dos funcionários da empresa responsável, observou-se na época:

Todo mundo queria as melhores casas para alugar. [...] Os engenheiros, os sócios e os proprietários queriam casas para alugar. Partiu-se para quase um

---

<sup>96</sup> Disponível em: <<http://www.impsa.com/pt/downloads/WIND/SANTA%20CATARINA.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

leilão das casas. Quem pagava mais, alugava a casa. Tem famílias que a gente conhece que alugaram suas casas e foram morar com duas famílias numa casa só, foram morar juntos para poderem alugar a casa. O aluguel por algum tempo foi uma fonte de renda eminente.

Além de tudo isso, outro problema gerado foi em virtude do caos e da sujeira feito pelos caminhões na parte central da cidade:

[...] aqueles caminhões embarrados que iam para o parque, quando estavam fazendo as estradas, vinham para a cidade almoçar. Os trabalhadores vinham, e a cidade ficava toda embarrada. Mas a gente aceitava aquilo com a visão de que era um mal necessário, de que lá na frente nós íamos colher os frutos dali depositados.

Diante daquilo que se projetou, das promessas não concluídas, dos problemas gerados por uma obra inconclusa, sem ganhos, salienta-se a reportagem<sup>97</sup> do *site* Correio Lageano, do dia 16/11/2016, demonstrando os problemas atuais.

Com o título “Parque eólico de Bom jardim da Serra tem 44 torres paradas”, ela publica que, segundo alguns moradores, “ao longo dos anos, algumas torres foram paralisando de forma gradual”. Além disso, logo nos primeiros anos de funcionamento, houve uma arrecadação de ICMS com incremento de 45,9%. No entanto, segundo a reportagem, para o ano de 2017, estudos apontavam, na época da reportagem, novembro de 2016, diminuição significativa da arrecadação, computando uma redução de 13,7%.

Dos ganhos com a implementação, a reportagem sinaliza para os aluguéis pagos aos proprietários dos terrenos em que os aerogeradores estão fixados. Além disso, alguns proprietários de terrenos cobram um valor em espécie para os visitantes que desejam observar e fotografar as torres.

José menciona que, atualmente, o que fica, é que “[...] estamos ali com um parque que é quase um parque turístico. As pessoas vão ali para passear, para olhar”. Mas eles não geram aquilo que de início propuseram”. O fato é que todas as expectativas quanto a instalação, lucros e ganhos não foram objetivados. O que restou foram alguns membros da sociedade lucrando com aluguéis e visitas, numa espécie de “acessório do turismo”. Em contrapartida, a população, que carece de

---

<sup>97</sup> Disponível em: <<http://www.clmais.com.br/informacao/101150/parque-e%C3%B3lico-de-bom-jardim-da-serra-tem-44-torres-paradas>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

iluminação elétrica em determinados momentos, não desfruta dos investimentos e das promessas idealizadas como benéficas.

A figura 23<sup>98</sup>, a seguir, deixa clara essa situação, quando se constata a realidade concreta no município, em que famílias vivem sem energia e água por mais de um ano, inclusive utilizando geladeiras como armários e velas como iluminação.

Figura 23 – Moradora utiliza como iluminação uma vela adaptada sobre uma lata de alumínio.



Fonte: **G1 SC**, 12 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2017/01/ha-mais-de-1-ano-familias-vivem-sem-agua-e-luz-em-loteamento-de-sc.html>>. Acesso em: 19 novembro de 2017.

Assim, percebe-se, diante das atuações relatadas, que as iniciativas geralmente são direcionadas no município pela visão que se tem da realidade vivida por cada membro. O que se deseja e luta parte das atividades econômicas em que as pessoas estão inseridas. Ideias, projetos e ações são baseados em alternativas de

---

<sup>98</sup> Fonte: **G1 SC**, 12 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2017/01/ha-mais-de-1-ano-familias-vivem-sem-agua-e-luz-em-loteamento-de-sc.html>>. Acesso em: 19 nov. de 2017.

caráter pontual, indicando ao mesmo tempo dificuldades de auxílio nas esferas governamentais local, estadual e nacional.

A “sede” por mudança, com ideias pontuais e de execução rápida no território, transmite uma ideia de necessidade urgente. No entanto, a falta de atenção, a perda de direitos, as dificuldades para obtenção de verbas e ganhos, atrapalham as gestões e os líderes dos sindicatos e associações em atividade no município.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Milton Santos, quando expõe que “as determinações sociais não podem ignorar as condições espaciais concretas preexistentes”, indica que as transformações visíveis no espaço geográfico guiadas por determinados modos de produção devem considerar os fatos do passado, quando estes auxiliam nas suas formas de sobrevivência. Entretanto, o que ocorre no contexto atual é que algumas determinações sociais ocultam a realidade concreta por meio de propagações de práticas ideológicas de uma certa classe dominante (SANTOS, 2004, p. 182). Nesse sentido, como nos propusemos no início do trabalho, a noção de ideologia nos parece adequada para dar conta da situação.

A prática do turismo tem sido vista como atividade econômica já fixada no espaço geográfico de Bom Jardim da Serra e compreendida como caminho certo e, até mesmo, único para o progresso e o desenvolvimento econômico do município. Esta atividade também é identificada, como foi apresentado nos capítulos anteriores, como meio capaz de sanar as dificuldades que permeiam a vida dos sujeitos sociais que vivem e sobrevivem naquele espaço.

No entanto, ao observar a realidade concreta do município, as ideias envolvendo o turismo e a vida da maioria dos sujeitos que aí vivem não condizem com o discurso propalado pelos setores dominantes que atuam na região. Essas ideias são especialmente difundidas em materiais oficiais, empresariais e, sobretudo, em publicidades e matérias jornalísticas, sobretudo a partir dos anos 1980. Constata-se, assim, que da realidade social e concreta da população fazem parte vários elementos dessa ideologia. Ou seja, a existência de relações imaginárias nos quais os indivíduos acreditam que o turismo resolverá ou amenizará os problemas sociais que envolvem a vida dos sujeitos sociais mais necessitados (trabalhadores) ou até mesmo os mais confiantes quanto aos ganhos provenientes dessa atividade econômica.

Observa-se com isso que o turismo cria, por meio dos projetos e intenções divulgados por empreendedores ou pelos meios midiáticos, expectativas idealizando um futuro melhor, dotado de alternativas no campo do trabalho e da renda.

As dificuldades para obtenção de renda ou mesmo a busca por relações trabalhistas melhores, referidas no segundo capítulo desta dissertação, reforçam

algumas defesas e criam sobre elas discursos de apoiadores da prática, os quais acabam não se reconhecendo como mercadoria do turismo. O que se observa é que as vantagens que o turismo cria no espaço se expressa como “*tábua de salvação*”<sup>99</sup> para muitos moradores que vivem e sobrevivem unicamente daquele espaço. Pois a ideia de que tais práticas, quando incorporadas ao espaço geográfico, garantem progresso econômico e oportunidade de emprego, renda e valorização da terra, reforça a aceitação de qualquer oferta como *passaporte* para o desenvolvimento do seu local de vivência e sobrevivência.

Esperamos ter conseguido mostrar, ao longo do trabalho, que, quando se adentra no universo da realidade visível presente no município de Bom Jardim da Serra, verifica-se, ao contrário, o abismo entre o discurso dos que promovem o turismo dos daqueles levantados pela classe trabalhadora e residente no município. A pesquisa identificou, no que tange à realidade local, que as necessidades daqueles que promovem o turismo são baseadas em instrumentos que não contemplam a classe trabalhadora, cujas condições de vida, de moradia e de trabalho são precárias, instáveis e marcadas pelas dificuldades.

A miséria e a pobreza citadas no corpo deste trabalho foram expressas de forma direta pelos entrevistados, em menor grau, mas são evidentes nos dados oficiais e nas situações observadas *in loco* pela pesquisadora, e decorrem das dificuldades no acesso à terra, do precário poder de compra e de renda e emprego, que, no entanto, não são novidades na região. Como apresentamos no primeiro capítulo, antes da década de 1980, outros ciclos econômicos conformaram a região, e nestes a desigualdade também esteve presente. Essas regiões são pouco visíveis ou pouco identificadas na região, existem, e não aparecem nos discursos dos promotores do turismo e nem são percebidas pelos que consomem os produtos e serviços turísticos ofertados na região.

A carência dos equipamentos básicos que dignificam a vida dos moradores, quando mencionada, é identificada pelos idealizadores do turismo como possíveis de serem sanadas se o turismo se desenvolver como “motor do desenvolvimento” de

---

<sup>99</sup> Esta expressão é bastante comum na região, sendo usada para designar algo ou pessoa que, supostamente, chegaria para ajudar a todos (“rapidamente”) num momento propício e como último recurso para resolver uma situação aflitiva.

Bom Jardim da Serra. No entanto, quando se observam carências que não fazem parte do mundo do turismo na realidade local, identifica-se que o turismo já não passa de uma ilusão. A ilusão pode ser vista, por exemplo, quando se identifica que a rede de energia fornecida para as pousadas luxuosas não chegam e não passam pelos espaços rurais ou urbanos, os quais não são do interesse do capital que promove o turismo.

Embora os veículos de comunicação sejam os principais divulgadores da ideologia do turismo, eles também expressam de forma contraditória a realidade contrastante na região. Nesta pesquisa foi possível verificar que a atividade turística já define formas e funções tendenciosas nos lugares e sobre a vida dos moradores de Bom Jardim da Serra. Já existem lugares destinados a viver do turismo com espaços disputados por empreendedores e marcado por produtos ofertados com valores turísticos. Indo além, verificam-se solos rurais e urbanos já valorizados com relação àqueles distantes e que não são do interesse do turismo. Outro ponto a destacar é que as ações já executadas incentivam uma certa especulação imobiliária, gerando vazios urbanos e rurais já visíveis por entre as paisagens trilhadas.

Sendo que, além de todos os elementos apuráveis até aqui, ficam evidentes também os aspectos naturais e paisagísticos sendo ofertados como mercadorias. O que ocorre nesse caso é que existe uma necessidade de o turismo ser ofertado por meio do espetáculo. Pois, como Ouriques (2005, p. 53) cita, o turismo se “constitui como uma forma de espetáculo e só pode, aliás, desenvolver-se enquanto espetáculo”, evidenciando que, se não houver promoção e divulgação dos lugares de forma fantasiosa, não há visitantes.

No caso de Bom Jardim da Serra, o que se observa são relações imaginárias (ideológicas) que promovem o turismo com base naquilo que acaba atraindo visitantes. São anúncios de nevascas que nunca chegam, são paisagens (cânions, cachoeiras, rios, campos) divulgados somente pelo seu caráter fantasioso e estruturas anunciadas que não condizem com a realidade concreta real. Como, por exemplo, a Estrada da Serra do Rio do Rastro completamente iluminada.

Desse modo, conclui-se, que comercialização da natureza e valorização imposta sobre ela revelam contradições reais no espaço geográfico de Bom Jardim da Serra, pois, nos lugares em que natureza é tratada como mercadoria, é nela que a realidade se oculta mais.

As práticas ideológicas que são divulgadas para a sociedade catarinense promovem os elementos naturais como típicos da região, associados às relações imaginárias possíveis de serem consumidas. Esses fatos citados só foram possíveis de ser identificados quando se apurou a realidade concreta do local estudado.

A negação da realidade quando se transita pelos lugares e a carência das condições básicas percebidas sobre espaços compartilhados são fatos que geram questionamentos das intenções promovidas nos últimos anos pelo turismo. Pois identifica-se um convencimento de que os ciclos econômicos efetuados no passado promoveram o fomento da economia e conseqüentemente uma melhora na qualidade de vida local. Os relatos expostos nos capítulos anteriores e também revelados por entre as entrevistas efetuadas dão indícios de que a movimentação no passado, na época em que a cidade continha movimento e uma certa “agitação”, era aparente, simbolizando sinais prósperos de desenvolvimento econômico e social. A ideia de que esses fatos hoje não ocorrem indica para uma ideologia de que turismo pode ser um bem necessário para que se revivam algumas características daquela época.

Dessa forma, verifica-se uma série de intenções sendo disseminadas pelo Estado e pela iniciativa privada, os quais carregam em seus discursos o caminho para o tão visado progresso econômico de Bom Jardim da Serra pelas práticas turísticas. Ao ponto de os discursos serem aceitos pelos moradores locais, quando identificam na prática uma possível solução para suas limitações no campo do trabalho, podendo estas serem solucionadas se acreditarem nessas intenções oriundas do turismo

Desse modo, identifica-se o turismo na atualidade moldando as relações sociais em Bom Jardim da Serra, a partir de uma ideologia de que as paisagens encontradas no planalto são vocativos para práticas turísticas, compreendendo o turismo como salvação para amenização da pobreza e da miséria. A propagação de que as atividades turísticas são alicerces para modernidade e desenvolvimento econômico disseminam-se através dos meios de comunicação e de políticas e discursos governamentais, pregando-as como *passaporte* para a valorização da região, e apresentando-as muitas vezes como um “novo ciclo” de desenvolvimento, que viria a ocupar o lugar outrora ocupado pela atividade da madeira (ainda presente na memória de muitos moradores da região) e que garantiu, sem alterar a condições históricas de ocupação dessa região, uma situação aparentemente melhor em décadas anteriores.

O entrevistado Antônio revela bem essa ideia, quando lembra dos ganhos na época: “Na época que nós tivemos o ciclo da madeira, isso aqui, era a região mais rica do Estado. Nós contribuimos com 26% do PIB do Estado, era o lucro do extrativismo vegetal aqui”. É importante acentuar que também no chamado ciclo da madeira a concentração fundiária, com a qual essa região foi se conformando ao longo dos séculos, foi a base da exploração econômica, bem como condições de trabalho bastante duras e até mesmo perigosas. Sendo relatadas, através de depoimentos históricos, mortes de trabalhadores<sup>100</sup> de uma madeireira atuante, responsável pelo cabo aéreo que transportava madeira do planalto para o litoral, como mencionado no segundo capítulo.

Percebeu-se, por exemplo, que os locais nos quais a classe trabalhadora busca sobreviver, lugares periféricos e afastados dos locais turísticos, não fazem parte e não são do interesse dos que promovem o turismo, até mesmo do Estado. Esses locais são identificados como locais desprovidos de valor e, obviamente, sem vocação turística, sendo inclusive camuflados e ignorados, ao contrário dos demais. O que se observa é que, onde ocorrem interesses para práticas turísticas, esses recebem atenção da mídia, promoção dos lugares e divulgação ideológica que pretendem atingir seus alvos consumidores, os visitantes.

Indo além, aliados aos locais com vocação turística, incorporam-se a eles significados ofertados junto aos produtos finais. Ou seja, além das estruturas ofertadas através de elementos construtivos, ocorre também a comercialização da própria paisagem.

O cenário, a tranquilidade, os produtos típicos da terra, e a sofisticação do ambiente aliado a uma certa simplicidade, que se valoriza nos dias de hoje, transparecem nos anúncios e publicidades expostos nos capítulos anteriores deste trabalho. De maneira geral, a paisagem transforma-se em mercadoria e espetáculo, e assim, quando acontece o espetáculo, as imagens predominam e acabam por substituir a realidade (DEBORD, 1970, p. 18 apud OURIQUES, 2005, p. 53). Entendendo, dessa forma, que só é possível ocorrer o tal espetáculo porque ocorre o

---

<sup>100</sup> Roseane Ribeiro Sobânia, **Portal SerraSC**. 22 de outubro de 2013. Disponível em: <[http://www.serrasc.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4968:um-pouco-de-historia-cabo-aereo-da-gaucha-madeireira&catid=437:noticias](http://www.serrasc.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4968:um-pouco-de-historia-cabo-aereo-da-gaucha-madeireira&catid=437:noticias)>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

uso dos recursos midiáticos como instrumentos que ativam as relações imaginárias, como, por exemplo, quando se oferta o “ar de tranquilidade” do município como diferencial do que é vivido nas grandes cidades.

Desse modo, podemos refletir sobre a ideia dos espaços com natureza intocável como alvo de instrumentos lucrativos. Os espaços compostos por cachoeiras, rios, lagos, montanhas, cânions, por exemplo, tornam-se alvo de um público que compra a paisagem. O fato é que, para além das hospedagens e dos equipamentos ofertados, Bom Jardim da Serra e região recebem rótulos que reafirmam a ideia da falsa realidade concreta. As necessidades de atrair visitantes e de valorizar aquilo que já está construído pelo segmento do turismo provocam e “[...] ‘apagam’ a cidade real, criando uma imagem do local [...]”, como Wendel Henrique (2009) indica e já cita nos capítulos anteriores.

A mídia, por meio dos seus discursos e anúncios tratados nos capítulos anteriores, produz relações imaginárias diante dos lugares promovidos, distorcendo a realidade através dos modos de vida e das relações de produção daqueles que a promovem. Sendo assim, o turismo passa a ser ofertado e constituído através do espetáculo e como instrumento de *status*. Assim, ocorre em Bom Jardim da Serra a transformação de diversos lugares em mercadoria, ofertando inclusive o modo e as condições de vida local como atrativos aos visitantes.

No entanto, há por trás de tudo isso a identificação de algumas contradições entre os sujeitos sociais pertencentes aos mesmos espaços. Verificam-se desigualdades aparentes que deixam respostas de como o turismo caminha e se faz presente no município. Nesse sentido, a cidade conhecida como “Capital das Águas” é também a cidade conhecida por conter limitações no acesso a água potável. A cidade conhecida por produzir “energia limpa” é também a cidade com iluminação precária. A cidade com uma vasta extensão territorial é conhecida por não garantir acesso à terra e possibilidade de subsistência através dela.

Em adição a essas contradições que marcam a vida dos moradores, muitos deles não percebem as contradições que a prática do turismo provoca, pois a expectativa que se internaliza a partir dos discursos e das informações do futuro ditado por um enriquecimento sempre sobressaem sobre a realidade atual.

Aquela ideia inicial, indicada na introdução, das relações firmadas como uma espécie de quebra-cabeça no qual faltam peças, ou como um baralho sem algumas

cartas, é vista ao final desta análise como verdade. Pois, realmente, o que se percebe no local estudado é a existência de uma população que vive e convive com distanciamentos, com submundos que não se conectam. No qual cada vida camuflada na pequena periferia da cidade não é vista e cruza-se com os visitantes que transitam somente nos locais dotados de visuais paisagísticos possíveis de serem comprados.

Enfim, o que percebemos através desta pesquisa é que o turismo disseminado como “tábua de salvação” é tomado como verdade e crença quando se identificam os obstáculos e dilemas que regem a vida dos moradores locais. É relevante citar que se identifica na região uma espécie de caça às oportunidades que surgem. As limitações no acesso ao trabalho no espaço vivido criam sobre os moradores de Bom Jardim da Serra expectativas e uma ação tendenciosa de aceitação das propostas que surgem e se ofertam através da classe dominante (Estado e iniciativa privada).

Dessa forma, o que se conclui com relação ao turismo em Bom Jardim da Serra é que as práticas ideológicas, pautadas sobre “relações de dominação” que sustentam o discurso pró-turismo, ditam os ritmos de transformação socioespacial de Bom Jardim da Serra no contexto atual. Ao ponto de sustentar práticas ideológicas que propalam a ideia do turismo como “tábua de salvação” para amenização ou eliminação dos problemas socioeconômicos em função de uma ideologia da vocação turística identificada em Santa Catarina, no Planalto Catarinense e em Bom Jardim da Serra.

## REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

ANTUNES, R. B.; CONSTANTE, V. T. Hidrografia. In: ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). **Atlas Geográfico de Santa Catarina**. 1. ed. Florianópolis: Udesc, 2014, v. 2, p. 121-140.

BASTOS, Maycon Neykiel. **O município de Lages no cenário econômico-industrial da Região Serrana de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Desenvolvimento Regional e Urbano, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2011. 104 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95039/292650.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 2007

BIANCHINI, Susana Scoss. **Recordando São Joaquim**. Florianópolis: Ed. da Autora, 1986.

BITTENCOURT, João Corrêa de. **Epopeia na Serra: memórias**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1989.

BORGES, Nilsen C. O. **Terra, gado e trabalho: sociedade e economia escravista em Lages/SC (1840-1865)**. Dissertação de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, 2005.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Categorização dos Municípios das Regiões Turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro**. Brasília, Ministério do Turismo, 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Dados e Fatos**. Disponível em: <<http://dadosefatos.turismo.gov.br/gloss%C3%A1rio-do-turismo/901-t.html>>. Acesso em: 18 out. 2016.

\_\_\_\_\_. MTE – Ministério do Trabalho e Emprego. **Dados 2016**. Disponível em: <[http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_perfil\\_municipio/index.php](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

BRÜGGEMANN, Adelson André. **Ao poente da Serra geral: a abertura de um caminho entre as capitâneas de Santa Catarina e São Paulo no final do século XVIII**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

CARVALHO, Andréa Aparecida de Moraes Cândido. **Negros em Lages: memória e experiência de afrodescendentes no Planalto Serrano (1960-1970)**. Itajaí/SC: Casa Aberta, 2008.

CARVALHO, Eliane Zandonadi de; GAMBÁ FILHO, Raulino. **Bom Jardim da Serra: um pouco de sua história**. Florianópolis: Paralelo 27, 1992.

CAZELLA, Ademir Antonio; BÚRIGO, Fábio Luiz. O desenvolvimento territorial no planalto catarinense: o difícil caminho da intersectorialidade. **Revista Extensão Rural**, v. 15, p. 5-30, 2008. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/extensaorural/art1ed15.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. Santo André/SP: Brasiliense, 2000.

COMUNELLO, Felipe José. **Em busca do frio: o turismo na Região Serrana de Santa Catarina**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 260 f. 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/96139?show=full>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

COOPER, Chris; HALL, Michel; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. Coleção Eduardo Sanovicz de Turismo.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, Série Princípios, n. 174, 1995.

EHLKE, Cyro. **A conquista do Planalto Catarinense (1. fase): bandeirantes e tropeiros do “Sertão de Curitiba”**. Rio de Janeiro: Laudes, 1973.

FARIA, Diomira M. Cicci Pinto. **Desenvolvimento e turismo: uma abordagem conceitual**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2012. 25 p.: il. Disponível em: <<http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20462.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 17. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

GASPERIN, Nicole. **Estudo da cadeia produtiva da maçã em Santa Catarina**. Monografia de Pós-Graduação do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC. 96 f. 2004. Disponível em: <<http://necat.ufsc.br/files/2011/10/Nicole-Gasperin.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

GOMES, Ligian Cristiano; NETO, Ricardo Stedile. A contribuição da cadeia produtiva da maçã na organização espacial de São Joaquim/SC. **Anais do Seminário de Estudos Urbanos e Regionais**, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/seur/article/viewFile/8367/5506>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

GOULARTI FILHO, Alcides; MORAES, F. F. Formação socioespacial das regiões ervateiras de Santa Catarina e a integração promovida pela modernização dos transportes. In: **Anais da V Jornada de Historia Económica do Uruguay**. Montevideo: AUDHE, v. 1. 2011.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. 2. ed. rev. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2007.

\_\_\_\_\_. **O planejamento estadual em Santa Catarina de 1955 a 2002**. Ensaio FEE, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 627-660, jun. 2005. Disponível em: <[http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/publicacoes/pg\\_revistas\\_ens.php](http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/publicacoes/pg_revistas_ens.php)>. Acesso em: 6 nov. 2017.

GRANATO NETO, N. N. **Exército Industrial de Reserva: conceito e mensuração**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Departamento de Economia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 126 f. 2013. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/30106/R%20-%20D%20-%20NELSON%20NEI%20GRANATO%20NETO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

HENRIQUE, Wendel. **O Direito e a Natureza na cidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/sc/bom-jardim-da-Serra/panorama>>. Acesso em: 10 out. 2017.

JUSTI, Lidiani. **O meio ambiente e o uso do solo na Serra do Rio do Rastro**. Monografia (Especialização em Geografia com Ênfase em Estudos Regionais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 54 f. 2007. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000036/000036AA.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

KAISER, Jakzam (Org.) **Santa Catarina, Brasil: oportunidades e negócios**. 11. ed. Florianópolis: Editora Letras. 2011.

KENT, Geoffrey J. W.; Parker, Alan. **Viagens & Turismo: impacto econômico**, Santa Catarina, 2009. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/205189163/Viagens-turismo-impacto-economico>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo – Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEÃO, Francisco Carlos. **Estrutura Produtiva e Organizacional do Setor de Papel e Celulose no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (mestrado) – Florianópolis: UFSC/UNIPLAC. 125 f. 2001. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/82083/182249.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Difel, 1969.

LUIZ, E. L. Geomorfologia. In: ROCHA, Isa de Oliveira. (Org.). **Atlas Geográfico de Santa Catarina**. 1. ed. Florianópolis: Udesc, 2014, v. 2, p. 95-108.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 2008.

MAMIGONIAN, Armen. Vida Regional em Santa Catarina. **Orientação**. São Paulo, Igeo/USP, set. 1966.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ideologia**. 9. ed. Santo André/SP: Global, 1997.

MARTINS, Priscila Celeste. Notas sobre geografia urbana: especulação e verticalização – em busca de definições teóricas. In: **Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre, jun. 2010, p. 1-16.

MENEZES, Paula D. L. de; GUEDES, J. A. A ideologia do turismo e o discurso midiático. **Revista Hospitalidade**, v. VIII, p. 95-108, 2011.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.

MONDIN, Valério Pietro. **O raleio na fruticultura**. 2011. Disponível em: <<https://tudosobreplantas.wordpress.com/2011/11/23/o-raleio-na-fruticultura/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

MONTEIRO, M. A.; SILVA, P.V. Clima. In: ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). **Atlas Geográfico de Santa Catarina**. 1. ed. Florianópolis: Udesc, 2014, v. 2, p. 69-90.

NUNES, Sirlei Cândida Neves; Universidade Federal de Santa Catarina. **História e práxis cultural-educativa em São Joaquim, SC**. Florianópolis, 2001. 103p; Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de PósGraduação em Educação

OMT - Organización Mundial del Turismo, (1995). **Concepts, Definitions and Clasifications for Tourism Statistics: a Technical Manual**, Madrid.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2005, 159 p.

\_\_\_\_\_. **Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna**. Florianópolis: Editora UFSC, 1998, 150 p.

PANAZZOLO, Flávia de Brito. **Turismo de Massa**: um breve resgate histórico e a sua importância no contexto atual. 2005. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt8-turismo-de-massa.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

PELUSO JUNIOR, Victor Antonio. **Aspectos geográficos de Santa Catarina**. Florianópolis: FCC: Ed. da UFSC, 1991.

\_\_\_\_\_. **Estudos de geografia urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria da Cultura e do Esporte: Ed. da UFSC, 1991.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. Santa Catarina no contexto da Formação Socioespacial do Brasil Meridional: do período colonial ao início do século XX. In: MAMIGONIAN, Armen (Org.). **Santa Catarina**: estudos de geografia econômica e social (Série Livros Geográficos). Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011, p. 13-30.

PETRI, José Luiz, **Raleio da macieira**: a importância para produzir com qualidade. 173. ed. Caçador/SC. 2008. Disponível em: <[http://intranetdoc.epagri.sc.gov.br/producao\\_tecnico\\_cientifica/DOC\\_33344.pdf](http://intranetdoc.epagri.sc.gov.br/producao_tecnico_cientifica/DOC_33344.pdf)>. Acesso em: 5 nov. 2017.

PIAZZA, Walter; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina**: história da gente. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1997.

PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 36. ed. Santo André/SP: Brasiliense, 1988. 364 p.

REVISTA CATARINA. Serra do Rio do Rastro: memórias centenárias – da abertura à pavimentação. **Revista Catarina**, ano X, ed. 26, n. X. 2016. Disponível em: <[www.historiacatarina.com.br/edicoes.ph](http://www.historiacatarina.com.br/edicoes.ph)>. Acesso em: 17 nov. 2017.

RODRIGUES, A. A. B. Turismo e desenvolvimento local: discurso e eficácia. In: **9º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2003, Mérida. 9º Encontro de Geógrafos da América Latina**. Mérida, 2003.

RODRIGUES, Fernando dos Santos. **Potencial turístico da área de ponta do mangue, Barreirinhas – Maranhão**. Monografia (Bacharelado em Geografia) Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2007.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. Campinas/SP: Papyrus, 1997. (Coleção Turismo).

SAQUET, M. A.; SILVA, S. **Milton Santos**: concepções de geografia, espaço e território. *Geo UERJ* (2007), v. 2, p. 24-42, 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/1389/1179>>. Acesso em: 16 de nov. 2017.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado do Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia; ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). **Atlas geográfico de Santa Catarina: diversidade da natureza**: fascículo 2. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2014.

\_\_\_\_\_. Turismo & Negócios. Associação dos Jornais do Interior de Santa Catarina. **Revista ADJORI**, Florianópolis/SC. Edição Maio/2016. Disponível em: <[http://admin.adjorisc.com.br/data/arquivos/37/revista\\_adjori\\_-\\_turismo\\_e\\_negocios\\_2016.pdf](http://admin.adjorisc.com.br/data/arquivos/37/revista_adjori_-_turismo_e_negocios_2016.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017. Edição 2016.

\_\_\_\_\_. Empresa de pesquisa agropecuária de extensão rural. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina: 2014-2015**. Florianópolis: Epagri/Cepa, 2016. 153 p. Disponível em: <[http://docweb.epagri.sc.gov.br/website\\_cepa/publicacoes/Sintese\\_2015.pdf](http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Sintese_2015.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Empresa de pesquisa agropecuária de extensão rural de Santa Catarina. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina: 2013-2014**. Florianópolis: Epagri/Cepa, 2015. 209 p. Disponível em: <[http://docweb.epagri.sc.gov.br/website\\_cepa/publicacoes/Sintese\\_2014.pdf](http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Sintese_2014.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Fiesc – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Rotas estratégicas setoriais para a indústria catarinense 2022**: Turismo. Fiesc, Fecomércio/SC, Sebrae/SC.– Florianópolis: Fiesc, 2016.

\_\_\_\_\_. Fiesc – Federação das Indústrias do Estado Santa Catarina. **Santa Catarina em dados**. Florianópolis, v. 24, p. 1-192. 2014. Disponível em: <[www2.fiescnet.com.br/web/recursos/VUVSR05EZ3INZz09](http://www2.fiescnet.com.br/web/recursos/VUVSR05EZ3INZz09)>. Acesso em: 17 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Fiesc – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. Investimento em turismo inteligente garantirá sustentabilidade do setor em SC** Disponível em: <<http://fiesc.com.br/noticias/investimento-em-turismo-inteligente-garantira-sustentabilidade-do-setor-em-sc>>. Acesso em: 18 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Santa Catarina em Números**. Florianópolis: Sebrae/SC, 2010. 114 p.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos).

\_\_\_\_\_. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, p. 81-100, 2017. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1092/949>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

BOM JARDIM DA SERRA. **Santa Catarina em números**. Florianópolis: Sebrae/SC, 2013. 127 p. Disponível em: <<http://www.sebrae-sc.com.br/scemnumero/arquivo/Bom-Jardim-da-Serra.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Panorama para novas oportunidades de negócio**. Bom Jardim da Serra: Sebrae/SC, 2012.

SHARPLEY, Richard. **Development and the Environment: Beyond Sustainability?** London/Sterling, VA. p. 241, 2009. Disponível em: <<http://www.istta.ir/upload/file/sustainableTourismBook2.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SOTRATTI, Marcelo Antonio. O turismo como estratégia de desenvolvimento socioespacial: conexões e desconexões de áreas turisticadas com as dinâmicas socioespaciais das cidades. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 14, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1154/115437784004/>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

SOUZA, Celso de Oliveira. **Santa Catarina, Estado de graça: a história catarinense documentada pelo Pe. João Leonir Dall Aba**. Orleans/SC: Ed. Unibave, 2008.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social na era dos meios de comunicação de massa**. 7. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2007.

TORREZANI, Neiva Camargo. **Vontade de saber geografia**. 7º ano. 2. ed. São Paulo, 2015.

VICENZI, Renilda. Presença negra no Planalto Catarinense. **Revista Latino-Americana de História**, vol. 1, n. 4, dezembro de 2012.

VIEIRA, Maria Graciana Espellet de Deus. Notas sobre a gênese das formações socioespaciais do Planalto Catarinense. In: MAMIGONIAN, Armen (Org.). **Santa Catarina: estudos de geografia econômica e social**. (Série Livros Geográficos). Florianópolis/SC: GCN/CFH/UFSC, 2011, p. 31-40.

VILLAÇA, F. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 2001.

WOORTMANN, Klass. Migração, família e campesinato. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 7, n. 1, jan/jun 1990, p. 35-53.

ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder:** o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma/SC: Unesc, 2012. (Coleção Sul).

ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

## ANEXO I

<b>I – Autoridades governamentais</b>
Morador, vereador, professor e membro da Associação Bonjardinense de Turismo no Espaço Rural.
<b>II – Lideranças comunitárias e sindicais</b>
Moradora, empresária e presidente da Associação Bonjardinense de Turismo Agricultor Familiar e presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar.
<b>III – Servidor público, proprietários e empreendedores</b>
Morador, servidor público e proprietário de empreendimento.
Ex-presidente do Conselho Estadual do Turismo, engenheiro civil e proprietário de empreendimento.
Morador e dono de um quiosque na cidade.
Moradora e engenheira agrônoma.
Morador, engenheiro e proprietário de escritório de assessoria para agricultores.
Moradora e professora na Rede Estadual.
Moradora e proprietária de quiosque na cidade.

## ANEXO II

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Data:**

**Local:**

#### **BLOCO I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A)**

Nome:

Idade:

Estado civil e filhos:

Religião:

Cidade de origem ou (há quantos anos mora no município):

Trabalho (função e há quantos anos trabalha com a atual atividade):

Profissão dos pais:

Escolaridade:

**BLOCO II – DADOS REFERENTES ÀS ATIVIDADES ATUAIS COM AS QUAIS O ENTREVISTADO ESTÁ ENVOLVIDO** (trabalho, moradia, mobilidade, participação etc.) ou sobre as quais tem alguma informação.

#### **Referente ao seu local de moradia.**

1. Em relação ao seu local de moradia. Podes relatar as mudanças ao longo dos anos no local em que você mora? Como era o seu local de moradia no passado, quais eram suas atividades no tempo livre (lazer, diversão), sua locomoção para outras partes da cidade era feita de que forma?
2. Nos finais de semana quais eram os atrativos e meios de praticar o lazer? E hoje? É diferente de antigamente?
3. Você sempre morou no mesmo lugar (bairro, comunidade)? Houve melhoras ao longo dos anos por parte de investimentos públicos? Mudou muito de como era no passado? Podes relatar as mudanças mais significativas para você?
4. Antigamente quais eram os meios de locomoção na região? Conte um pouco as dificuldades e superações que foram marcantes para você? Atualmente quais são as facilidades que se tem para se locomover pela região e por dentro da cidade? Você considera fácil? Podes falar um pouco sobre isso?
5. Você lembra das transformações que a Serra do Rio do Rastro sofreu desde os anos 80 (década que foi pavimentada)? Tempos que não tinha pavimentação e iluminação...
6. No seu local de moradia conte um pouco como é o seu dia a dia, sua rotina e atividades diárias?
7. Em relação a infraestrutura (estradas, coletas de lixo, iluminação, água tratada) no seu bairro ou comunidade, como ela acontece?
8. Dos mantimentos que você necessita para sobreviver? Você consegue adquirir tudo na própria cidade? Quando falta algo, para onde você recorre?

#### **Referente ao seu local ou função de trabalho (renda)**

1. No trabalho como é a sua rotina diária? Podes relatar como funciona seu emprego?
2. Você sempre trabalhou nisso? Podes falar um pouco sobre sua trajetória?
3. Você já trabalhou em outros serviços? Podes contar um pouco da sua trajetória desde o seu primeiro emprego?
4. A partir de suas lembranças, como antigamente as pessoas buscavam sobreviver? Quais eram as atividades econômicas na época? Permanecem ainda essas atividades na cidade? Conte um pouco sobre isso.
5. Em relação às atividades agropecuárias na cidade. Você considera elas importantes? Conte um pouco do que é produzido na cidade e comercializado.
6. Conte um pouco sobre seu trabalho. Você sempre trabalhou com atividades ligadas ao poder público. Podes contar um pouco desta relação entre turistas e moradores?
7. Os produtos que você comercializa são produzidos na sua cidade? Conte um pouco sobre as matérias-primas usadas para produção do que você oferece para os visitantes.
8. Você percebe mudanças no município quando um novo empreendimento ou evento é inaugurado na cidade? Consegue mencionar pontos positivos e negativos?
9. Podes citar as principais mudanças visíveis no seu ambiente de trabalho quando um evento acontece na cidade?
10. Conte um pouco como é o dia a dia com contato com várias pessoas de diversos lugares do Brasil e do mundo? De onde vêm os visitantes?

#### **Referente ao turismo em Bom Jardim da Serra**

1. Conte sobre como se desenvolveu o turismo na cidade...
2. Quando ou que período você considera que turismo começou a fazer da economia e renda dos moradores da sua cidade?
3. Você conhece ou lembra de algum fato histórico marcante no município que atraiu visitantes?
4. Você se recorda da época de construção da Serra do rio do rastro e do mirante? Podes contar um pouco sobre isso?
5. Conte um pouco como é o movimento de turistas em determinadas épocas do ano na cidade. Quais são os benefícios do turismo para o pessoal que vive em BJS?
6. Existe um movimento maior de turistas em que meses do ano? Podes contar um pouco,
7. Conte um pouco do que você acredita que o turismo proporciona para as pessoas que vivem no município de Bom Jardim da Serra atualmente?
8. Como você acredita que morador se beneficia com o turismo desenvolvido no município e na região? Podes falar um pouco sobre isso?
9. Como você avalia a participação dos moradores no turismo?
10. A maioria dos moradores participam e trabalham com o turismo em Bom Jardim da Serra?
11. O que a Serra do Rio Rastro representa pra ti? Qual é a importância da Serra para população de Bom Jardim da Serra?
12. Você se recorda como era o mirante antigamente? Mudou muito desde a sua construção? Podes falar um pouca das mudanças.

13. Qual é sua opinião sobre os atuais equipamentos turísticos (lojas e serviços) no mirante? É bom? Precisa melhorar? Atende todas as necessidades?
14. Conte um pouco com é atuação da prefeitura aqui na região? E com o turismo? E com os moradores?

**BLOCO III – SOBRE OS PROJETOS ATUAIS RELACIONADOS AO TURISMO E SOBRE AS AUDIÊNCIAS PÚBLICAS E PROJETOS PREVISTOS PARA A ÁREA.**

1. Você tem conhecimento sobre os futuros projetos para esta região?
2. Você consegue perceber mudanças no município em função de novos projetos (como o novo projeto de reforma do mirante no município)? Podes falar um pouco sobre esse novo projeto?
3. Conte um pouco de como você ficou sabendo desse novo empreendimento na cidade?
4. Você participou de algum processo participativo (audiências, reuniões) para construção do novo mirante? Se sim, como ficou sabendo do tal evento?
5. O que você acha disso? Você acha que vai dar certo este tipo de proposta?
6. Para você como a prefeitura colabora para o turismo na cidade? Comente um pouco dos investimentos da prefeitura no turismo da cidade.
7. Como você acredita que o turismo estará daqui a dez anos em Bom Jardim da Serra? Consegue imaginar mudanças? Podes falar um pouco.
8. E o pedágio?

### ANEXO III

ANÁLISE DE REPORTAGENS VINCULADAS EM SITES/BLOGS E REVISTAS (FORMATO ONLINE) – (PERÍODO 2010 ATÉ 2017)						
Fonte (Link de acesso)	Data da publicação	Palavras-Chaves	Abrangência da Reportagem	Categorias	Título/Assunto	Análise
Globo/G1 <a href="http://g1.globo.com/santa-catarina/noticia/2014/06/empreendedorismo-e-essencial-para-diversificar-o-turismo-na-Serra-de-sc.html">http://g1.globo.com/santa-catarina/noticia/2014/06/empreendedorismo-e-essencial-para-diversificar-o-turismo-na-Serra-de-sc.html</a> , acesso em 22/09/2017.	21/06/2014	Turismo Iniciativa Privada Infraestrutura Capacitação Investimentos	Nacional	Empreendedorismo e Oportunidades	<p>Título: Empreendedorismo é essencial para diversificar o turismo na Serra de SC</p> <p>Assunto: Empresários e autoridades evidenciam os ganhos quando a iniciativa privada é inserida nos empreendimentos instaladas ou visados na região Serrana. Cita que: Autoridades reforçam a necessidade de mobilização da iniciativa privada. Em São Joaquim, 10% da população integra o mercado turístico local. 70% dos turistas sazonais passam apenas um dia na região, uma média de 100 mil pessoas por final de semana, entre junho e julho. Com isso, o turismo da região ainda é considerado de 'passagem'.</p>	A reportagem menciona a importância da parceria entre poder público e a iniciativa privada como forma de alavancar o turismo da região Serrana. Pontua as necessidades de investimentos nas diversas áreas, como: incremento do turismo rural, capacitações, além dos investimentos em equipamentos urbanos.

<p>Ligados no Sul  <a href="http://www.ligadosul.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-recebe-5-mil-ciclistas">http://www.ligadosul.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-recebe-5-mil-ciclistas</a>, acesso em 22/09/2017.</p>	<p>06/03/2016</p>	<p>Ciclismo  Evento  Serra</p>	<p>Regional</p>	<p>Belas Paisagens  Fascinação pelo lugar</p>	<p>Título: Serra do Rio do Rastro recebe 1,5 mil ciclistas</p> <p>Assunto: Revela número de participantes, roteiro da prova, bem como os campeões da prova.</p>	<p>Evento de nível nacional com lotação em restaurantes e hotéis, como citado na reportagem. Evidencia-se como prática comum da região, ocorrendo mais de um evento por ano. Esses eventos são organizados por empresas privadas, e a própria secretária de esporte e cultura do Estado de Santa Catarina.</p>
<p>DC – Diário Catarinense  <a href="http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/11/plataforma-de-contemplacao-no-mirante-da-Serra-do-rio-do-rastro-volta-a-pauta-4651093.html">http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/11/plataforma-de-contemplacao-no-mirante-da-Serra-do-rio-do-rastro-volta-a-pauta-4651093.html</a>, acesso 26/09/2017</p>	<p>27/11/2014</p>	<p>Turismo  Empreendimento  Iniciativa Privada</p>	<p>Estadual</p>	<p>Turismo  Infraestrutura</p>	<p>Título: Plataforma de contemplação no mirante da Serra do Rio do Rastro volta à pauta.</p> <p>Assunto: Governo de Santa Catarina cria Projeto de lei para concessão no mirante para iniciativa privada criar plataforma de contemplação.</p> <p>“Vai depender de vontade, mas se o processo for agilizado e correr sem problemas, creio que entre a audiência pública, o edital, o termo de referência, a licitação e a obra, daqui a um ano e meio a plataforma já poderá estar aberta ao público — conclui o presidente da Santur, Walendowsky.”</p>	<p>Projeto citado é aprovado, após uma audiência pública tumultuada em novembro de 2014. População e gestores municipais não sabiam e não tinha conhecimento do projeto de lei.</p>

<p>DC  <a href="http://dc.clicrbs.com.br/sc/columnistas/cacau-menezes/noticia/2017/08/leitor-alerta-para-interdicoes-na-Serra-do-rio-do-rastro-9884163.html">http://dc.clicrbs.com.br/sc/columnistas/cacau-menezes/noticia/2017/08/leitor-alerta-para-interdicoes-na-Serra-do-rio-do-rastro-9884163.html</a>,          acesso em 26/09/2017</p>	<p>31/08/2017</p>	<p>Direito de tráfegabilidade na Serra</p>	<p>Estadual</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Título: Leitor alerta para interdições na Serra do Rio do Rastro.</p> <p>Assunto: Morador e usuário da rodovia Serra do Rio do Rastro, questiona a interdição da estrada para evento de corrida. Demonstra um certo incomodo pela dificuldade e bloqueio de se locomover do planalto para litoral.</p>	<p>Sendo a única via de acesso ao litoral pra que desce do planalto catarinense, quando ocorre eventos privados, existe um bloqueio desta via, gerando transtornos ponto de vista de quem frequenta a transita pela região.</p>
<p>DC  <a href="http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/09/curvas-perigosas-da-Serra-do-rio-do-rastro-impediram-show-do-pink-floyd-no-mirante-da-montanha-ha-12-anos-3894484.html">http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/09/curvas-perigosas-da-Serra-do-rio-do-rastro-impediram-show-do-pink-floyd-no-mirante-da-montanha-ha-12-anos-3894484.html</a>,          acesso 26/09/2017</p>	<p>22/09/2012</p>	<p>Histórias Serra do Rio do Rastro</p>	<p>Estadual</p>	<p>Oportunidades Fascinação pelos lugares</p>	<p>Título: Curvas perigosas da Serra do Rio do Rastro impediram show do Pink Floyd no mirante da montanha há 12 anos.</p> <p>Assunto: A reportagem menciona fatos e curiosidades em torno da Serra. Do interesse de um banda internacional em realizar um show no mirante, até uma história sobre sustos e lendas.</p>	<p>Imprevisibilidades que se coloca na região, como a questão climática, assim como o risco de segurança em transitar pela Serra, assim como histórias e lendas geram empecilhos para execução de eventos na região.</p>

<p>DC  <a href="http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticia/2012/11/usina-eolica-de-bom-jardim-da-Serra-reforca-investimento-em-energia-3961152.html">http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticia/2012/11/usina-eolica-de-bom-jardim-da-Serra-reforca-investimento-em-energia-3961152.html</a>,          acesso 26/09/2017.</p>	<p>24/11/2012</p>	<p>Produção de Energia          Iniciativa Privada          Desenvolvimento</p>	<p>Estadual</p>	<p>Empreendimentos Oportunidades</p>	<p>Título: Usina eólica de Bom Jardim da Serra reforça investimento em energia.          Assunto: Empreendimento instalado no município é promessa de ganhos e arrecadações.</p>	<p>Atualmente a usina instalada não gera nem metade do que se projetou na época da sua implantação. O município que planejada e idealizada enriquecimento com a arrecadação de ICMS, hoje é mínimo seu retorno.</p>
<p>Sul in Foco  <a href="http://www.sulinfo.co.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-volta-a-ser-interditada-previsao-inicial-de-liberacao-e-daqui-5-dias">http://www.sulinfo.co.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-volta-a-ser-interditada-previsao-inicial-de-liberacao-e-daqui-5-dias</a>,          acesso em 10/08/2017</p>	<p>02/01/2016</p>	<p>Estrada Interditada          Deslizamento          Chuva          Estragos</p>	<p>Regional</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Título: Serra do Rio do Rastro volta a ser interditada; previsão inicial de liberação é daqui 5 dias          Assunto: Duas barreiras na Serra do Rio do Rastro bloqueou a passagem de pedestres e veículos no dia 02/01/2016. As passagem nos dois sentidos ficaram comprometidas como mencionado no corpo da reportagem. Segundo a reportagem toneladas de pedras, terra e árvores bloqueiam a passagem.</p>	<p>Registros de quedas de barreiras torna-se rotineiro na região em determinadas épocas do ano (meses chuvosos). O deslizamento causou prejuízo também no sistema de iluminação e deixou pessoas isoladas. Neste caso registrado, uma única rota de deslocamento torna-se alternativa para deslocamento. Chama atenção o prazo para abertura após queda, uma média de cinco dias.</p>

<p>Folha da cidade  <a href="http://folhadacidadej.saojoaquimonline.com.br/?p=3456">http://folhadacidadej.saojoaquimonline.com.br/?p=3456</a>, acesso em 22/09/2017</p>	27/06/2017	Doação Serra Natureza Evento	Regional	Oportunidades	<p>Título: ABT recebe mais de cem mil reais da Mizuno Uphill IMarathon em Bom Jardim da Serra  Assunto: A marca Mizuno realizou uma doação em quanti para Associação Bonjardinense investir no turismo local.</p>	Doação em virtude das ações realizadas por marca esportiva no município. Doação visando preservar a Serra e fazer ação com a comunidade local. Este evento acontece todo ano e reuni um número expressivo de participantes de todos os lugares do Brasil e do exterior.
<p>Clica Tribuna  <a href="http://www.clicatribuna.com/noticia/geral/mizuno-uphill-marathon-movimentada-serra-do-rio-rastro-19818">http://www.clicatribuna.com/noticia/geral/mizuno-uphill-marathon-movimentada-serra-do-rio-rastro-19818</a>, acesso em 22/09/2017</p>	03/09/2017	Turismo Esporte	Regional	Natureza Fascinação pelo lugar	<p>Título: Mizuno Uphill Marathon movimentada Serra do Rio Rastro.  Assunto: A reportagem evidencia as paisagens paradisíacas da Serra do Rio do Rastro, indicando que a prova foi desafiadora, contando com tempo bom e temperaturas agradáveis. Cita que os competidores percorrerem 42 quilômetros na Estrada Mais Espetacular do Mundo, cita eles.</p>	A reportagem procura citar fatos favoráveis para tal evento. Indicando todos os processos que aconteceram e como ocorreram. Relata os atrativos paisagísticos e climáticos que foram fundamentais para escolha e “sucesso” do local.
<p>Economia SC  <a href="http://economiasc.com.br/empresario-quer-investir-em-plataforma-na-serra-catarinense/">http://economiasc.com.br/empresario-quer-investir-em-plataforma-na-serra-catarinense/</a>, acesso em 22/09/2017</p>	17/08/2010	Turismo Empreendimento Privado Parceria Público-Privado Mirante	Estadual	Oportunidades Empreendedorismo	<p>Título: Empresário quer investir em plataforma na Serra Catarinense  Assunto: Empresário e sócio do Parque Unipraias, em Balneário Camboriú, visitou a região da Serra catarinense, com o propósito de num empreendimento turístico.</p>	Em 2010 o empresário visitou a região, em 2014 um lei é criada para conceder o espaço do mirante por processo licitatório. O assunto volta a ser comentado, e novamente surge o nome do empresário citado na reportagem de 2010. No ano do noticiário, Leonel Pavan em 2010 era Governador, e hoje é Secretário do Turismo do Estado de Santa Catarina.

<p>Sul In foco  <a href="http://www.sulinfo.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-pode-perder-maior-plataforma-de-vidro-do-mundo-para-o-rs/">http://www.sulinfo.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-pode-perder-maior-plataforma-de-vidro-do-mundo-para-o-rs/</a>, acesso em 27/09/2017.</p>	<p>25/09/2017</p>	<p>Iniciativa Privada Empreendimentos</p>	<p>Regional</p>	<p>Empreendimentos Oportunidades</p>	<p>Título:<a href="http://www.sulinfo.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-pode-perder-maior-plataforma-de-vidro-do-mundo-para-o-rs/">http://www.sulinfo.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-pode-perder-maior-plataforma-de-vidro-do-mundo-para-o-rs/</a>   Assunto: Impasses e conflitos entre municípios limítrofes, provoca indecisão por parte dos empresários envolvidos no projeto da plataforma.</p>	<p>Após anos de negociação, os projetos para o mirante da Serra do Rio do Rastro podem não acontecer. Falta de movimentações por parte dos turistas, questão climática (neblina) são entraves colocados por parte dos investidores. O</p>
<p>São Joaquim Online   <a href="http://saojoaquimonline.net/2010/12/10/instituto-federal-forma-80-pessoas-em-bom-jardim-da-serra/">http://saojoaquimonline.net/2010/12/10/instituto-federal-forma-80-pessoas-em-bom-jardim-da-serra/</a>, acesso 18/08/2017</p>	<p>12/10/2010</p>	<p>Turismo   Bom Jardim da Serra   Capacitação</p>	<p>Regional</p>	<p>Oportunidades</p>	<p>Título: Instituto Federal forma 80 pessoas em Bom Jardim da Serra   Assunto: Formação de pessoas para atuar no setor turístico na cidade de Bom Jardim da Serra. O instituto Federal formou 80 pessoas para o setor de Hotelaria e Gastronomia, devido a demanda diagnosticada na cidade.</p>	<p>Capacitação é devido um demanda mencionada por autoridades na reportagem. No corpo do texto, evidencia-se o entusiasmo e expectativa de fomentação deste setor na cidade por parte de autoridades presente nos evento.</p>

<p>Serra SC  <a href="http://www.Serrasc.com.br/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=8054:retomado-o-projeto-de-plataforma-de-contemplacao-da-Serra-do-rio-do-rastro&amp;catid=407:noticias">http://www.Serrasc.com.br/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=8054:retomado-o-projeto-de-plataforma-de-contemplacao-da-Serra-do-rio-do-rastro&amp;catid=407:noticias</a>,  acesso em  22/09/2017</p>	<p>26/07/2017</p>	<p>Turismo  Empreendimento  Parceria Público –  privado  Mirante</p>	<p>Regional</p>	<p>Oportunidades  Empreendedoris  mo</p>	<p>Título: Retomado projeto da plataforma no mirante da Serra do Rio do Rastro</p> <p>Assunto: Representantes da Secretária do Estado de Turismo, Cultura e Esporte, como o secretário Leonel Pavan, fizeram uma reunião para a situação para a construção de uma plataforma de contemplação no mirante da Serra do Rio do Rastro, em Bom Jardim da Serra. Na ocasião, os empresários: Moacir Bogo, Carlinhos Bogo, Junior Bogo e Silvio Prim, estavam presentes, e são os interessados em investir na reestruturação do mirante.</p>	<p>O assunto da parceria público privada ressurgiu em 2017, já com empresário e acordos estruturados com relação a reestruturação do mirante.</p>
--	-------------------	--	-----------------	--	---	---

<p>Sul in Foco</p> <p><a href="http://www.sulinfoco.com.br/pousada-bugio-da-Serra-inaugura-na-Serra-do-rio-do-rastro-em-lauro-muller">http://www.sulinfoco.com.br/pousada-bugio-da-Serra-inaugura-na-Serra-do-rio-do-rastro-em-lauro-muller</a>, acesso em 22/09/2019</p>	<p>26/02/2016</p>	<p>Turismo Empreendimento</p>	<p>Regional</p>	<p>Empreendimentos</p> <p>Fascinação pelo lugar</p>	<p>Título: Pousada Bugio da Serra inaugura na Serra do Rio do Rastro, em Lauro Müller.</p> <p>Assunto: Hotel é inaugurado na Serra do Rio do Rastro, visando atender os turistas que visitam a região. A estrutura inaugurada tem capacidade para acomodar até 25 pessoas.</p>	<p>Novo empreendimento na subida da Serra do Rio do Rastro, no passado era antiga loja de comercialização de produtos alimentícios. O empreendimento foi reformulado. Nota-se nos últimos anos investimento no segmento turístico na cidade de Lauro Müller (<a href="http://www.sulinfoco.com.br/turismo-regional-e-tema-de-palestra-em-lauro-muller/">http://www.sulinfoco.com.br/turismo-regional-e-tema-de-palestra-em-lauro-muller/</a>)</p>
<p>Site do Governo - Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte</p> <p><a href="http://www.sol.sc.gov.br/index.php/noticias/3801-turistas-lotam-cidades-da-Serra-catarinense-para-esperar-a-neve">http://www.sol.sc.gov.br/index.php/noticias/3801-turistas-lotam-cidades-da-Serra-catarinense-para-esperar-a-neve</a>, acesso em 22/09/2017</p>	<p>17/07/2017</p>	<p>Frio/Neve Turismo/Lotação Bom Jardim da Serra</p>	<p>Estadual</p>	<p>Frio</p>	<p>Título: Turistas lotam cidades da Serra catarinense para esperar a neve</p> <p>Assunto: Previsão de frente fria com probabilidade de neve na Serra Catarinense, potencializa pata de turistas para a região. Lotação de hotéis e locais para hospedagens é limitada.</p>	<p>Cidades do Planalto Serrano atraindo turistas em função das previsões de neve para região. Hospedes encontram dificuldades de se hospedar em função da limitação de hospedagens.</p>

<p>Sul in Foco  <a href="http://www.sulinfo.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-na-propaganda-dos-correios">http://www.sulinfo.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-na-propaganda-dos-correios</a>,          acesso em 22/09/2017</p>	04/06/2013	propaganda em função da paisagem diferenciada.	Regional	Fascinação pelo lugar Natureza Oportunidade	<p>Título: Serra do Rio do Rastro na propaganda dos Correios</p> <p>Assunto: A Serra do Rio do Rastro é destaque numa das propagandas dos Correios. Na propaganda aparece diversas paisagens</p>	Não é primeira vez que Rodovia é projetada em comerciais e campanhas publicitárias. Diversas marcas se apropriam dos espaços da região para divulgar seus produtos, varia de lançamentos automotivos, perfumes, marcas de roupas.
<p>Sul in Foco  <a href="http://www.sulinfoco.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-no-escuro-manutencao-de-luminarias-deve-iniciar-na-proxima-semana/">http://www.sulinfoco.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-no-escuro-manutencao-de-luminarias-deve-iniciar-na-proxima-semana/</a>,          Acesso em 22/09/2017.</p>	26/05/2017	Serra sem iluminação no período da noite Perigo	Regional	Infraestrutura	<p>Título: Serra do Rio do Rastro no escuro: manutenção de luminárias deve iniciar na próxima semana</p> <p>Assunto: Iluminação precária na rodovia oferece risco aos motoristas que transitam pela região. Na reportagem indicam que os condutores devem evitar tráfego noturno.</p>	Recomenda-se não utilizar as vias na parte noturna afirma o jornal. O estrago é desconhecido, citam que os postes que foram danificados em virtude dos ventos. Esse fato até não foi totalmente ajustado, ainda existem postes sem a devida manutenção.
<p>Engeplus  <a href="http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2014/teleferico-da-Serra-do-rio-do-rastro-devera-ser-implantado-ate-2017/">http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2014/teleferico-da-Serra-do-rio-do-rastro-devera-ser-implantado-ate-2017/</a>,          acesso em 22/09/2017.</p>	09/09/2014	Turismo Paisagem Entretenimento	Regional	Empreendimento	<p>Título: Teleférico da Serra do Rio do Rastro deverá ser implantado até 2017</p> <p>Assunto: Projeto sinalizado para iniciar sua construção é divulgado. O projeto na reportagem depende do estudo ambiental que decidirá a execução da obra. O projeto pretende ligar os municípios de Siderópolis e Bom Jardim da Serra, através de um teleférico.</p>	Projetos desse tipo tomam a região como foco. Neste caso a obra nunca foi finalizada, e trata-se de um empreendimento privado.

<p>Folha de São Paulo  <a href="http://www1.folha.uol.com.br/turismo/2016/05/1767723-menos-badalada-Serra-catarinense-e-mais-emocionante-que-a-irma-gaucha.shtml?cmpid=compfb">http://www1.folha.uol.com.br/turismo/2016/05/1767723-menos-badalada-Serra-catarinense-e-mais-emocionante-que-a-irma-gaucha.shtml?cmpid=compfb</a>, acesso em 22/09/2017</p>	<p>05/05/2016</p>	<p>Turismo Frio</p>	<p>Nacional</p>	<p>Fascinação pelo lugar  Natureza Frio</p>	<p>Título: Menos badalada, Serra catarinense é mais emocionante que a irmã gaúcha</p> <p>Assunto: Reportagem compara Serra do rio do com a Serra gaúcha. Ela diferencia, indicando as opções de hospedagem e de entretenimento.</p>	<p>Devido a observação ao final da reportagem, trata-se de uma reportagem com um viés de marketing (paga). Não demonstra em nenhum momento a população a cidade, os interesse do bem comum.</p>
<p>CImais  <a href="http://www.cimais.com.br/turismo/107338/retomado-o-projeto-de-plataforma-de-contempla%C3%A7%C3%A3o-na-Serra-do-rio-do-rastro">http://www.cimais.com.br/turismo/107338/retomado-o-projeto-de-plataforma-de-contempla%C3%A7%C3%A3o-na-Serra-do-rio-do-rastro</a>, acesso em 22/09/2017.</p>	<p>26/07/2017</p>	<p>Turismo Empreendimento</p>	<p>Regional</p>	<p>Empreendimentos Oportunidades</p>	<p>Título: Retomado o projeto de plataforma de contemplação na Serra do Rio do Rastro.</p> <p>Assunto: Revela o andamento do projeto que consiste na construção de uma plataforma no mirante da Serra do Rio do Rastro, no município de Bom Jardim da Serra.</p>	<p>Volta-se a falar da parceria público-privado na região. Essas ações são fruto da lei aprovada em 2014 que concede uma área do mirante para empreendimento no campo do lazer.</p>

<p>Globo/RBSTV  <a href="http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/falta-de-cuidados-causa-degradacao-na-Serra-do-rio-do-rastro.ghtml">http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/falta-de-cuidados-causa-degradacao-na-Serra-do-rio-do-rastro.ghtml</a>,          acesso em 22/09/2017.</p>	<p>16/06/2017</p>	<p>Buracos          Falta de Iluminação          Deslizamentos</p>	<p>Regional</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Título: Falta de cuidados causa degradação na Serra do Rio do Rastro</p> <p>Assunto: DEINFRA e Defesa Civil indicam pontos de risco de deslizamentos ao longo da rodovia SC 308.</p>	<p>Uma das únicas estradas que ligam o litoral ao planalto catarinense, principalmente Bom Jardim da Serra ao litoral está comprometida. Além de não funcionar o sistema e iluminação a precariedade do asfalto chama atenção.</p>
<p>DC – Diário Catarinense  <a href="http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2017/03/queda-de-barreira-deixa-transito-em-meia-pista-na-Serra-do-rio-do-rastro-9746810.html">http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2017/03/queda-de-barreira-deixa-transito-em-meia-pista-na-Serra-do-rio-do-rastro-9746810.html</a>,          acesso em 22/09/2017</p>	<p>13/03/2017</p>	<p>Deslizamento          Prevenção          Serra</p>	<p>Estadual</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Título: Queda de barreira deixa trânsito em meia pista na Serra do Rio do Rastro.</p> <p>Assunto: A queda de uma barreira por ocorrência de um temporal que atingiu várias cidades de Santa Catarina, deixou o trânsito em meia pista na Serra do Rio do Rastro na noite de domingo. O desmoronamento aconteceu por volta de 19h no Km 408 da SC-390.</p>	<p>Deslizamentos são frequentes, ocorrendo com mais intensidade nos dias chuvosos. É frequente circular pela rodovia, necessitando de atenção devido os materiais rochosos em meio a pista que deslizam.</p>

<p>Globo/RBS  <a href="http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/defesa-civil-faz-teste-com-produto-para-tentar-conter-deslizamentos-na-Serra-do-rio-do-rastro.ghtml">http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/defesa-civil-faz-teste-com-produto-para-tentar-conter-deslizamentos-na-Serra-do-rio-do-rastro.ghtml</a>,          acesso em 22/09/2017</p>	<p>05/07/2017</p>	<p>Prevenção          Teste          Serra</p>	<p>Regional</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Título: Produtos teste para conter deslizamentos na Serra do Rio do Rastro</p> <p>Assunto: DEINFRA aplica produto nas encostas das escarpas da Serra do Rio do Rastro para tentar conter os deslizamentos. Empresa promete que material previne erosão. Produto foi aplicado em ponto que será monitorado pela Defesa Civil.</p>	<p>Alternativas estão sendo criadas e testadas para evitar interdição da Serra do Rio do Rastro. Uma empresa da região criou um produto de base orgânica (cana de açúcar) sua ação de contenção dura apenas um ano.</p>
<p>Bikeloko  <a href="http://bikeloko.com.br/dicas/passeios-de-cicloturismo-na-regiao-sul#sthash.KdaLVFI0.m42FxQ6p.dpbs">http://bikeloko.com.br/dicas/passeios-de-cicloturismo-na-regiao-sul#sthash.KdaLVFI0.m42FxQ6p.dpbs</a>,          acesso em 25/09/2010.</p>	<p>14/12/2015</p>	<p>Turismo          Ciclismo          Serra do Rio do Rastro</p>	<p>Nacional</p>	<p>Belas Paisagens          Fascinação pelo lugar</p>	<p>Título: Passeios de Cicloturismo na Região Sul</p> <p>Assunto: Blog evidencia as opções em termos de passeios turísticos com bicicleta (cicloturismo). Cita a opção de percorrer o trajeto da Serra do Rio do Rastro.</p>	<p>Fala das vantagens e benefícios de fazer essa rota por bicicleta. Menciona o turismo (cicloturismo) até a cidade de Bom Jardim da Serra e as paisagens locais que são possibilitados de transitarem.</p>

<p>São Joaquim Online  <a href="http://saojoaquimonline.com.br/2016/08/19/rodovia-entre-sao-joaquim-e-bom-jardim-da-serra-recebe-primeira-camada-asfaltica/">http://saojoaquimonline.com.br/2016/08/19/rodovia-entre-sao-joaquim-e-bom-jardim-da-serra-recebe-primeira-camada-asfaltica/</a>,          acesso em 25/09/2017.</p>	<p>19/06/2016</p>	<p>Infraestrutura Estradas          Obra do Governo Pacto por Santa Catarina          DEINFRA</p>	<p>Regional</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Título: Rodovia entre São Joaquim e Bom Jardim da Serra recebe primeira camada asfáltica</p> <p>Assunto: Pavimentação, acostamentos, construção de rótulas e outras obras mencionadas no corpo da reportagem. A obra compreende 51 km de estradas, ligando São Joaquim até o topo da Serra do Rio do Rastro, em Bom Jardim da Serra, sendo executada pela Construtora CONFER, através do Pacto por Santa Catarina.</p>	<p>Obras assinadas pelo governo em 2014, seguem ainda em andamento. Obra está vinculada ao fomento do setor turístico da região, assim como, no escoamento das mercadorias produzidas na região. Outro ponto, é que sinaliza as vantagens de se obter resultados a partir dessa obra, como novas oportunidades e investidores interessados na região.</p>
<p>São Joaquim Online  <a href="http://saojoaquimonline.com.br/2016/06/08/bom-jardim-da-serra-e-2o-municipio-com-a-maior-queda-de-arrecadacao-do-icms-de-sc/">http://saojoaquimonline.com.br/2016/06/08/bom-jardim-da-serra-e-2o-municipio-com-a-maior-queda-de-arrecadacao-do-icms-de-sc/</a>,          acesso em 25/09/2017</p>	<p>08/06/2016</p>	<p>Arrecadação de impostos          Projetos          Bom Jardim da Serra</p>	<p>Regional</p>	<p>Geração de emprego          Impostos</p>	<p>Título: Bom Jardim da Serra é 2º município com a maior queda de arrecadação do ICMS de SC</p> <p>Assunto: A reportagem sinaliza a queda na arrecadação de impostos na cidade em 2015, sendo o segundo município do Estado de Santa Catarina com maior queda (13,7%). A situação é em virtude da consequência da queda no faturamento das usinas eólicas implantadas no município.</p>	<p>Dependência e as vantagens que a usina eólica traria para a cidade ficou apenas no projeto. A falta de manutenção, e a dificuldades de manter em funcionamento, ocasionando prejuízos ao município com a perda de arrecadação. O fato é, que durante a implantação da usina, o projeto foi desejado e colocada como solução e caminho para alavancar a economia e ganhos no município, segundo depoimentos de moradores.</p>

<p>Diário Catarinense <a href="http://dc.clicrbs.com.br/sc/colunistas/estela-benetti/noticia/2016/07/atracao-ambiental-como-foco-do-turismo-na-Serra-6418259.html">http://dc.clicrbs.com.br/sc/colunistas/estela-benetti/noticia/2016/07/atracao-ambiental-como-foco-do-turismo-na-Serra-6418259.html</a>, acesso em 25/09/2017.</p>	<p>06/07/2016</p>	<p>Vocação turística Turismo/Natureza Bom Jardim da Serra</p>	<p>Estadual</p>	<p>Natureza e vegetação em geral</p>	<p>Assunto: Atração ambiental como foco do turismo na Serra</p> <p>Assunto: A reportagem evidencia o potencial ligado a natureza que impulsiona a pratica do turismo. Segundo dados em termos de preservação do meio ambiente, e da mata atlântica a região é destaque no Brasil.</p>	<p>Ideia de que a preservação da mata atlântica, a pode impulsionar o turismo, torna-se mecanismo ativador de visitação na região da Serra do Rio do Rastro. Uma porta para que o turismo, ecoturismo, turismo de aventura se firme na região.</p>
<p>São Joaquim Online <a href="http://saojoaquimonline.com.br/2016/06/24/se-m-iluminacao-moradoradores-colocam-velas-nos-postes-em-bom-jardim-da-Serra/">http://saojoaquimonline.com.br/2016/06/24/se-m-iluminacao-moradoradores-colocam-velas-nos-postes-em-bom-jardim-da-Serra/</a>, acesso em 25/09/2017.</p>	<p>24/06/2016</p>	<p>Iluminação Infraestrutura Precariedade</p>	<p>Regional</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Assunto: Sem iluminação moradores colocam velas nos postes em Bom Jardim da Serra</p> <p>Assunto: A reportagem menciona que o problema da falta de iluminação da cidade, que já perdura há mais de 02 meses. As reclamações e indignações por parte dos moradores, evidencia a questão. Eles citam que ‘a cada dia que passa mais postes ficam sem iluminação o que dentro de alguns dias pode acarretar num apagão geral em Bom Jardim da Serra’.</p>	<p>Já existem relatos atuais de que a cidade sofre com apagões. Assim como a Serra do Rio do Rastro fica semanas sem iluminação, o problema também ocorre na cidade.</p>

<p>Correio Lageano  <a href="http://www.clmmais.com.br/informacao/107233-quase-100-mil-pe%C3%A7as-de-agasalhos-s%C3%A3o-doadas-%C3%A0-Serra-catarinense-pela-cruz-vermelha">http://www.clmmais.com.br/informacao/107233-quase-100-mil-pe%C3%A7as-de-agasalhos-s%C3%A3o-doadas-%C3%A0-Serra-catarinense-pela-cruz-vermelha</a>,          acesso em 25/09/2017</p>	<p>19/07/2017</p>	<p>Doação          Frio          Campanhas          Cruz Vermelha</p>	<p>Regional</p>	<p>Frio</p>	<p>Assunto: Quase 100 mil peças de agasalhos são doadas à Serra Catarinense, pela Cruz Vermelha.</p> <p>Assunto: Campanha buscam distribuir agasalhos na região, nas localidades de São Joaquim, Bom Jardim, Lages e Urubici.</p>	<p>Devido a situação de pobreza e miséria, visível quando circula-se entre os bairros carentes da região, doações são realizadas para amenizar o frio da população na Serra.</p>
<p>Sulconnection  <a href="http://www.sulconnection.com.br/noticias/1149/turismo-colombo-determina-revitalizacao-da-rodovia-da-Serra-do-rio-do-rastro">http://www.sulconnection.com.br/noticias/1149/turismo-colombo-determina-revitalizacao-da-rodovia-da-Serra-do-rio-do-rastro</a>,          acesso em 25/09/2017</p>	<p>27/08/2015</p>	<p>Turismo          infraestrutura          Estradas          Obras          Governo estadual</p>	<p>Regional</p>	<p>Infraestrutura/          Oportunidades</p>	<p>Título: Turismo: Colombo determina revitalização da rodovia da Serra do Rio do Rastro</p> <p>Assunto: Obra determinado pelo governo, é de revitalização da estrada que liga Urubici até o limite de Bom Jardim com Lauro Muller. Na reportagem cita que a rodovia estadual é uma das mais importantes vias de turismo de Santa Catarina. Localizada na Serra Catarinense, a estrada é o acesso a um dos principais pontos turísticos do Brasil, a Serra do Rio do Rastro.</p>	<p>Atualmente os problemas na Serra do Rio do Rastro tomaram proporções maiores, também necessitando de revitalização. A rodovia que passa por revitalização é única que dá acesso e liga o planalto catarinense com o litoral sul de Santa Catarina.</p>

<p>São Joaquim Online  <a href="http://saojoaquimonline.com.br/2017/03/17/seminario-de-turismo-mobilizou-a-regiao-da-bom-jardim-da-Serra/">http://saojoaquimonline.com.br/2017/03/17/seminario-de-turismo-mobilizou-a-regiao-da-bom-jardim-da-Serra/</a>, acesso em 25/09/2017.</p>	<p>17/03/2017</p>	<p>Ações em prol do Turismo/  Seminário Associação Bomjardinense de Turismo – ABT</p>	<p>Regional</p>	<p>Oportunidades</p>	<p>Título: Seminário de Turismo mobilizou a região da Bom Jardim da Serra.</p> <p>Assunto: Profissionais da área e interessados, participaram em Bom Jardim da Serra, do Seminário Turismo Sustentável Inovação e Boas Práticas. O evento buscou trabalhar por meio de palavras, indicando os caminhos alternativos para o fomento do turismo na região.</p>	<p>Evento projeta uma análise das possibilidade de parceria do público e privado para fomento da economia local, e das possibilidades que atividade turística pode fornecer a sociedade Serrana.</p>
<p>São Joaquim Online  <a href="http://saojoaquimonline.com.br/2017/04/04/comunidade-do-interior-de-bom-jardim-da-Serra-pede-socorro-em-relacao-as-estradas/">http://saojoaquimonline.com.br/2017/04/04/comunidade-do-interior-de-bom-jardim-da-Serra-pede-socorro-em-relacao-as-estradas/</a>, acesso em 25/09/2017.</p>	<p>04/04/2017</p>	<p>Agricultura Interior/Estradas Precariedade</p>	<p>Regional</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Título: Comunidade do interior de Bom Jardim da Serra pede socorro em relação às estradas</p> <p>Assunto: Menciona a precariedade que vive a população rural do município, evidenciando a situação das estradas do que acaba impedindo o escoamento dos produtos cultivados na região.</p>	<p>Mutirões entre a própria população local torna-se alternativa para facilitar a locomoção e escoamento dos produtos produzidos. São caminhões e carros, em meio a lama e buracos nas estradas do interior, e o descaso do poder público é frequente.</p>

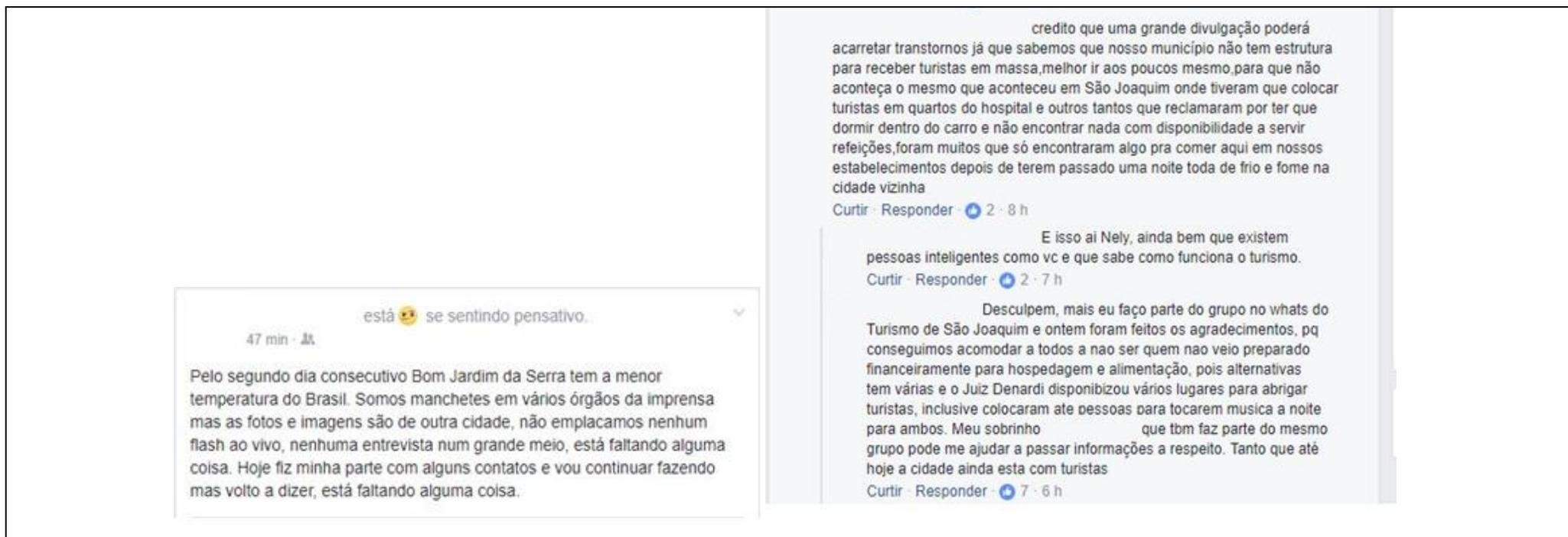
<p>São Joaquim Online  <a href="http://saojoaquimonline.net/2013/12/27/porque-sempre-ocorrem-brigas-nas-festas-de-bom-jardim-da-Serra/">http://saojoaquimonline.net/2013/12/27/porque-sempre-ocorrem-brigas-nas-festas-de-bom-jardim-da-Serra/</a>,          acesso em 25/09/2017.</p>	<p>27/12/2013</p>	<p>Cidade Brigas Drogas          Falta de policiamento</p>	<p>Regional</p>	<p>População</p>	<p>Título: Por que sempre ocorrem brigas nas festas de Bom Jardim da Serra?</p> <p>Assunto: Brigas e vandalismo são registrado em festas que ocorrem na cidade. Ocorre devido ao uso excessivo de bebidas alcoólicas e drogas. Inclusive, os relatos na reportagem mencionam tal situação: "A cidade deu o grande exemplo para o estado que consegue estragar até mesmo a imagem de Santinha e se transformou num verdadeiro Bad Boy da Serra Catarinense".</p>	<p>Nos dias de hoje é comum ver noticiários relacionados a homicídios na região O uso de drogas aparece nos relatos e conversas com moradores, principalmente com jovens que trabalham em pomares.</p>
<p>AMURES  <a href="http://www.amures.org.br/noticias/index/ver/codMapaltem/41771/codNoticia/118864">http://www.amures.org.br/noticias/index/ver/codMapaltem/41771/codNoticia/118864</a>,          acesso em 05/10//2017.</p>	<p>18/03/2014</p>	<p>Mirante da Serra do Rio do Rastro          Obra do Governo Estadual</p>	<p>Regional</p>	<p>Empreendimentos Oportunidades</p>	<p>Título: Inicia revitalização do mirante da Serra do rio do rastro em bom jardim da Serra</p> <p>Assuntos: Algumas obras de revitalização no mirante da Serra do Rio do Rastro são executados para facilitar a circulação e conforto dos visitantes no local. Na reportagem cita mudanças e reformas no segmento: instalação de sete lixeiras especiais, sistema de proteção aos animais (quatis), reforma dos banheiros, por exemplo.</p>	<p>Algumas ações foram concluídas. Atualmente observa-se grades de proteção e calçadas no mirante, fruto dessa revitalização</p>

<p>Sul infoco  <a href="http://www.sulinfo.co.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-pode-perder-maior-plataforma-de-vidro-do-mundo-para-os/">http://www.sulinfo.co.com.br/Serra-do-rio-do-rastro-pode-perder-maior-plataforma-de-vidro-do-mundo-para-os/</a>, acesso em 25/09/2017</p>	<p>25/09/2017</p>	<p>Projetos          Iniciativa Privada          Mirante</p>	<p>Regional</p>	<p>Empreendimentos/Oportunidades</p>	<p>Título: Serra do Rio do Rastro pode perder maior plataforma de vidro do mundo para o RS</p> <p>Assunto: Iniciativa privada estuda projeto para implantação de mirante em Bom Jardim da Serra. No entanto, alguns empecilhos envolvendo os municípios de Lauro Muller e Bom Jardim da Serra, bem como algumas questões de sazonalidade, tempo, estrutura e visitação, deixam em dúvida quanto o investimento. Os empresários que possuem interesse cogitam investir em Canela no Rio Grande do Sul.</p>	<p>O projeto que iniciou em 2010 com interesse de empresários, e depois com a criação da lei de concessão em 2014, atualmente possui impasses. Criou-se a lei, o projeto, no entanto o momento agora é de indecisão por parte do empresariado, assim como entraves de sazonalidade, tempo e condição para visitação, fluxo de turistas etc.</p>
<p>Portal Clica Tribuna  <a href="http://www.clicatribuna.com/noticia/especial/sensacoes-e-visual-para-nao-decepcionar-os-amantes-do-frio-16944">http://www.clicatribuna.com/noticia/especial/sensacoes-e-visual-para-nao-decepcionar-os-amantes-do-frio-16944</a>, acesso em 25/09/2017.</p>	<p>10/06/2016</p>	<p>Neve          Frio          Turismo</p>	<p>Regional</p>	<p>Frio</p>	<p>Título: Sensações e visual para não decepcionar os amantes do frio.</p> <p>Assunto: turistas e a expectativa do frio rigoroso, da possibilidade de neve e geada, atraindo pessoas e lotando os setores de hotelaria e alimentício. De acordo com a reportagem "Depois de 16 anos, a região volta à sentir uma onda de frio tão rigorosa quanto a registrada em 2000".</p>	<p>Reportagem evidencia o entusiasmo dos visitantes à espera da neve, e da felicidade de sentir o frio rigoroso por parte de alguns. Menciona também algumas opções de hotelaria e como está a expectativa para temporada de inverno da cidade por parte dos comerciantes. Cita somente aspectos ligados ao turismo, citando precauções, dicas, paisagens e sensações por parte do jornalista.</p>

ANÁLISE DE REPORTAGENS VINCULADAS EM JORNAIS (FORMATO IMPRESSO) - (PERÍODO 2010 ATÉ 2017)						
Fonte (Link de acesso)	Data da publicação	Palavras-Chaves	Abrangência da Reportagem	Categorias	Título/Assunto	Análise
Jornal Hoje (impresso)	05/08/2016	Deslizamentos Risco DEINFRA Serra do Rio do Rastro	Regional	Infraestrutura	Título: Um Caminho de Risco (Reportagem de capa).  Assunto: Serra do Rio do Rastro com possibilidades de interdição devido às causas dos últimos acidentes. Também cita os deslizamentos que deixam motoristas em alertas. Na reportagem cita um projeto do DEINFRA com uso de telas de contenção para prevenção de acidentes.	Máquinas, avisos e alerta são comuns em épocas de semana chuvosa. A região da Serra sofre com deslizamentos.
Jornal Hoje (impresso)	20/02/2017	Turismo inexplorado Serra do Rio do Rastro, Lauro Muller	Regional	Belas Paisagens Fascinação pelo lugar	Título: Rio do Rastro entre as belezas naturais mais impactantes do país, porém pouco desenvolve o turismo.  Assunto: Na reportagem evidencia que a Serra, além das belezas naturais possui marcos históricos materiais que servem de apoio aos estudos geológicos e de ocupação/povoamento da região.	Reportagem cita os caminhos alternativos que podem elevar o município no mercado turístico. Lauro Muller é evidenciado como local em que Serra do Rio do Rastro está inserida.

**ANÁLISE DE COMENTÁRIOS E POSTAGENS NAS REDES SOCIAIS (PERÍODO DE 2010-2017)**

<b>Fonte e Agente Social (Rede Social)</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Palavras-Chaves</b>	<b>Categorias</b>	<b>Título/Assunto</b>	<b>Análise</b>
Facebook Morador e vereador na cidade	19/07/2017	Turismo Frio Indignação	Frio	Morador questiona a falta de atenção da grande mídia pela cidade. Coloca os pontos importantes que deveriam levar em conta ao anunciar o frio e neve da Serra catarinense. Em resposta, moradores e amigos do morador questionam seu desabafo, colocando suas opiniões.	Bom Jardim da Serra em determinados momentos clama por atenção, destaque no cenário nacional em função de suas particularidades e investimentos. Isso ocorre em conversas com moradores, em depoimentos e comentários em redes sociais. Um sentimento de esquecimento e de inferioridade aparece nas postagens, como essa. Um indiferença com relação os municípios vizinhos.



<p>Facebook Postagem de um estabelecimento localizado no mirante da Serra do Rio do Rastro.</p>	<p>17/07/2017</p>	<p>Frio Turismo Publicidade</p>	<p>Frio</p>	<p>Publicidade e divulgação de um estabelecimento aliado ao fato do ocorrido. Ocorrência de neve na região do mirante. Nota-se pela imagem abaixo, fluxo baixo de turistas, pouca neve.</p>	<p>Por pouca que seja a ocorrência de neve, mecanismos de atração de visitantes e de convite para ver a “neve”, tornam-se rotineiros em determinadas épocas do ano.</p>
---	-------------------	---	-------------	---	---

novas fotos.

adicionou 4

9 min · 🌐

Quem teve paciência e coragem para aguentar o frio, conseguiu presenciar um pouco a neve e a chuva congelada! O frio continua intenso por aqui, agora 20:45h faz 1 grau sendo que sensação térmica está próximo aos 4 graus abaixo de zero! Pra aguentar todo esse frio nada melhor que um café ou chocolate quente aqui do Mensageiro! #vempraserra

Creditos das fotos: Gustavo Bettú e Tadeu Roberto de Souza

Siga-nos no Instagram:



<p>Facebook</p> <p>Moradora do município de São Joaquim, na Serra Catarinense.</p>	<p>Julho/2017</p>	<p>Voluntariados</p> <p>Incentivo ao turismo</p>	<p>Oportunidades</p>	<p>Devido ao fluxo sazonal na região do Planalto Serrano, moradores e comerciantes unem-se para amparar turistas e tentar fornecer conforto e garantir visitantes. Previsão de neve e frio intenso atrai visitantes e movimentam as cidades, ocasionando trabalhos voluntariados.</p>	<p>Devido a demanda, moradores fecham seus estabelecimentos na garantia de fomentar e desenvolver o turismo através da união e do voluntariado. O fluxo de turistas é determinado pelas previsões do tempo, principalmente quando cogita-se neve.</p>
--	-------------------	--	----------------------	---	---

6 min · 👤

Hj, deixei minha loja fechada ,pois sei q meu seguimento não era tão importante quanto ajudar turista ,como voluntária .... Mesmo sabendo q sempre os criticam estão em casa sentados .... Pensando no próprio umbigo.... Vamos ajudar sem pensar só em benefícios próprios ... Eu tenho Consciência crescemos juntos .... Assim como vi várias pessoas ajudando tbm... parabéns aos que fazem a diferença mesmo sabendo que temos muito a melhorar ,o querer ajudar já é um passo muito importante .... Amanhã eu estou na loja a todo vapor 🤗👍🙌👏

<p>Facebook Página de um sistema de câmeras instaladas na estrada e no mirante da Serra do Rio do Rastro.</p>	<p>Sem data</p>	<p>Monitoramento Câmeras</p>	<p>Paisagens Infraestrutura</p>	<p>Página e site divulgam em tempo real a situação do tempo, e o fluxo de pessoas, carros e caminhões na Serra do Rio do Rastro. O site divulga e agencia lojas, comércios, hotéis, restaurantes.</p>	<p>Interessante sinalizar o indicativo divulgado, que sinaliza para possíveis transtorno para que deseja circular pela região, devido os problemas na estrada.</p>
					
<p>Facebook Página da rede social do atual Governador do Estado de Santa Catarina</p>	<p>Sem data/2017</p>	<p>Turismo Frio paisagens da Serra</p>	<p>Paisagens Frio</p>	<p>Governador anuncia em sua página as temperaturas negativas na Serra, sendo a mais baixa em Bom Jardim Serra. Salienta ainda a relação entre: temperatura, frio, paisagem e visitação.</p>	<p>Governador divulga o município de Bom Jardim da Serra, colocando a visitação e as paisagens em virtude do frio intenso como ponto alto do município. Cita a região Serrana e suas particularidades que atraem visitantes apenas.</p>



**Raimundo Colombo** 3 h · 🌐



Tivemos a manhã mais fria do ano ❄️ em Santa Catarina. Bom Jardim da Serra registrou  $-7,4^{\circ}\text{C}$ , a temperatura mais baixa do país em 2017. E em [#Urupema](#), que teve  $-6,6^{\circ}\text{C}$ , o vento fez a sensação térmica chegar a  $-27^{\circ}\text{C}$ . Para compensar o frio, fomos presenteados com esses lindos cenários. Muitos turistas estão na região Serrana em busca dessas paisagens ❄️ ❄️. Sem dúvida, somos atração em todas as estações do ano.

[#FrioSC](#) [#InvernoSC](#)

👍 2

<p>Facebook Página de um sistema de câmeras instaladas na estrada e no mirante da Serra do Rio do Rastro</p>	<p>12/02/2017</p>	<p>Descaso e falta de cuidado com a Serra. Visibilidade prejudicada.</p>	<p>Infraestrutura</p>	<p>Página especializada em divulgar imagens e vídeos da Serra do Rio Rastro revela o abandono da estrada, com vegetação avançando sobre a pista em janeiro e fevereiro.</p>	<p>Em épocas de início do ano é frequente o abandono da estrada. Vegetação cobrindo placas, visibilidade sendo prejudicada. Existe um melhora na manutenção em épocas de inverno, em que o fluxo de pessoas aumenta na região.</p>
--	-------------------	--	-----------------------	---	--



**Rio do Rastro Ao Vivo**  
12 de fevereiro · 🌐

A Estrada mais espetacular do mundo encontra-se desse jeito um descaso total , a iluminação não funciona mais, o mato tomando conta da pista , as placas de sinalização a maioria encobertas pelo mato, eu concordo que temos que preservar a natureza mas não a esse ponto , ainda se fala em turismo como vamos agradar nossos turistas que vem para conhecer a nossa mais bela paisagem que é a nossa Serra do Rio do Rastro . Espero que isso sirva para que as autoridades façam sua parte preservando o bom estado das rodovias e a manutenção pois só assim podemos nos orgulhar e não lamentar como estou fazendo agora.  
Att: Paulo Damacena [riodorastroaovivo.com](http://riodorastroaovivo.com)

<p>Facebook Comentários entre os moradores gera debate na rede social.</p>	<p>2017 Sem data</p>	<p>Opinião dos moradores e visitantes conflitos</p>	<p>População Infraestrutura Turismo</p>	<p>Moradores e visitantes da região próximo ao município de Bom Jardim da Serra comentam sobre a cidade e sua relação com o turismo.</p>	<p>Existem conflitos dos mais variados na região. Questões partidárias, conflitos no território e reconhecimento de pertencimento, assim como, ponto de vista em relação ao turismo executado na cidade.</p>
--	--------------------------	---	---	--	--

Tive alguns dias atrás nessa região da neve, só ouvi blá blá blá blá. Não tem infraestrutura de nada, cheguei na segunda feira tinha restaurante fechado. A a rádio nevasca só falou de política como meio de comunicação tem ser imparcial. Só vi politicagem ações não vi nada de concreto.

há 45 minutos · Curtir ·  1 · Responder · Mais

Eu só não entendo como vcs colocam que serra do Rio do Rastro em Bom Jardim da Serra, se a Serra Pertence a Lauro Müller, Porque não valorizam nosso Lugar

há 1 hora · Editado · Curtir ·  1 · Responder · Mais

Eles colocam também que morro Da igreja é Bom Jardim. A mídia fala de quem paga mais pra divulgar

há 1 hora · Curtir · Responder · Mais

Investir em turismo tem começar pela consciência da comunidade e dos empresário o governo é só um instrumento. Parem com politicagem.

<p>Facebook Página oficial do Governo de Santa Catarina</p>	<p>2017/sem data</p>	<p>Projeto de revitalização no mirante</p>	<p>Turismo Empreendedorismo</p>	<p>Página divulga acordos e decisões para projeto de licitação no mirante da Serra do Rio do Rastro.</p>	<p>Um novela, sendo que audiências públicas, leis, reuniões já foram efetuadas e o processo está parado.</p>

**Governo de Santa Catarina - Regional São Joaquim** 3 h · 

Nesta sexta-feira, 02, a secretária executiva da ADR São Joaquim, Solange Scortegagna Pagani esteve no Mirante da Serra do Rio do Rastro, em Bom Jardim da Serra, onde uma equipe técnica da Secretaria de Estado do Turismo, Cultura e Esporte fez uma visita ao Mirante para levantamento inicial das necessidades do espaço para compor uma primeira etapa do projeto que será executado no Mirante. A diretora de projetos Estruturantes da SOL, Ana Paula Cardozo da Silva explicou que a Secretaria já possui um projeto conceitual. "Agora precisar levantar as necessidades para licitarmos os projetos. Inicialmente podemos destacar que esta etapa irá contemplar estacionamentos, sanitários, centro de atendimento ao turista e uma reorganização do espaço e o investimento do Estado será de aproximadamente R\$1,8 milhão", explicou a diretora.



Curtir

Comentar

Compartilhar

**ANÁLISE DE REPORTAGENS EM FORMATO VÍDEOS – (PERÍODO 2010 ATÉ 2017)**

<b>Fonte (Link de acesso)</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Abrangência da Reportagem</b>	<b>Categorias</b>	<b>Título/Assunto</b>	<b>Análise</b>
Globo/RBSTV < <a href="http://g1.globo.com/santa-catarina/bom-dia-santa-catarina/videos/v/loteamento-da-prefeitura-de-bom-jardim-da-Serra-e-entregue-sem-luz-e-sem-agua-a-moradores/5574544/">http://g1.globo.com/santa-catarina/bom-dia-santa-catarina/videos/v/loteamento-da-prefeitura-de-bom-jardim-da-Serra-e-entregue-sem-luz-e-sem-agua-a-moradores/5574544/</a> > . Acesso em: 1/9/2017.	12/1/2017	Cidade Precariedade. Sem luz/energia e saneamento básico. Obra municipal.	Estadual	Infraestrutura	Título: Loteamento da Prefeitura de Bom Jardim da Serra é entregue sem luz e sem água a moradores.  Assunto: Loteamento cedido pela Prefeitura na cidade de Bom Jardim da Serra sem infraestrutura básica. Obra da Prefeitura Municipal que era para garantir moradia digna às famílias carentes, que se encontram sem luz e energia. Famílias improvisam para tomar banho, armazenar alimentos.	Repórter conversa com os moradores. O vídeo mostra como eles tentam adaptar suas vidas ao fato de não haver luz e energia. Casas são filmadas e moradores e prefeitos são entrevistados. Jornalista ao final questiona o destino de toda a verba.
RBSTV < <a href="http://g1.globo.com/santa-catarina/noticia/2016/10/rodovia-da-Serra-do-rio-do-rastro-segue-ha-dias-sem-iluminacao.html">http://g1.globo.com/santa-catarina/noticia/2016/10/rodovia-da-Serra-do-rio-do-rastro-segue-ha-dias-sem-iluminacao.html</a> >. Acesso em: 10/9/2017.	13/10/2016	Escuridão Serra do Rio do Rastro. Sem iluminação.	Estadual	Infraestrutura	Título: Rodovia da Serra do Rio do Rastro segue há dias sem iluminação.  Assunto: Problema é gerado segundo a Celesc por problemas na fiação subterrânea.	Não é primeira vez que isso acontece. Na reportagem a repórter sinaliza a falta de atenção por parte do Deinfra e menciona o problema na alta temporada, bem na época em que a Serra recebe um fluxo maior de turistas.

<p>Globo/RBS/TV &lt;<a href="http://g1.globo.com/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/v/bom-jardim-da-Serra-e-o-3o-municipio-que-mais-preservou-a-mata-na-ultima-decada/4659972/">http://g1.globo.com/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/v/bom-jardim-da-Serra-e-o-3o-municipio-que-mais-preservou-a-mata-na-ultima-decada/4659972/</a>&gt;. Acesso em: 16/9/2017.</p>	<p>15/7/2017</p>	<p>Cidade – Mata – Preservação – Destaque no cenário nacional.</p>	<p>Estadual</p>	<p>Natureza e vegetação em geral</p>	<p>Título: Bom Jardim da Serra é o 3º município que mais preservou a mata na última década</p> <p>Assunto: Cidade é considerada a terceira do Brasil que mais preservou a mata na última década. Os dados foram divulgados pela SOS Mata Atlântica.</p>	<p>Após décadas de ciclos econômicos apoiados na exploração da mata na região, dados revelam que a cidade não possui evolução na degradação da mata. Isso acaba favorecendo o ecoturismo, sendo que a cidade já apresenta segundo a reportagem, evolução na capacidade de atender hóspedes.</p>
<p>Globo/RBS TV &lt;<a href="http://g1.globo.com/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/conheca-melhor-bom-jardim-da-Serra-municipio-localizado-na-Serra-catarinense/2865185/">http://g1.globo.com/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/conheca-melhor-bom-jardim-da-Serra-municipio-localizado-na-Serra-catarinense/2865185/</a>&gt;. Acesso em: 1/9/2017</p>	<p>3/10/2013</p>	<p>Turismo Bom Jardim da Serra. Anúncio. Comida Típica.</p>	<p>Estadual</p>	<p>Belas paisagens</p>	<p>Título: Reportagem apresentando a cidade em função da chegada do sinal digital de televisão. Conheça melhor Bom Jardim da Serra, município localizado na Serra catarinense.</p> <p>Assunto: A reportagem apresenta a cidade e revela suas potencialidades turísticas e naturais. Explica e indica as características da cidade de Bom Jardim da Serra. Revela que é uma cidade hospitaleira e com grande potencial turístico.</p>	<p>Jornalista apresenta a cidade, citando sua característica hospitaleira e com vocação para o turismo. Moradores são entrevistados (visitantes, donos de restaurantes e comércio, assim como agricultores), suas rotinas são filmadas. Cita o ar (qualidade), águas, clima da cidade. Reportagem evidencia a chegada do sinal digital na cidade.</p>
<p>RICTV Record SC &lt;<a href="https://www.youtube.com/watch?v=EKcPi3WqEJc">https://www.youtube.com/watch?v=EKcPi3WqEJc</a>&gt;. Acesso em: 1/9/2017.</p>	<p>21/7/2016</p>	<p>Turismo Paisagem. Serra do Rio do Rastro.</p>	<p>Estadual</p>	<p>Belas Paisagens</p>	<p>Título: Serra catarinense nas alturas – Bom Jardim da Serra Assunto: Reportagens revelando as paisagens da cidade conhecida como portal da Serra. Mostra os diversos cânions, evidenciando apenas os aspectos paisagísticos,</p>	<p>Não aparece a cidade, nem tampouco os moradores. Revela em conversa com o fotógrafo os melhores ângulos e lugares para visitar os cânions.</p>

					mostrado os locais visitados que no passado foram desvalorizados.	
<p>Programa Caminhos Vídeo publicitário. &lt;<a href="https://www.youtube.com/watch?v=78ufXqsKpxM&amp;t=1s">https://www.youtube.com/watch?v=78ufXqsKpxM&amp;t=1s</a>&gt;. Acesso em: 10/9/2017.</p>	24/4/2013	Turismo Dica/Hotel de Luxo Publicidade	Estadual	Belas paisagens Empreendedorismo	<p>Título: Conteúdo sobre roteiro turístico e atrações. Apresenta, no programa de número 200, a cidade de Bom Jardim da Serra.</p> <p>Assunto: Programa em que indicam locais para se hospedar e visitar nas cidades em que o programa chega. Vídeo ressalta a importância de divulgar os locais e sinaliza que contribuíram para que locais possam ser conhecidos. O repórter visita alguns locais turísticos, em particular um hotel de luxo. Mostra as instalações e conversa com o proprietário.</p>	Paisagem e sensação de conforto e sofisticação predominam no vídeo. Calmaria e tranquilidade revelada no vídeo chama atenção. Cita no vídeo a cidade, mas ela não aparece em nenhum momento. Restando apenas filmagens de paisagens.
<p>Vídeo Publicitário – Ofertando um condomínio no município de Bom Jardim da Serra/SC. &lt;<a href="https://www.youtube.com/watch?v=gPoONF9oTOk">https://www.youtube.com/watch?v=gPoONF9oTOk</a>&gt;. Acesso em: 10/9/2017.</p>	19/8/2015	Investimento Serra do Rio do Rastro. Condomínio de Luxo.	Nacional	Belas paisagens Empreendedorismo	<p>Assunto: Mostra os aspectos paisagísticos e de oportunidade para investir no condomínio no município. Empreendimento de luxo com infraestrutura ampla e completa, segundo o anúncio. Com um milhão de m<sup>2</sup> para você aproveitar o que a Serra tem de melhor, com todo o conforto, lazer e segurança.</p>	<p>Vídeo revela somente aspectos paisagísticos do município. Evidencia o parque eólico e a Serra do Rio do Rastro. Mostra os ambientes construídos pela construtora e o empreendimento. A cidade e os moradores não aparecem no vídeo. Evidencia as relações com o meio rural, com os pomares, animais, mata e araucárias. O vídeo destaca a calma e a tranquilidade, que tentam transparecer no vídeo. Também demonstra uma mensagem de</p>

						família tradicional (Pai, mãe e filho), natureza e lazer. No final revela uma mensagem: “Deixa a Serra catarinense inspirar você”.
Programa Domingo Espetacular < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=wbOo0unfDKU">https://www.youtube.com/watch?v=wbOo0unfDKU</a> >. Acesso em 10/9/2017.	04/11/2012	Paisagens Serra do Rio do Rastro.	Nacional	Belas paisagens Infraestrutura	Assunto: Programa apresenta a Serra do Rio do Rastro, mostrando suas características que renderam o título de uma das estradas mais espetaculares do mundo. Vídeo mostra a região, indicando as características da estrada. Mostra todos os aspectos relacionados, as curvas, visibilidade, paisagem. Menciona o traçado radical e as curvas fechadas	Vídeo se passa somente na região da Serra, chega a citar Lauro Muller e Bom Jardim da Serra. É uma reportagem midiática e composta por sons que remetem a mistério e aventura. No vídeo mostra que alguns carros ou até motoristas podem ficar no meio da estrada por não ter capacidade ou motor para enfrentar todas as curvas íngremes. Cita que a estrada não é para qualquer motorista.